

Alguns livros são descritos como 'incríveis', mas este foi um dos poucos que me fizeram exclamar muitas vezes: "Meu. Deus". Não vou dizer mais nada. Simplesmente leia.

— John Green

MAIS
DO
QUE
ISSO

PATRICK NESS



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

Alguns livros são descritos como 'incríveis', mas este foi um dos poucos que me fizeram exclamar muitas vezes: "Meu. Deus". Não vou dizer mais nada. Simplesmente leia.

— John Green

MAIS
DO
QUE
ISSO

PATRICK NESS



Sumário

Capa

Sumário

Folha de Rosto

Folha de Créditos

Dedicatória

Você nunca sentiu que deve haver mais?

Epígrafe

Prólogo

Parte 1

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

Parte 2

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

Parte 3

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

Parte 4

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

Nota



PATRICK NESS

Tradução:
Ana Paula Doherty



© 2013 Patrick Ness
© 2016 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital – 2016

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ness, Patrick

Mais do que isso / Patrick Ness ; tradução Ana Paula Doherty. -- Ribeirão Preto, SP :
Novo Conceito Editora, 2016.

Título original: More than this.

ISBN 978-85-8163-703-7

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-12807 | CDD-813.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813.5



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885
Parque Industrial Lagoinha
14095-260 – Ribeirão Preto – SP
www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Você nunca sentiu que deve haver mais?

Como se houvesse mais em algum lugar distante, pouco além
do seu alcance, se ao menos você pudesse chegar lá?

“Faça uma pergunta ao espelho.

Infelizmente, a resposta não poderia ser mais óbvia.”

— Aimee Mann

Aqui está o garoto, se afogando.

Nestes últimos momentos, não é a água que o está derrotando; é o frio. Sugou-lhe toda a energia do corpo e lhe contraiu os músculos até uma dolorosa inutilidade, independentemente do quanto ele luta para se manter na superfície. Ele é forte e jovem, quase dezessete anos, mas as ondas gélidas continuam chegando, cada uma aparentemente maior do que a última. Jogam-no de um lado para o outro, passam por cima dele, puxam-no cada vez mais para baixo. Mesmo quando consegue tomar fôlego nos poucos segundos aterrorizantes em que coloca o rosto para fora, ele está tremendo tanto que mal consegue encher de ar metade do pulmão antes de ser engolido de novo. O ar não é suficiente, cada vez menos, e o garoto sente uma dor terrível no peito à medida que, dolorosa e inutilmente, tenta tomar fôlego.

Agora está totalmente em pânico. Sabe que foi carregado um pouco longe demais da praia para conseguir voltar, a maré congelante levando-o cada vez mais distante a cada onda, empurrando-o em direção às rochas que tornam essa parte da costa tão perigosa. Também sabe que ninguém perceberá sua ausência a tempo, ninguém sentirá sua falta antes que a água acabe com ele. Também não será salvo pelo acaso. Não há nenhum catador de conchas nem um turista para sair da praia e mergulhar para salvá-lo, não nesta época do ano, não nessa temperatura congelante.

É tarde demais para ele.

Vai morrer.

E vai morrer sozinho.

O horror súbito e sufocante de tomar consciência disso aumenta ainda mais o seu pânico. Tenta de novo subir à superfície, sem ousar pensar que esta poderia ser sua última vez, sem ousar pensar em qualquer coisa. Obriga as pernas a chutar, obriga os braços a levá-lo para cima, pelo menos para virar o corpo ao contrário, para tentar tomar fôlego a poucos metros de distância.

Mas a correnteza está forte. Deixa-o tentadoramente perto da superfície, mas o vira de cabeça para baixo antes que consiga alcançá-la, arrastando-o para mais perto das pedras.

As ondas fazem dele um brinquedo enquanto ele tenta mais uma vez.

E não consegue.

Em seguida, sem avisar, o jogo que o mar parece estar jogando, o jogo cruel de mantê-lo vivo o suficiente para achar que talvez consiga

sair dessa, esse jogo parece ter chegado ao fim.

A correnteza aumenta, atirando-o às pedras fatalmente duras. A escápula direita se quebra em duas partes, o estalo é tão alto que ele consegue escutar o *crack* mesmo embaixo d'água, mesmo no turbilhão da onda. A intensidade inimaginável da dor é tanta que ele grita, a boca enchendo-se imediatamente com a água do mar, salgada e congelante. Ele tosse tentando colocar a água para fora, mas só a suga ainda mais para dentro dos pulmões. Enverga-se de dor no ombro, cego, paralisado pela intensidade dela. Agora não consegue nem mesmo tentar nadar, é incapaz de se segurar enquanto as ondas o viram mais uma vez.

Por favor, é tudo o que ele pensa. Apenas uma expressão ecoando em sua cabeça.

Por favor.

A correnteza o agarra uma última vez. Recua como se fosse atirá-lo e o arremessa de cabeça nas pedras. Ele bate nelas com todo o peso e a potência de um oceano furioso atrás de si. Não consegue nem mesmo erguer as mãos para tentar amenizar o golpe.

O impacto é bem atrás de sua orelha esquerda. Fratura o crânio, rachando-o ao meio até o cérebro, a força do impacto também esmagando a terceira e a quarta vértebras, danificando a artéria cerebral e a coluna vertebral, um ferimento sem volta, sem recuperação. Sem chance.

Ele morre.





Os primeiros momentos da morte do garoto passam por ele em uma névoa confusa e pesada. Está vagamente consciente da dor, porém, mais do que tudo, de uma fadiga enorme, como se tivesse sido coberto por camadas e camadas de cobertores absurdamente pesados. Ele luta com eles, cegamente, seus golpes aumentando à medida que entra em pânico (de novo) diante das cordas invisíveis que parecem amarrá-lo.

Suas ideias não estão muito claras. Vêm e vão e latejam como o pior tipo de febre, e ele não consegue pensar linearmente. É mais um tipo de instinto selvagem e mortal, um terror do que está por vir, do que acontecerá.

Um terror de sua morte.

Como se ainda pudesse lutar contra ela, escapar dela.

Tem até mesmo uma vaga sensação de *momentum*, o corpo continuando a lutar contra as ondas, ainda que a luta já esteja perdida. Sente um súbito calafrio, uma onda de terror empurrando-o para a frente, para a frente, para a frente, no entanto, de algum modo, deve ter se libertado do corpo, pois o ombro não dói mais enquanto se debate cegamente pela escuridão, aparentemente incapaz de sentir qualquer coisa, exceto uma aterradora urgência de sair dali.

E então há um frescor em seu rosto. Quase como uma brisa, ainda que uma coisa dessas pareça impossível por várias razões. É esse frescor que faz sua consciência — sua alma? Seu espírito? Quem sabe? — parar nesse redemoinho efervescente.

Por um instante, ele fica quieto.

Há uma mudança na escuridão diante de seus olhos. Uma claridade. Uma claridade na qual ele, de alguma forma, consegue entrar, e pode se sentir inclinando-se em direção a ela, seu corpo — tão fraco, tão incapacitado — tentando alcançar a luz que aumenta cada vez mais.

Ele cai. Cai sobre algo sólido. Uma friagem vem à tona e ele se deixa mergulhar nela, deixa que ela o envolva.

Fica parado. Desiste da luta. Deixa que o desconhecido tome conta dele.

O desconhecido é purificador e cinza. Ele está ligeiramente consciente, nem dormente nem acordado, como se desconectado de tudo, incapaz de se mexer ou de pensar ou de receber informação, apenas capaz de existir.

Um tempo inacreditavelmente longo passa, um dia, um ano, talvez até mesmo uma eternidade, não há como ele saber. Finalmente, a distância, a luz começa vagarosa, quase imperceptivelmente, a mudar. Fica tudo plúmbeo, depois um cinza mais claro, e ele começa a voltar a si.

Seu primeiro pensamento, mais vagamente sentido do que verdadeiramente articulado, é que ele parece estar grudado em um bloco de cimento. Tem uma vaga ideia do quanto está frio embaixo dele, do quanto está duro, como se estivesse preso àquilo para que não saísse voando pelo espaço. Fica martelando a ideia por um tempo indeterminado, deixando o pensamento clarear, deixando-o se conectar ao seu corpo, aos outros pensamentos.

A palavra *necrotério* de repente aparece em algum lugar profundo dentro dele — pois onde mais se é colocado sobre blocos frios e sólidos? —, e, num horror crescente, ele abre os olhos, sem nem mesmo se dar conta de que estiveram fechados. Tenta gritar para que não o enterrem, para que não o abram ao meio, para dizer que houve um terrível engano. Mas sua garganta se rebela contra a formação de palavras, como se não fosse usada há anos, e então está tossindo e se levantando, horrorizado, os olhos turvos e anuviados, como se estivesse olhando para o mundo por trás de várias camadas grossas de vidro sujo.

Pisca várias vezes, tentando enxergar. As formas vagas ao redor dele aos poucos começam a se encaixar. Vê que não está no catre gelado de um necrotério...

Está...

Está...

Onde está?

Confuso, ele foca dolorosamente no que agora parece ser a luz do dia nascendo. Olha ao redor, tentando absorver tudo, tentando ver, tentando entender tudo aquilo.

Parece estar deitado em um caminho de cimento que corta o jardim

da frente de uma casa, indo desde a calçada até a porta da frente atrás dele.

Não é a casa dele.

E não é só isso que está errado.

> > >

Ele respira por um instante, com dificuldade, quase ofegante, a cabeça zonga, a visão aos poucos ficando mais clara. Percebe-se tremendo por causa da friagem e coloca os braços ao redor do corpo, sentindo uma umidade cobrindo suas...

Não são as roupas dele.

Olha para as roupas, sua reação física mais lenta do que o pensamento que a gerou. Dá outra olhada, tentando vê-las direito. Não se parecem muito com roupas, apenas faixas de tecido branco que mal podem ser chamadas de calça ou camisa, amarradas bem apertadas a ele, mais como se fossem bandagens do que peças de vestuário. E, de um lado, elas estão molhadas com...

Ele para.

Não estão molhadas com água do mar, não com o frio ensopado e salgado do oceano onde ele acabou de...

(se afogar)

E só metade dele está molhada. A outra metade, a que estava encostada no chão, está gelada, mas bem seca.

Olha ao redor, mais confuso do que nunca. Só pode estar molhado de *orvalho*. O sol está baixo no céu, e parece ser de manhã. Embaixo dele, consegue até mesmo distinguir o contorno de onde estava deitado.

Como se tivesse ficado deitado ali a noite toda.

Mas aquilo não pode ser verdade. Ele se lembra do frio brutal e gélido da água, do cinza escuro e congelante do céu acima, que nunca o teria deixado sobreviver uma noite no...

Mas aquele não é este céu. Ele ergue o rosto. Este céu nem mesmo é de inverno. A friagem é apenas a friagem da manhã, talvez de um dia quente por vir, talvez um dia de *verão*. Nada a ver com o vento cortante da praia. Nada a ver com quando ele...

Quando ele morreu.

Ele tira mais um instante para respirar, só para isso, se puder. Há

apenas silêncio em volta dele, apenas os sons que ele mesmo está fazendo.

Vira-se lentamente para olhar a casa mais uma vez. Ela vai se delineando cada vez mais à medida que seus olhos se acostumam à luz, se acostumam — aparentemente — a enxergar de novo.

Então, em meio à névoa e à confusão, ele sente um tremor suave na mente encoberta.

Uma pincelada, um sopro, um leve toque de...

De...

Será que é sensação de familiaridade?



Ele tenta se levantar e a sensação desaparece. Levantar é difícil, surpreendentemente difícil, e ele não consegue. Sente-se assustadoramente fraco, seus músculos resistindo até mesmo ao simples comando de ficar de pé. Só o esforço de sentar-se totalmente ereto o deixa tonto, e ele precisa parar por um instante, ofegando de novo.

Estica o braço para pegar uma planta de aparência robusta na beirada do caminho, para tentar se levantar mais uma vez...

E puxa imediatamente a mão de volta quando pequenos espinhos lhe picam os dedos.

Não é nem de longe uma planta comum. É uma erva daninha, que atingiu uma altura incrível. Os canteiros de flores que acompanham o caminho até a porta da casa cresceram de um jeito extraordinariamente selvagem, muito mais altos do que as pedras baixas dividindo os muros de cada lado. Os arbustos entre elas quase parecem criaturas vivas tentando alcançá-lo, prontas para atacá-lo caso o garoto chegue perto demais. Outras ervas daninhas, *enormes*, com um, dois ou até três metros de altura, se enveredaram por entre cada centímetro de terra e cada rachadura possível no chão, uma delas amassada embaixo dele, onde está deitado.

O garoto tenta se levantar de novo, finalmente conseguindo ficar de pé, apesar de se desequilibrar perigosamente por um momento. Sua cabeça está pesada demais de tontura e ele ainda está tremendo. As bandagens brancas em volta dele não são nem um pouco quentes, nem ao menos — ele nota com preocupação — o cobrem adequadamente como roupa. As pernas e o peito estão amarrados bem apertados, os braços também, e a maior parte da largura das costas.

Embaraçosamente, toda a área desde o umbigo até o meio das coxas está nua como veio ao mundo, na frente e atrás, suas partes mais privadas inimaginavelmente ao léu, sob o sol da manhã. Ele tenta puxar freneticamente para baixo o tecido roto para se cobrir, mas esse continua bem colado à sua pele.

Ele se cobre com a mão e olha em volta para ver se alguém o viu.

No entanto, não há nenhuma pessoa. Absolutamente ninguém.

Será que isso é um sonho?, ele pensa, as palavras surgindo lentamente, grossas, como se vindas de muito longe. *O último sonho antes da morte?*

Todos os jardins estão malcuidados como este aqui. Alguns que tinham gramado agora são terrenos férteis de grama até a altura dos ombros. O asfalto da rua também está rachado, com mais arbustos crescendo quase obscenamente altos, bem no meio, alguns quase do tamanho de *árvores*.

Há carros estacionados pela rua, mas estão cobertos por grossas camadas de pó e sujeira, tapando todas as janelas. E quase todos estão afundados em cima de quatro pneus murchos.

Nada se mexe. Não há carros andando pela rua, e, pela aparência das ervas daninhas, nenhum carro passa por aqui há um tempo inacreditável. A rua à sua esquerda segue até se chegar a uma via mais larga, que parece ter sido movimentada e cheia de alvoroço. Também não há carros andando lá, e o garoto consegue ver que um buraco gigantesco se abriu de fora a fora, com talvez quinze metros de largura. E, dentro dele, uma clareira de ervas daninhas está crescendo.

Ele escuta. Não consegue ouvir um único motor em nenhum lugar. Nem nesta rua nem na outra. Espera por um longo momento. Então mais um pouco. Olha para a outra ponta da rua à sua direita e, pelo vão entre os dois prédios de apartamentos, consegue ver alguns trilhos de trem levantados e se sente ouvindo os trens que talvez corram sobre eles.

Mas não há trens.

Nem pessoas.

Se é a manhã que parece ser, as pessoas deveriam estar saindo de suas casas, entrando nos carros, indo trabalhar. Ou, senão, deveriam estar levando os cachorros para passear, entregando correspondência, indo para a escola.

As ruas deveriam estar cheias. As portas da frente das casas deveriam estar abrindo e fechando.

Mas não há ninguém. Nem carros, nem trens, nem pessoas.

E esta rua, agora que consegue vê-la melhor já que seus olhos e sua mente começam a ficar um pouco mais claros, até mesmo a geografia dela parece estranha. Essas casas são todas apertadas, juntinhas, todas

enfileiradas, sem garagens ou grandes jardins na frente, e há apenas os becos estreitíssimos entre cada quatro ou cinco casas. Nada parecido com a rua onde morava. Na verdade, esta não se parece nem um pouco com uma rua americana. Parece quase...

Parece quase *inglesa*.



A palavra fica pairando em sua cabeça. Tem a sensação de ser importante, como se estivesse desesperadamente tentando se agarrar a algo, mas a mente dele está tão nebulosa, tão chocada e confusa, que a palavra apenas aumenta o nível de sua ansiedade.

É uma palavra que está errada. Que está *muito* errada.

Ele fica um pouco tonto e precisa recuperar o equilíbrio agarrando um dos arbustos de aparência mais robusta. Sente muita vontade de entrar, de encontrar algo com que possa se cobrir, e esta casa, esta casa...

Ele franze o cenho para ela.

Qual é a dessa casa?

Surpreendendo-se, sem nem mesmo se dar conta, como se tivesse decidido, ele dá um passo em falso em direção à casa, quase caindo. Ainda se esforça para articular os pensamentos. Não consegue dizer por que está caminhando em direção a ela, por que pode ser outra coisa além do instinto de se proteger, de sair deste mundo estranho e abandonado, mas também tem consciência de que tudo isso, seja lá o que for, parece tanto com um sonho que só a lógica dos sonhos pode, talvez, ser aplicada.

Não sabe por quê, mas se sente atraído pela casa.

E vai.

Chega até os degraus da frente, pisa sobre uma rachadura que rasga de fora a fora o degrau mais baixo e para em frente à porta. Espera por um instante, sem saber direito o que fazer, sem ter certeza de como ela se abrirá, ou o que fará se estiver fechada, mas estica a mão até ela...

A porta se abre ao menor toque dele.

Um corredor comprido é a primeira coisa que ele vê. O sol brilha com tudo agora, preenchendo o céu azul atrás dele — tão quente que só pode ser algum tipo de verão, tão quente que ele já consegue senti-lo queimar sua pele exposta, pálida demais para estar sob uma luz tão

forte —, mas, mesmo nessa claridade, o corredor quase desaparece no escuro a alguns metros. O garoto só consegue ver a escadaria no fundo, que leva aos andares de cima.

Não há luzes do lado de dentro, nem som.

Ele olha ao redor novamente. Ainda não há vestígio de máquinas ou motores em lugar nenhum, mas ele nota, pela primeira vez, que também não há zumbido de insetos, nem canto de passarinhos, nem mesmo um vento por entre as folhagens.

Nada além do som da própria respiração.

Fica ali por um momento. Sente-se absurdamente mal, e tão fraco, tão *cansado* que seria quase capaz de se deitar ali ao pé da porta e dormir para sempre, simplesmente para sempre, e nunca mais acordar...

Em vez disso, dá um passo para dentro da casa. Com as mãos nos dois lados da parede para se equilibrar, o garoto caminha lentamente para a frente, imaginando a cada minuto que será interrompido, que ouvirá uma voz exigindo que explique o que está fazendo, invadindo aquela casa. À medida que tropeça nas sombras, seus olhos não se acostumando à mudança de luz tão rápido quanto deveriam, consegue sentir a poeira tão grossa sob os pés que parece inconcebível que alguém tenha estado aqui há muito, muito tempo.

Quanto mais avança, mais escuro fica, e algo parece errado agora, o feixe de luz do sol pela porta não iluminando nada, apenas tornando as sombras mais pesadas e mais ameaçadoras para seus olhos turvos. Ele continua tateando, enxergando cada vez menos, alcançando o pé da escada, mas se afastando dela, ainda sem ouvir nada, nenhum barulho de habitação, nenhum barulho de nada exceto ele próprio.

Sozinho.

Ele para em frente à entrada da sala de estar, sentindo uma nova onda de medo. Poderia haver qualquer coisa na escuridão, qualquer coisa poderia estar esperando-o silenciosamente, no entanto ele se obriga a olhar lá dentro, deixando seus olhos se acostumarem à luz.

E, quando eles se acostumam, ele vê.

Capturada por alguns facho de luz empoeirados vindos das cortinas fechadas à frente, ele vê uma sala de estar simples e comum, juntando-se a uma área de jantar aberta à sua direita, levando a uma passagem que atravessa a cozinha até o fundo da casa.

Há móveis ali, como em qualquer cômodo normal, mas estão todos coberto por uma poeira tão grossa que é como um tecido a mais

pendurado sobre tudo. O garoto, ainda exausto, tenta ligar as formas às palavras em sua cabeça.

Seus olhos se acostumam mais à luz, a sala ficando mais nítida, tomando forma, revelando detalhes...

Revelando o cavalo relinchando em cima da lareira.

O olhar ensandecido, a língua como uma flecha, enclausurado em um mundo em chamas, olhando para ele de trás da moldura.

Olhando direto para ele.

O garoto grita diante da visão, pois, de repente, ele sabe, *sabe* sem a menor sombra de dúvida, o reconhecimento vindo como uma onda devastadora.

Ele sabe onde está.



Corre o mais rápido que seus pés exaustos conseguem levá-lo, olhando assustado para o corredor atrás, levantando nuvens de poeira, seguindo em direção à luz do sol como...

(como um homem se afogando em busca de ar)

Ele mal consegue se ouvir gritando de desespero, ainda sem palavras, ainda sem compreender.

Mas ele sabe.

Ele sabe, ele sabe, ele sabe.

Tropeça nos degraus da frente, mal conseguindo permanecer ereto, e, depois, nem isso. Cai de joelhos e não consegue encontrar forças para se levantar de novo, como se o súbito jato de reconhecimento fosse um peso em suas costas.

Ele olha em pânico para a casa, achando que algo, alguém, deve estar seguindo-o, vindo atrás dele...

Mas não há nada.

Ainda não há nenhum som. Nem de máquinas, nem de pessoas, nem de animais ou insetos ou qualquer outra coisa. Não há nada exceto um silêncio tão profundo que ele é capaz de ouvir seu coração bater no peito.

Meu coração, ele pensa. E as palavras vêm claramente, atravessando a névoa em sua mente.

Seu coração.

Seu coração morto. Seu coração afogado.

Ele começa a tremer à medida que a consciência do que viu, a terrível consciência do que aquilo *significa*, passa a tomar conta dele.

Esta é a casa onde ele vivia.

A casa de muitos anos atrás. A casa na Inglaterra. A casa que sua

mãe jurou nunca mais querer ver de novo. A casa da qual eles atravessaram um continente e um oceano para se afastar.

Mas isso é impossível. Ele não vê esta casa, este *lugar*, há anos. Desde a escola primária.

Desde...

Desde que seu irmão saiu do hospital.

Desde que a pior coisa do mundo aconteceu.

Não, ele pensa.

Ah, por favor, não.

Ele sabe onde está agora. Sabe por que seria este lugar, sabe por que acordaria aqui, depois de...

Depois de ter morrido.

Aqui é o inferno.

Um inferno construído exatamente para ele.

Um inferno onde ele estaria sozinho.

Para sempre.

Ele morreu e acordou em seu próprio inferno pessoal.

Ele vomita.

Cai apoiado nas mãos, cuspendo o conteúdo do estômago nos arbustos de um lado do caminho. Seus olhos se enchem de água pelo esforço, e mesmo assim ele ainda consegue ver que tudo o que está vomitando é um gel estranho e transparente com o gosto vago de açúcar. O vômito continua vindo até ele se exaurir, e seus olhos cheios de água parecem a apenas um passo do choro. Ele começa a chorar, jogando-se de cara no chão.

Sente, durante um tempo, como se estivesse se afogando novamente, a busca pelo ar, a luta contra algo maior do que ele mesmo, que apenas quer devorá-lo, e não há como lutar, não há nada a ser feito para evitar aquilo, à medida que é engolido e desaparece. Deitado no caminho de pedra, ele se entrega àquilo, do mesmo modo que as ondas exigiram que se entregasse a elas.

(mas ele lutou contra as ondas, até o fim, lutou de verdade)

E, então, a exaustão que o ameaçou desde o primeiro momento em que abriu os olhos toma conta dele, e ele perde a consciência.

E vai longe, longe, cada vez mais longe.



— *Quanto tempo vamos ficar sentados aqui?* — Monica perguntou do banco de trás. — *Estou morrendo de frio.*

— *A sua namorada cala a boca em algum momento, Harold?* — Gudmund brincou, olhando pelo espelho retrovisor.

— *Não me chame de Harold* — H respondeu, a voz baixa.

Monica deu um tapinha no ombro dele.

— *Foi essa a parte da pergunta de que você não gostou?*

— *Foi você quem quis vir junto* — H refutou.

— *E que programação que acabou sendo* — Monica replicou. — *Estacionados do lado de fora da casa do Callen Fletcher, esperando os pais dele irem para a cama para podermos roubar o Menino Jesus. Você sabe mesmo como tratar uma garota, Harold.*

O banco de trás se iluminou quando Monica começou a digitar furiosamente na tela do telefone.

— *Desligue isso!* — Gudmund bronqueou, virando-se do assento do motorista para cobrir a tela com a mão. — *Eles vão ver a luz!*

Monica tirou o telefone do alcance dele.

— *Por favor, estamos a quilômetros de distância!*

Ela voltou a digitar.

Gudmund balançou a cabeça e franziu o cenho para H no espelho retrovisor. Era estranho. Eles todos gostavam de H. Todos gostavam de Monica. Mas ninguém gostava muito de H e Monica juntos. Aparentemente, nem eles, H e Monica.

— *E o que vamos fazer com ele, por falar nisso?* — Monica perguntou, ainda digitando. — *Quer dizer, com o Menino Jesus? Não é quase profanação?*

Gudmund apontou pelo para-brisa.

— E aquilo não é?

Olharam para a imensa cena natalina que cobria o jardim dos Fletchers como uma força invasora. Diziam que a Sra. Fletcher estava esperando não só o jornal local Halfmarket, mas também uma equipe do noticiário de TV de Portland, talvez até de Seattle.

O show começava com Papai Noel e suas renas de fibra de vidro brilhante, acesos por dentro e com um fio de luzinhas vindo de uma árvore perto da casa dos Fletchers até o teto, para parecer que o trenó pesado estava prestes a aterrissar. As coisas ainda pioravam. Luzinhas saíam de todos os orifícios, fendas e saliências na casa até todos os galhos das árvores e superfícies utilitárias ao alcance. Bengalas de doces com três metros de altura criavam uma floresta em que gnomos mecânicos acenavam vagarosamente, sem parar, para os admiradores que passavam. Ao lado, havia uma árvore de Natal natural, com seis metros de altura, colocada como uma catedral perto de um gramado repleto de animais natalinos arrogantes (inclusive, inexplicavelmente, um rinoceronte com uma touca de Papai Noel).

No lugar de honra havia um presépio que dava a ideia de que Deus havia nascido em Las Vegas: Maria e José com a manjedoura, o feno, as vacas sentadas, os pastores fazendo medidas e os anjos regozijantes parecendo ter parado no meio de uma sequência de dança.

Bem no centro, rodeada por todos eles, estava a criança iluminada, com o halo dourado, erguendo as mãos beatificamente em direção à paz do mundo. Diziam que ela fora esculpida em mármore veneziano. Isso acabou sendo tragicamente falso.

— Bem, ele é pequeno o bastante para ser carregado, esse seu Menino Jesus — H explicou para Monica, que não estava realmente prestando atenção.

— Fácil de pegar em uma tacada só — Gudmund disse. — Pelo menos, mais fácil do que aquele rinoceronte. E qual é a porcaria de explicação para aquilo?

— E depois você o enterra até a cintura no quintal de alguém — H continuou, levantando as mãos como a estátua do Menino Jesus, como se metade do corpo estivesse saindo do chão.

— E voilà — Gudmund finalizou, sorrindo. — Um milagre de Natal. Monica revirou os olhos.

— Será que podemos só ficar dopadões como todo mundo?

O carro todo riu. É, com certeza, todos ficariam muito mais felizes quando ela e H terminassem e tudo pudesse voltar ao normal.

— São quase onze horas. — Monica disse, lendo o celular. — Achei que tivesse dito que...

Antes de ela terminar, mergulharam na escuridão quando o cenário dos Fletchers se apagou em obediência ao toque de recolher imposto pelo condado, que os vizinhos foram à corte para conseguir. Mesmo de onde estavam estacionados, perto da estradinha de cascalho que vinha da casa, conseguiam ouvir gritos de frustração da última fila de carros que passara a noite indo de um lado para o outro.

(Callen Fletcher, um garoto alto e esquisito, passava a época entre Ação de Graças e Ano-Novo tentando desesperadamente não ser notado de jeito nenhum na escola. Geralmente não conseguia.)

— Então, tá — Gudmund disse, esfregando as mãos. — Só esperamos os carros saírem e então fazemos nossa jogada.

— Isso é roubo, sabe? — Monica afirmou. — Eles são doidos por esse cenário, e, se o Menino Jesus de repente desaparecer...

— Eles vão enlouquecer — H riu.

— Vão abrir um processo — Monica informou.

— Não vamos levá-lo muito longe — Gudmund disse, e então acrescentou, de forma travessa: — Achei que a casa da Summer Blaydon merecia uma visita sagrada.

Monica ficou chocada por um momento, e em seguida pareceu não conseguir deixar de dar um sorrisinho.

— Teremos que ser cuidadosos para não interromper algum ensaio da torcida no meio da noite, ou coisa do gênero.

— Achei que tinha dito que isso era um roubo — Gudmund falou.

— E disse mesmo. — Monica deu de ombros, ainda esboçando um sorriso. — Mas não falei que me importava.

— Ei! — H repreendeu. — Vai paquerar ele a noite inteira ou o quê?

— Todo mundo cale a boca — Gudmund ordenou, virando-se. — Está quase na hora.

Houve um silêncio enquanto eles esperavam. O único som era o rangido de H esfregando a manga da camisa para limpar a janela embaçada. A perna de Gudmund batia para cima e para baixo de nervoso. Os carros foram desaparecendo na estrada e o silêncio ainda reinava enquanto eles seguravam a respiração sem se dar conta de que o faziam.

Finalmente, a rua ficou vazia. A luz da varanda dos Fletchers se apagou. Gudmund soltou um longo suspiro e se virou para o banco de trás com o olhar sério. H balançou a cabeça para ele.

— *Vamos* — *ele disse.*

— *Também vou* — *Monica avisou, guardando o celular.*

— *Nunca achei que você não viesse* — *Gudmund respondeu, sorrindo.*

Ele se virou para a pessoa sentada no banco do passageiro.

— *Está pronto, Seth?* — *perguntou.*



Seth abre os olhos.

Ainda está deitado no caminho de concreto, enrolado em si mesmo, sentindo-se dolorido e enferrujado contra a superfície dura. Durante um tempo, não se move.

Seth, ele pensa. *Seth é o meu nome.*

Parece uma surpresa, como se ele tivesse esquecido seu nome até o sonho ou a lembrança ou seja lá que diabo acabou de acontecer. Foi tudo tão claro que chega a ser quase doloroso relembrar. E o súbito fluxo de informação que vem com ele também é muito doloroso. Não só o seu nome. Não, não só isso.

Ele estivera *bem ali*, tão mais vividamente do que qualquer lembrança ou sonho teria estado. Ele estivera lá de verdade, *com* eles. Com H e Monica. Com Gudmund, que tinha carro e por isso sempre dirigia. Seus amigos. Na noite em que roubaram o Menino Jesus do jardim de Callen Fletcher.

Nem dois meses atrás.

Seth, ele pensa de novo. O nome escapa estranhamente de seu cérebro, como areia por entre os dedos abertos. *Sou Seth Wearing.*

Eu era Seth Wearing.

Respira fundo, e suas narinas se enchem do cheiro de vômito de quando ele passou mal nos arbustos. Ele se senta. O sol está mais alto no céu. Já faz tempo que está lá fora, mas não parece ser meio-dia ainda.

Se é que *existe* meio-dia neste lugar. Se é que o tempo significa alguma coisa aqui.

A cabeça está latejando muito, e, mesmo com a confusão de lembranças pesando sobre ele, toma consciência de um novo sentimento poderoso, algo que se dá conta de sempre ter sentido, mas agora consegue descrever, colocar em uma palavra, agora que as

coisas estão ficando mais claras, agora que sabe seu próprio nome.

Sede. Está com sede. Mais sede do que jamais consegue se lembrar. Tanta que o leva ao ponto de ficar quase imediatamente em pé. Mais uma vez, está tremendo ao se levantar, mas se equilibra e consegue ficar ereto. Percebe que foi isso que o levou a entrar na casa antes, uma necessidade inominável e inegável.

Agora que tem nome, parece ainda mais inegável.

Olha mais uma vez para esse bairro estranho, silencioso e vazio ao seu redor, com camadas de poeira e lama. A familiaridade que sentiu antes está mais firme, mais clara agora.

Sua rua, sim, onde ele vivera quando era pequeno, a rua onde ficava sua casa. À esquerda ela ia dar em High Street, com todas as suas lojas, e agora também consegue se lembrar dos trens de transporte diário à direita. Mais do que isso, ele consegue se lembrar de contá-los. Naquelas manhãs, bem cedo, pouco antes de se mudarem de sua pequena cidade suburbana da Inglaterra e atravessarem o mundo até a costa gélida do noroeste do Pacífico, quando costumava ficar deitado de olhos abertos, sem dormir, contando os trens, como se isso fosse ajudar.

A cama de seu irmão mais novo vazia do outro lado do quarto.

Ele se contrai diante da lembrança daquele verão e a deixa de lado.

Pois *agora* é verão, não é?

Ele se vira para a casa de novo.

Sua antiga casa.

Sem a menor dúvida, sua antiga casa.

Ela parece corroída pelo tempo e malcuidada, a tinta descascando dos batentes das janelas, as paredes manchadas pelos vazamentos gotejantes, assim como todas as outras casas nesta rua. Em algum momento, a chaminé caiu parcialmente sobre o telhado, um pequeno entulho de tijolos e poeira se espalhou de cima até a ponta, como se ninguém tivesse notado a queda.

E talvez ninguém tenha notado.

Como?, ele pensa, lutando para organizar pensamentos coerentes contra sua sede. *Como isso pode ser possível?*

A necessidade de água é agora quase como uma criatura viva dentro dele. Nunca sentiu algo assim antes, a língua grossa e seca dentro da boca, os lábios rachados e ressecados, sangrando enquanto tenta umedecê-los com a língua.

A casa vai surgindo a distância, como se estivesse esperando por ele. Ele não quer voltar lá dentro, nem um só minutinho, mas não há outro remédio. Precisa beber alguma coisa. *Precisa.* A porta da frente ainda está aberta, o lugar de onde ele fugiu antes, em pânico. Ele se lembra do choque do que o esperava sobre a lareira, como um soco no estômago, dizendo-lhe exatamente o inferno para o qual acordara...

Mas ele também se lembra da área de jantar saindo da sala de estar, e da cozinha depois disso.

A cozinha.

E sua torneira.

> > >

Ele caminha lentamente até a entrada, de novo, subindo os três degraus da frente, agora reconhecendo a rachadura no mais baixo, uma rachadura nunca séria o bastante para ser consertada.

Olha para dentro da casa e as lembranças continuam surgindo. O corredor comprido, ainda coberto de sombra, pelo qual passou inúmeras vezes quando garotinho, rolando pelas escadas que agora ele mal consegue ver nas profundezas da casa. Ele se lembra de que elas levavam aos quartos no andar de cima, e subiam ainda mais, até o mezanino no topo da casa.

O mezanino era seu antigo quarto. O que ele dividia com Owen. O que ele dividia com Owen antes de...

Ele evita o pensamento de novo. A sede está prestes a dobrá-lo ao meio.

Ele precisa beber.

Seth precisa beber.

Pensa em seu nome novamente. *Seth. Sou Seth.*

E eu vou falar.

— Olá? — ele diz, e a palavra é severamente dolorosa, a sede transformando sua garganta em um deserto. — Olá? — tenta de novo, um pouco mais alto. — Tem alguém aí?

Nenhuma resposta. E ainda nenhum som, nada exceto sua respiração para avisá-lo de que não ficou surdo.

Ele fica em pé na porta, ainda sem se mover. É mais difícil entrar desta vez, muito mais difícil, seu medo uma coisa palpável, medo do que mais encontrará lá dentro, medo do porquê de estar aqui, ou do que isso significa.

Do que significará. Para todo o sempre.

No entanto, a sede também é palpável, e ele se obriga a atravessar a soleira da porta, levantando poeira novamente. Suas bandagens estão longe de se aproximar do branco, e sua pele está marcada com manchas escuras. Segue mais para dentro, parando um pouco antes do pé da escada. Tenta o interruptor ali, para cima e para baixo, mas não funciona, nenhuma luz se acende em nenhum lugar. Ele se afasta da escada, ainda sem vontade de lhe desbravar a escuridão, nem mesmo querendo olhar para ela, apenas juntando coragem antes de entrar na sala de estar.

Ele toma um fôlego ressecado e profundo, tossindo de novo diante da poeira.

E atravessa a soleira da porta.



Está como deixou. Raios de sol difusos são a única iluminação, já que os interruptores de luz também não funcionam neste quarto. Um quarto, ele agora se dá conta totalmente, com a mobília de sua infância.

Há os sofás vermelhos manchados, um grande, um pequeno, os quais o pai não trocaria até que os garotos crescessem o suficiente para não sujá-los mais.

Sofás que foram deixados para trás, na Inglaterra, quando eles se mudaram para os Estados Unidos, deixados para trás *nesta* casa.

Mas há uma mesinha de centro que não fora deixada para trás; uma mesinha que deveria estar a quilômetros e quilômetros daqui.

Não entendo, ele pensa. *Não entendo*.

Vê um vaso de sua mãe que fora levado na viagem. Vê uma mesa lateral que não fora. E lá, em cima da lareira...

Sente a mesma punhalada no estômago apesar de saber pelo que esperar.

É a pintura feita pelo tio, a pintura que também foi para os Estados Unidos, junto com parte de sua mobília. É de um cavalo relinchando e de proporções erradas, com terror nos olhos e uma lança terrível no lugar da língua. Seu tio tinha baseado a pintura no *Guernica*, de Picasso, rodeando o cavalo com um céu turvo e corpos mutilados, explodidos por bombas.

Seth já ouvira há muito tempo, de seu pai, sobre o verdadeiro *Guernica*, e há muito tempo entendera a história por trás, porém, mesmo que a versão do tio fosse a mais pálida das imitações pálidas, era a primeira pintura que Seth pudera olhar de forma adequada, a primeira pintura de verdade que sua mente, com cinco anos na época, tentara compreender. Por esse motivo, permanecera em sua mente tão assustadoramente maior para ele do que qualquer clássico.

Parece algo saído de um pesadelo, algo terrível e histérico, algo

incapaz de fazer sentido ou compreender a misericórdia.

E é a pintura que ele viu ontem, se *ontem* ainda significar alguma coisa. Se é que o tempo passa no inferno. Seja lá qual for a resposta, foi uma pintura que ele viu ao sair de sua casa do outro lado do mundo, a última coisa pela qual passou os olhos ao fechar a porta da frente.

Sua verdadeira porta da frente. Não esta. Não esta versão de pesadelo do passado, da qual ele preferiria não se lembrar.

Ele observa o quadro o máximo que consegue aguentar, o bastante para tentar transformá-lo apenas em quadro, nada mais do que isso, mas pode sentir o coração disparado enquanto se afasta dele, os olhos evitando a mesa da sala de jantar que ele também reconhece, e a prateleira cheia de livros, alguns dos títulos que ele lera em um país que não era este aqui. Ele leva o corpo fraco o mais rápido que pode até a cozinha, mantendo o pensamento apenas na sede. Vai direto em direção à pia, quase choramingando de alívio antecipado.

Quando abre as torneiras e nada acontece, solta sem querer um grito de desespero. Ele tenta abri-las de novo. Uma delas nem se mexe, e a outra só gira em sua mão, produzindo nada, independentemente do quanto ele a gire.

Começa a sentir o choro vindo de novo, os olhos queimando pelas lágrimas salgadas demais em seu corpo desidratado. Ele se sente tão fraco, tão instável, que precisa se inclinar para a frente e colocar a testa no balcão, sentindo a poeira fria nas sobrelhas e esperando não desmaiar.

Claro que é assim que o inferno seria, ele pensa. Claro que é. Sempre ter sede e não ter o que beber. Obviamente.

Isso é provavelmente a punição pela coisa do Menino Jesus. Monica mesmo disse isso. Sente um frio terrível no estômago, lembrando-se daquela noite novamente, lembrando-se de seus amigos, quando tudo geralmente era fácil e tranquilo, como eles adoravam que ele fosse o tipo mais quieto, como não tinha importância o fato de que as diferenças entre o currículo inglês e o americano faziam com que ele fosse quase um ano mais novo, apesar de estarem na mesma série, como eles — mas principalmente Gudmund — o incluíam em tudo como só amigos faziam. Até mesmo no roubo de uma divindade.

Eles a roubaram, quase vergonhosamente fácil, as gargalhadas contidas a única ameaça real de serem pegos. Levantaram o infante da manjedoura, surpresos com sua leveza, e o carregaram, mal conseguindo controlar a histeria, de volta ao carro de Gudmund. Ficaram tão nervosos no portão que uma luz se acendeu na casa dos

Fletchers enquanto o carro saía pela rua.

Mas estava feito. E então dirigiram até a casa da líder de torcida, como planejado, fazendo vigorosos *shhh*, um mandando o outro ficar quieto, enquanto tiravam o Menino Jesus do banco de trás do carro e o largavam no meio da noite.

Onde H o deixou cair.

Acabaram descobrindo que o Menino Jesus não era, de fato, feito de mármore de Veneza, mas de algum tipo de cerâmica barata que se quebrou com uma eficácia impressionante ao fazer um leve contato com o chão. Houve um silêncio súbito e horrorizado quando ficaram em pé ao redor dos pedacinhos de cacos.

— Nós vamos pro inferno mesmo — Monica disse ao final, e realmente não parecia que ela estava brincando.

Seth ouve o som em seu peito e percebe com surpresa que é uma risada. Abre a boca e ela sai como uma buzina terrível e dolorosa, mas não consegue evitá-la. Ri e a risada vem ainda mais forte, independentemente do quanto o deixe tonto, independentemente de ainda não conseguir se levantar direito no balcão.

Sim. O inferno. É isso, com certeza.

Mas, antes de começar a chorar de novo, uma sensação que o ameaçou por trás de cada segundo da risada, ele percebe estar ouvindo outro som o tempo todo. Um rangido e um gemido, como uma vaca mugindo perdida na casa.

Ele olha para cima.

O gemido vem dos canos. A água suja e cor de ferrugem está começando a pingar da torneira da cozinha.

Seth praticamente dá um salto para a frente em sua pressa desesperada para beber, beber e beber.



A água tem um gosto inacreditavelmente horrível, como metal e lama, mas ele não consegue parar. Engole-a conforme ela cai pela torneira, agora mais rápido. Depois de dez ou doze goles, sente um embrulho no estômago, encosta-se para trás e vomita dentro da pia toda a água que acabou de beber, em enormes jatos cor de ferrugem.

Resfolega pesadamente por um minuto.

Então vê que a água está escorrendo um pouco mais clara, ainda que não tenha exatamente um aspecto potável. Espera o máximo que consegue, deixando-a clarear um pouco mais, e em seguida bebe de novo, mais devagar, desta vez parando para respirar e esperar um pouco.

Consegue manter a água na barriga. Sente o frio dela se espalhando por seu estômago. É gostoso, e ele nota, de novo, o quanto este lugar é quente, especialmente esta casa. O ar está pesado e opressivo, com o gosto da poeira que cobre tudo. Seus braços estão nojentos só de encostar no balcão.

Começa a se sentir um pouco melhor, um pouco mais forte. Bebe água de novo, e de novo, até satisfazer sua sede gritante. Ao se levantar completamente desta vez, ele o faz sem ficar tonto.

O sol que atravessa a janela de trás está claro e brilhante. Ele dá uma olhada pela cozinha. É definitivamente sua antiga cozinha, a que sua mãe nunca parava de reclamar que era muito pequena, mesmo depois de se mudarem para os Estados Unidos, onde as cozinhas tendem a ser grandes o bastante para uma família de elefantes se sentar no cantinho do café da manhã. Como sempre, aos olhos de sua mãe, *tudo* na Inglaterra se comparava desfavoravelmente aos Estados Unidos, e por que não?

Depois de tudo o que a Inglaterra tinha feito a eles.

Ele não pensava nisso, não pensava realmente sobre isso fazia *anos*. E não havia motivos para tanto. Por que ficar remoendo sua pior

lembrança? Não se a vida seguiu em frente, em um lugar completamente novo, com tantas coisas para aprender, tantas pessoas novas para conhecer.

E, apesar de ter sido terrível, seu irmão sobrevivera, não é? Houve problemas, claro, à medida que eles observavam para ver quanto seriam ruins quaisquer danos neurológicos que pudessem ocorrer conforme ele crescia, mas seu irmão sobreviveu e foi, no geral, uma criança encantadora, independente e feliz, apesar de todas as dificuldades.

Mesmo tendo havido aquele período inimaginável quando todos pensaram o pior, quando todos olhavam para Seth e, ainda que dissessem, vez após outra, que não o culpavam, ainda assim pareciam achar...

Ele afasta isso da cabeça, engolindo a dor em sua garganta. Olha em direção à sala de estar escura e se pergunta o que ele deveria estar *fazendo* aqui.

Existe um objetivo? Alguma coisa a resolver?

Ou será que ficará aqui para sempre?

É isso que é o inferno? Preso para sempre, sozinho, dentro de sua pior lembrança?

Até que faz sentido.

Mas as bandagens não fazem sentido, sujas com manchas escuras e empoeiradas, mas apertadas no corpo dele de uma maneira que cobrem todas as partes erradas. E, falando nisso, a água — agora escorrendo quase clara — também não faz sentido. Por que satisfazer sua sede se isso é uma punição?

Continua sem ouvir nada. Nem máquinas, nem vozes humanas, nem veículos, nada. Apenas a água escorrendo, o som tão reconfortante que não consegue fechar a torneira.

Fica surpreso ao sentir o estômago roncar. Completamente esvaziado por duas vezes, ele percebe que está com fome, e, em vez de se entregar ao medo que isso causa — pois o que se come no inferno? —, ele abre quase automaticamente o armário mais próximo.

As prateleiras estão cheias de pratos e copos, menos empoeirados por estarem guardados, mas ainda assim com um ar de abandono. O armário ao lado daquele tem os copos melhores e a porcelana boa, que ele reconhece, grande parte, não tudo, ter sobrevivido à mudança para os Estados Unidos. Ele continua, rápido, e dentro do próximo armário finalmente há comida. Sacos de macarrão ressecado, caixas mofadas de arroz que se dissolvem ao toque, um pote de açúcar que se

transformara em um único torrão resistente às espetadas de seus dedos. Mais buscas revelam latas de comida, algumas das quais enferrujadas, outras assustadoramente estufadas, porém, algumas parecem boas. Ele pega a lata de canja.

Reconhece a marca. É uma que ele e Owen nunca se cansavam de comer, e sempre pediam à mãe para comprar mais e mais...

Ele para. A lembrança é perigosa. Sente-se tremendo novamente, um abismo de confusão e desespero encarando-o de volta, ameaçando engoli-lo só de olhar de relance para ele.

Isso pode ficar para depois, ele diz a si mesmo. *Você está com fome. Tudo mais pode esperar.*

Mesmo pensando, ele não consegue acreditar, mas se obriga a ler a lata de novo. “Sopa”, ele diz, a voz ainda nada além de um grasnado, mas melhor agora, depois da água. “Sopa”, ele diz de novo, com mais força.

Começa a abrir as gavetas. Acha um abridor de lata — enferrujado e duro, porém usável — na primeira gaveta e solta um “rá!” de triunfo.

São necessárias dezessete tentativas para fazer o primeiro corte na parte de cima da lata.

— Puta que pariu! — ele grita, apesar de sua garganta ainda não estar preparada para gritar e ele ter de tossir.

Finalmente consegue fazer uma abertura, uma com a qual pode se virar. Suas mãos estão doendo pelo simples ato de girar o abridor de lata, e há um momento terrível quando ele acha que está ficando muito fraco e cansado para continuar. Mas a frustração o faz continuar, e, em algum momento agonizante, a abertura fica suficiente para que consiga beber da lata.

Ele vira a lata de volta à boca. A sopa virou uma gelatina e tem um gosto forte de ferro, mas também tem gosto de canja, um sabor pelo qual se sente tão agradecido que começa a rir enquanto engole os pedaços de macarrão.

Então, percebe que está chorando um pouco mais também.

Ele termina de beber da lata e a coloca de lado com uma pancada firme.

Pare com isso, pensa. Se recomponha. O que precisa fazer aqui? Qual é o próximo passo? Ele fica um pouco mais ereto. *O que Gudmund faria?*

E então, pela primeira vez neste lugar, Seth sorri, pouco e de leve, mas um sorriso.

— *Gudmund tiraria água do joelho* — ele resmunga.

Porque, com certeza, essa é a próxima coisa que ele precisa fazer.



Ele se vira de volta para a sala de estar empoeirada e escura.

Não. Ainda não. Ainda não é capaz de encarar aquilo. Definitivamente não consegue encarar a subida trôpega nos degraus escuros para o banheiro no topo do primeiro andar.

Vira-se para a porta que dá para o quintal — para o *jardim* do fundo, ele lembra, é assim que os ingleses dizem, como seus pais diziam. Leva alguns minutos frustrantes para destrancar o trinco e em seguida sai ao sol novamente, pelo deque que seu pai construíra num verão.

As cercas dos vizinhos de cada lado parecem incrivelmente próximas, depois de todo o espaço que sua família acabou tendo na casa americana. O próprio quintal agora é uma floresta de galhos amarelados e ervas daninhas da altura da cabeça de Seth, mesmo estando em pé no deque baixo. Na cerca de trás, Seth apenas consegue ver o topo do velho abrigo antibombas, parado ali em seu arco corajoso desde a Segunda Guerra. Sua mãe o transformara em um galpão de cerâmica, que ela nunca usava muito, e o lugar rapidamente se tornara um depósito para guardar bicicletas velhas e móveis quebrados.

O aterro acima da cerca de trás se ergue até um muro retorcido de arame farpado. Ele não consegue ver nada além pela maneira como o terreno faz um ângulo para baixo atrás do muro.

No entanto, Seth não acredita que isso seria o inferno se o presídio ainda não estivesse lá.

Ele desvia o olhar e caminha até a ponta do deque. Inclina-se um pouquinho para a frente e espera para fazer xixi na grama alta.

E espera.

E espera.

E resmunga pelo esforço.

E espera um pouco mais.

Até que, finalmente, com um grito profundo de alívio, solta um jato venenosamente amarelo no quintal.

E quase imediatamente grita de dor. É como urinar ácido, e ele abaixa os olhos para olhar para si mesmo, desanimado.

Em seguida olha mais de perto.

Há vários cortes pequenos, pequenas escoriações e marcas por toda a pele de seu escroto e dos seus quadris. Encontra um pedaço solto de faixa branca pendurada no pelo mais grosso de seu corpo e uma maior um pouco mais para baixo em sua coxa exposta.

Recuando, ele termina de urinar e começa a examinar o corpo mais de perto à luz do sol. Há muitos cortes e arranhões em volta de ambos os braços, e uma fileira deles dos dois lados das nádegas. Começa a puxar as bandagens ao redor do peito, tentando ver embaixo delas. A fita adesiva é forte, mas finalmente cede. Há um estranho papel laminado do lado de dentro de cada bandagem, e sai de um jeito melecado, arrancando alguns pelos do peito sobre os quais nunca pensara muito. O mesmo acontece com as bandagens sobre os braços e pernas. Ele passa muito tempo retirando-as, deixando para trás lugares doloridos e sem pelo, e encontrando mais machucados e cortes.

Seth fica trabalhando nisso até se livrar de tudo, enrolando as bandagens lá no deque, sujas de poeira, as partes metálicas pegando a luz do sol e refletindo-a de volta nele com força, quase agressivamente. Não consegue achar nada escrito nelas, e a parte metálica não se parece com nada que já vira antes nos Estados Unidos ou na Inglaterra.

Ele se afasta das bandagens. Há algo estranho na aparência delas. Algo errado. Algo invasivo.

Seth cruza os braços bem apertado no peito e tem calafrios, ainda que o sol esteja batendo claro e quente. Agora está completamente nu, e essa é a próxima coisa que precisa ser remediada. Sente-se incredivelmente vulnerável assim, mais até do que o próprio fato em si. Há algo ameaçador aqui, em algum lugar, ele de repente se dá conta disso. Dá uma olhada na cerca e no presídio que ele sabe estar escondido atrás de si, mas há algo mais errado com esse lugar do que tudo o que está óbvio. Há uma irrerealidade sob toda a poeira, todas as ervas daninhas. O chão que parece sólido, mas que pode ceder a qualquer momento.

Ele continua tremendo sob o calor do sol, sob o claro céu azul sem um único avião. Subitamente toda a energia que gastou comendo e

bebendo se esvai, a exaustão encobrindo-o como um cobertor pesado. Sente-se tão fraco, tão inacreditável e fisicamente fraco.

Com os braços ainda cruzados, ele se vira de volta para a casa.

Ela está lá, esperando por ele, uma lembrança pedindo para ser revisitada.



Vou ver, Seth digitou na tela do telefone. Sabe como é a mama.

É mami, sua bicha, *Gudmund* escreveu de volta. E qual é o problema dela agora?

B em História.

Sua mãe fica brava por causa de NOTAS? Em que p... de século ela vive?

Não neste aqui, e só garotas mandam tanta mensagem assim, sua bicha.

Seth sorriu para si mesmo quando o celular vibrou imediatamente com uma chamada.

— *Eu disse que teria que ver — ele sussurrou ao telefone.*

— *Qual é o problema com ela? — Gudmund perguntou. — Ela não confia em mim?*

— *Não.*

— *Ah, bem, ela é mais esperta do que pensei.*

— *Ela é mais esperta do que todo mundo pensa. É por isso que está sempre tão irritada. Diz que mora aqui há oito anos e todo mundo ainda fala com ela em voz alta, devagar, como se fosse uma estrangeira.*

— *Ela é estrangeira.*

— *Ela é inglesa. Mesma língua.*

— *Não é bem assim. Por que está falando tão baixinho?*

— *Eles não sabem que eu já acordei.*

Seth parou um momento para escutar da cama. Conseguia ouvir a mãe dando passos pesados pela casa, provavelmente tentando encontrar a clarineta de Owen. Owen, enquanto isso, estava no quarto ao lado, jogando um game de computador que envolvia muitos solos dramáticos de guitarra. E, de vez em quando, havia um barulho vindo da cozinha no

andar de baixo, onde seu pai estava trabalhando havia dez meses em um projeto “Faça Você Mesmo” de três meses. Coisas típicas de sábado de manhã, assim, não, obrigado, ele ficaria aqui até alguém se lembrar de que ele...

— SETH! — ele ouviu seu nome gritado do final do corredor.

— Tenho que ir — disse ao telefone.

— Você tem que vir, Sethy — Gudmund insistiu. — Quantas vezes eu preciso dizer isso? Meus pais estão fora da cidade. É como se fosse um mandamento para uma festa. E não vamos ter muitas outras oportunidades. Último ano do ensino médio, cara, e depois caímos fora daqui.

— Vou fazer o que puder — Seth respondeu com pressa enquanto os passos pesados da mãe vinham em direção à porta. — Te ligo de volta. — Ele desligou no momento em que a porta se abriu. — Meu Deus — ele disse —, não dá para bater?

— Você não tem segredos comigo — ela respondeu, mas com um meio sorriso forçado, e ele podia notar que ela estava tentando se desculpar, à sua maneira bizarramente hostil.

— Você não faz ideia dos segredos que eu tenho — ele retrucou.

— Não duvido disso nem por um segundo. Levante. Temos que ir.

— Por que eu tenho que ir?

— Viu a clarineta do Owen?

— Ele vai ficar bem por uma hora...

— Você a viu?

— Será que não está me ouvindo?

— Você está me ouvindo? Onde está a porcaria da clarineta do Owen?

— Não sei, droga. Não sou a porcaria do mordomo dele!

— Olhe a boca! — ela retrucou. — Você sabe que ele perde muitas coisas. Sabe que ele não se lembra de tudo tão bem quanto você. Não desde...

Ela não terminou a frase. Nem mesmo tentou disfarçar, apenas parou de repente. Seth não precisou perguntar o que ela quis dizer.

— Eu não a vi! — ele respondeu. — Mas ainda não sei por que tenho que ir e só ficar sentado lá.

A mãe dele falou com paciência zangada, pronunciando cada sílaba.

— Por Que Eu Quero Sair Para Correr. — Ela balançou os tênis de

corrida que estava segurando. — Tenho muito pouco tempo para mim mesma, e você sabe que o Owen fica irritado quando fica sozinho com a Senhorita Baker...

— Ele fica bem — Seth afirmou. — Ele faz isso porque gosta de atenção.

A mãe dele segurou o fôlego.

— Seth...

— Se eu for, posso passar a noite na casa do Gudmund?

Ela parou. A mãe dele não gostava muito de Gudmund, por razões que ela mesma não conseguia explicar. “Não gosto nem do nome dele”, ele a ouvira dizer ao pai uma noite no outro quarto. “Que tipo de nome é Gudmund? Ele nem é sueco.”

“Gudmund é um nome norueguês, eu acho”, o pai dissera, sem prestar muita atenção.

“Bom, ele tampouco é isso aí. Nem mesmo do jeito que os americanos gostam de dizer que são irlandeses ou cherokees. Sinceramente, uma população inteira que se recusa a dizer que é de seu próprio país, a não ser que estejam se sentindo ameaçados.”

“Então você deve ouvi-los com frequência dizendo que são americanos”, o pai respondera secamente, e a conversa azedara um pouco depois disso.

Seth realmente não entendia. Gudmund chegava quase ao limite de ser a porcaria do adolescente perfeito. Popular o bastante, mas não demais; confiante, mas não confiante demais; legal com os pais de Seth; legal com Owen, e sempre trazia Seth para casa no horário, já que tinha carro. Assim como todos os colegas de classe de Seth, ele era um pouco mais velho, mas apenas por dez meses de diferença, dezessete contra os dezesseis de Seth, o que não era nada. Eles corriam no time de cross-country com Monica e H, o que não poderia ser mais perfeito. E, ainda que fosse verdade que a mãe e o pai de Gudmund eram exatamente o tipo assustador de americanos conservadores que tendiam a causar horror nos europeus, até mesmo os pais de Seth tinham que admitir que os dois eram, individualmente, pessoas bem agradáveis.

E, apesar de suspeitarem claramente, seus pais também nunca tinham descoberto nenhum dos problemas nos quais ele e Gudmund se envolveram. Não que fossem realmente tão ruins assim. Nada a ver com drogas, e, embora bebessem mais do que de vez em quando, definitivamente ninguém dirigia bêbado. Gudmund era inteligente e simpático, e a maioria dos pais ficaria feliz em tê-lo como amigo do filho.

Mas, aparentemente, não a mãe de Seth. Ela fingia ter algum tipo de sexto sentido sobre ele.

E talvez tivesse.

— *Você tem que trabalhar amanhã — ela disse agora, mas ele já podia notar que estava a caminho de um sim nas negociações.*

— *Só depois das seis — Seth respondeu, tentando o máximo possível manter o tom não argumentativo.*

A mãe pensou um pouco.

— *Tudo bem — ela concordou rapidamente. — Agora, levante-se. Precisamos ir.*

— *Feche a porta — ele disse atrás dela, mas a mãe já tinha saído.*

Ele se levantou e pegou uma camiseta para enfiar pela cabeça. Uma hora sentado durante a aula de clarineta torturante de Owen com a Senhorita Baker cheirando a cebola, para que sua mãe pudesse correr furiosamente pelo caminho da costa, em troca de uma noite de liberdade que incluía uma caixa de cerveja esquecida pelo pai de Gudmund (mas não atrás do volante do carro de Gudmund; de fato, eles eram bons garotos, o que tornava as suspeitas dela ainda mais enervantes; Seth quase queria fazer algo ruim, algo muito ruim, só para mostrar a ela). Mas, por ora, era uma troca justa.

Qualquer coisa para sair. Qualquer coisa para não se sentir tão enjaulado. Mesmo que por pouco tempo.

Ele aceitaria.

Cinco minutos depois, estava vestido e na cozinha.

— *Oi, pai! — ele disse, pegando uma caixa de cereal.*

— *Oi, Seth! — o pai suspirou, estudando intensamente a moldura de madeira para o novo balcão, que se recusava a encaixar, independentemente do quanto ele a serrava.*

— *Por que simplesmente não contrata um cara? — Seth perguntou, enfiando uma colher cheia de sucrilhos com sabor de pasta de amendoim na boca. — Estaria pronto em uma semana.*

— *E que cara seria esse? — seu pai perguntou, distraidamente. — Pode-se encontrar paz fazendo alguma coisa por si mesmo.*

Seth ouvira essa frase muitas, muitas vezes. Seu pai ensinava inglês na pequena faculdade de artes que dava a Halfmarket dois terços de sua população, e esses projetos — que foram mais do que Seth conseguia contar, desde o deque da casa na Inglaterra, quando ele era apenas um bebê, o acréscimo de um quarto de despejo na garagem aqui, até a expansão da cozinha, que o pai insistira em fazer ele mesmo — eram o que ele jurava mantê-lo são depois de trocar Londres por uma cidadezinha

na costa americana. Os projetos um dia terminavam, às vezes também muito bons, mas a paz, talvez, tinha menos a ver com o projeto do que com os remédios que seu pai tomava para a depressão. Mais pesados do que os antidepressivos comuns que seus amigos costumavam tomar, pesados o bastante para de vez em quando fazer seu pai parecer um fantasma na própria casa.

— O que eu fiz de errado agora? — seu pai resmungou, balançando a cabeça, perplexo diante de uma pilha de tábuas de madeira.

Sua mãe entrou na cozinha, batendo a clarineta de Owen na mesa.

— Será que alguém se daria ao trabalho de me dizer como isso foi parar no quarto de hóspedes?

— Já pensou em perguntar ao Owen? — Seth respondeu, com a boca cheia de cereal.

— Me perguntar o quê? — Owen disse, passando pela porta.

E aqui estava Owen. Seu irmão mais novo. O cabelo enrolado em um tufo ridículo e amassado de sono que o fazia parecer muito mais novo do que seus doze anos, uma mancha vermelha de suco em volta dos lábios e migalhas do café da manhã ainda presas no queixo, vestindo jeans comum, mas também uma camiseta de pijama do Cookie Monster que ele era cinco anos velho demais e grande demais para vestir.

Owen. Cabeça de vento e atrapalhado como sempre.

Mas Seth pôde ver a postura da mãe mudar para algo parecido com alegria.

— Nada, querido — ela respondeu. — Vá lavar o rosto e colocar uma camiseta limpa. Estamos quase prontos para ir.

Owen sorriu radiante para ela.

— Cheguei ao nível 82!

— Isso é maravilhoso, querido! Agora, precisa se apressar. Vamos chegar atrasados.

— Ok! — Owen respondeu, dando um sorriso para Seth e o pai ao sair da cozinha. O olhar da mãe de Seth seguiu-o gulosamente pela porta, como se aquilo fosse tudo o que ela mal resistisse à vontade de engoli-lo.

Ao voltar a olhar para dentro da cozinha, o rosto dela estava desconcertantemente aberto e carinhoso até pegar Seth e o pai encarando-a. Houve um momento estranho durante o qual ninguém disse nada, e ela ao menos teve a boa vontade de se mostrar um pouco envergonhada.

— Vamos logo, Seth! — ela disse. — Vamos chegar atrasados de verdade!

Ela saiu. Seth apenas ficou ali com um punhado de cereal, até que seu pai, sem palavras, começou a serrar vagarosamente a moldura do balcão de novo. A vontade familiar de fugir dali cresceu no peito de Seth como uma pressão física, tão forte que pensou poder vê-la caso olhasse.

Mais um ano, ele pensou. Só falta mais um ano.

Seu último ano de ensino médio se colocava à sua frente, e depois iria para a faculdade, (talvez, quem sabe) a mesma de Gudmund e, possivelmente, de Monica. A localização não fazia muita diferença, desde que fosse o mais longe possível desse cantinho úmido no sudoeste do estado de Washington.

Bem longe desses estranhos que se diziam seus pais.

Então, lembrou-se de que havia fugas menores, mais perto de casa.

Uma hora de clarineta, pensou. E o final de semana é meu.

Pensou nisso com mais raiva do que esperava.

E, ao mesmo tempo, percebeu que não estava mais com tanta fome.



Seth acorda no maior dos dois sofás vermelhos e, mais uma vez, leva alguns momentos para reemergir do...

Não pode só ter sido um sonho.

Desta vez estava dormindo, ele sabia, mas, assim como da última vez, tinha sido vívido demais, nítido demais. Nada da imprecisão mutante de um sonho, nenhuma das mudanças de cena ou impossibilidades de se mexer ou falar adequadamente ou lapsos de tempo ou lógica.

Ele *estivera* ali. Bem ali. De novo. Vivendo tudo.

Lembra-se daquela manhã tão claramente como se tivesse acabado de vê-la na televisão. Era verão, meses antes do incidente do Menino Jesus, um pouco depois de ter conseguido seu primeiro emprego de meio-período servindo mesas na churrascaria local. Os pais de Gudmund tinham voado para a Califórnia a negócios, deixando o filho para tomar conta de uma casa que tinha vista para o mar frio e tumultuoso. H e Monica vieram por um tempinho, também, e, na verdade, não fizeram nada exceto beber algumas das cervejas esquecidas do pai de Gudmund, falar bobagem e rir de bobeira pelas coisas mais idiotas que se pode pensar.

Tinha sido maravilhoso. Apenas absolutamente, absolutamente maravilhoso, como aquele verão inteiro antes do último ano tinha sido, quando tudo parecia possível, quando tudo parecia finalmente estar ao alcance, quando, se ele conseguisse se segurar mais um pouco, tudo finalmente daria certo...

Seth sente o peito apertar com uma tristeza que ameaça invadi-lo como as águas que o afogaram.

Tinha sido maravilhoso.

Mas tudo acabou.

E acabou antes mesmo de ele morrer.

Ele se senta ereto, colocando os pés no chão de madeira empoeirado da casa de sua infância. Passa os dedos pelo cabelo e fica surpreso ao ver o quanto está curto, quase tão curto quanto o estilo militar, muito mais curto do que jamais usara na vida real. Ele se levanta e tira a poeira do grande espelho pendurado em cima do sofá.

Fica chocado com o que vê. Ele parece um refugiado de guerra. O cabelo bem curto, reduzido a quase nada, o rosto preocupantemente magro, os olhos parecendo que nunca dormira em um lugar seguro a vida toda.

Isso fica cada vez melhor, ele pensa.

Ele voltara para dentro da casa depois de ter arrancado as bandagens de sua pele. Àquela altura, a exaustão era devastadora, alojando-se nele como um anestésico. Tivera que se esforçar muito para chegar até o sofá grande, sacudir a poeira do cobertor pendurado nas costas do sofá, puxá-lo sobre si e cair em um sono que parecia mais um desmaio.

E sonhara. Ou revivera. Ou qualquer coisa.

Sente uma pontada no peito novamente enquanto fica ali em pé, então ele enrola o cobertor em volta do corpo como uma toalha de praia e vai para a cozinha novamente, com a vaga ideia de tentar fazer um jantar. Leva um momento para perceber que a luz da janela de trás mudou.

O sol está *nascendo*. De novo. É outra madrugada lá fora.

Ele dormiu quase durante um dia inteiro e uma noite. E então se pergunta novamente como o tempo passa aqui no inferno.

Se é que passa. Se é que este dia não é o mesmo tudo de novo.

Depois de uma tentativa mais bem-sucedida com o abridor de lata — está se sentindo um pouco mais forte por ter descansado —, ele abre uma lata de feijão. O sabor é indescritível, e ele o cospe fora. Dá uma olhada no armário procurando mais sopa.

Não tem mais. Na verdade, não tem muita coisa de nada, a não ser que comece a comer macarrão mumificado. Não muito animado, ele gira o botão do fogareiro para ver se consegue ferver um pouco de água, mas o gás não sai pelas bocas e também não há eletricidade quando ele tenta ligar o velho micro-ondas empoeirado. Nenhuma das luzes do teto se acende quando ele mexe nos interruptores, e a geladeira tem um cheiro podre mesmo com a porta bem fechada; assim, ele não arrisca abri-la.

Pela falta de qualquer outra coisa, ele bebe água da torneira de novo. Então, solta um gemido irritado e pega um copo do armário.

Enche-o com a água, que agora parece quase limpa, e a bebe.

Tudo bem, ele pensa, tentando evitar que o medo surja novamente. *E agora? E agora, e agora, e agora?*

Roupas. Roupas são o próximo passo. Sim.

Ainda não tem coragem de ir até o andar de cima — ainda não quer ver seu antigo quarto, o que ele dividia com Owen, não nesta casa —, mas volta para a sala principal, lembrando-se de um quartinho debaixo da escadaria. Atrás da mesa de jantar, duas portas vaivém na parede levam a uma máquina de lavar e secar inertes, silenciosas como gado dormindo em seus cochos. Solta um grito de alegria ao encontrar uma calça de moletom cinza na secadora. É larga, mas serve. Não consegue encontrar camisetas, e absolutamente nada na máquina de lavar, exceto o cheiro de mofo velho, no entanto encontra uma jaqueta esportiva pendurada em um gancho. Fica apertada nas costas e as mangas mal passam dos cotovelos, mas cobre-o. Fuça as prateleiras escuras construídas no quartinho e encontra um sapato preto social surrado e um tênis enorme que estão longe de combinar, mas pelo menos são os pés opostos e grandes o suficiente para usar.

Ele vai até o espelho da sala principal. Parece um palhaço sem-teto, mas não está mais nu.

Tudo bem, ele pensa. *Próximo passo.*

Quase no mesmo instante daquele pensamento, sua barriga ruge incomodamente, e não de fome. Ele se vê correndo para os fundos de novo, para um canto de mato alto, para mais funções corporais nojentas. Tem espasmos dolorosos, mais do que teria com canja e um punhado de feijões estragados. É uma fome avassaladora, tão grande que o está deixando enjoado.

Esperar a dor de barriga passar é ruim o bastante, mas ele se sente cada vez mais desconfortável ali nos fundos, com a pilha de bandagens ainda amontoadas no deque, a grama inexplicavelmente alta, o arame farpado cercando o aterro.

O presídio lá em cima.

Assim que consegue, volta para dentro e se lava mais ou menos decentemente com algum sabão de máquina de lavar solidificado e água fria da torneira. Não há nada com o que se secar, então ele apenas espera, perguntando-se o que fazer *agora*.

Aqui está ele. Em uma antiga casa empoeirada e sem comida. Com roupas que são uma piada. Bebendo uma água que provavelmente o envenenará.

Não quer ficar do lado de fora, mas também não pode ficar preso

aqui dentro.

O que fazer?

Se pelo menos tivesse alguém para ajudá-lo. Alguém a quem pedir uma opinião. Alguém com quem pudesse dividir aquele peso.

Mas não há. Só há ele.

E consegue ver os armários vazios da cozinha.

Não pode ficar aqui, sem comida, nessas roupas esquisitas.

Olha para o teto pensando, por um momento, que poderia explorar os quartos lá em cima.

Mas não. Aquilo não. Ainda não.

Fica parado ali, em silêncio, por muito, muito tempo, enquanto o sol da manhã inunda a cozinha.

— *Ok* — ele finalmente diz a si mesmo. — Vamos dar uma olhada no inferno.



Ao abrir a porta da frente, ele percebe que a presilha que evita que ela se feche está virada. Ele passara a noite toda dentro da casa com a porta destrancada. Mesmo não havendo nem sinal de outra pessoa por aqui, isso o preocupa. Mas não pode deixar que a porta se tranque ao sair, caso contrário nunca conseguirá entrar de novo. Dá um passo para fora, no sol fraco, puxando a porta atrás de si, esperando que ao menos ela *pareça* trancada.

A rua está como ontem. Ou seja lá quando foi, provavelmente ontem. Ele espera e observa. Absolutamente nada muda, então ele desce os degraus, até o caminho onde ele — onde ele o quê? Acordou? Renasceu? Morreu? Passa apressadamente pelo local e chega ao portãozinho que dá na calçada. Para ali.

Ainda está quieto. Ainda vazio. Ainda um lugar parado no tempo.

Ele tenta lembrar-se melhor da vizinhança. À sua direita está a estação de trem, onde não há nada muito além do próprio prédio da estação. No entanto, à sua esquerda está o caminho para a High Street, onde ficava o supermercado. Havia lojas de roupas ali também, ele pensa. Nada muito arrumado, mas melhor do que o que está vestindo.

Esquerda, então.

Esquerda.

Ele não se mexe. Nem o mundo.

É ir para a esquerda ou ficar aqui dentro e morrer de fome, ele pensa.

Por um momento, a segunda opção parece mais tentadora.

— Que se dane — ele diz. — Você já está morto. O que de pior pode acontecer?

Ele vai para a esquerda.

Arqueia os ombros enquanto caminha, enfiando as mãos dentro dos bolsos da jaqueta esportiva, mesmo eles sendo desconfortavelmente

altos. De quem *era* aquela jaqueta? Acha que nunca viu seu pai usando uma como esta, mas, de novo, quem se lembra de roupas quando se é tão jovem assim?

Olha furtivamente ao redor enquanto caminha, virando-se sempre para trás para ter certeza de que nada o está seguindo. Chega à rua que leva à cidade. Tirando o enorme córrego no meio dela — chamativo com sua própria floresta de ervas daninhas —, é a mesma coisa em todo lugar. Carros com pneus murchos, cobertos de poeira, casas com a pintura descascando, e nenhum sinal de vida.

Ele para na ponta do córrego. Parece que um cano de água se rompeu em algum lugar e o chão se abriu, como se vê às vezes nos noticiários, geralmente com jornalistas de helicóptero sobrevoando, não dizendo nada por longos espaços de tempo.

Não há carros lá embaixo e nenhum parou perto da ponta também, então isso deve ter acontecido bem depois de o tráfego ter parado.

A não ser que o tráfego nunca tenha começado, ele pensa. *A não ser que este lugar não existisse até eu...*

— Pare com isso — ele diz. — Pare.

Tem um pensamento vago, quase casual, sobre como há tantas plantas neste lugar, todas essas ervas daninhas e essa grama estranha, tudo crescendo completamente fora de controle e sem cuidado, como aqui neste buraco realmente imenso.

Então deveria haver...

E, antes mesmo de pensar na palavra *animais*, ele vê a raposa.

Está congelada ali, lá no fundo, enfiada entre as ervas daninhas, seus olhos brilhantes e surpresos no sol da manhã.

Uma raposa.

Uma raposa real, de verdade, *viva*.

Ela pisca para ele, alerta, mas não com medo, ainda não.

— Mas que porcaria é essa? — Seth sussurra.

Há pequenos latidos, e três raposinhas sobem alegremente em cima da mãe, antes de ficarem paralisadas também, ao verem Seth parado sobre elas.

Elas esperam e observam, parecendo prontas para correr, prontas para reagir a seja lá o que for que Seth faça em seguida. Seth também se pergunta qual o próximo passo a dar. Ele se pergunta também sobre as caras marrom-avermelhadas e sobre os olhos brilhantes estáticos das criaturas. Ele se pergunta o que elas significam.

Passa um longo tempo até ele se afastar do buraco, mas a raposa e os filhotinhos nunca param de encará-lo, mesmo enquanto ele volta para a rua.

Raposas, ele pensa. *Raposas de verdade*.

No exato momento em que pensara nelas.

Quase como se ele as tivesse criado para materializar seu próprio pensamento.

Ele segue apressado em direção à High Street, a cabeça baixa, os olhos indo de um lado para o outro ainda mais desconfiados. A cada momento ele espera que algo salte de dentro dos arbustos, de dentro dos gramados malcuidados ou das rachaduras cheias de mato no chão.

Mas nada aparece.

Sente-se ficando cansado de novo, rapidamente, rápido demais, e, quando chega ao calçadão da High Street, quase desmaia em um banco próximo, ofegante pelo esforço de ter subido uma pequena colina.

Isso o deixa nervoso. Ele passara três anos no time de corrida da Boswell High, o hobby e o hábito de correr vindo da mãe, algo que deveria tê-los aproximado, mas, por alguma razão, não tinha. Tudo bem, ele não era particularmente um corredor assíduo, Boswell sempre apanhava muito, mas mesmo assim. Não tem motivo para estar sem fôlego só por ter subido uma rua ridícula.

Ele olha ao redor. A High Street é na verdade apenas uma praça comprida e estreita, bloqueada em cada ponta por postes de metal. Sua mãe fazia compras aqui com ele e Owen quando cada centímetro era coberto por barraquinhas vendendo amêndoas açucaradas e pipoca; velas artesanais e pulseiras que supostamente curavam artrite; relógios étnicos e pinturas que até mesmo uma criança pequena como Owen acharia muito feias.

Não há nada aqui agora. É um espaço vasto e vazio, com a já conhecida proliferação de ervas daninhas e prédios de aparência abandonada perfilados dos dois lados, como em qualquer rua.

Seth espera um momento antes de se levantar do banco.

Ele não criou a raposa. Não mesmo. Ela apenas estava escondida entre as plantas, e ele a viu, isso foi tudo. Ele pensara em muitas coisas desde que chegara ali, em seus pais e Owen, Gudmund e H, e Monica, até mesmo em seu tio, quando vira a pintura sobre a lareira, e nenhuma delas aparecera de repente.

Havia plantas selvagens, e aqui parecia, para todos os efeitos, ser a

Inglaterra, então, por que não haveria raposas? Raposas eram inglesas. Ele se lembra de vê-las sempre quando vivia aqui, descendo pelas ruas com seu estranho ar adulto de desaparego. Então, é óbvio, haveria raposas. Por que não?

Mas raposas precisam comer. Os olhos de Seth repousam sobre as árvores que crescem das caixas de cimento da High Street, procurando passarinhos, talvez, ou esquilos e ratos. Eles têm de estar ali. Se uma raposa estava ali, tem que haver mais animais, mais *alguma coisa*.

Não há? Se ele não tinha realmente criado...

— Ei — diz ele, interrompendo essa linha de pensamento, mas sentindo-se descontente.

— Ei! — repete, sem muita certeza de por que está dizendo, querendo falar mais uma vez.

E, desta vez, mais alto.

— Ei! — ele diz, levantando-se. — *Ei!*

Ele grita mais uma vez e mais outra, os punhos cerrados, a garganta raspando pelo esforço. Continua gritando até ficar rouco, até a voz sumir de verdade.

É só neste momento que percebe que seu rosto está todo molhado de lágrimas.

— Ei! — ele diz, agora sussurrando.

Ninguém responde.

Nem um passarinho, nem um esquilo, nem a raposa, nem seus filhotes.

Ninguém responde de canto nenhum.

Está sozinho.

Ele engole para aliviar a dor na garganta e sai para ver o que consegue encontrar.



As lojas ao longo da High Street estão todas trancadas. O sol está mais brilhante agora, e Seth precisa cobrir os olhos encostados nas janelas para conseguir ver lá dentro. Algumas — a loja de rosquinhas, a Subway Sandwich, uma chamada Topshop — parecem ter sido abandonadas, apenas cabides vazios e prateleiras peladas, caixas de pacotes espalhadas pelo chão, manequins nus enfileirados contra a parede.

Mas nem todas estão vazias. A loja de caridade parece cheia, caso um dia ele precise de um jogo de chá ou de um monte de livros mofados de capa dura, assim como um lugar que parece vender apenas vestidos de casamento, mas ele não consegue achar aquilo uma opção prática para vestir, nem mesmo no inferno.

E então seu coração dispara ao olhar pela vitrine da loja de acessórios para atividades ao ar livre ao lado.

— Não pode ser — ele diz. — De jeito *nenhum*.

Lá dentro, consegue ver mochilas e acessórios de acampamento e sabe-se lá o que mais possa ser absurdamente útil.

Suspeitosamente útil, ele pensa por um momento, mas deixa esse pensamento de lado também. Havia lojas para atividades ao ar livre pelo mundo todo. Elas simplesmente existiam, e por que não aqui?

A porta de vidro está trancada e ele vasculha ao redor procurando alguma coisa que possa usar para quebrá-la, encontrando tijolos soltos em um dos canteiros de árvores. Ele pega um, mas, mesmo nesse lugar absolutamente vazio, o sentido de proibição daquilo que está prestes a fazer é tão forte que tudo o que faz é atirar o tijolo para cima e para baixo nas mãos algumas vezes. Ele jogara beisebol e basquete nas aulas de educação física, o primeiro quase matando-o de tão chato, o segundo sendo quase divertido, meio que só uma coisa de gritar e correr, e que as outras pessoas levavam tão a sério que ele não precisava se envolver muito. Mas sabe que ao menos consegue atirar algo, mesmo que não tenha particularmente muito jeito ou que não

seja especialmente longe.

Mesmo assim. Um tijolo pela porta de uma loja.

Ele olha ao redor novamente, e, mais uma vez, está sozinho.

— Aqui não há regras — ele murmura.

Ele dá um passo para trás e atira o tijolo o mais forte que consegue.

O som de estilhaço é alto o bastante para acabar com o mundo. Seth abaixa a cabeça instintivamente, pronto para inventar desculpas de que não foi ele, de que foi um acidente...

Mas, claro, não há ninguém.

— Idiota — ele diz, sorrindo, agora envergonhado. Fica em pé novamente, a sensação de ter *feito* algo, qualquer coisa, fazendo-o sentir-se um pouco orgulhoso diante da porta agora aberta.

De onde uma onda de escuridão cega lhe atinge a cabeça a uma velocidade gritante. Ele cai no chão, protegendo a cabeça com as mãos, gritando em indescritível terror...

E, tão rápido quanto veio, tudo passou, o mundo em silêncio novamente, exceto por sua respiração ofegante.

Levanta os olhos e vê a mancha negra se juntar em uma bola aterrorizante enquanto desaparece por cima do teto da livraria fechada.

Morcegos.

Morcegos.

Ele ri de si mesmo antes de se levantar, chutando o vidro quebrado que ainda resta na porta, agachando-se para abrir caminho e entrar.

É uma caverna de tesouros.

Ele pega uma mochila do mostruário. Ao lado dela encontra uma parede cheia de lanternas, o que, a princípio, o deixa animado, mas não há pilhas em nenhum lugar. De qualquer maneira, pega uma grande, comprida e pesada o suficiente para se parecer com uma arma, mesmo nunca produzindo luz. Também encontra uma pilha de rações ao lado; coisa de aparência horrível, caçarola seca congelada, sopa com legumes secos estufados, esse tipo de coisa, mas é melhor do que nada, e também encontra uma pequena pilha de fogareiros de acampamento, de butano, para cozinhar aquilo tudo, com a esperança de que não explodirão em suas mãos na primeira vez que tentar usar um.

A loja parece mais bem fechada do que sua casa, e há menos poeira

coabrindo tudo. Uma fileira de kits de primeiros socorros está praticamente limpa, e ele enfia um dentro da mochila, então para. Pega outro kit e o abre. Dentro há o de sempre: curativos, algodão embebido em álcool, mas lá, bem no fundo, encontra um pacote escrito “fita condutora”. Abre o pacote com os dentes. Um maço de bandagens cai no chão.

Ele não precisa nem mesmo pegá-la para ver que o lado de dentro está coberto de papel alumínio.

Lê o pacote vazio de novo, mas “fita condutora” é tudo o que ele diz, junto com algumas instruções ilustradas sobre como grudá-la na pele. Nada a dizer para que serve ou por que alguém a usaria ou por que raios alguém enrolaria tantas dela em volta do corpo.

— Fita condutora — ele diz.

Como se fosse tão óbvio que não *precisasse* de uma explicação.

Ele a deixa ali caída no chão, sem querer pegá-la de novo, e vai em direção às araras de roupas no fundo da loja.

Estão tão cheias que ele chega a rir alto. Tem até roupas de baixo. Tudo bem que têm isolante térmico, então provavelmente serão um pouco quentes para o verão, mas ele se livra da calça de moletom horrorosa e veste uma daquelas antes de pensar em se importar com aquilo. A limpeza fresca delas é tão boa que ele quase precisa se sentar.

O restante das roupas parece ser principalmente para montanhismo e escalada, mas há camisetas e shorts e uma jaqueta cara para ser usada em qualquer clima, que ele pega. Troca a velha calça de moletom pelo que é, essencialmente, uma calça de moletom mais cara, mas pelo menos essa não o faz parecer um andarilho. Também há mais tipos de meias do que ele consegue imaginar.

Leva um tempo para encontrar sapatos que sirvam, tendo que abrir caminho por entre um monte de excremento de morcego cheirando a amônia para conseguir entrar no depósito e achar um par do seu tamanho. Mas, rapidamente, está todo equipado. Pega tudo e volta na direção do sol.

Onde fica imediatamente ensopado de suor, pois está quente demais para usar roupas tão pesadas.

Por um momento, porém, ele nem liga. Apenas fecha os olhos contra o sol e absorve tudo. Ele não está nu, não está envolto em bandagens sujas e não está completamente nojento de poeira. Está vestindo roupas limpas, sapatos novos e, pela primeira vez desde que morreu, sente-se quase humano.



O supermercado no topo da High Street é mais fundo e mais escuro do que o restante das lojas, mas, pelo vidro da frente, Seth acha que ainda consegue ver prateleiras cheias de *alguma coisa*. Muda a mochila de lado e percebe, estupidamente, que a lotou com roupas e outros suprimentos. Não sobrou nenhum lugar para comida. Coloca a mochila no chão e começa a tirar de dentro coisas pelas quais pode voltar mais tarde, mas então algo encostado na parede lhe chama a atenção.

Aquilo servirá.

Leva quase quinze minutos para separar um carrinho de compras enferrujado da fila petrificada, mas uma hora o carrinho se solta, e as rodinhas até giram se ele as forçar um pouco mais.

Fica mais fácil atirar um tijolo da segunda vez, ainda que, uma vez lá dentro, a loja seja muito mais escura do que ele imaginou. O teto é baixo, e os corredores bloqueiam qualquer visão do que possa estar escondido em suas profundezas. Pensa de novo nos morcegos. E se houver algo ali maior do que uma raposa? Há grandes predadores na Inglaterra? Onde morava, nos Estados Unidos, havia leões da montanha e ursos na floresta, mas ele não era capaz de se lembrar de uma única coisa perigosa que alguém tenha mencionado sobre morar na Inglaterra.

Ele escuta o silêncio.

Nada. Nada além de sua respiração. Nenhum zumbido de eletricidade, nenhum som de coisas farfalhando. Apesar de, ele imagina, o arrombamento das portas ter sido capaz de ter silenciado qualquer coisa ali dentro.

Ele espera. Mesmo assim não há nada.

Começa a empurrar o maldito carrinho pelos corredores.

A seção de alimentos está completamente vazia. As gôndolas estão vazias, só com algumas cascas murchas de algumas frutas e legumes

irreconhecíveis no fundo, e, à medida que vai de um corredor ao outro, suas esperanças começam a afundar um pouco. As prateleiras têm coisas nelas, mas acabaram do mesmo jeito que as coisas nos armários da cozinha. Velhas caixas empoeiradas que se desfazem ao toque, vasilhas do que um dia foi molho de tomate e agora pretejou por dentro, uma seção de bandejas de ovos que foi obviamente feita em pedaços por um animal faminto.

Então ele vira uma esquina e lá há boas notícias. Pilhas, muitas delas. Várias estão corroídas, mas algumas estão boas. Leva apenas algumas tentativas até que sua enorme lanterna esteja funcionando.

Farolete, pensa, iluminando um longo corredor escuro, vendo sacos de farinha espalhados pelo chão. *Os ingleses chamam isso de farolete.*

Ele equilibra a lanterna no carrinho de compras e dá uma olhada no restante do supermercado, encontrando um pouco de água engarrafada, mas não muito mais do que isso. Depois, se dá conta de que não haverá nada muito útil em lugar nenhum — nem os pedaços de pão reduzidos a nada dentro dos papéis de embrulho, nem as geladeiras de congelados desligadas, cheias de mofo escuro que cheira a azeitona rançosa, nem o pacote de biscoitos e as bolachas de água e sal que não passam de pó —, nada exceto os dois corredores com a maioria das latas.

Mais uma vez, muitas delas estão enferrujadas além do ponto de uso ou tão infestadas de bactérias que Seth quase consegue ouvi-las crescendo lá dentro, porém, mexendo a lanterna para cima e para baixo nas prateleiras, ele encontra uma boa quantidade que parece normal, apesar de empoeirada. Enche o carrinho com sopas e macarrão, com milho e ervilhas e até mesmo, ele se encanta ao encontrar, pudim de ovos. De fato, há tantas latas que ele teria que fazer várias viagens até ali para conseguir usar tudo.

Assim, aquilo é o suficiente para alimentá-lo. Durante um tempo.

Seja lá quanto tempo ele vá ficar aqui.

A escuridão e o silêncio do supermercado, mesmo com a lanterna confortavelmente em sua mão, de repente parecem demais. Opressivos demais, pesados demais.

— Pare já com isso — ele diz a si mesmo. — Vai ficar louco se pensar assim.

Então empurra o carrinho com o peso do corpo e volta para a luz do dia.

Ele está ficando cansado de novo, pode sentir, e a fome agora é uma coisa real, quase tão ruim quanto a sede de ontem. Nota um pouco de

verde perto da esquina do mercado e se lembra do parquinho dali, descendo a colina até um pequeno vale com fontes e passeios.

Empurra o carrinho de compras, resmungando pelo esforço, até chegar ao topo do parque. Tudo está crescido como uma floresta, como esperado, mas o formato básico ainda está lá. Tem até mesmo uma pequena caixa de areia ali perto. É praticamente o único lugar aqui sem mato.

— Isso vai servir — ele diz, e deixa a mochila cair a seus pés.

Ele segue as instruções do fogareiro e, cinco minutos depois, há butano suficiente na pequena caixa de metal para aquecer uma lata de espaguete que ele abriu com um abridor de lata bem menos enferrujado que ele também pegou na loja. Só quando o espaguete está fervendo é que se dá conta de que não pegou facas ou garfos. Ele desliga o fogão e não tem outra opção a não ser esperar que o espaguete esfrie.

Tira uma garrafa de água do carrinho e a segura contra o sol. A água parece limpa, pelo menos mais clara do que a água de sua torneira, porém, mesmo o selo não tendo sido quebrado, a água ainda assim está metade evaporada. Ele abre a garrafa, que solta um leve assovio. O cheiro está bom, então toma um gole e olha para o parque lá embaixo.

É tudo familiar, sim, apesar da floresta, mas o que significa familiar?, ele se pergunta. Este lugar parece uma versão de sua casa de infância parada no tempo, mas isso não quer dizer que seja, na verdade, o mesmo lugar.

Dá a impressão de ser real. Certamente ao toque, e definitivamente ao cheiro. Mas é também um mundo que apenas parece tê-lo dentro dele, então, o quanto dele real pode ser? Se essa é apenas uma velha lembrança empoeirada na qual ele está preso, talvez não seja nem mesmo um lugar, talvez seja apenas o que acontece quando seus minutos finais de morte passam a ser uma eternidade. O lugar da pior época de sua vida, congelado para sempre, deteriorando-se sem nunca morrer de verdade.

Toma outro gole de água. Seja lá qual for este lugar, eles nunca chegariam tão perto da verdadeira versão do parque. A caixa de areia e uma pequena área de diversões ao lado, o declive da colina evitando que fosse muito divertido. Um grande muro de tijolos ao fundo do principal declive fazia até mesmo os skatistas evitarem o desafio, assim, deve ter sido mais um lugar para os trabalhadores da High Street fazerem uma pausa para fumar.

Mas ainda há o lago lá embaixo, em formato de rim, porém com a

aparência surpreendentemente clara. Teria esperado uma camada de algas por cima, mas, na verdade, o lago parece fresco e convidativo em um dia quente de verão. Há uma pedra no meio que ficava geralmente coberta com patos limpando as penas. Hoje não há nenhum, mas o sol está tão brilhante, o dia tão claro e quente que, de algum modo, se tem a impressão de que os patos podem aterrissar a qualquer momento.

Ele olha para cima, quase acreditando que seus pensamentos possam criá-los. Mas não.

Ele está com calor em suas roupas de escalada quentes demais, e o lago parece tão convidativo que sente um impulso passageiro de pular, dar uma nadada refrescante, ter algo parecido com um banho e simplesmente se permitir boiar, suspenso na água...

Ele para.

Suspenso na água, ele pensa.

O terror daquilo, o *terror* absoluto e horrível que parecia nunca ter fim. O medo era suportável quando se podia ver o fim dele, mas não havia fim à vista naquelas ondas congelantes, naqueles punhos impiedosos de oceano que não davam a mínima por você, que o giravam de cabeça para baixo em um tipo de cegueira insensível, enchendo seus pulmões, esmagando-o contra as rochas...

Ele se vira para colocar a mão onde sua escápula se partiu. Consegue se lembrar da dor daquilo, consegue se lembrar do estalo final do osso se quebrando. Sente-se um pouco enjoado com a lembrança, mesmo que seu ombro aqui, neste lugar, esteja bem.

Então ele se pergunta onde seu corpo está.

Seja lá qual for o mundo que este não é, lá fora, onde ele morreu, onde ele está? Ele se pergunta se já foi levado para a praia. Pergunta-se se ao menos têm a ideia de procurá-lo no mar ou na praia, pois não era para ele estar lá, não era para *ninguém* estar lá nesta época do ano. Inverno congelante na costa cheia de pedras e com mau tempo? Por que alguém estaria *perto* da água, quanto mais *dentro* dela?

Ninguém, a não ser que fosse forçado.

Ninguém, a não ser que alguém o forçasse.

Sente outra pontada no estômago, um desconforto diante da lembrança de seus últimos momentos na praia que o deixa ainda mais enjoado. Roda a tampa de volta na garrafa de água e se obriga a voltar para o espaguete, agora frio o suficiente para comer. Faz uma lambança, virando-o dentro da boca e deixando-o escorregar sobre uma de suas camisetas novas, sem dar muita importância.

Ele se pergunta como seus pais ficaram sabendo. Será que tinha ficado desaparecido muito tempo até seu corpo ser encontrado? Será que tinham ficado surpresos com os policiais batendo à porta, carregando seus quepes embaixo do braço e pedindo permissão para entrar? Ou teriam ficado preocupados com a ausência dele, ficando cada vez mais preocupados com o passar das horas, até que ficara claro que algo de errado acontecera?

Ou, se o tempo lá passasse como aqui — ainda que o verão quente daqui e o inverno congelante de lá coloquem isso em dúvida, e ele não tenha ideia de quanto tempo aquela primeira etapa do purgatório tinha durado —, mesmo assim, ele só podia ter morrido no final do dia antes de ontem, ou mesmo bem cedo ontem de manhã. É possível que eles ainda nem tenham notado. Seus pais devem achar que ele está na casa de um amigo passando o fim de semana, e, entre as lições de clarineta de Owen, as corridas da mãe e a decisão do pai de começar a reformar o banheiro, eles poderiam ainda nem ter se apercebido de que ele desaparecera.

Eles nunca prestaram muita atenção nele. Não depois do que aconteceu.

Na verdade, talvez, em segredo, os dois tenham algum tipo de felicidade culpada por não ter sido Owen quem se afogou. Talvez estejam um tanto quanto aliviados por Seth não ser mais uma lembrança ambulante daquele verão antes de terem se mudado. Talvez...

Seth coloca no chão a lata vazia do espaguete e limpa a boca com a manga da camiseta.

Em seguida, limpa os olhos com a outra manga.

Mas, ele pensa, é possível morrer antes de morrer.

Não há ninguém caminhando pelo parque, absolutamente ninguém neste mundo que possa vê-lo sentado na beirada da caixa de areia, contudo ele abaixa a cabeça entre os joelhos e não consegue fazer outra coisa a não ser chorar mais uma vez.



— *Pelo amor de Deus*, olhe só para elas — Monica disse enquanto se deitavam na colina fora do campo de visão do instrutor de cross country, assistindo às líderes de torcida ensaiarem no campo de futebol americano. — Como alguém pode ter os peitos tão duros sem cirurgia?

— É o friozinho do outono — H respondeu, citando ironicamente algo que o Senhor Edson, o professor de inglês, dissera naquela manhã. — Faz tudo ficar mais firme.

Monica deu tapa na testa dele.

— Ai! — H protestou. — Por que fez isso? Foi você quem disse para olhar para elas!

— Não quis dizer você.

Era a segunda semana do último ano do secundário, início de setembro. De comum acordo, eles tinham feito o já conhecido atalho na rota de corrida, escondendo-se quase à vista perto da linha de chegada do treino e dando a si mesmos vinte minutos antes do horário em que deveriam voltar. Surpreendentemente para essa época do ano, o sol estava brilhando em um céu azul-claro, apesar de o vento vindo do mar acrescentar um friozinho extra ao ar.

Dias como esses podiam até ser considerados maravilhosos, Seth pensou.

— O friozinho os deixa duros? — Gudmund perguntou a H, espreguiçando-se na inclinação gramada. — É por isso que você tem uma ereção permanente no outono?

— O ano todo seria mais adequado — Monica murmurou.

— Desde que vocês estejam se prevenindo — Gudmund argumentou.

Monica lhe deu um olhar atravessado.

— Até parece que eu ia ter um bebê dele.

— Ei! — H rebateu. — Isso não é legal.

— Lá vão eles de novo — Seth falou.

Todos olharam novamente para o campo, e, obviamente, os terrores loiros e morenos de Boswell High estavam de volta ao ensaio. Mas aquilo não era justo, Seth pensou. A maioria delas era, na verdade, bem legal. Eles todos viram, porém, quando, Chiara Leithauser, uma das menos agradáveis, debandou do grupo e começou a voltar ao prédio principal da escola.

— Aonde ela está indo? — Gudmund perguntou.

— Esqueceu de bater a punheta pós-almoço no diretor Marshall — H comentou, dando risada.

— Ah, por favor — Monica respondeu. — A Chiara leva a sério essa coisa da castidade. Não deixa o Blake Woodrow colocar a mão nem no sutiã dela.

Gudmund deu de ombros.

— Bom para ela.

Monica riu, mas, quando ele não respondeu, ela analisou o rosto dele bem de perto.

— Você realmente acha isso, não é?

Gudmund deu de ombros de novo.

— Pelo menos ela tem princípios. O que há de errado nisso? Alguém tem que contrabalancear todos nós, tipos amorais.

— Isso é o que podemos dizer ao treinador Goodall quando ele nos pegar — Seth disse quando olharam para o treinador de cross country no meio do campo, olhando irritado para o relógio, perguntando-se por que seus corredores do último ano estavam tão atrasados logo para a primeira corrida longa.

— Não há nada de errado em alguém ter princípios — Monica concordou. — Mas há algo de errado em usá-los para encher o saco de todo mundo.

— São só as opiniões dela — Gudmund disse. — Não precisa se incomodar com isso.

A boca de Monica se abriu para responder, e então caiu ainda mais em espanto divertido.

— Você gosta dela.

Gudmund fez uma cara ostensivamente inocente.

— Gosta mesmo! — Monica quase gritou. — Meu Deus, Gudmund, isso é como estar apaixonado por um guarda de campo de concentração!

— Não estou dizendo que gosto dela, não seja ridícula — Gudmund respondeu. — Só estou dizendo que poderia pegá-la.

Seth olhou para ele.

— Pegá-la? — H perguntou. — Você quer dizer... — e fez um movimento de vaivém com os quadris que causou um silêncio horrorizado. — O quê? — ele refutou quando todos o encararam.

Monica balançou a cabeça.

— Nem em um milhão de anos. É como se ela tivesse um estoque limitado de divertimento na vida, e não vai desperdiçar nada na escola secundária.

— Essas são as mais fáceis de pegar — Gudmund comentou. — Todo o moral delas está bem lá em cima. Basta um empurrãozinho e tudo vem por água abaixo.

Monica balançou a cabeça de novo, sorrindo para ele, como ela sempre fazia.

— Quanta merda você fala.

— Sabe o que deveríamos fazer? — H perguntou, repentinamente entusiasmado. — Deveríamos fazer uma aposta, que tal? Apostar que o Gudmund tem que dormir com a Chiara Leithauser até o recesso de primavera ou algo parecido? Porque você com certeza consegue, cara. Mostre a ela onde vivem os monstros.

— Vindo de alguém que nem mesmo consegue encontrar o mapa dos monstros — Monica respondeu.

— Ei! — H disse a ela, a voz aflita. — O que eu te falei sobre contar nossas coisas para eles?

Monica bufou e virou as costas.

— O que você acha, Sethy? — Gudmund perguntou, tentando evitar que o momento se transformasse em uma briga. — Acha que eu devo aceitar a aposta? Ir atrás da Chiara Leithauser?

— O quê? — Seth respondeu. — E depois descobrir secretamente que ela tem um coração de ouro e se apaixonar por ela de verdade e então ela terminar tudo ao descobrir sobre a aposta, mas você se redimir ficando do lado de fora da casa dela na chuva, tocando a música especial de vocês, e na noite do baile de formatura dançarem de um jeito que faz lembrar não só a escola, mas todo mundo ferido, o que o amor realmente significa?

Parou porque todos estavam olhando para ele.

— Nossa, Seth! — Monica disse, com admiração. — “Todo mundo ferido.” Vou colocar isso na minha próxima redação para o Edson.

Seth cruzou os braços.

— Só estou dizendo que uma aposta para o Gudmund fazer sexo com a Chiara Leithauser parece um pedaço de um filme adolescente porcaria ao qual nenhum de nós assistiria nem em um milhão de anos.

— Palavras mais sábias jamais foram ditas — Gudmund respondeu, levantando-se da cama. — Ela não me merece, de qualquer forma.

— Você está certo — Monica concordou. — Sair com o cara mais bonito, mais rico e mais popular da escola deve ser punição suficiente.

H fez um som de desdém.

— O Blake Woodrow não é tão bonito assim.

Todos o encararam novamente.

— Estou de saco cheio de vocês fazerem isso! — ele reclamou. — Nem tudo o que eu digo é idiota. O Blake Woodrow tem um corte de cabelo feminino e a testa de um homem das cavernas.

Houve outra pausa antes de Monica assentir.

— Tá, ok. Nisso tenho que concordar com você.

— E o Gudmund poderia pegá-la, se quisesse — H disse, levantando-se para se juntar ao restante do grupo.

— Obrigado, cara — Gudmund agradeceu. — Vindo de você, é quase um elogio.

— Mas você não vai nem tentar? — H disse, esperançoso.

Monica deu outro tapa nele.

— Já deu. Posso até odiá-la, mas ela não é uma prostituta. Parem de falar dela como se fosse alguém que vocês simplesmente pudessem tirar da prateleira. — Ela olhou para Gudmund. — Você também.

— Não estava falando sério, sua feminista — Gudmund refutou, sorridente. — Só disse que seria possível. Se eu quisesse.

Monica mostrou a língua para ele antes de atravessar o campo e voltar para a pista, H nos calcanhares dela, ambos tentando aparentar que estiveram correndo na última meia hora.

Gudmund olha de relance para Seth, que o observava seriamente.

— Você não acha que eu conseguiria?

— A Monica ficaria com tanto ciúme que provavelmente engasgaria até morrer — Seth disse quando começaram a correr atravessando o campo também.

Gudmund balançou a cabeça.

— Nah, a Monica e eu somos como irmão e irmã.

— Você flerta tanto assim com a sua irmã? Ela quer tanto você que parece que está com dor de dente permanente.

— Meu Deus, tem certeza de que é ela a ciumenta, Sethy? — Gudmund deu um soco de brincadeira no ombro de Seth. — Homo — ele disse.

Mas disse com um sorrisinho.

Eles correram na direção do treinador Goodall, que agora gritava e...



Seth ergue a cabeça num movimento brusco.

O mundo continua o mesmo. O sol continua no mesmo lugar. O parque continua selvagem embaixo dele. Nem mesmo parece que ele pegou no sono.

Ele geme. Será que elas aparecerão toda vez que fechar os olhos? Todas as coisas que foram mais dolorosas de maneiras diferentes, ou por serem muito ruins ou muito boas?

Inferno, ele lembra a si mesmo. Isto aqui é o inferno. Qual a razão para *não ser* uma porcaria?

Ele junta suas coisas e empurra o carrinho de volta em direção à High Street, começando a se sentir cansado de novo.

— Isto é ridículo — ele diz, suando profusamente sob as roupas térmicas, a mochila nos ombros e o peso das latinhas no carrinho. Perto das portas do supermercado, troca a camiseta suja de espaguete por uma limpa, depois descarrega metade das latinhas no chão para voltar e pegá-las mais tarde.

Limpa o suor da sobancelha e toma outro gole de água. Nada se mexeu na High Street.

O vidro através do qual ele invadiu a loja de artigos para esportes ao ar livre ainda está lá, cintilando no sol. Os morcegos voaram para Deus sabe onde. É tudo mato e silêncio.

Muito, muito, muito silêncio.

Tem a sensação de novo. Uma estranheza. Uma ameaça. Alguma coisa não está certa com este lugar, além de tudo o que está obviamente errado.

Ele pensa de novo no presídio. Está lá, escondido, como se estivesse esperando por ele. Uma coisa enorme e pesada, quase como se tivesse sua própria força da gravidade, quase como se o estivesse puxando para...

Talvez leve a comida de volta para a casa agora.

É, talvez seja isso que fará.

Fica cada vez mais cansado ao empurrar o carrinho de volta, descendo a rua principal, incredivelmente cansado, como se estivesse se recuperando de uma doença grave. Quando chega ao córrego — a raposa e os filhotes desaparecidos há tempos —, sente como se tivesse corrido uma maratona e precisa parar para tomar mais água.

Vira na sua própria rua. O carrinho fica mais pesado à medida que se aproxima do caminho em frente à casa, e, por mais que sinta que não deve deixá-lo na calçada, está muito cansado para levar tudo para dentro agora. Pega a mochila, a lanterna e algumas latas de comida e entra na casa.

A porta se escancara de novo sob o toque dele, e ele segura a lanterna, não muito pronto para atirá-la caso encontre alguém que precise ser abatido. O corredor ainda está sombrio, e a luz da lanterna o guia no caminho para dentro. Assim que vai em direção ao corredor, acha que é melhor só esquentar um pouco de pudim, se ainda estiver bom nessas latas. Ele não come pudim desde...

Ele congela.

A lanterna ilumina os degraus da escada. É a primeira vez que olha direito para eles, a primeira vez que uma luz de verdade os ilumina e ele vê...

Pegadas.

Na poeira, descendo os degraus.

Ele não está sozinho. Há alguém mais ali.

Ele recua tão rápido que sua mochila esbarra na porta, fechando-a atrás dele, e, por um momento, sente pânico por estar trancado lá dentro com seja lá quem for. Mexe para lá e para cá e abre a porta, correndo pelos degraus da frente, derrubando as latas de pudim, olhando para trás para fugir de quem quer que esteja lá...

Ele para perto do carrinho de compras, ofegando pesadamente, segurando a lanterna como se fosse um tacape, tremendo, cheio de adrenalina, pronto para lutar.

Mas não há ninguém.

Ninguém vem correndo atrás dele. Ninguém o ataca. Nenhum som sai de dentro da casa.

— Ei! — ele grita. — Eu sei que você está aí dentro! — Ele agarra a

lanterna de novo. — Quem está aí? Quem é?

E, de novo, nada.

Bem, claro, não há nada. E, mesmo que houvesse alguém, por que se identificaria?

Seth olha de um lado para o outro da rua, o coração disparado, perguntando-se o que fazer. Todas as casas com varandas, com as portas fechadas e as cortinas baixadas. Talvez *cada uma* das casas esteja escondendo alguém. Talvez esse lugar não esteja vazio, no final das contas. Talvez apenas estivesse esperando que ele...

Ele para. Esperando-o fazer *o quê?*

Essa rua, essas casas. Não seria possível haver um mundo com pessoas vivendo nele e ter toda essa calma. É simplesmente impossível. Não há outras pegadas no chão, nem plantas quebradas, nem caminhos abertos. As pessoas tinham que sair, e, se não saíssem, as coisas teriam que ser entregues a elas.

E ninguém, exceto Seth, passava por essa rua fazia muito tempo.

Olha de volta para sua porta da frente, ainda aberta no ponto em que ele fugiu.

Ele espera. E espera.

Nada muda. Nenhum som, nenhum movimento, nem mesmo um animal. Apenas o céu azul brilhante e muita luz do sol para ridicularizar o medo dele. Pouco depois ele começa a se acalmar. Tudo aquilo foi verdade e ainda é verdade. Mesmo nesses um ou dois (ou sabe-se lá quantos) dias aqui, não viu nada, nada que indicasse mais alguém.

Pelo menos ainda não.

Mas ele ainda espera.

Até que, finalmente, a adrenalina começa a baixar e o cansaço volta. Ele precisa se deitar, isso é tudo. Também precisa comer. Precisa superar esse cansaço que está tornando tudo tão difícil.

E a verdade final de tudo isso é: aonde mais ele irá?

Mantendo a lanterna à sua frente, arrasta os pés lentamente pelo caminho frontal e sobe os degraus até a porta. Para ali, focando a luz brilhante da lanterna na escada. Agora que está olhando, consegue ver claramente as pegadas, descendo do andar de cima, alguns lugares com uma marca nítida, outros com a poeira borrada como se a pessoa estivesse tropeçando escadaria abaixo.

Para baixo, mas não de volta para cima. As pegadas estavam em

uma direção só.

— Olá? — ele chama de novo, desta vez com mais vontade.

Esgueira-se cautelosamente em direção à porta que dá para a sala principal. O coração batendo forte, ele faz a curva, pronto para atacar alguém com a lanterna.

Mas não há ninguém ali. Nada foi alterado além do que ele próprio mexeu, nem na sala de estar nem na de jantar, nada se moveu dentro do quartinho, tudo na cozinha está exatamente como ele deixou. Ele chega até mesmo a olhar nos fundos, mas tudo também está na mesma, as bandagens com os lados metalizados ainda amontoadas, imóveis.

Então as pegadas poderiam estar ali sabe-se lá há quanto tempo, ele pensa, relaxando um pouco. Poderiam estar ali desde antes de ele...

Ele para.

Tropeçando escadaria abaixo, ele pensa, as palavras repentinamente fazendo um pouco de sentido.

Volta e fica em pé sobe o último degrau de baixo. Está olhando para as pegadas de pés, pés descalços, não sapatos.

Tira os tênis e arranca as meias novas. Coloca o pé na pegada mais baixa e empoeirada.

Eles se encaixam. Perfeitamente.

Olha, pela primeira vez, para o andar de cima. Havia alguma coisa com relação à ideia de ir até lá que o deixava com a pulga atrás da orelha desde que chegara. Aquele quarto abafado no mezanino, que dividia com Owen quando eram pequenos. Aquelas noites que passara ali, sozinho, imaginando se algum dia trariam Owen de volta, e depois se perguntando se ele sobreviveria quando o trouxessem.

Mas ele já esteve lá em cima, aparentemente.

Acordara no caminho de cimento do lado de fora, e a razão era obviamente porque tinha tropeçado escada abaixo, naqueles momentos horríveis e confusos depois de ter morrido. Ele viera pelo corredor, saíra à luz do sol e desmaiara no caminho.

Onde ele havia acordado.

No entanto, claramente, não era a primeira vez.

Ele ilumina a escadaria, mas não vê muita coisa depois da porta do banheiro na ponta do patamar, bem fechada. O banheiro fica em cima da cozinha, e a plataforma se afasta um pouco dela, mais perto do escritório e do quarto dos pais em cima de sua cabeça, e o mezanino

um andar acima.

O que ele estava fazendo lá em cima?

E por que saiu correndo de lá?

Ele tira a mochila das costas, jogando-a no chão, e em seguida coloca o pé no degrau de baixo, evitando a pegada. Sobe um degrau. E mais um. Segurando a lanterna à sua frente, ele chega à porta do banheiro. Há uma fresta de luz embaixo dela, então ele a abre, espalhando a luz do sol vinda da janela do banheiro pelo patamar.

O chão do banheiro é o mesmo linóleo cor de vinho terrível que sua mãe sempre detestara, mas o qual seu pai nunca conseguira trocar. Não há pegadas sobre a poeira, nada foi mexido aqui. Deixa a porta aberta para entrar luz e volta para o patamar. Através do qual as pegadas descalças e borradas estão vindo em sua direção.

Ele toma cuidado, sem saber exatamente por quê, evitando pisar nas pegadas à medida que atravessa o patamar. O escritório vem primeiro, à sua direita, e ele olha lá dentro. Está exatamente como se lembra dele, até o antigo armário de arquivos que sua mãe se recusara a despachar para a América e um computador fora de moda divertidamente grandalhão. Ele mexe no interruptor de luz sem muita esperança ou sucesso, mas, assim como no banheiro, nada no escritório foi mexido.

Também não há pegadas vindas do quarto de seus pais, mas Seth abre a porta mesmo assim. Lá dentro, a cama está arrumada, o chão está limpo, as portas do armário estão bem fechadas. Seth vai até as cortinas e olha para a calçada da frente. O carrinho de compras ainda está lá, imóvel, imperturbável.

Ele volta para a plataforma e confirma aquilo de que suspeitou o tempo todo. Suas pegadas vêm do andar de cima, do mezanino onde ficava seu quarto.

E não voltam para cima.

Seja lá como foi que isso começou, começou lá em cima.

Ele ilumina o segundo lance de escadas. Há apenas uma pequena plataforma no topo, uma vez que a casa se afunila na ponta do telhado. A porta para o quarto do mezanino está lá.

Aberta.

Seth consegue ver uma luz fraca atravessando-a, sem dúvida vinda da luz da claraboia que servia como única janela do quarto.

— Olá? — ele diz.

Começa a subir para o segundo andar, a lanterna ainda à sua frente. Pode sentir-se respirando mais forte. Mantém os olhos na porta enquanto sobe, parando no último degrau. O suor das palmas das mãos está deixando a lanterna escorregadia.

Que droga!, ele pensa. Do que eu tenho tanto medo?

Respira fundo mais uma vez, levanta a lanterna até ela ficar praticamente sobre sua cabeça e atravessa a porta com um passo largo, entra no quarto, pronto para lutar, pronto para alguém lutar com ele...

Mas não há ninguém ali. De novo.

É só o seu antigo quarto.

Com uma grande diferença.

Há um caixão bem no meio do piso.

Aberto.



Todo o restante continua o mesmo.

O papel de parede de lua crescente ainda está nas paredes, a mancha de água ainda se espalhando por baixo dele, sob a claraboia no teto inclinado. Ele imagina poder ver o rosto formado ali, com o qual sempre assustava Owen, dizendo a ele que, se não pegasse no sono em um minuto, o rosto viria comê-lo vivo.

As camas deles também estão lá, inacreditavelmente pequenas, encostadas nas duas pontas, a de Owen não mais do que um berço, na verdade. Há a prateleira com todos os livros deles, já muito manuseados, mas, ainda assim, adorados. Embaixo dela está a caixa de brinquedos, lotada de bonecos de ação e carrinhos e pistolas de raios que não atiravam muita coisa além de barulho, e em cima da cama de Owen há uma variedade de bonecos de pelúcia — elefantes, a maioria, eles eram os bichos favoritos dele —, e Seth sabe que cada um deles está do outro lado do oceano no quarto do irmão.

Ocupando o meio do cômodo, sobre o chão no espaço entre as camas, está o longo caixão preto, a tampa aberta como uma concha gigante.



A persiana está abaixada sobre a claraboia, deixando uma penumbra aqui, mas Seth não quer passar pelo caixão para erguê-la.

Leva um momento para se lembrar de que a lanterna pode ser usada de outras formas, e não só como arma. Ele ilumina o caixão. Tenta se lembrar se já vira um na vida real. Ele nunca estivera em um funeral, nem mesmo no nono ano, quando Tammy Fernandez tivera um ataque de epilepsia na escola. Quase todo mundo fora àquele, mas os pais de Seth não se deixaram convencer pela viagem de ida e volta a Seattle. “Você nem a conhecia”, a mãe lhe dissera, e estava decidido.

Este caixão, porém, está decididamente brilhando para ele, e não

como a madeira polida faria. Reflete a luz quase como o capô de um carro bem caro. Na verdade, *exatamente* como o capô de um carro bem caro. Parece até ser feito do mesmo tipo de metal preto. Os cantos também são arredondados. A curiosidade de Seth toma conta dele, fazendo-o chegar mais perto. O caixão é estranho, mais estranho do que quando ele olhou pela primeira vez. Esguio e de aparência cara, quase futurista, como algo saído de um filme.

Mas é, com certeza, um caixão, uma vez que o interior tem revestimento branco e almofadas e ...

— Puta merda! — Seth diz entredentes.

Cruzando todo o revestimento há tiras de fita metálica.

Elas parecem ter sido rasgadas e retorcidas, como se alguém tivesse sido amarrado e aquela pessoa tivesse lutado e puxado com toda a força até ficar livre.

Livre para tropeçar cegamente escada abaixo antes de desmaiar no caminho de cimento do lado de fora.



Seth fica ali durante muito, muito tempo, sem saber em que pensar.

Um caixão ultramoderno, grande o suficiente para acomodar a versão quase totalmente crescida dele, no entanto, aqui no quarto que ele deixou ainda criança.

Mas não há um caixão para Owen. E nada para seus pais.

Só ele.

— Porque eu fui o único que morreu — ele sussurra.

Coloca a mão sobre a tampa aberta. Está fria, exatamente como ele esperaria que o metal fosse, mas fica surpreso ao encontrar uma fina camada de pó na mão ao retirá-la. O interior, porém, é de um branco resplandecente, mesmo com a luz fraca da janela coberta pela persiana. É revestido de almofadas delineadas em ambos os lados, com a vaga silhueta de uma pessoa.

Há bandagens metálicas rasgadas — “fita condutora” — por todo o seu comprimento. E tubos, também, grandes e pequenos, alguns desaparecendo nos lados do caixão, as pontas desgarradas deixando manchas aqui e ali na brancura das almofadas.

Pensa nos machucados pelo seu corpo e em como doeu para urinar.

Será que os tubos estavam ligados *nele*?

Por quê?

Ele se agacha, iluminando a parte de baixo com a lanterna. O caixão está colocado sobre quatro pernas curtas e arredondadas, e, bem no meio dele, um pequeno cano vai diretamente para dentro do chão. Seth toca nele. Parece levemente mais quente do que o restante do caixão, como se, de algum modo, tivesse passado algum tipo de energia lá dentro, mas não tem certeza.

Fica em pé de novo, as mãos nos quadris.

— Fala sério — ele diz em voz alta. — Que *porcaria* é essa?

Ele levanta com raiva a persiana sobre a claraboia. Irritado, olha de novo para a rua lá embaixo.

Para todas as casas enfileiradas.

Todas as casas que parecem tão fechadas quanto esta aqui.

— Não — ele sussurra. — Não pode ser.

No instante seguinte, está correndo escada abaixo tão rápido quanto sua exaustão lhe permite.



Ele lança um gnomo de jardim o mais forte que consegue na janela da frente da casa vizinha. A peça a atravessa com um golpe bem alto. Seth tira do caminho os estilhaços com a lanterna e pula a janela para entrar. Não se lembra de nada sobre as pessoas que moravam aqui quando ele ainda era criança, exceto, talvez, que tinham duas filhas mais velhas. Ou talvez só uma.

De qualquer modo, deveria haver pessoas que morreram.

A sala da frente está tão empoeirada e descuidada quanto a de sua própria casa. A disposição é mais ou menos a mesma, e ele caminha rapidamente até o fundo pela sala de jantar e cozinha, não encontrando nada fora do comum, apenas mais mobília empoeirada.

Sobe as escadas correndo. Há só um patamar nesta casa — os proprietários não se deram ao trabalho de converter o sótão em mezanino —, e Seth está no primeiro dos quartos antes de poder parar para pensar.

É um quarto de menina, provavelmente uma adolescente. Há pôsteres de cantores dos quais Seth tinha ouvido falar nem mesmo vagamente, uma penteadeira com maquiagem organizada, uma cama com uma colcha lavanda e um cachorro de pelúcia obviamente muito amado e muito usado para chorar.

Mas nenhum caixão.

A história é a mesma no quarto de casal, uma versão mais abafada e apertada do quarto de seus pais. Uma cama, uma cômoda, um closet cheio de roupas. Nada que não deveria estar ali.

Usa a lanterna para abrir a porta de acesso para o sótão. Tem de pular algumas vezes para alcançar o degrau mais baixo da escada, mas este finalmente faz um barulho e cai. Ele sobe a escada, iluminando o espaço aberto com a lanterna.

Desvia rapidamente de uma congregação de pombos, que arrulham alarmados e saem em revoada selvagem por um buraco aberto no

teto do fundo. Quando tudo se acalma — e Seth limpa a meleca de pombo das mãos, repentinamente menos feliz ao descobrir que há pássaros ali —, a lanterna e a luz do buraco revelam apenas caixas fechadas e ferramentas quebradas e mais pombos assustados.

Nenhum caixão com alguém dentro.

— Tudo bem — ele diz.

Tenta a casa do outro lado da rua, sem nenhum motivo particular, levando o mesmo gnomo de jardim consigo para arrebentar a janela da frente.

— Jesus! — Seth diz ao pular a janela para entrar.

Está fenomenalmente bagunçada. Jornais empilhados em cada canto, cada espaço vazio atulhado de embalagens de comida, copos de café, livros, manequins e poeira, poeira, poeira. Vai fazendo seu caminho. Cada sala é a mesma coisa. A cozinha parece ser de centenas de anos atrás, e até mesmo a escada tem coisas empilhadas em cada degrau.

Mas os quartos no andar de cima, incluindo o sótão, têm só bagunça dentro deles. Nenhum caixão.

A casa ao lado dessa fora claramente de propriedade de uma família indiana, com tecidos brilhantes coloridos pendurados sobre os móveis e fotografias de um casal de noivos vestindo trajes hindus tradicionais.

Mais nada, independentemente de quantos cômodos ele olhe.

Começa a sentir um desespero pungente quando arremessa o mesmo gnomo na casa ao lado daquela. E na outra ao lado dela.

Cada uma delas empoeirada. Cada uma delas vazia.

Agora está ficando cada vez mais cansado, a exaustão cada vez mais difícil de combater. No que deve ser a décima ou décima segunda casa — ele perdeu a conta —, não consegue mais nem arremessar o gnomo com força suficiente para quebrar a janela. A estátua quica no chão, seus olhos olhando atravessado para ele.

Seth se apoia pesadamente sobre uma cerca branca de madeira. Está sujo de novo, coberto com a poeira de uma dúzia de casas. Uma dúzia de casas vazias. Nem uma única abriga espaço para um caixão embaraçosamente brilhante em nenhum dos cômodos.

Ele quer chorar, em grande parte de frustração, mas se recompõe.

No final das contas, o que ele encontrara? Que coisa nova aprendera?

Nada que não soubesse antes.

Está sozinho.

Seja lá como for que acabou aqui, seja lá de onde tenha vindo aquele caixão ou como fora parar dentro dele, não há nenhum para seu pai, sua mãe ou seu irmão. Não há nenhum em nenhuma casa para cima ou para baixo na rua. Não há sinais de alguém no céu ou nos trilhos do trem ou em qualquer uma das estradas.

Ele está realmente sozinho neste inferno, seja lá o que for isso.

Completa e absolutamente sozinho.

Não é, ele pensa enquanto se arrasta de volta para casa, o sentimento mais desconhecido do mundo.



— *Que merda, Sethy!* — Gudmund disse, a voz mais séria do que Seth jamais ouvira. — *E eles culpam você?*

— *Dizem que não.*

Gudmund rolou na cama e se apoiou em um cotovelo.

— *Mas não é isso o que eles acham.*

Seth balançou os ombros de um jeito brusco que mais ou menos respondia à pergunta.

Gudmund colocou delicadamente a palma da mão na barriga nua de Seth.

— *Isso é horrível* — ele disse. — *Passou a mão sobre o peito de Seth, depois voltou novamente à barriga, continuando um pouco mais para baixo, mas gentil e carinhosamente, ainda sem pedir nada mais, apenas deixando Seth saber, através do toque de sua mão, o quanto ele sentia muito.*

— *Agora é sério* — Gudmund falou — *Que tipo de país constrói um presídio ao lado da casa das pessoas?*

— *Não era bem ao lado da nossa casa* — Seth comentou. — *Havia uma cerca de uns dois quilômetros e muitos guardas até chegar ao presídio de verdade.* — *Ele deu de ombros de novo.* — *Eles têm que ser feitos em algum lugar.*

— *Claro, numa ilha ou no meio de um terreno rochoso. Não onde as pessoas moram.*

— *A Inglaterra é um lugar cheio de gente. Precisam de presídios.*

— *Mesmo assim* — Gudmund refutou, a mão dele de volta à barriga de Seth, o dedo indicador fazendo um lento anel sobre a pele. — *É muito doido.*

Seth deu um tapa na mão dele.

— *Isso faz cócegas.*

Gudmund sorriu e colocou a mão de volta exatamente no mesmo lugar. Seth deixou que ela ficasse ali. Os pais de Gudmund tinham ido viajar de novo no fim de semana, e uma chuva cortante de outubro jorrava do lado de fora, salpicando as janelas e varrendo o teto. Era tarde, duas ou três da manhã. Eles estavam na cama havia quatro horas, conversando, depois sem falar nada, então conversando mais.

As pessoas sabiam que Seth estava dormindo na casa de Gudmund — os pais de Seth, H e Monica —, mas ninguém sabia sobre aquilo. Até onde Seth sabia, ninguém nem mesmo suspeitava de nada. E isso fazia a situação parecer a coisa mais privada que poderia acontecer, como um universo secreto em si mesmo.

Um universo do qual Seth, como em todas as vezes, gostaria de nunca mais sair.

— A questão, é claro — Gudmund disse, puxando preguiçosamente os pelos que desciam a partir do umbigo de Seth —, é se você se culpa.

— Não — Seth respondeu, olhando fixamente para o teto do quarto. — Não, não me culpo.

— Tem certeza?

Seth riu baixinho.

— Não.

— Você era só uma criança. Não tinha que ter encarado aquilo sozinho.

— Eu era grande o bastante para saber que não deveria ter feito.

— Não, não era. Não para ter esse tipo de responsabilidade.

— Sou só eu, Gudmund — Seth disse, olhando nos olhos dele. — Não precisa fingir ser esperto. Não sou um professor.

Gudmund encarou a bronca com graça e beijou Seth levemente no ombro.

— Mas só estou dizendo. Você com certeza era tão estranho e controlado na época quanto é agora, não era?

Seth deu um cutucão zombeteiro com o cotovelo, mas não discordou.

— E então seus pais provavelmente eram felizes por ter essa criancinha esquisita que agia como um adulto — Gudmund continuou. — E sua mãe achou, na maior inocência, verdade seja dita, ela achou que é só um minutinho e é uma emergência, então o nosso pequeno SETH pode tomar conta do nosso pequeno Owen, só por um segundo, enquanto volto correndo para sei lá o quê...

— O banco.

— Tanto faz. O erro foi dela. Não seu. Mas é ruim e pesado demais culpar a si mesma, então ela coloca a culpa em você. Ela provavelmente se odeia por isso, mas mesmo assim. Que desculpa de merda, Sethy. Não acredite nisso.

Seth não disse nada, lembrando-se daquela manhã mais claramente do que gostaria ou do que jamais tentara antes. A mãe tinha falado um palavrão com a voz tão alta quando voltaram para casa que Owen segurara a mão de Seth com medo. Acontece que ela tinha caminhado até em casa sem perceber que deixara mil libras em cima do balcão do banco.

Seth se perguntava agora, na verdade pela primeira vez, para que teria sido aquele dinheiro. Tudo era feito eletronicamente, até mesmo naquela época, cartões e senhas e débitos da conta bancária. O que ela faria com todo aquele dinheiro?

— Volto logo — ela garantira. O banco não era o da High Street, era saindo dela um pouco mais para cima, um banco menor ao qual a mãe nunca os tinha levado antes. — Será no máximo dez minutos. Não mexam em nada e não abram a porta para ninguém.

Ela praticamente corra de volta pelo corredor até a porta da frente, deixando Seth segurando a mão de Owen.

Dez minutos foram e voltaram, e Seth e Owen tinham apenas saído do lugar onde estavam para se sentar no chão ao lado da mesa de jantar.

E fora quando o homem com o estranho macacão azul batera na janela da cozinha.

— Eu o deixei entrar — Seth disse agora. — Ela disse explicitamente que não era para abrir a porta para ninguém, e eu abri.

— Você tinha oito anos.

— Mas eu sabia que não deveria abrir.

— Você tinha oito anos.

Seth não disse nada. Havia mais coisas na história além do fato de ter aberto a porta, mas ele não podia contar essa parte nem mesmo a Gudmund. Conseguia sentir sua garganta endurecer, a dor crescendo dentro do peito. Ele se afastou e virou de lado, estremecendo um pouco diante do esforço do choro, mas tentando não chorar.

Atrás dele, Gudmund não se mexia.

— Preciso te dizer uma coisa, Sethy — ele finalmente disse. — Você está chorando e eu não sei como lidar com isso. — Deslizou os dedos pelo braço de Seth algumas vezes. — Eu realmente não sei o que fazer aqui.

— Tudo bem. — Seth tossiu. — Tudo bem. É bobagem.

— Não é bobagem. É só que... sou meio idiota com relação a essas coisas. Gostaria de não ser.

— Não se preocupe com isso — Seth respondeu. — É só papo de bêbado.

— É — Gudmund falou, concordando apesar de os dois juntos mal terem bebido quatro garrafas de cerveja. — A cerveja.

Ficaram em silêncio por um momento, antes de Gudmund dizer:

— Consigo pensar em algumas coisinhas que talvez façam você se sentir melhor. — Pressionou o corpo contra o de Seth, a barriga contra as costas de Seth, passando os braços em volta da cintura para alcançar as partes de Seth que respondiam com energia.

— Acho que isso vai ajudar — Gudmund disse alegremente no ouvido dele. — Mas, falando sério, por que isso tem que ser um problema? Ele sobreviveu e eles pegaram o cara e o Owen é uma criança legal.

— Mas não é o mesmo — Seth disse. — Tem os problemas neurológicos. Ele está todo... atrapalhado agora.

— Será que dá mesmo para dizer isso de uma criança de quatro anos? Que ele era de um jeito antes e agora está diferente?

— Sim — Seth respondeu. — Sim, dá para dizer.

— Tem certeza, por que...

— Está tudo bem, Gudmund. Não precisa consertar. Só estou te contando, ok? Só isso. Estou apenas contando.

Houve um longo silêncio enquanto ele sentia a respiração de Gudmund em seu ouvido. Podia sentir que ele estava pensando, mancomunando alguma coisa.

— Você nunca contou para ninguém mais, contou? — Gudmund perguntou.

— Não — Seth respondeu. — E para quem mais eu contaria?

Sentiu Gudmund abraçando-o mais apertado em reconhecimento à importância do momento.

— Não é nada que eu possa mudar, certo? — Seth falou. — Mas imagine essa coisa que está sempre sentada lá na sala com você. E todo mundo sabe que está lá, e ninguém nunca vai dizer uma única porcaria de palavra sobre aquilo até que se torne uma nova pessoa na casa, para quem se tenha que arrumar um espaço. E, se é trazida à tona, fingem que não sabem do que você está falando.

— Meus pais descobriram o tipo errado de pornografia no meu tablet no ano passado — Gudmund contou. — Adivinhe quantas vezes eles falaram

sobre isso comigo desde então.

Seth se virou para olhar para ele.

— Não sabia disso. Imagino que tenham ficado loucos da vida.

— Era de imaginar, mas aquilo era só uma fase, não é mesmo? Nada que ir à igreja e fingir que nunca aconteceu não fizesse desaparecer.

— Será que eles não desconfiam sobre minhas vindas aqui o tempo todo?

— Nah! — Gudmund respondeu, sorrindo. — Eles acham que você é boa influência. Eu gosto de falar de suas habilidades atléticas.

Seth riu.

— Então nós dois temos pais pancadas que simplesmente não querem saber de nada — Gudmund falou. — Mas tenho que admitir que os seus são um pouco piores.

— Na verdade, não é nada, bom ou ruim. É assim e pronto.

— É suficiente para te fazer chorar, Sethy — Gudmund disse baixinho. — E isso não pode ser uma coisa boa. — Ele apertou Seth de novo. — Pelo menos, não algo que eu goste de ver.

Seth não disse nada, não achava que podia dizer algo sem que sua voz embargasse naquele exato segundo.

Gudmund deixou o silêncio pairando no ar por um momento, então disse, sorridente:

— No mínimo fez com que vocês se mudassem da Inglaterra. E, se não tivessem se mudado, eu nunca teria conhecido isto aqui!

— Pare de puxar! — Seth disse, rindo. — Sabe muito bem o que é um prepúcio.

— Na teoria — Gudmund respondeu. — Mas pensar que eu já tive uma coisa dessas e alguém teve a coragem de cortá-la sem nem mesmo perguntar...

— Pare com isso — Seth disse, afastando a mão de Gudmund de novo com um tapa, ainda rindo.

— Tem certeza? — Gudmund colocou um braço embaixo de Seth e o puxou de volta para um abraço, aconchegando-se no seu pescoço.

— Espere um pouco — Seth sussurrou de repente.

Gudmund ficou paralisado.

— O que foi?

— Só isso.

— Só isso o quê? — Gudmund disse, ainda paralisado.

Mas como Seth poderia explicar? Só isso o quê?

Só os braços de Gudmund em volta dele, segurando-o ali, segurando-o com força e não deixando que ele fosse a lugar algum. Segurando-o como se aquele fosse o único lugar que pudesse existir.

Só isso. Sim, só isso.

— *Você é um mistério, ah, é sim* — Gudmund sussurrou.

Seth sentiu Gudmund esticar o braço para pegar alguma coisa fora da cama e se virou para vê-lo segurando o telefone acima deles.

— *Já falei para você* — Seth avisou — *Não vou tirar foto do meu...*

— *Não é isso que eu quero* — Gudmund respondeu, e tirou uma foto dos dois, do ombro para cima, juntos ali na cama. — *Para mim* — ele disse. — *Só para mim.*

Levou o rosto até Seth e o beijou na boca, tirando outra foto.

Em seguida deixou o telefone de lado, puxou Seth para mais perto e o beijou novamente.



Seth abre os olhos no sofá e mal consegue respirar com o peso que sente no peito.

Ah, meu Deus, ele pensa. Ah, não, por favor.

Mais uma vez, aquilo foi tão maior do que um sonho que ele coloca as mãos no rosto para ver se o cheiro do corpo de Gudmund ainda está lá. O fato de não estar — mas que possa se *lembrar* do cheiro, de sal e madeira e pele e algo intensamente secreto — faz o peso parecer ainda maior.

— Merda — ele diz, a voz falhando enquanto se senta. — Merda, merda, merda, merda, merda, merda. — Ele se inclina para a frente, dobrando-se sobre si mesmo, e balança lentamente para a frente para trás, tentando aguentar aquele sentimento terrível.

A *dor* daquilo. A dor da falta que sente de Gudmund é tanta que ele mal consegue suportá-la. Da saudade do quanto se sentia seguro com ele, do quanto era fácil, do quanto era divertido e tranquilo. Da saudade da coisa física, claro, mas, mais do que isso, da intimidade, da proximidade. Da saudade de ser abraçado daquele jeito, de ser cuidado.

Talvez amado.

Mas também a dor de sentir falta de algo que era só dele. Seu segredo particular que não pertencia a mais ninguém, que não fazia parte do mundo de seus pais ou de seu irmão ou nem mesmo de seus outros amigos.

Perdido para sempre.

Morrer uma vez não é o suficiente?, ele pensa. *Será que vou ter que ficar morrendo o tempo todo?*

Então, pensa: *Não. Pode-se morrer antes de estar morto também.*

Ah, sim, claro que se pode.

Então, por que não depois?

Ele estivera com Gudmund de novo. E acordar parece a morte, como uma morte pior do que ter se afogado.

Não vou aguentar isso, ele pensa. Não vou aguentar isso.

Ele dormiu a noite toda, aparentemente. A luz em volta das cortinas tem o tom azulado da madrugada. Não quer se levantar, sente que não consegue, mas a pressão na bexiga finalmente força-o a subir as escadas até o banheiro. Ontem, depois do episódio da invasão da casa e da tentativa de evitar exatamente esse tipo de sono repleto de sonhos o máximo possível, conseguiu fazer os canos barulhentos funcionarem na pia e no chuveiro. Então encheu o vaso sanitário seco há muito tempo com copos de água, e ele funcionou na primeira puxada de descarga, uma vitória que o deixou quase embaraçosamente feliz.

Ele vai até o toalete agora e faz seus procedimentos matinais. Em seguida se lava na água fria do chuveiro, usando o sabão líquido endurecido do andar de baixo como uma barra de sabão grudenta. Perde o fôlego ao enfiar o rosto vez após outra na água brutalmente gelada, tentando sair do estado de dormência profunda.

Tentando, talvez, aliviar o peso que ainda o pressiona, pronto para esmagá-lo se ele permitir.

Seca-se com uma das novas camisetas e volta para a sala principal para colocar roupas limpas. Vai precisar de mais dessas, também, algumas mais adequadas para o tempo quente, e talvez algumas lanternas para a noite. Também precisa de mais comida. Esvaziará o carrinho que está lá fora e o encherá de novo, gastando mais tempo para pegar coisas melhores.

Sim. É isso mesmo o que fará.

Siga em frente, ele diz a si mesmo. Não pare. Não pare para pensar.

Mas para ali por um minuto, sobre a mochila com roupas, sentindo o vazio da casa ao redor dele, sentindo a porta da cozinha e a porta mais ao fundo que leva para fora até o deque.

A mesma porta que ele abrira para o homem de macacão.

E o mezanino no andar de cima onde ele esperara, sozinho, todas aquelas noites terríveis, horrorosas, enquanto acontecia a caçada pelo homem e por Owen, todas aquelas noites quando seus pais mal podiam olhar para ele ou um para o outro, quando seu pai começara a tomar as pílulas para sair de órbita, das quais nunca mais realmente largou de vez.

Seth não tinha contado tudo a Gudmund, mesmo quando deveria,

mesmo quando tivera a chance de...

De quê? Perdão? Absolvição?

Se ele pudesse receber o perdão de alguém, teria recebido de Gudmund. Poderia tê-lo recebido bem ali, e, até mesmo agora, não tem certeza de por que não o fez.

Ele se lembra de estar lá, deitado na cama com Gudmund, sendo abraçado tão perto quanto era possível, compartilhando a história que jamais contara a ninguém além de seus pais e da polícia.

Seu peito começa a doer de novo, perigosamente, e ele diz:

— Certo! Certo!

Segue para fora, para começar a trazer a comida do carrinho, tentando a todo custo não chorar de novo.

Faz três viagens ao supermercado antes de a manhã terminar. São na maioria latas e algumas poucas garrafas de água que ainda parecem toleráveis, mas também encontrou um pouco de açúcar que não está tão endurecido para tirar alguns pedaços, e algumas carnes secas empacotadas a vácuo em um plástico que podem não estar tão petrificadas para comer. Também encontrou alguns sacos de farinha, ainda que não saiba realmente o que poderia fazer com eles.

Junta algumas lanternas de acampamento da loja de artigos para atividades ao ar livre e encontra mais roupas em uma pequena Marks & Spencer perto dali. As camisetas e os shorts são básicos o bastante para fazê-lo se parecer com seu pai, mas pelo menos não está tendo que usar equipamento de neve no meio do verão, o que o faz imaginar o que acontecerá se ele ainda estiver aqui durante seja lá o que for que aconteça durante o frio no inferno.

Quando o sol está na metade do céu, ele usa o fogareiro para esquentar mais macarrão. Ele o faz no mesmo lugar do parque onde comeu ontem, olhando de novo colina abaixo, para a grama e para o lago claro feito cristal mais além.

Quase deixa a lata cair ao ver um casal de patos tomando sol na pedra no meio do lago. Não há nada de especial com relação a eles como patos, são apenas marrons, brigando silenciosamente entre si.

Mesmo assim. Eles estão ali.

— Ei! — Seth grita para eles, sem pensar. Eles voam quase imediatamente, grasnando alarmados. — Ei! Voltem! — diz para eles. — Eu trouxe vocês aqui. *Eu fiz isso!*

Eles desaparecem por cima de algumas árvores.

— Bom — ele diz, pegando outra bocada de espaguete. — Não que eu vá atirar neles e comê-los no jantar.

Olha para cima. Será que conseguiria? Bem, primeiro de tudo precisaria de uma arma, e pensa imediatamente na loja de artigos para atividades ao ar livre.

E então se lembra de que aqui é a Inglaterra, ou pelo menos a sua versão mental dela. Não se poderia comprar uma arma tão facilmente quanto nos Estados Unidos, onde, na verdade, poderia ter comprado uma no supermercado local, ir ao McDonald's primeiro e assistir a um filme depois. Seus pais ficaram estupefatos, e falaram sobre isso durante anos com uma animada indignação europeia, ao mesmo tempo em que nunca permitiriam uma arma na casa. A consequência disso era que Seth nunca tinha visto uma arma de perto, quanto mais atirado com uma.

Então isso já tirava uma caçada da lista, provavelmente, pelo menos no futuro próximo. Sua lata de espaguete, contudo, está repentinamente parecendo muito menos apetitosa do que um pato assado. Não que ele saiba como assar um. Ou que possa fazê-lo em um fogareiro a butano.

Ele suspira e dá outra bocada, usando a colher que desta vez se lembrou de trazer. Está cansado, mas não tão cansado como no dia anterior. Pergunta-se se finalmente está se recuperando no sono do qual uma pessoa necessita ao acabar de morrer, que, verdade seja dita, deve ser uma coisa exaustiva de acontecer. Provavelmente a coisa mais exaustiva que *possa* acontecer um dia.

Olha novamente para o lago agora vazio e nota algo novo. O mato alto que encobria a colina de cima a baixo está se mexendo um pouco com a brisa. Mais do que um pouco, na verdade. Está sendo soprado por um vento que Seth agora consegue sentir no rosto. Olha para cima.

Pela primeira vez, há algo mais no céu. Nuvens. Umas bem grandes e fofas. Grandes, fofas e escuras vindo apressadamente nessa direção.

Seth não consegue acreditar no que está vendo.

— Será que chove no inferno?

Mal consegue chegar em casa antes de o céu desabar em água. A tempestade é de verão, e Seth ainda consegue ver o céu azul no horizonte, o que quer dizer que a chuva não durará muito, mas, meu amigo, que chuva. Ele fica olhando da porta da casa, enquanto ela rapidamente ensopa as ruas empoeiradas até fazer lama e faz escorrer fios de sujeira pelas janelas dos carros mortos.

O cheiro é absurdamente bom. Tão limpo e fresco que Seth não aguenta e sai na chuva, deixando-a molhar seu rosto virado para cima, piscando cada vez que as gotas caem em seus olhos. A chuva está surpreendentemente quente, e ele arfa subitamente.

— Idiota! — Ele corre de volta lá dentro para pegar a barra de sabonete líquido endurecido. Isso seria muito mais gostoso do que a água congelante do chuveiro de hoje pela manhã.

Corre para fora da porta da frente, mas a chuva já está indo embora, soprando para fora da vizinhança tão rápido quanto veio.

— Que droga! — ele diz. O vento lá em cima deve estar soprando algo muito estranho, porque as nuvens de chuva estão saindo como se estivessem sendo caçadas por uma multidão, passando por trás da casa de Seth e seguindo para ...

Onde?

É mesmo, para onde elas *estariam* indo?

Qual é o tamanho do inferno?

Grande o bastante para ter clima, obviamente. O sol está de volta, a brisa morrendo, e o vapor já subindo à medida que a lama se transforma novamente em poeira sobre a rua.

Uma rua pela qual subiu e desceu várias vezes, mas não muito além disso.

Talvez esteja na hora de fazer umas explorações, ele pensa.



Ele se sente cansado de novo, depois dos esforços matinais, mas resiste a tirar um cochilo, agora com mais medo dos sonhos vívidos depois da noite passada. Em vez disso, enche a mochila com alguns mantimentos e uma garrafa de água e sai para caminhar.

Leva um momento para decidir qual direção tomar. Para a esquerda estão todas as coisas da High Street que ele já viu muitas vezes. É claro que há bairros atrás dela, espalhando-se por quilômetros adiante, se é que se lembra corretamente, transformando-se em fazendas à medida que se dirigem para o leste.

Para a direita fica a estação ferroviária.

Poderia caminhar até Londres pelos trilhos, ele pensa, e isso é, de algum modo, digno de ser comemorado. E que diferença faz se ele não tem um telefone para mostrar os mapas e não tem internet para procurar as coisas? Se acompanhasse os trilhos do trem em uma direção, conseguiria ir a pé até Londres.

Não que ele vá. São quilômetros pra caramba.

Ele para. Pra caramba. Ele realmente pensou em *pra caramba*. Nem mesmo seus pais diziam *pra caramba*, a gíria americana tendo tomado conta de absolutamente tudo, exceto a insistência de sua mãe para que ele a chamasse de “mamãe”.

— Pra caramba — ele diz, fazendo um teste. — Pra caramba, pra caramba, pra caramba.

Olha para cima.

— Sol pra caramba.

O sol está brilhando incandescente de novo, ainda mais quente do que antes, a lama já quase totalmente seca. Isso com certeza não é o clima inglês frio e úmido do qual seus pais sempre reclamavam. E também não é exatamente do que se lembra de quando morava aqui, ainda que as lembranças de uma criança de oito anos sobre o clima não sejam as mais confiáveis. Mesmo assim. Está muito mais quente

do que sempre foi inclinado a acreditar. Com o vapor subindo do asfalto, o clima está quase tropical. Uma palavra que ninguém jamais usara para descrever a Inglaterra.

— Que estranho! — ele diz, então ajeita novamente a mochila e segue para a direita, em direção à estação de trem.

As ruas por onde passa são como as de todo lugar, empoeiradas e vazias. Ele acha que valerá a pena começar algum tipo de checagem sistemática pelas casas, uma busca mais detalhada naquelas cujas janelas ele já quebrara, e depois se espalhar pela vizinhança. Quem sabe que tipo de coisas úteis poderia encontrar? Mais latas de comida, talvez, ferramentas e roupas melhores. Talvez uma ou mais tenha uma horta...

Para no caminho. *Os lotes de terra*, ele lembra.

Mas é claro. Um enorme terreno cheio de pequenas hortas particulares, escondidas atrás de... o que era mesmo? Ele tenta se lembrar. Um centro esportivo? Sim, ele acha que era isso, um centro esportivo do outro lado dos trilhos de trem, com uma área de lotes atrás. Com certeza haveria mato, mas também haveria coisas comestíveis ainda crescendo por lá, certo?

Apressa o passo, lembrando quase automaticamente de seguir pela longa escadaria de concreto que passava por entre os prédios de apartamentos — *blocos de apartamentos*, ele se lembra. Os termos ingleses continuam vindo à tona, e ele se pergunta se seu sotaque também voltará. Gudmund sempre tentava fazê-lo “falar britânico”, sempre querendo que ele dissesse...

Ele para, os sentimentos de perda voltando mais uma vez, fortes. Fortes demais.

Siga em frente, ele pensa. *O máximo que puder*.

A escadaria dá em um patamar aberto que leva até a estação de trem, que fica no topo de uma pequena subida. Agora já consegue enxergar o prédio da estação. Para chegar até os lotes, terá que passar por dentro do prédio, atravessar a ponte entre as plataformas e sair bem lá do outro lado. Está quase se sentindo animado ao passar pela entrada, pulando as catracas sem pensar duas vezes, e subir os pequenos degraus até a primeira plataforma...

Onde há um trem esperando.

É um trem pequeno, com apenas quatro vagões, um trem de conexão para transportar as pessoas para lá e para cá, pelos trilhos, até a cidade, e ele meio que espera passageiros começarem a sair pelas

portas ou que o trem comece a sair lentamente da plataforma.

Nada acontece, é lógico. O trem apenas fica ali, silencioso como uma pedra incrustada na terra, coberto pela poeira desse lugar. Há mato crescendo por todas as fendas da plataforma e até mesmo na canaleta do teto do trem. Assim como os carros nas ruas lá fora, ele não se mexe há muito tempo.

— Olá? — ele chama. Caminha pela plataforma e olha para dentro de uma janela, mas está quase tudo escuro, as janelas tão empoeiradas que bloqueiam a maior parte do sol da tarde. Ele aperta o botão de abrir na porta mais próxima, mas não há eletricidade e ela continua bem fechada.

Ele olha o trem de cima a baixo. Na frente, a porta para a cabine do condutor está aberta. Ela vai até lá, tira a lanterna da mochila e enfia a cabeça dentro da cabine. Há só uma cadeira atrás dos controles, o que o deixa surpreso. As telas no painel estão todas ou trincadas ou cobertas de poeira, escuras, sem energia.

Há uma porta do lado de dentro, que leva para o restante do trem, e ela também está aberta. Seth entra na cabine e ilumina com a lanterna a passagem interior, até o corredor central do primeiro vagão.

Há um cheiro forte. Animais com certeza estiveram ali. Há um cheiro abafado de urina e almíscar, e a poeira sobre o chão de linóleo do corredor está desarrumada e marcada de vários modos desagradáveis. Ele consegue imaginar todos os tipos de raposas escondidas embaixo dos assentos, observando-o com sua lanterna, pensando no que fazer.

O que ele faz é olhar ao redor, quase inundado pelas lembranças. O sol está brilhante o suficiente para uma luz fraca passar pelas janelas imundas, muitas das quais estão arranhadas com um grafite ininteligível, mas há o suficiente para ver a estampa xadrez azul do tecido das poltronas. Ele passa a mão sobre uma, escavando a penugem com as pontas dos dedos.

O trem. O *trem*.

Ele nunca mais estivera em um trem desde que deixara a Inglaterra. Nem uma vez. Os americanos da costa oeste não usavam trens. Eles iam de carro. A todo lugar. Esta é literalmente a primeira vez que ele coloca os pés em um trem desde que cruzara o oceano.

E quantos significados tinha o trem quando ele era pequeno! Viagens a Londres e tudo o que a cidade tinha a oferecer a um garoto de seis, sete ou oito anos. O zoológico, a roda-gigante, o museu de cera, os outros museus que eram menos interessantes por não terem

cera. Ou viagens para o outro lado também, para a costa, com seus castelos nas colinas e os grandes penhascos brancos dos quais a mãe não deixava que ele ou Owen nem chegassem perto. E as praias cheias de pedras. E as travessias até a França.

Os trens sempre vão para algum lugar maravilhoso quando se tem oito anos de idade. Eles eram a válvula de escape das mesmas casas e dos mesmos rostos e das mesmas lojas. Parece vergonhoso, agora, ter ficado tão animado com uma viagem que milhões de pessoas faziam todos os dias, mas Seth consegue sentir um sorrisinho se espalhar pelo rosto enquanto caminha um pouco mais para dentro do vagão, a lanterna acesa nos compartimentos superiores e nos diferentes tipos de assentos, dois aqui, três ali, e, no fundo do vagão, a portinha quadrada para o horroroso toalete do trem que Owen, toda vez, precisava usar cinco minutos depois de o trem sair da estação, para qualquer lugar.

Seth chacoalha a cabeça. Ele quase se esquecera de que trens existiam. Olhando para um neste momento, mal consegue acreditar no quanto eles lhe pareciam exóticos quando era um garotinho.

Para falar a verdade, até hoje, ele pensa. Um trem.

E é neste momento que a porta do toalete se escancara e um monstro sai rugindo pelo corredor na direção dele.



Seth grita de horror e corre de volta pelo corredor, arriscando dar uma olhada para trás...

Uma forma enorme e negra vem se batendo em sua direção...

Guinchando e rugindo com algo que parece ódio ...

Dois olhos encarando-o com indubitável malevolência...

Seth voa para dentro da cabine do condutor, trombando nos painéis de controle, gritando de dor nos quadris. Tropeça na cadeira do condutor, e há um momento terrível quando a tira de sua mochila fica enroscada, mas se solta quando a forma entra trombando em tudo do lado de dentro.

Ele salta pela porta do trem e sai correndo, zunindo pela plataforma, derrubando a lanterna e largando-a para trás. Olha para trás de novo, no momento em que a forma sai da cabine feito um foguete, fazendo a porta ir e voltar violentamente. A coisa se vira e dispara atrás dele.

Correndo muito mais rápido do que Seth.

— Merda! — ele grita, dobrando os braços e tentando se lembrar de sua posição de corrida, ainda que fosse para longas distâncias, não para um tiro de velocidade, e ele ainda nem de longe está recuperado da...

Ouve um guincho atrás dele.

(um guincho?)

Ao se virar para subir os degraus da ponte da outra plataforma, olha de novo para trás.

A forma é o maior, mais feio e mais sujo javali que ele já viu.

Um javali?, ele pensa ao subir correndo pelos degraus. *Um javali está atrás de mim?*

O javali corre enfurecido pela plataforma e sobe os degraus atrás

dele, e Seth consegue ver que o bicho tem um par de presas nojentas e lascadas que lhe arrancariam facilmente o estômago.

— MERDA! — ele grita de novo, atravessando a parte plana da ponte, mas está cansado demais, ainda tão fraco que não conseguirá correr mais rápido do que o javali. O bicho o pegará antes que ele alcance as escadas que descem para o outro lado.

Vou ser morto, ele pensa, por um PORCO. No INFERNO.

E a ideia é tão absurdamente ultrajante, tão insanamente enfurecedora, que ele quase perde a chance de se salvar.

A ponte é um corredor sobre os trilhos, coberta nos dois lados por painéis quadrados de vidro jateado, cortados por um parapeito na altura da cintura. Bem perto dos degraus na outra ponta da ponte, dois dos painéis caíram, um ao lado do outro.

Deixando um espaço grande o suficiente para alguém de seu tamanho atravessar.

O javali berra de novo, quase um metro e meio atrás dele, e ele não vai conseguir alcançar as janelas, não vai alcançá-las, não vai...

Dá um salto e, de fato, consegue sentir o javali batendo a cabeça na parte de trás de seus pés no ar. O *momentum* quase o faz sair totalmente, e durante alguns segundos impossíveis parece que vai cair de volta nos trilhos seis metros abaixo, mas ele agarra o suporte vertical entre as janelas, consegue colocar um pé na faixa de metal e — balançando o braço e a perna livres com força no ar — manter o equilíbrio por um triz.

Um pouco antes de quase ser derrubado pelo javali batendo na parede a seus pés.

— TUDO BEM! TUDO BEM! — ele berra, e não há alternativa a não ser ir para cima. Ele agarra um cano de esgoto em cima de sua cabeça e se puxa até o teto da ponte. O javali continua batendo contra a grade no momento em que Seth enrosca uma das pernas e rola, respirando ofegante, sobre o teto, a mochila incomodamente embaixo dele.

Fica ali deitado alguns minutos, tentando desesperadamente recuperar o fôlego. O javali continua se batendo, rosnando e berrando e jogando seu peso contra a parede de dentro da ponte, derrubando outro painel de vidro, que despenca pelos trilhos, espatifando-se em mil pedaços.

Seth se vira de lado e olha o javali lá embaixo, bufando raivosamente para ele. O bicho é enorme, tão maior, mais alto e mais

largo do que um porco normal que parece um desenho animado. Também é muito peludo e escurecido por uma grossa camada de sujeira. Berra bem alto para ele.

— O que eu fiz para você? — Seth pergunta.

O javali berra mais uma vez e recomeça o ataque à ponte.

Seth se vira de costas novamente, olhando para o céu acima.

Ele acha que consegue se lembrar de histórias de javalis fugindo de fazendas e tornando-se feras, mas nunca imaginara que elas fossem reais. Ou se está realmente lembrando direito.

Mas, sabe como é, de novo, *inferno*, ele imagina.

Continua deitado ali, esperando a respiração voltar ao normal e o coração desacelerar. Tira a mochila de debaixo do corpo e pega uma garrafa de água. Lá embaixo, pelo menos consegue ouvir o javali desistindo. Ele bufa e funga, fazendo um último rugido desafiador, e Seth ouve suas pegadas incrivelmente pesadas atravessando a ponte embaixo dele até o outro lado. Consegue vê-lo passando sob as escadas para a plataforma antes de desaparecer atrás do trem, sem dúvida voltando para seja lá qual for a toca que fez para si mesmo dentro do banheiro do trem.

Seth ri. Então ri mais alto.

— Um javali — ele diz. — Um *maldito* javali!

Bebe a água. Está olhando para o caminho pelo qual veio e a vista não é tão ruim. Fica em pé, equilibrando-se sobre o teto levemente curvado da passarela de pedestres, e consegue até mesmo ver os andares mais altos das lojas da High Street. Sua casa é muito baixa para ser vista, mas consegue ver o bairro que vai dar nela.

À esquerda, atrás de onde fica sua casa, é o início das áreas inabitadas e vazias que levam até o presídio lá embaixo.

Olha para elas por um momento. As grades e as paredes ainda estão lá, com alguns espaços vazios entre elas, completamente limpos, exceto por algumas poucas ervas daninhas. Não consegue ver o presídio. Ele fica lá embaixo em um pequeno vale, atrás de uma grossa fileira de árvores e mais arame farpado e tijolo.

Mas Seth sabe que ele está lá.

Só a presença dele gera um frio estranho em seu estômago. Como se ele o estivesse observando também. Olhando para ver o que ele fará.

Esperando que vá até ele.

Seth se afasta, pensando se conseguiria avistar os terrenos com

hortas daqui, encontrar um jeito fácil de chegar até eles. Ele levanta a mão para proteger os olhos do sol...

E vê que tudo do outro lado dos trilhos — o centro esportivo, os terrenos loteados, dúzias e dúzias de ruas e casas alastrando-se pelo horizonte — foi totalmente queimado.



O terreno desliza para o outro lado da estação de trem, espalhando-se para dentro do vale mais raso, com elevações laterais praticamente imperceptíveis, estendendo-se por muitos quilômetros. Vai de fora a fora, rua após rua, na direção de Masons Hill — cujo nome Seth lembra agora —, a única elevação de verdade por quilômetros e quilômetros, uma protuberância coberta de árvores na paisagem, com um lado escarpado que cai quinze metros estrada abaixo, um lugar onde os jovens eram quase sempre pegos por jogar pedras nos carros que passavam.

Tudo entre a estação de trem e aquela colina distante são ruínas negras.

Alguns quarteirões não passam de cinzas e lixo, outros ainda têm vestígios de tijolos, os telhados e as portas destruídos. Até mesmo as ruas ficaram mais afuniladas e tortas, em alguns lugares indistinguíveis dos prédios que separavam. Há um pedaço de terra onde Seth tem quase certeza que ficava o centro esportivo, e consegue ver o que parecem ser os restos de um grande buraco quadrado que poderia ter sido a piscina, agora cheia de carvão e ervas daninhas.

Mas não tanto mato quanto nas ruas atrás dele, Seth nota. E não tão alto. Há mato e grama espalhados pelo restante do terreno queimado, agora que pensa em olhar melhor, mas estão mais ralos do que os da sua própria rua, e alguns estão simplesmente mortos.

Não há nenhum sinal do terreno onde as hortas ficavam. Ele imagina que consiga ver onde sua memória lhe diz que deveriam estar, mas, por entre toda a cinza e a madeira queimada e o concreto destruído, também poderia apenas ser sua imaginação tentando fazer o lugar estar ali.

A destruição se alastra pelo que aparentam ser quilômetros, estendendo-se para a esquerda e para a direita até onde ele consegue enxergar através da bruma brilhante do sol. O fogo — ou o que quer que tenha sido; tanta destruição pode até ter sido efeito de um tipo de bomba — se espalha até a Masons Hill, parando na base dela mais ou

menos como para no morro onde fica a estação de trem. Há uma grande extensão de concreto que impediu as chamas de consumirem a estação.

Está olhando para uma terra devastada. Uma devastação que parece ser eterna.

Isso explica toda a poeira, é a primeira coisa que Seth pensa de verdade. As camadas e camadas de poeira, cobrindo praticamente tudo nas ruas atrás dele. Não é só poeira — é cinza, derramada de seja lá o que foi esse imenso incêndio e nunca limpa.

É também, de uma maneira que o incomoda mais do que realmente possa dizer, um acontecimento *passado*. Algo pegou fogo, ou explodiu, ou seja lá o que aconteceu, e então aquele fogo ficou fora de controle antes de se apagar algum tempo depois, levando a maior parte do bairro consigo.

O que significa dizer que houve o tempo *antes* do fogo, o tempo *do* fogo e o tempo *depois* do fogo.

Ele acha que está sendo tolo por se incomodar com isso — há mato por todo lado, obviamente, e a comida não apodreceu em um minuto —, mas aquelas coisas eram apenas tempo, tempo passando em silêncio.

Mas um incêndio é um acontecimento. Um incêndio *acontece*.

E, se houve um acontecimento, então deveria também haver uma data em que aconteceu.

— Mas quando? — Seth pergunta a si mesmo, protegendo os olhos do sol e olhando as ruínas de cima a baixo.

Então ele se vira para seu próprio bairro, do outro lado dos trilhos.

E se o fogo tivesse acontecido lá em vez de aqui? E se sua própria casa tivesse sido queimada, não todas essas vazias, de estranhos?

Será que teria acordado?

Por outro lado, ele pensa, *será que minha mente está tentando me dizer alguma coisa?*

O chão enegrecido parece ser uma barreira, não parece? Parece ser o lugar onde o inferno acaba. Ele saiu para fazer explorações e chegou a um lugar que bem poderia ter uma placa dizendo: Proibido Passar.

O mundo, *este mundo*, de repente parece muito menor.

E ele, de repente, não se sente animado para continuar as explorações hoje. Em silêncio, joga a mochila pela janela da ponte e pula a janela em seguida, para pegá-la. Desce em direção às escadas,

tomando cuidado para pisar leve quando vai buscar a lanterna, para não incomodar aquele javali enorme e estranho que vive no trem.

Em seguida, enfia as mãos nos bolsos, curva os ombros e arrasta os pés de volta para casa.



— *O que espera que a gente diga?* — a mãe dele perguntou, zangada. — *Como espera que a gente reaja?*

Seu pai suspirou fundo e cruzou as pernas na outra cadeira, de frente para Seth. Estavam na cozinha — e Seth se perguntava se eles mesmos se davam conta de que faziam isso —, onde sempre tinham conversas sérias com ele, especialmente quando ele estava em maus lençóis.

Ele acabava aqui bem mais vezes do que Owen.

— *Não que nós* — seu pai olhou para cima, tentando encontrar a palavra certa — *nos importemos, Seth...*

— *Do que você está falando?* — a mãe rebateu. — *É claro que nós nos importamos.*

— *Candace...*

— *Ah, eu já consigo entender a linha de pensamento aqui. Você já está a meio caminho de perdô-lo...*

— *E por que essa seria uma questão de perdão...*

— *Sempre essa abordagem laissez-faire*^[1], *não estando nem aí para nada, desde que você possa trabalhar em seus preciosos projetinhos. Não admira ele ter agido como um idiota.*

— *Não sou idiota* — Seth disse, braços cruzados, olhando para os tênis.

— *Então, qual é a porcaria do nome?* — sua mãe exigiu. — *Exatamente de que maneira esta situação não é uma catástrofe enorme e idiota para você? Você sabe muito bem como eles são aqui...*

— *Candace, já chega* — o pai disse, com mais força agora. *A mãe fez um gesto com as mãos, de desistência sarcástica, então olhou fixamente para o teto. O pai se virou para olhar para ele, e Seth percebeu, chocado, o quanto era raro o pai olhá-lo diretamente nos olhos. Era como, de repente, ter uma estátua pedindo informações.*

A questão era que Seth nem mesmo podia dizer que sua mãe estava errada. Com relação a ser uma catástrofe. As fotos foram encontradas.

Tinham vazado. De uma fonte impossível, da qual eles nunca esperavam. Mas eles também tinham sido idiotas por achar que isso nunca aconteceria, pois como se pode guardar algo para si mesmo neste mundo inutilmente conectado?

— Seth — seu pai continuou —, o que estamos tentando dizer é que...
— Ele fez outra pausa, pensando em como dizê-lo. Durante um momento terrível, Seth pensou que teria de ajudá-lo, dizer as palavras para ele. —
Sejam lá quais forem suas escolhas, ainda seremos sua mãe e seu pai, e sempre amaremos você. Independentemente de qualquer coisa.

Houve um silêncio longo e incômodo diante dessa constatação.

Independentemente de qualquer coisa, Seth pensou, mas não disse nada. “Independentemente de qualquer coisa” tinha acontecido oito anos atrás. Fora e voltara, e chegara à conclusão de que também não era verdade.

— Mas essa... — seu pai suspirou de novo — ... situação na qual você se envolveu...

— Eu sabia que não podíamos confiar naquele garoto — a mãe dele disse, chacoalhando a cabeça. — Sabia que ele era da pá virada desde o momento em que pus os olhos nele. A começar por aquele nome ridículo...

— Não fale dele desse jeito — Seth retrucou baixinho, mas a raiva em sua voz fez com que tanto o pai quanto a mãe ficassem em silêncio. Ele só conseguira ver Gudmund hoje tempo suficiente para contar a ele, para avisá-lo, antes de os pais de Gudmund expulsarem Seth da casa deles. —
Nunca mais falem dele de qualquer jeito, nunca mais.

A mãe ficou de queixo caído.

— Como ousa falar comigo desse jeito? Como OUSA achar que pode...

— Candace — seu pai falou, tentando fazê-la parar quando se levantou da cadeira.

— Não é possível que você ache que vai vê-lo de novo.

— Tente me impedir — Seth respondeu, os olhos queimando.

— Chega! — o pai gritou. — Vocês dois!

Houve um momento de embate, quando Seth e a mãe se encararam, mas ela, depois, voltou a se sentar.

— Seth — seu pai continuou —, eu gostaria que você pensasse em tomar alguns antidepressivos, ou algo mais forte...

A mãe deixou escapar um grito exasperado.

— Essa é a sua resposta para isso? Desaparecer no esquecimento, como você faz? Talvez vocês dois possam fazer projetos Faça-Você-Mesmo em

silêncio, para o resto da vida.

— Só estou dizendo — o pai tentou novamente — que o Seth obviamente está tendo dificuldades com algumas coisas...

— Ele não está tendo dificuldade nenhuma. Está louco para chamar a atenção. Não suporta que seu irmãozinho precise de mais atenção do que ele, então ele sai por aí e faz uma coisa dessas.

Ela balançou a cabeça.

— Sabe, você só está prejudicando a si mesmo, Seth. É você que terá de ir à escola na semana que vem, não nós.

Seth sentiu um nó no estômago. Ela pegara exatamente no ponto que o estava preocupando.

— Não precisa ir se não quiser — seu pai falou. — Não até a poeira abaixar. Ou podemos mudar de escola...

A mãe deu outro suspiro exasperado.

— Não quero mudar de escola — Seth retrucou. — E não vou parar de ver o Gudmund.

— Não quero nem ouvir o nome dele — a mãe rebateu.

Seu pai parecia magoado.

— Seth, não acha que é um pouco jovem demais para tomar decisões tão importantes? Estar fazendo essas... coisas com... — Ele saiu do assunto de novo, incapaz de dizer “outro garoto”.

— E tudo isso quando você sabe com quanta coisa do Owen temos que lidar neste momento — a mãe falou.

Seth virou os olhos.

— Vocês sempre têm que lidar com o Owen. É a isso que se resume a vida de vocês. Lidar com os problemas do Owen.

O rosto da mãe endureceu.

— Você tem coragem de dizer isso? Você, entre todas as pessoas?

— O que isso quer dizer? — Seth perguntou. — “Entre todas as pessoas”?

— Tudo o que estamos dizendo — o pai respondeu, falando mais alto por cima dos dois — é que você poderia ter falado conosco. Pode vir falar conosco sobre qualquer coisa.

E houve outro longo silêncio que nenhum deles se deu ao trabalho de preencher, já que todos se perguntavam se aquilo era realmente verdade.

Seth olhou para os pés novamente.

— O que há de errado com o Owen desta vez? — ele perguntou, incapaz de não colocar toda a raiva nas últimas duas palavras.

A resposta da mãe foi levantar-se rapidamente e sair da cozinha. Ouviram os passos pesados no andar de cima, indo diretamente para o quarto de Owen, ouviram-no começar uma explicação animada sobre o novo videogame que ganhara de Natal na semana passada.

Seth olhou para o pai, confuso.

— Por que ela ficou tão brava? Como isso pode afetá-la?

O pai franziu o cenho, mas não para Seth.

— Não é só você. Os exames do seu irmão chegaram.

— Os exames por causa dos olhos?

Os olhos de Owen começaram com um tremor estranho algumas semanas antes. Ele conseguia ver quando algo estava diretamente na frente dele, como os jogos do computador ou sua clarineta, mas caminhar estava se tornando um jogo perigoso de chutar as coisas ou simplesmente se estatelar no chão. Ele tinha sangrado o nariz quatro vezes nos últimos dez dias.

— O dano neurológico — o pai continuou. — De... de antes...

Seth afastou o olhar quase automaticamente.

— Conforme ele crescece, podia piorar ou melhorar.

— E piorou.

O pai assentiu.

— E vai continuar piorando.

— E o que vai acontecer?

— Cirurgia — o pai respondeu. — E terapia cognitiva. Quase todos os dias.

Seth voltou a olhá-lo.

— Achei que tivesse dito que não tínhamos condições de pagar.

— E não temos. O seguro cobre só uma parte. Sua mãe terá que voltar a trabalhar para ajudar com os custos e isso comerá boa parte da nossa poupança. Temos tempos difíceis pela frente, Seth.

A cabeça de Seth estava a mil por hora, pensando no irmão, nos problemas financeiros, no fato de, tinha vergonha de pensar, de ter os pagamentos das mensalidades da faculdade, que precisariam exatamente dessa poupança, começando no outono, e, se o dinheiro não estivesse lá...

— E, então, essa coisa toda entre você e seu amigo — o pai disse. —

Não veio na melhor hora.

Risadas soaram escada abaixo. Eles se viraram para olhar, mesmo não havendo nada para ver. A mãe de Seth e Owen, compartilhando algo entre eles, como eles sempre faziam.

— Será que um dia vai haver uma boa hora?

O pai lhe deu um tapinha no ombro.

— Sinto muito, filho — ele falou. — Sinto muito mesmo.

Mas, quando Seth se virou de volta, o pai já tinha desviado os olhos.



Está chovendo de novo na manhã seguinte quando Seth acorda, apesar de ele levar alguns minutos para perceber isso pela maneira como o sonho ainda está fazendo seu corpo todo vibrar.

Ele está deitado no sofá, imóvel. Ainda não dormiu em nenhuma das camas no andar de cima; a sua própria cama no mezanino é muito pequena para ele agora, mesmo se quisesse usá-la, o que ele não quer, e dormir na cama de seus pais parece um pouco estranho, assim ele ficou nesse sofá empoeirado, sob o olhar aterrador do cavalo em cima da lareira.

Sonhando.

O peso no seu peito está maior, quase pesado demais para se mexer.

A melhor coisa com Gudmund tinha sido o segredo de tudo. Quando estavam juntos, foram seus universos particulares, ligados apenas por eles mesmos, uma população de dois. Eles eram o mundo, e o mundo era eles. E ninguém merecia saber, nem sua mãe, nem seu pai, nem seus amigos, ninguém, nem naquela época, nem agora.

Não porque fosse errado — pois definitivamente não era —, mas porque era dele. A única coisa que era inteiramente sua.

E então o mundo descobrira, *seus pais* descobriram.

Aquelas duas fotos que Gudmund tirara, dolorosamente inocentes quando comparadas com algumas que os garotos da escola enviavam para suas namoradas, mas tão íntimas, tão algo que ninguém mais deveria ter visto, que até mesmo agora Seth queima de ódio e humilhação.

Sua mãe estava certa. Voltar à escola fora um pesadelo. O mundo todo mudara em um instante, caíra em um lugar onde Seth praticamente não vivia. Depois que o feriado do Natal terminou e ele pisou de volta na escola, havia apenas ele e todo o restante. Distantes. Completamente fora de alcance. A escola tentou conter o pior dos abusos, mas não conseguia controlar tudo. E os cochichos estavam por

toda parte; seu telefone vibrava constantemente, até mesmo durante a noite, com mensagens zombeteiras. E ele não tinha coragem de olhar qualquer rede social, onde a foto — com os comentários que a acompanhavam — parecia estar por toda parte. Seu universo particular exposto ao último nível de escárnio.

Mas ele não podia ir embora. Gudmund ainda estava fora da escola, enquanto seus pais resolviam o que fazer com ele. E Seth tinha que estar lá, para quando ele voltasse. Tinha que aguentar sozinho.

“Controlado”, Gudmund o descrevera, mas o que aquilo realmente significava era que ele parecia carregar um peso particular em seus ombros, desde quando se conhecia por gente, e talvez nem tudo tivesse a ver com o que acontecera com Owen. Pior ainda, o peso sempre fora acompanhado por um desejo vitalício e igualmente difícil, um sentimento de que tinha que haver algo mais, mais do que apenas aquele peso.

Se não houvesse, qual seria o objetivo?

Aquilo também fora a outra grande coisa com relação a Gudmund desde aquela noite de primavera surpreendente no final do primeiro ano do colegial, quando haviam se tornado mais do que amigos. De repente foi como se, pelo mais breve dos momentos, o peso tivesse sido retirado, como se não houvesse a força da gravidade, como se ele finalmente tivesse se livrado da carga pesada que estivera carregando...

Ele sabe que precisa parar de pensar nisso, sabe que deveria começar a se mexer, manter-se ocupado em sobreviver neste lugar, mas sente como se estivesse no fundo de um poço, com o brilho do sol, a vida e a fuga a quilômetros de distância, sem ninguém para ouvi-lo, mesmo se pudesse pedir ajuda.

Já se sentiu assim antes.

E fica ali deitado, ouvindo a chuva durante muito, muito tempo.

Mais tarde, mais uma vez a biologia o força a se levantar. Precisa fazer xixi, então fica em pé na porta da frente. A chuva cai forte, regatos cortando a lama por toda parte. Por um instante ele se pergunta por que ela simplesmente não vai embora, mas vê que a rua está aos poucos se transformando em uma enchente estagnada, grandes poças formando-se nos esgotos tampados, tudo rodopiando junto em um turbilhão lamacento.

Está quase tão quente quanto ontem, então ele pega o pedaço de detergente solidificado, deixa as roupas empilhadas e usa a chuva como chuveiro bem ali na passagem em frente à casa.

Ele se ensaboia, transformando o cabelo bagunçado em uma vassoura cheia de sabão, em seguida fecha os olhos e ergue o rosto para a chuva, para que ela possa enxaguar tudo. Quase com preguiça, tenta ver se brincar consigo mesmo terá algum resultado, mas o nó no peito é muito apertado, as lembranças pesadas demais. Ele desiste e apenas cruza os braços, deixando o sabão escorrer lentamente, as bolhas derramando-se na água marrom que se junta no caminho.

Será que eu fiz isso?, ele pensa, apertando os braços ainda mais. *Será que eu trouxe esta chuva? Será que tornei este lugar ainda mais terrível?*

Fica em pé ali, imóvel, até começar a tremer.

A chuva não está tão morna assim.

Chove durante o dia todo, a enchente na rua ficando pior em uma ponta, mas grande parte da chuva perto de sua casa está indo embora lentamente, para dentro do buraco, antes que fique muito fundo. Ele espera que a raposa e os filhinhos estejam bem.

Esquenta uma lata de sopa de batata. Enquanto ela cozinha, olha lá fora, para o jardim de trás, observando a chuva cair sobre o deque e sobre a pilha de bandagens agora ensopadas. O céu é de um cinza uniforme, impossível distinguir uma nuvem, apenas chuva pesada de horizonte a horizonte, seja lá qual for o tamanho desses horizontes. Quando a sopa está quente, ele dá dois goles antes de perder o apetite e deixar o restante no fogareiro desligado.

Não há televisão, é óbvio. Nem computador. Nem jogos eletrônicos. Na falta de qualquer coisa melhor, ele pega um livro da prateleira. É um dos livros de seu pai, um que Seth já lera parcialmente anos atrás, pegando-o escondido da prateleira, na América, quando o pai não estava olhando. Era muito velho para ele na época e, ele sorri com ironia, provavelmente é muito velho para ele *agora*. Há uma grande quantidade de sexo divertido, metáforas que estão ali só por estar, e muita reflexão filosófica sobre imortalidade. Há também um sátiro que aparece bastante, que Seth lembra ser a coisa que mais o marcou. Ele perguntara ao pai sobre “sátira”, tendo ouvido a palavra dita em voz alta e achando que era aquela que ele estava lendo. Depois de uma explicação detalhada e confusa, seu pai havia dito: “E por que diabos está perguntando?”, e esse fora o fim daquela aventura literária. Ele se lembra agora de que, na verdade, nunca fora capaz de tirá-lo escondido da prateleira de novo para ver o que acontecia no final.

Assim, fica lendo no sofá, deixando a chuva continuar e o dia passar do lado de fora. Em algum momento da tarde, fica com fome demais para deixar de notar e esquenta uma lata de salsichas de cachorro-

quente, comendo metade e deixando o restante ao lado da lata fria de sopa de batata. Quando anoitece, ele acende uma das lanternas que pegou da loja de artigos para esportes ao ar livre, fazendo grandes sombras pela sala, mas iluminando o suficiente para enxergar as páginas.

Ele se esquece do jantar.

Um livro, ele pensa a certa altura, esfregando os olhos, cansado de tanta leitura focada. *É um mundo particular também*. Olha para a capa de novo. Um sátiro tocando uma flauta de bambu, de aparência muito mais inocente do que as coisas com as quais se envolve na história. *Um mundo de palavras*, Seth reflete, *onde se vive por um tempo*.

— E então acaba — ele diz. Só faltam aproximadamente cinquenta páginas para acabar; ele finalmente poderá descobrir o que acontece no final.

E então deixará aquele mundo para sempre.

Ele dobra a ponta da página para marcar o lugar e coloca o livro em cima da mesinha de centro.



Está completamente escuro agora, e ele percebe que nunca vira este lugar à noite. Pega a lanterna e fica em pé na porta da frente de novo, protegendo-se da chuva, que parece mais fraca, mas que continua constante.

Fica encantado com a escuridão resoluto. Nem uma única luz está brilhando para ele, nem uma luz da rua ou de uma varanda, nem mesmo aquele brilho fixo que sempre está no horizonte, vindo da junção das luzes de uma cidade.

Aqui não há nada. Nada além da escuridão.

Ele desliga a lanterna, e, por um momento, o mundo desaparece completamente. Fica ali, absorvendo-o, ouvindo a chuva. Aos poucos seus olhos começam a se ajustar a uma luz turva, que só pode ser a lua atrás das nuvens. A vizinhança começa a tomar forma, em fachadas de casas e jardins, a lama agora rodopiando em rios e deltas sobre a calçada e a rua.

Nada girando, nada se movimentando.

E então, de repente, uma brecha nas nuvens, uma luz de estrelas que reluzem fracas, porém como o sopro de uma trombeta quando comparadas à escuridão. Está tão escuro que Seth consegue ver mais estrelas na pequena faixa no céu do que jamais imagina ter visto em

toda a sua extensão. A brecha se expande, brilhando mais, e ele não consegue discernir muito bem a faixa branca estranha e turva que atravessa o céu, como se alguém tivesse derramado...

Leite.

A Via Láctea.

— Puta merda! — ele sussurra.

Ele está vendo a verdadeira Via Láctea cruzando o céu. Toda a sua galáxia, bem ali em frente a ele. Bilhões e bilhões de estrelas. Bilhões e bilhões de *mundos*. Todos eles, todas essas possibilidades aparentemente infinitas, não ficcionais, mas *reais*, ali, existindo, neste momento. Há tanto mais lá fora do que apenas o mundo que ele conhece, tão mais do que sua cidadezinha em Washington, tão mais do que Londres até. Ou a Inglaterra. Ou o *inferno*, para ser sincero.

Tão mais do que ele um dia conseguirá ver. Tão mais do que ele um dia conseguirá alcançar. Tanto que só de passar os olhos ele já sabe que está para sempre fora do seu alcance.

As nuvens se fecham de novo. A Via Láctea desaparece.



Está tarde, mais tarde do que ele jamais ficara acordado aqui. Está se sentindo cansado, mas não quer dormir. Acha que não consegue aguentar outra lembrança, ou sonho, ou seja lá o que for. Eles passaram a ser cada vez mais dolorosos e ele sabe, sem querer pensar muito sobre isso, que o pior está por vir.

Ele acende a lanterna de novo ao voltar para dentro da casa. Para por um momento, pensando no que fazer, e então, num impulso de loucura, sobe a escada. Não está interessado no mezanino — a ideia do caixão lá em cima, na negritude da noite escura, o assusta mais do que só um pouco —, mas há um escritório, não há? O escritório de sua mãe, basicamente, pois seu pai tinha um na universidade, mas com todos os arquivos da família.

Ajeita a lanterna na escrivaninha e, sem muita esperança, tenta ligar o computador. Claro que nada acontece. A torre enorme e o monitor engraçado, de tela curva — ele não consegue se lembrar da última vez que viu um desses —, permanecem tão inertes e escuros como estavam antes.

Dá uma olhada nos papéis espalhados em cima da escrivaninha, tossindo um pouco com a poeira que se levanta. São, na maioria, contas antigas, mas há alguns pedaços de papel, alguns nos quais ele quase instantaneamente, quase assustadoramente, reconhece a letra cursiva de sua mãe.

DCI Rashadi?, ele lê em um. Lembra-se do nome, apesar de não ouvi-lo há oito anos. A policial que ficou com eles durante a caçada por Owen, a que era muito gentil quando fazia carinhosamente as mesmas perguntas a Seth. Embaixo do nome dela há o número de um telefone com *Masons Hill* e *cães policiais* escrito embaixo, o que é menos familiar. Não houve nenhuma busca naquela parte da cidade, Seth acha que não. Owen foi encontrado em um depósito abandonado. Uma denúncia anônima tinha chegado, a fonte de onde viera nunca fora mapeada, mas a polícia tinha encontrado Owen e o prisioneiro...

O prisioneiro...

O prisioneiro.

Seth não consegue se lembrar do nome do prisioneiro.

Lê as anotações de novo. *DCI Rashadi* faz sentido, assim como faz outra página com os nomes *PC Hightower* e *PC Ellis*, que foram os primeiros policiais a chegar depois da ligação desesperada de sua mãe.

E eles estavam atrás de...

Seth franze o cenho. Como era possível ter se esquecido do nome do homem que levava Owen embora? O nome do homem de quem Owen mal escapara com vida? O nome do homem que agora apodrece no presídio de segurança máxima na Inglaterra devido a uma variedade de crimes, não apenas por escapar da cadeia e sequestrar Owen?

— Mas o que é isso? — Seth sussurra.

Ele não consegue se lembrar. *Mesmo*. É como se existisse um espaço totalmente branco em sua memória. Tudo no entorno ainda está lá. Ele nunca se esquecerá do rosto do homem, por exemplo, nem do seu macacão do presídio.

Nem das coisas que ele dissera.

Exceto o nome dele.

O nome, o nome, o nome.

Esquecer era *impossível*. Ele ouvira uma vez, e outra e outra enquanto a caçada acontecia. Ele até mesmo o tinha pronunciado no sonho que tivera com Gudmund...

Não tinha?

Mas o nome não está lá. Simplesmente não está lá, não importa quanto ele tente resgatá-lo.

Alcança a gaveta de cima do arquivo. Tem que haver algo ali dentro, clippings da captura do homem ou entrevistas dos policiais ou...

Ele para com a mão na maçaneta da gaveta. Há um porta-retrato virado para baixo em cima do arquivo. A poeira cobriu a parte de trás, mas, quando Seth o levanta à luz da lanterna, ele sabe o que é.

Lá estão todos eles. Ele, sua mãe e seu pai, e Owen, com — de todas as pessoas do mundo, nossa — Mickey Mouse. Seth sorri. Não pode fazer nada. Eles pegaram o trem até a Disneyland Paris. O lado de dezesseis anos dele gostaria de zombar e dizer que a viagem fora horrível e que o parque era só para crianças pequenas e os brinquedos eram chatos e nada parecidos com as montanhas-russas às quais ele acabara indo na América...

Mas não fora assim que tinha sido. Tinha sido legal *pra caramba*. E fora exatamente assim: legal *pra caramba*. A vida deles antes de as coisas mudarem. A vida deles quando qualquer coisa parecia possível.

A vida deles antes de Owen ter desaparecido por três dias e meio com um assassino condenado cujo nome se recusa a vir à tona na cabeça de Seth. Três dias e meio de policiais masculinos e femininos — mas geralmente eram femininos, como a policial Rashadi — sentados na casa deles a cada hora que Owen estava desaparecido, tentando passar confiança aos seus pais, mesmo quando uma coisa dessas era evidentemente impossível. Sua mãe oscilava entre enfurecida e assustadoramente calma. O pai falava gaguejando depois da medicação que lhe fora dada quando ele não conseguira parar de chorar no primeiro dia.

Nenhum dos dois falara muito com Seth. De fato — ele tenta lembrar —, talvez não tenham falado com ele nenhuma vez.

Ele conversara muito mais com a policial Rashadi. Ela era pequena, com o cabelo preso sob um lenço, mas algo em seus modos tinha imediatamente silenciado as exigências de sua mãe e o choro agoniado de seu pai cinco minutos depois de ela ter passado pela porta. Seth gostara da maneira como ela não conversava com ele com uma voz de adulto tentando parecer criança, gostara de como parecia que toda palavra que ela dizia era verdade.

Com o mais suave dos toques, ela o questionara vez após outra sobre o que tinha acontecido, dizendo que, se ele se lembrasse de algo mais, independentemente de ser algo bobo ou ridículo, deveria dizer a ela, pois quem sabia o que poderia ajudar seu irmão?

— O homem tinha uma cicatriz na mão — Seth contara pela quarta ou quinta vez em que conversaram. Ele tinha feito um círculo com o dedão e o indicador para mostrar o tamanho da cicatriz.

— Sim — a policial Rashadi comentara sem anotar em seu bloco. — Ele tirou uma tatuagem.

— Isso é importante? — Seth perguntara. — Ou é bobagem?

Ela simplesmente sorria para ele, os dois dentes da frente levemente tortos, mas brilhantes como o luar.

Ele se lembra de tudo isso agora, mas não consegue se lembrar do nome do homem sobre quem estavam falando, como se, de algum modo, aquela informação tivesse sido apagada totalmente de sua memória.

Ele olha de novo para a foto. Owen e Mickey estão no meio, Owen com um sorriso tão largo que parecia doer fisicamente, a mãe e o pai

um de cada lado, sorrindo um pouco envergonhados, mas também, dava para ver, se divertindo muito, apesar de tudo.

E lá estava Seth, sorrindo também, olhando para o Mickey um pouco mais tímido e mantendo distância — lembra-se de ter ficado apavorado com o brilho gigantesco da fantasia, com o sorriso que nunca mudava e com o estranho silêncio do Mickey em pessoa, mas imagina que teria sido ainda mais estranho se o Mickey falasse francês.

Na foto, há um pequeno espaço entre ele e sua família, mas não vai colocar muita ênfase nisso. Apenas um acaso da fotografia, na qual ele provavelmente deu um passo para trás para se afastar do Mickey no momento em que a foto foi tirada.

Porque ele continua sorrindo. Continua.

Ele não sabe o que está por vir, Seth pensa, recolocando a foto em cima do arquivo.

Não olha para trás ao sair do escritório e fechar a porta.



Ele passa o tempo até a madrugada mantendo-se ativo, assim não pega no sono. Mergulha profundamente em um novo livro — aquele sobre o sátiro continua lá sem terminar, em cima da mesinha de centro — e, quando está a ponto de pegar no sono, se levanta e anda pela sala. Prepara uma lata de espagete mas, de novo, come apenas a metade, colocando-a ao lado da sopa inacabada e das salsichas de antes.

O dia amanhece com uma pequena trégua na chuva. Agora é mais uma garoa do que outra coisa, mas ainda caindo, a água enlameada rodopiando por todo lugar lá fora.

Seth começa a se sentir estranhamente agitado pela falta de sono, e pensa que o que mais gostaria de fazer é sair para correr. A temporada de cross country já tinha passado havia tempos quando ele se afogara, e só tinha conseguido fazer algumas poucas corridas no tempo ruim que tiveram durante o inverno.

Sua mãe mantivera o ritmo de corrida, quase por maldade. Quanto pior o tempo, mais ela gostava. Voltava ensopada, a respiração fazendo nuvens no ar. “Meus Deus, como é bom”, ela sussurrava, ofegando muito ao entrar pela porta, balançando sua garrafa de água.

Fazia anos que ela não convidava Seth para ir com ela.

Não que ele fosse dizer sim.

Bem, talvez. Provavelmente não. Mas talvez.

Mas ele sente falta da corrida. Trancado nesta casa, sente mais falta do que nunca. Sente falta do ritmo, do jeito como sua respiração se encaixava no lugar, da maneira como o mundo meio que vinha em sua direção, como se ele ficasse em pé parado e o planeta inteiro girasse embaixo dele.

Era solidão, mas uma solidão que não era solitária. Uma solidão que podia resolver as coisas. E ele não tinha isso havia anos.

Não fora à toa que tudo viera por água abaixo no final daquele

inverno.

Ele olha de novo pela janela da frente. A garoa continua lá, o mundo continua cinza.

— Da próxima vez que o sol sair — ele diz —, vou correr.

Ele fica preso o dia todo até a noite. Os relógios na casa, obviamente, pararam todos de funcionar, assim ele só consegue adivinhar em qual velocidade o tempo está passando.

Mais do que qualquer coisa, ele não quer dormir. Tenta coisas idiotas para manter-se acordado. Canta a plenos pulmões. Tenta a parada de mão perfeita. Tenta se lembrar de todos os cinquenta estados (chega aos quarenta e sete, fica quase louco tentando se lembrar de Vermont e desiste).

Seth fica com mais frio à medida que a noite se aproxima. Acende todas as lanternas e vai até o quarto dos pais no andar de cima pegar mais cobertores. Enrola-se neles e anda de um lado para o outro na sala principal, tentando pensar em alguma coisa, qualquer coisa, para manter a mente ocupada, para manter o sono e o tédio a distância.

E a solidão.

Ele para no meio da sala principal, os cobertores enrolados em volta dele como robes.

A solidão. Nessa exaustão contínua, a solidão terrível deste lugar o engole, assim como as ondas nas quais se afogara.

Ninguém aqui. Ninguém além dele. *Ninguém.*

Para sempre.

— Merda! — ele diz entredentes, começando a andar mais rápido do que nunca. — Merda, merda, merda!

Sente-se como se estivesse debaixo d'água de novo, lutando por fôlego. Sua garganta se fecha, assim como aconteceu quando ele foi puxado para baixo de outra onda congelante. *Lute*, ele pensa, entrando em pânico. *Lute. Ah, que merda, que merda!*

Ele para no meio da sala, apenas levemente consciente de que está soltando um gemido. Até levanta a cabeça, como se estivesse buscando o ar que está ficando cada vez mais longe.

— Não consigo aguentar isso — sussurra para dentro da escuridão sombria acima dele. — Não consigo aguentar isso. Não para sempre. Por favor...

Ele dobra e desdobra as mãos, puxando os cobertores, que, subitamente, parecem estar sufocando-o, levando-o cada vez mais

para baixo. Ele os deixa cair no chão.

Não consigo me controlar. Por favor, não consigo me controlar ...

E então ele vê, nas luzes das lanternas, que os cobertores limpam a poeira, fazendo um padrão no chão enquanto ele andava de um lado para o outro. O piso de madeira polida está, na verdade, reluzindo de leve para ele.

Ele puxa com o pé um cobertor embolado, deixando uma faixa de chão limpo sob ele. Empurra-o um pouco mais pelo chão até a parede, tirando ainda mais poeira. Pega o cobertor. O lado de dentro está imundo, mas ele o dobra do lado mais limpo e o empurra pela parede até a lareira.

Olha para trás. Uma grande faixa do chão está relativamente limpa agora.

Ele dobra o cobertor de novo e acompanha a parede ao redor da sala, depois o piso em volta dos sofás, dobrando e redobrando conforme necessário até limpar quase todo o chão. Atira o cobertor sujo para o meio da cozinha e pega outro, dobrando-o em um quadrado e limpando a mesa da sala de jantar, tossindo um pouco com a poeira que sobe, mas, de novo, grande parte da superfície brilha para ele.

Ele molha na pia a ponta de um cobertor menor e esfrega a poeira mais pesada da mesa da sala de jantar antes de passar para a televisão inerte. Toda vez que um cobertor fica muito sujo, ele o empilha na cozinha e pega outro. Logo está no andar de cima, no armário de roupa de cama e banho, tirando toalhas e lençóis absolutamente endurecidos e usando-os para limpar a lareira e os peitoris das janelas.

Um tipo de transe extático toma conta dele, sua mente fixada em nada além das ações, que são maníacas, focadas, aparentemente impossíveis de serem paradas agora que ele as colocou em ação. Ele limpa as prateleiras de livros, as ripas das portas para o cubículo, as cadeiras ao redor da mesa da sala de jantar. Sem querer, quebra uma lâmpada no lustre acima de sua cabeça ao tentar tirar as teias de aranha, mas simplesmente embrulha o vidro em um cobertor e o adiciona à pilha.

Limpa a poeira restante do espelho pendurado sobre o sofá. A sujeira continua grudada no vidro, então ele pega um de seus trapos molhados e o aperta com mais força contra o espelho, esfregando com movimentos repetitivos, tentando limpá-lo.

— *Vamos lá* — ele diz, mal notando que está falando em voz alta. — *Vamos lá.*

Ele para de se esforçar por um minuto e fica ofegante. Levanta o braço para voltar à tarefa...

E, na luz na lanterna, vê a si mesmo.

Vê seu rosto magro demais, seu cabelo curto repicado, vê os pelos escuros brotando embaixo do nariz e no queixo, mas não muito nas bochechas, onde ele não tem esperança de ver a barba crescer algum dia.

Vê seus olhos. Vê como são os olhos de alguém que está sendo caçado. Ou assombrado.

E, no espelho, vê a sala atrás de si. Cem vezes mais habitável do que estava antes de começar essa loucura, uma loucura que ele mesmo não consegue explicar.

Mas lá está. Uma sala limpa, ou pelo menos *mais* limpa. Ele até mesmo limpou a poeira daquela terrível, abominável pintura do cavalo morrendo. Olha para ela agora em reflexo, os olhos enlouquecidos, a língua como uma lança de terror.

E se lembra.

Dessa limpeza. Dessa arrumação de coisas. Desse surto de organização.

Já fizera isso antes. Em seu próprio quarto na América.

— Não — ele diz. — Ah, não.

Foi a última coisa que fizera antes de sair de casa.

A última coisa que fizera antes de descer até a praia.

A última coisa que fizera antes de morrer.



— **Você acha que eu** também não detesto? — Gudmund suspirou com raiva. — Não acha que é a última coisa que eu quero?

— Mas você não pode — Seth disse. — Não pode simplesmente...

Ele não conseguia dizer. Não conseguia nem mesmo dizer a palavra.

Ir embora.

Gudmund olhou nervosamente para sua casa, do banco do motorista. As luzes estavam acesas no andar de baixo, e Seth sabia que os pais de Gudmund estavam de pé. A qualquer momento poderiam perceber que ele tinha sumido.

Seth cruzou os braços com força para se proteger do frio.

— Gudmund...

— Tenho que terminar o ano na Bethel Private ou eles não vão pagar a faculdade, Sethy — ele praticamente implorou. — Eles chegaram a esse nível de loucura. — Franziu o cenho, com raiva. — Não é todo mundo que tem pais europeus liberais...

— Não são tão liberais assim. Eles mal olham para mim agora.

— Eles mal olhavam para você antes — Gudmund disse. Então se virou para Seth. — Desculpe. Você sabe o que eu quis dizer.

Seth não disse nada.

— Não precisa ser para sempre — Gudmund continuou. — Vamos nos encontrar na faculdade. Vamos arrumar um jeito de ninguém...

Mas Seth estava balançando a cabeça.

— O que foi? — Gudmund perguntou.

— Vou ter que ir para a faculdade do meu pai — respondeu, ainda sem levantar os olhos.

Gudmund fez um movimento de surpresa no banco do motorista.

— O quê? Mas você disse...

— A terapia do Owen está custando uma fortuna. Se eu quiser ir para a faculdade, vai ter que ser na tarifa familiar da faculdade onde meu pai dá aula.

Gudmund ficou de queixo caído, chocado. Não era esse o plano. Não mesmo. Os dois iriam para a mesma universidade, ambos dividiriam um quarto no dormitório.

Ambos estariam a centenas de quilômetros de casa.

— Ah, Seth...

— Você não pode ir — ele disse, balançando a cabeça. — Não pode ir embora agora.

— Seth, eu preciso...

— Não pode. — A voz de Seth estava falhando e ele lutava para controlá-la. — Por favor.

Gudmund colocou uma mão sobre o ombro dele. Seth se desvencilhou dela, mesmo que senti-la fosse o que mais desejava no mundo.

— Seth — Gudmund falou. — Vai dar tudo certo.

— Como?

— Isso não é toda a nossa vida. Não chega nem perto de ser. É só a escola secundária, Sethy. Não é para durar para sempre. Por uma baita de uma boa razão.

— Tem sido... — Seth disse para o espelho retrovisor. — Desde o Ano-Novo, desde quando você não estava lá, tem sido...

Ele parou. Não podia dizer a Gudmund o quanto tinha sido ruim. Os piores dias de sua vida. A escola tinha sido quase impossível de aguentar, e às vezes ele passara dias sem falar com ninguém. Houvera algumas pessoas, na maioria garotas, que tentaram lhe dizer que achavam que o que estava acontecendo com ele não era justo, mas tudo o que fizeram foi lembrá-lo de que tinha passado do ponto de ter três bons amigos para não ter nenhum. Gudmund fora tirado da escola pelos pais. H estava andando com uma turma nova e não falava com ele.

E Monica.

Ele não podia nem pensar em Monica.

— São só mais alguns meses — Gudmund disse. — Segure a onda. Vai conseguir.

— Não sem você.

— Seth, por favor, não diga essas coisas. Não aguento quando você diz coisas desse tipo.

— Você é tudo o que eu tenho, Gudmund — Seth declarou baixinho. — Você é tudo. Não tenho mais nada.

— Não diga isso! — Gudmund refutou. — Não posso ser o tudo de alguém. Nem mesmo o seu. Estou ficando louco com tudo isso. Não aguento o fato de ter que ir embora. Quero matar alguém! Mas consigo aguentar se souber que você está aí, sobrevivendo, superando tudo. Isso não vai durar para sempre. Há um futuro. De verdade. Nós vamos encontrar um jeito, Seth. Seth?

Seth olhou para ele e pôde ver o que ainda não vira antes. Gudmund já tinha partido, já pusera a cabeça na Bethel Private, a cento e quatro quilômetros de distância, já estava vivendo em um futuro na UW ou WSU, que ficavam mais longe ainda, e talvez o futuro incluísse Seth de algum modo, talvez o futuro realmente tivesse um lugar para os dois...

Mas Seth estava ali. Não estava no futuro. Estava apenas neste presente inimaginável.

E não conseguia enxergar como um dia conseguiria passar daqui para lá.

— Há muito mais do isso aqui, Sethy — Gudmund disse. — Esta situação é pior do que se possa imaginar, mas há mais. Tudo o que temos que fazer é chegar lá.

— Tudo o que temos que fazer é chegar lá — Seth repetiu, a voz mal chegando a um sussurro.

— Isso mesmo. — Gudmund tocou o ombro dele de novo. — Segure a onda, por favor. Vamos conseguir. Prometo.

Os dois deram um pulo ao som da porta batendo com força.

— Gudmund! — o pai dele gritou da varanda, alto o bastante para acordar os vizinhos. — É melhor você responder, garoto!

Gudmund abaixou a janela.

— Estou aqui! — ele gritou de volta. — Preciso de um pouco de ar puro.

— Acha que sou idiota? — O pai estreitou os olhos para olhar dentro da escuridão onde Seth e Gudmund estavam estacionados. — Venha para dentro. Agora!

Gudmund se virou de volta para Seth.

— Vamos trocar e-mails. Vamos nos falar por telefone. Não vamos perder contato, prometo.

Ele se jogou para a frente e beijou Seth com força, uma última vez, o cheiro dele enchendo o nariz de Seth, o peso de seu corpo balançando Seth no assento, as mãos envolvendo o tronco de Seth...

E então ele se foi, escorregando pela porta, correndo de volta para a iluminação da varanda, discutindo com o pai pelo caminho.

Seth olhou-o ir embora.

E, quando Gudmund desapareceu atrás da porta batendo de novo, Seth sentiu as próprias portas se fechando.

As portas do presente, fechando-se todas ao redor dele, trancando-o lá dentro.

Para sempre.



Ele leva um instante para perceber que está no chão. Ele não se lembra de ter deitado, mas está todo dolorido e duro, como se estivesse lá há horas.

Senta-se. Está se sentindo mais leve.

Como se estivesse quase vazio.

O peso do sonho parece estar em algum lugar do quarto, e ele está levemente consciente disso, mas de si mesmo, ele sente...

Nada. Não sente nada.

Fica em pé. O sono restaurou um pouco de sua força. Mexe as mãos, gira o pescoço, se estica.

Então percebe que pequenos raios de sol estão entrando pelas rachaduras das cortinas.

A chuva parou. O sol está de novo lá fora.

E ele prometeu a si mesmo que correria, não foi?

Mantendo a mente clara, veste o short e uma das camisetas novas. Seus tênis não são adequados para correr, mas darão conta do recado. Ele fica pensando se deve levar uma das garrafas de água, mas resolve deixá-la para trás.

Não toma café da manhã. Ele mal comeu nos últimos dois dias e meio, mas há um propósito dentro do peito que parece estar alimentando-o.

O mesmo propósito que sentiu quando desceu até a praia.

Deixa o pensamento passar pela mente e sair pelo outro lado.

Não há nada nesta manhã.

Absolutamente nada.

Nada além da corrida.

Vai até a porta da frente. Não a fecha.

E sai correndo.

Estava frio, provavelmente abaixo de zero, quando ele saiu de casa naquela tarde, tendo limpado o quarto meticulosamente sem saber por quê, sem nem mesmo ter muita noção do que estava fazendo, apenas deixando tudo em seu devido lugar, arrumado, organizado e finalizado, para que nada fosse deixado para trás.

Sua mãe tinha ido levar Owen à terapia e seu pai estava trabalhando na cozinha. Seth desceu os degraus até a sala de estar. Seus olhos pousaram sobre aquela pintura horrorosa do tio, o cavalo, em terror, em agonia, mas calado, para sempre, observando-o ir embora, vendo-o fechar a porta atrás de si.

Era uma boa meia hora de caminhada até a praia, o céu ameaçando nevar, mas sem cumprir a promessa. O mar naquele dia não estava tão turbulento como costumava estar no inverno. As ondas estavam mais rasas, mas ainda subindo, ainda puxando. A praia estava cheia de pedras como sempre.

Ficou ali por um momento, então começou a tirar os sapatos.

Seth corre em direção à estação de trem, deixando pegadas na lama que ainda seca, as pernas estalando e reclamando pela falta de uso para esse tipo de coisa. Sobe as escadas entre os blocos de apartamentos, indo em direção à estação de trem.

Começa a suar, as gotas picando seus olhos ao começarem a escorrer da testa. O sol está torrando. A respiração está pesada.

Ele corre.

E, à medida que corre, lembra.

Corre mais rápido, como se pudesse escapar daquilo.

Havia areia ali, entre as rochas, e ele ficou em pé sobre um pedaço para primeiro tirar um sapato, depois o outro. Colocou-os cuidadosamente juntos, então se sentou sobre a rocha para tirar as meias, dobrando-as e enfiando-as no fundo dos sapatos.

Sentia-se.... não exatamente calmo, calmo não era a palavra certa, mas houve momentos, momentos quando ele não estava focado em dobrar precisamente as meias, quando quase desmaiou de alívio.

Alívio por finalmente, finalmente, finalmente.

Finalmente não precisaria haver mais nada, não precisaria haver mais sacrifício, mais nenhum peso para carregar.

Levou um tempo tentando se livrar do nó em seu peito.

Respirou.

Seth salta sobre a catraca na estação de trem e sai a passos largos pela plataforma. Não olha para o trem ao seguir em direção à ponte sobre os trilhos. Não ouve nenhum sinal do javali, sem dúvida dormindo no confinamento de sua toca em um dia tão quente.

Sobe as escadas, atravessa a ponte e desce do outro lado.

Tirou a jaqueta, pois isso também parecia ser a coisa certa a fazer. Estava usando apenas uma camiseta por baixo, e o vento picava seus braços nus. Tremeu ainda mais ao dobrar o casaco e colocá-lo em cima dos sapatos.

Sentia-se presente ali, mas ao mesmo tempo também distante, como se estivesse se olhando do alto, olhando para um garoto sem sapato e sem casaco, observando o mar.

Como se estivesse esperando.

Mas o quê?

Fosse lá o que fosse, nunca apareceu.

E, então, ele sussurrou para si mesmo:

— Estou pronto.

E percebeu, para sua surpresa, com uma súbita onda de tristeza que quase o fez desmaiar, que estava dizendo a verdade.

Estava pronto.

Começou a caminhar em direção ao mar.

Seth pula o portão do outro lado da estação de trem e passa pela saída dos fundos. Aperta o passo na inclinação rumo à primeira rua principal, diminuindo o ritmo diante do cansaço dos pés, mas seus músculos parecem ter acordado, voltando à memória de si mesmos, voltando à memória de correr...

Dá os primeiros passos de corrida dentro do bairro destruído.

Tudo ao seu redor está morto.

A friagem da água era chocante, quase brutal, mesmo naqueles primeiros passos, e ele não conseguiu deixar de resfolegar. Uma onda de arrepios subiu-lhe pelos braços, os pelos negros e finos ficando quase verticais. Por um momento foi como se ele já tivesse começado a se afogar na altura dos tornozelos, em doze centímetros de água.

Soube então que, se a água não o matasse, o frio o mataria.

Forçou-se a dar mais um passo.

E outro.

Está tão quieto que tudo o que consegue ouvir são seus passos e sua respiração. Nesta primeira rua tudo fora destruído, de modo que só há terra enegrecida nos dois lados. Ele chuta pedaços de cinzas pelo ar, parte delas secando agora ao sol e deixando um rastro de nuvem.

Olha para a frente de novo.

Em direção a Masons Hill.

Seus pés — quase azuis de tanto frio — ficaram anestesiados à medida que andava de pedra em pedra. Cada novo choque à medida que pisava mais fundo era como uma faca entrando nele, mas ele continuava. A água alcançou seus joelhos, suas coxas, escurecendo os jeans até ficarem negros. Havia uma grande parte rasa, mas ele sabia que, de repente, um pouco mais para a frente, ficava fundo a ponto de ter que nadar. Também sabia que havia correnteza, do tipo que poderia carregar um nadador desavisado e arrebatá-lo nas rochas encobertas mais à frente na praia.

Estava com tanto frio agora que sua pele parecia ter sido mergulhada em ácido. Uma onda maior bateu em sua camiseta, e ele não conseguiu fazer outra coisa senão gritar. Estava tremendo incontrolavelmente e teve que se forçar a continuar andando.

Veio outra onda, maior do que a última, e ele quase se desequilibrou. Outra veio depois dessa. Ele não conseguiria ficar em pé por muito mais tempo, os pés e dedos agarrando-se com força às pedras submersas, a maré puxando para a frente e para trás. E se preparou para deixar-se levar, para mergulhar, começar a nadar mais para dentro do frio, dentro da liberdade terrível e absurda que o aguardava.

Ele estava ali. Tinha chegado até ali. Havia tão pouco para percorrer, e ele mesmo se trouxera até ali.

Estava quase no fim. Ele estava quase lá.

Nunca, em toda a sua vida, se sentira tão poderoso.

Em outra rua mais para baixo, as armações de concreto de algumas casas ainda estão em pé, apesar de totalmente queimadas, dentro e fora. Não só as casas, mas as fachadas das lojas e as estruturas maiores também.

Tudo enegrecido, tudo vazio, tudo morto.

Sua garganta está queimando, e ele pensa que deveria ter trazido a água. Mas o pensamento está fugindo e ele o deixa ir embora.

Masons Hill continua firme no horizonte, e é disso que ele precisa.

Sente-se vazio. Vazio de tudo.

Poderia correr para sempre.

Sente-se poderoso.

Então uma onda, maior do que qualquer outra, o engoliu, puxando-o para baixo da água congelante. O frio era tão cortante que foi como um choque elétrico, causando em seu corpo um espasmo doloroso. Ele estava boiando, revirando debaixo d'água, por pouco evitando arrebentar a cabeça em uma pedra na superfície.

Tossindo, cuspiando, ele subiu à superfície quando outra onda quebrou. Ele foi para cima de novo, os pés procurando um ponto de apoio, mas a ressaca já o puxava rápido para longe. Cuspiu água do mar e foi engolido por outra onda.

(Ele lutou; apesar de tudo, estava lutando...)

O frio era tão grande que parecia estar vivo. Em um tempo impossivelmente curto, não conseguia mais fazer seus músculos funcionarem direito, e, apesar de ainda conseguir ver a praia vazia nos segundos que tinha por cima da água, ela ficava cada vez mais distante, a corrente puxando-o em direção às rochas.

Era tarde demais.

Não havia volta.

(Mesmo assim, pegou-se lutando...)

> > >

Seth aumenta a velocidade, a respiração começa a sair em arfadas puras, colocando as lembranças de lado, não as deixando criar raízes.

Vou conseguir, ele pensa. Vou conseguir chegar até a colina. Agora não está longe.

Outra rua, e mais outra rua, prédios vazios por toda parte, saindo da terra como lápides, a respiração ficando mais alta nos pulmões, as pernas cada vez mais fracas.

Vou conseguir. Vou chegar até o topo...

Aqui está o garoto, correndo.

Aqui estava o garoto, se afogando.

Naqueles últimos momentos, não foi a água que o derrotou; foi o frio. Sugou-lhe toda a energia do corpo e contraiu seus músculos até uma

dolorosa inutilidade, não importava quanto ele lutasse para se manter na superfície.

(e ele lutou no final, lutou mesmo...)

Ele era forte e jovem, quase dezessete anos, mas as ondas gélidas continuaram chegando, cada uma aparentemente maior do que a última. Jogavam-no de um lado para o outro, passavam por cima dele, puxavam-no cada vez mais para baixo.

Não pensa sobre o seu destino final enquanto corre, não em palavras. Há apenas a intenção. Há apenas a leveza.

A leveza de tudo estar terminado. A leveza de deixar tudo ir embora.

Em seguida, sem avisar, o jogo que o mar parecia estar jogando, o jogo cruel de mantê-lo vivo o suficiente para achar que talvez conseguisse sair dessa, esse jogo parecia ter chegado ao fim.

A correnteza aumentou, atirando-o às pedras fatalmente duras. A escápula direita se quebrou em duas partes, o estalo foi tão alto que ele conseguiu escutar o crack mesmo embaixo d'água, mesmo no turbilhão da onda. A intensidade inimaginável da dor foi tanta que ele gritou, a boca enchendo-se imediatamente com a água do mar, salgada e congelante. Ele tossiu tentando colocar a água para fora, mas só a puxou ainda mais para dentro dos pulmões. Envergonhou-se de dor no ombro, cego, paralisado pela intensidade dela. Agora não conseguia nem mesmo tentar nadar, era incapaz de se segurar enquanto as ondas o viravam mais uma vez.

Por favor, foi tudo o que pensou. Apenas uma expressão ecoando em sua cabeça.

Por favor.

Por favor, ele pensa...

Há uma leve queda em um dos lados da Masons Hill. Consegue vê-la a distância.

Quinze metros até o concreto abaixo.

Por favor...

A correnteza o agarrou pela última vez. Recuou como se fosse atirá-lo e o arremessou de cabeça nas pedras. Ele bateu nelas com todo o peso e a potência de um oceano furioso atrás de si.

Mas isso não o tornou livre.

Ele acordou aqui.

Aqui, onde não há nada.

Nada além da solidão mais terrível que ele já sentira.

Que não pode mais aguentar...

Ele está quase lá. Só mais uma vez. Só mais uma rua comprida, e ele chegará ao sopé da colina.

Ele faz uma curva...

E, a distância, no fim da rua à frente dele, vê uma van preta.

E ela está em movimento.



Para tão subitamente que cai, enterrando as mãos nas camadas de cinza.

Uma van.

Uma van que está se distanciando dele.

Uma van que está sendo *dirigida*.

Está indo devagar, indo embora a distância, deixando para trás uma nuvem de cinzas, mas lá está ela, sólida como o mundo.

Há alguém mais no inferno.

Seth se equilibra sobre os pés, abanando os braços sobre a cabeça antes mesmo de pensar se seria ou não uma boa ideia.

— Espere! — ele grita. — ESPERE!

E, quase imediatamente, a van para. Está tão longe que cintila no calor vindo da cinza seca, mas ela definitivamente para.

Com certeza o ouviram.

Seth observa, o coração disparado, os pulmões buscando ar.

A porta da van se abre.

E duas mãos, vindas de trás, se colocam sobre a boca de Seth, levantando-o do chão.





As mãos dobram Seth tão para trás que ele mal consegue manter o equilíbrio. Tenta lutar, mas se vê tão enfraquecido — pela falta de comida e de sono, pela corrida, pelo peso puro em seu peito — que tudo o que consegue fazer é cambalear para trás, tentando não cair...

Ainda que as mãos pareçam estranhamente pequenas...

Elas o puxam para fora da rua, em direção à cobertura de uma estrutura caída que um dia pode ter tido vários andares, mas que agora é um lugar de paredes de cimento quebrado e sombras surpreendentemente escuras.

Poderiam fazer qualquer coisa com ele se o colocassem ali dentro.

Ele joga o peso no chão, caindo no pavimento coberto de cinza e levando seu agressor consigo.

— Ai! — grita uma voz, e Seth rola de volta, punhos a postos, pronto para lutar com quem quer que seja que, de repente, se materializou do nada...

Mas é apenas um garoto.

Ele não pode ter mais do que onze ou doze anos, e é pelo menos uns trinta centímetros mais baixo do que Seth. Não é à toa que pareceu tão estranho; era como um macaco pendurado em uma girafa.

— Não! — o garoto sussurra, em evidente pânico. — Temos que sair da rua!

Ele já está se levantando, os olhos passando por Seth, em direção à van. Seth também se vira. No calor cintilante, não tem certeza se consegue ver uma figura em pé ao lado dela...

O garoto agarra a camiseta de Seth.

— Venha! Precisa vir!

Seth dá um tapa na mão dele.

— Tire as mãos de mim!

— Não, você tem que vir! — o garoto diz, e Seth nota que ele fala com sotaque, talvez do leste europeu. Atrás dele, Seth vê uma bicicleta deixada na cinza em frente a um prédio queimado. O garoto se vira e grita:

— Regine!

Uma garota alta, parruda e negra, mais próxima da idade de Seth, talvez até um pouco mais velha, sai das sombras do prédio, pedalando a própria bicicleta. Seth consegue ver por trás dela uma faixa ensolarada, que deve ter sido a abertura pela qual eles passaram. Evidentemente sem fôlego, a garota olha fixamente para Seth.

— Meu Deus, você corre muito rápido.

— Quem são vocês? — ele quer saber. — Que diabo...

— Temos que ir! — o garoto insiste, apontando para a rua. — O Motorista!

Todos olham. A porta da van foi fechada. O carro está se movendo de novo, fazendo a volta.

Para vir nesta direção.

A garota sai da bicicleta, seu rosto novamente aterrorizado.

— Tommy! Se esconda! — ela grita. O garoto pega a bicicleta dela, a dele, e as arrasta para dentro da escuridão da estrutura. A garota agarra a camiseta de Seth com as duas mãos, tentando puxá-lo para lá também.

Ela é *muito* mais forte do que o garoto.

— Tire as mãos de mim! — Seth diz, lutando.

Ela coloca o rosto bem perto do dele.

— Se não se esconder conosco *agora*, vai morrer!

— Ela não está mentindo! — o garoto fala, saindo de trás de um muro baixo da estrutura, o rosto tomado de preocupação. — Por favor, venha! — Ele desaparece atrás da parede de novo, que parece esconder uma caverna pequena e improvisada feita de pedaços de concreto caídos. Ele puxa as bicicletas para dentro consigo.

A garota ainda está puxando a camiseta de Seth, com tanta força que quase chega a rasgá-la. Ele resiste e olha para a rua de novo. A van já deu a volta. E está começando a descer a rua, vindo atrás deles.

Mas que inferno é esse?, ele pensa. *Sério, que inferno é esse?*

A garota dá um grito assustado, solta dele e foge para dentro da construção.

E é isso que faz Seth finalmente se mexer. O medo no rosto da garota.

Ele corre atrás dela para dentro da escuridão.

As sombras lá dentro são tão profundas e negras que Seth fica cego por um minuto.

— Rápido! — a garota diz, puxando-o atrás dela, por cima do muro baixo e para dentro da pequena alcova, ainda menor com o garoto e as bicicletas. Seth para por um momento para se perguntar por que *ele* nunca pensara em procurar uma bicicleta.

— Isso é ridículo — ele diz. — Ele vai nos ver...

— Ele vai achar que voltamos por onde viemos — a garota disse —, se tivermos sorte.

— E se não tivermos sorte?

Ela ergue o dedo para fazê-lo parar.

E agora ele também consegue ouvir.

O motor da van. Quase ali.

O garoto solta um gemidinho.

— Está chegando.

O garoto e a garota se empurram mais para dentro da escuridão da pequena alcova, que agora parece pateticamente pequena para proteger os três, apertados contra as bicicletas, suando, arfando, tentando não fazer nenhum som.

A van para do lado de fora. Seth ouve a porta se abrindo.

Um braço passa pelo peito dele. O garoto, procurando pela garota. Ela pega a mão dele e a segura com força.

Ninguém respira.

Seth ouve passos triturando as cinzas. Uma pessoa, Seth imagina, apenas um par de pés.

E então ele o vê, entrando nas sombras da construção.

Impossível neste calor, cada centímetro da pele dele está coberto, de cima a baixo, com um material preto aparentemente sintético, quase como uma roupa de mergulho. Seu rosto está escondido sob um capacete polido com volumes moldados para o nariz e o queixo, mas, de resto, completamente sem nada, apenas um negrume liso e metálico.

Como o caixão no andar de cima da casa de Seth.

Seth ouve uma leve respiração ao seu lado. Nas sombras, o garoto está com os olhos fechados com força e seus lábios se movem furiosamente, como se estivesse fazendo uma prece.

A figura para quase em frente aos pés deles, de lado para eles. Só precisa olhar no lugar certo, só precisa se curvar e olhar mais de perto...

Passa pela alcova, saindo da linha de visão de Seth. Ele sente a garota soltar o ar, mas ela segura o fôlego de novo quando ele volta do outro lado. Para mais uma vez, olhando para as marcas nas cinzas, marcas que Seth tem certeza que o levará até eles. Seth vê que segura um bastão negro ameaçador, que parece sem dúvida uma arma muito, muito perigosa.

A figura — o Motorista, como o garoto o chamou — é inexplicavelmente aterrorizante. Tem a forma de um homem, mas algo na negritude de suas roupas, algo no modo como move o corpo...

Não é muito humano, Seth pensa.

Não há misericórdia nele, é isso que é. Nada a que recorrer. Pode matá-lo, como disse a garota, mas o faria sem que ele nunca fosse capaz de convencê-lo do contrário e sem que jamais soubesse por que estaria morrendo.

Para na direção da alcova.

Seth sente a mão do garoto apertar ainda mais a da garota, por cima de seu peito.

Mas o Motorista para. Fica imóvel por um segundo, depois dá um passo para trás, caminhando rapidamente para fora do campo de visão. Seth ouve a porta da van bater, ouve o motor dar a partida, ouve a van ir embora.

— Graças a Deus! — o garoto sussurra.

Depois de esperar mais um momento para ter certeza de que foi embora, eles se arrastam para fora da alcova. O garoto e a garota ficam em pé em frente à luz que entra de lado, ele parecendo tímido, ela, desafiadora.

— Quem são vocês? — Seth pergunta. — E que diabo era *aquilo*?

Os dois olham para ele por um momento. Então o rosto do garoto se contorce em lágrimas. A garota vira os olhos, mas abre os braços. O garoto se joga, agarrando-a com força, chorando dentro do abraço dela.



— **Quem são vocês?** — Seth pergunta de novo, ainda encarando-os.
— O que está acontecendo?

— Ele é meio sentimental — a garota responde, segurando o garotinho. — Acho que deve ser coisa de polonês.

— Não foi isso o que eu quis dizer.

— Eu sei que não foi o que você quis dizer. — Ela soltou o garoto, cujo queixo anda está tremendo. — Estamos bem, Tommy. Estamos bem.

— Seguros? — o garoto pergunta.

Ela dá de ombros.

— Tão seguros quanto podemos.

Ela é inglesa, Seth nota, e seus olhos estão cansados e com olheiras, as roupas, a mesma combinação de coisas novas e cobertas de cinza que as dele. É bem alta, mais alta do que Seth, e o cabelo está bem puxado para trás, preso com uma presilha na parte de trás da cabeça. Quanto ao garoto, é tão baixo que é quase cômico. Seth repara, também, no emaranhado espetacular que é o cabelo dele, do mesmo jeito que Owen usava. Por um momento, sente uma dor profunda e inesperada pelo irmão.

— Sou Regine — a garota diz. — Este é o Tomasz. — Ela pronuncia os nomes Ray-zsheen e Toh-mawsh. Tanto ela quanto o garoto olham ansiosamente para Seth.

— Seth — ele se apresenta. — Seth Wearing.

— Você é americano — Regine diz. — Isso é uma surpresa.

— Como sabe que ele é americano? — Tomasz pergunta a ela.

— Pelo sotaque.

Tomasz sorri timidamente.

— Eu não consigo notar. Vocês dois falam igual para mim.

— Eu nasci na Inglaterra — Seth conta, sua confusão crescendo novamente. — Nasci *aqui*. Onde quer que este inferno seja.

A garota começa a tirar as bicicletas da alcova.

— Você vai ter que ir com ele — ela diz a Tomasz. Este resmunga bem alto e pega uma das bicicletas dela. — Vamos logo — a garota diz para Seth. — Não podemos ficar aqui de boqueira.

— Esperam que eu vá com vocês? — ele pergunta.

— Não temos tempo para discutir. Você pode vir conosco ou não...

— Regine! — Tomasz diz, chocado.

— ... mas, se ficar aqui, o Motorista vai te encontrar e aí você com certeza vai morrer.

Seth não responde. Não sabe o que responder. A garota o encara, e ele percebe que ela está olhando para suas roupas de corrida, por não estar carregando água, a vê refletindo sobre a maneira como ele estava correndo, furiosamente, com um objetivo. Ela dá uma olhada atrás dele, para a paisagem.

Para Masons Hill.

Está perto, tão perto que ele poderia sair correndo neste exato segundo e correr até...

Mas essa intenção está menos clara agora. A sensação de alívio já passou, por enquanto. A sensação que o teria levado até o topo.

Até a ponta daquele penhasco escarpado.

Eles o impediram. Exatamente no momento certo.

E ele também leva isso em consideração.

Um garoto e uma garota, aparecendo do nada, detendo-o exatamente no momento em que ele começava a subir a colina, um pouco antes de ele encontrar a van preta.

Que também apareceu do nada.

Será que ele fez com que tudo surgisse? Será que ele os fez chegar aqui?

Bem na hora?

Mas Tomasz e Regine. Nomes absurdos, estrangeiros, até mesmo aqui.

E a van. E o Motorista.

O que foi tudo aquilo?

— Vocês são reais? — Seth pergunta, baixinho, quase para si mesmo.

O garoto balança a cabeça com um simpático sim.

— Sei por que você está perguntando — a garota diz. — Mas a única resposta que tenho é que somos tão reais quanto você.

Seth respira.

— E se isso não parecer muito real neste momento?

A garota olha como se o compreendesse.

— Precisamos ir, de verdade. Você vem?

Ele não sabe o que fazer, o que deveria fazer. No entanto, não há como negar que — seja lá quem forem eles, seja lá o que poderiam ser —, parecem companhia bem mais segura do que o Motorista.

Seth concorda.

— Tudo bem.



A bicicleta de Regine passa por cima de torres de cinza seca à medida que ela vai em frente. Seth vai um pouco mais atrás dela, em pé nos pedais. Tomasz senta-se no selim da bicicleta segurando Seth na cintura, provavelmente mais apertado do que o necessário.

— Não gosto disso — Tomasz diz. — Você é muito alto. Não consigo ver nada.

— Agente firme aí — Seth diz.

Eles passam pelas ruas acinzentadas, ficando perto de onde as trilhas originais de Regine e Tomasz estão, procurando pela van em cada esquina.

— Quem era aquele? — Seth pergunta. — O que era aquilo?

— Explicações mais tarde — Regine responde.

— Ela o viu antes — Seth ouve atrás das suas costas. — Ela viu o que ele faz.

— Explicações *mais tarde* — Regine diz de novo, pedalando com mais força.

Passam por outra esquina, e mais outra, fazendo o caminho até a estação de trem. As marcas das bicicletas nas cinzas são paralelas às pegadas de Seth na sua rota de saída.

— Vocês estavam me seguindo — ele diz.

— Estávamos tentando te alcançar — responde Tomasz.

— Como sabiam onde eu estava?

— *Mais tarde* — Regine retruca quando eles viram a última esquina.

— Temos que fugir do... MERDA!

A van preta está lá, esperando por eles.

Regine faz uma curva tão rápida que cai da bicicleta. Seth se esforça para manter o equilíbrio, já que Tomasz pula da bicicleta para ajudá-

la. A van está na rua, de lado, prevenindo claramente que eles viriam por uma dessas três passagens. Eles pegaram a que ele obviamente menos esperava, mas a van já está ligando os motores para dar a volta e vir atrás deles.

Agora que consegue ter uma visão total, Seth percebe que “van” não é nem de longe a palavra certa para aquilo. Comprida, lisa e misteriosa, seus cantos são arredondados, as janelas, tão escuras que quase parecem se juntar numa única peça com a própria lataria. Não há nenhuma outra marca de identificação. Nem mesmo a poeira e a cinza parecem grudar nela. É apenas uma coisa dura, fria e escura na paisagem cinza.

Assim como o capacete que o Motorista estava usando.

Assim como o caixão na casa de Seth.

— A ponte! — Regine grita, equilibrando a bicicleta, não parando nem mesmo quando Tomasz pula no selim atrás dela. — Antes que ele consiga virar!

Ela pedala em fuga, a princípio meio instável, mas cada vez mais rápido. Desvia da frente da van, o movimento rápido da bicicleta deslizando pelo veículo mais volumoso, mas essa não é uma luta que vencerão por muito tempo. Seth segue atrás dela, saltando para uma calçada cheia de cinzas para evitar que a van bata nele.

Seth consegue ver a ponte à qual ela se referiu. Lá embaixo, na estação de trem, os trilhos passam por um arco de tijolos. Metade está caída sobre a rua abaixo, mas à direita há espaço suficiente para uma bicicleta passar.

Mas não para uma van passar.

Seth pedala passando por Regine, que está com dificuldades pelo peso de Tomasz. Há um arranque no motor, e eles olham para trás para ver que a van fez a volta.

E está vindo atrás deles, a toda a velocidade.

— Não vamos conseguir! — Tomasz grita.

— Aguenta firme! — Regine grita em resposta, as pernas dela trabalhando freneticamente.

Seth olha para trás de novo. A van está quase encostando neles.

Tomasz está certo. Não vão conseguir.

Sem parar para pensar, Seth faz um desvio brusco para a direita, levantando uma nuvem de cinzas e voltando pelo caminho por onde veio.

— O que está *fazendo*? — Regine grita.

— Vá! — ele grita em resposta. — Vá logo!

Ele passa correndo por eles na direção oposta, seguindo direto rumo à van.

— NÃO! — ele ouve Tomasz gritar, mas segue em frente, ganhando velocidade.

— Vamos lá! — ele diz, seguindo em direção à van. — Vamos lá!

Ela não para ou desvia.

Nem Seth.

— VAMOS LÁ! — ele berra.

Eles estão a quinze metros de distância.

Dez.

O motor da van aumenta a velocidade...

E, um pouco antes do impacto, ela vira violentamente para a esquerda, batendo na calçada quebrada e escorregando para dentro da fundação queimada da casa.

Seth faz outra curva na cinza.

— Vão! Vão! Vão! — ele berra para Regine e Tomasz, que diminuiram a velocidade para observá-lo. Ela começa a pedalar de novo e desaparece dentro da estreita abertura embaixo da ponte. Seth corre atrás deles. Ouvem a partida do motor de novo, mas seguem sem olhar para trás, pelo buraco escuro embaixo da ponte até saírem do outro lado.

— Será que ele vem atrás de nós? — Seth pergunta, gritando.

— Não sei! — Regine responde. — Deveríamos ir para sua casa e nos esconder.

— *Minha* casa?

— A próxima passagem fica a várias ruas ao norte — Regine diz, Tomasz ainda agarrado nela. — Achamos que ele não sabe onde você mora...

— E como *vocês* sabem onde eu moro?

— Vamos esconder as bicicletas — ela continua, ignorando-o. — Ele geralmente nunca vem para este lado...

— Geralmente?

Regine bufa de irritação ao virarem outra esquina.

- Tem muita coisa que não sabemos.
- Mas sabemos de algumas coisas — Tomasz diz.
- Como o quê? — Seth pergunta.
- Como estarmos certos em seguir você — Tomasz responde alegremente. — Porque você nos salvou.
- E do que eu salvei vocês? — Seth pergunta quando eles finalmente começam a diminuir o ritmo. — O que era aquela coisa?
- Tomasz olha para ele e diz:
- A morte. Era a morte.



— **Não a morte de verdade** — Regine explica ao esconderem as bicicletas no jardim coberto de mato duas ruas acima da casa de Seth.

— Nós o chamamos de Motorista.

— *Talvez* seja a morte de verdade — Tomasz diz.

Regine vira os olhos.

— Não um esqueleto usando uma capa com um... — ela faz um movimento com as mãos.

— Foice? — Seth sugere.

— Foice — Regine concorda. — Mas mata.

— Como você sabe?

— Esta não é a hora certa para explicar — ela diz, guiando-os pela calçada em direção à casa de Seth. — Temos que entrar.

— Mas *quem são* vocês? — Seth pergunta, seguindo. — De onde vieram? Existem mais de vocês?

Regine e Tomasz trocam olhares. É o bastante para ele entender na mesma hora. Fica surpreso ao perceber como ficou decepcionado tão rápido.

— Não há mais ninguém, não é?

Regine balança a cabeça.

— Só eu e o Tommy. E seja lá o que esteja dirigindo aquela van.

— Nós três. Isso é tudo?

— É melhor do que dois — Tomasz diz. — E muito melhor do que um.

— Achamos que deve haver mais pessoas em algum lugar por aí — Regine afirma. — Ou não faria o menor sentido.

— Claro — Seth retruca. — Porque tudo o mais aqui faz sentido.

Tomasz franze o cenho.

— Mas sentido é o que não faz mesmo.

— Tente não usar ironia — Regine pede a Seth. — Ele não entende.

— Entendo, sim! — Tomasz protesta. — Na minha língua, *muita* ironia. Eu posso contar a história do dragão de Cracóvia, que...

— Precisamos entrar — Regine diz. — Não acho que o Motorista nos considere uma ameaça a não ser que estejamos bem perto, mas...

— Perto do quê? — Seth pergunta.

Os dois olham para ele assustados. Regine ergue a cabeça para ele.

— *Onde* você acha que está?

Seth responde sem rodeios.

— No inferno.

— Isso — Tomasz diz. — É o que *eu* acho.

— Bem — Regine responde, apertando o pé na calçada. — É uma maneira de pensar.

Eles percorrem o caminho cuidadosamente, passando pelas partes menos empoeiradas da calçada, tentando disfarçar as pegadas, mas qualquer um procurando por eles poderia encontrá-los facilmente.

Mas só se estivesse procurando.

— Seja lá o que... aquela *coisa* for — Seth fala —, nunca veio nesta direção antes. Confiem em mim. Nada passa nessas ruas há anos.

Regine bufa.

— Ainda vou me sentir melhor quando estivermos dentro da casa.

— Tem comida lá? — Tomasz pergunta. Regine lança um olhar para ele. — O quê? — ele pergunta. — Estou com fome.

— Só latas — Seth responde. — Sopa e feijão velho e pudim.

— Exatamente as coisas com que estamos acostumados — Regine comenta.

Eles viram a esquina no final da rua de Seth.

— Aquela ali, não é? — Tomasz pergunta, apontando.

Seth para de andar.

— Como sabem disso? Já estiveram aqui me espionando?

O sorriso de Tomasz entrega e até mesmo Regine parece sem graça.

— O quê? — Seth pergunta.

Regine suspira fundo.

— O Tommy viu você no topo da estação de trem uns dias atrás.

— Ela não acreditou em mim — Tomasz diz. — Disse que eu imaginei você. — Ele sorri de novo. — Não imaginei.

— Estamos em uma casa a alguns quilômetros daqui — Regine conta, gesticulando para o norte. — Mas saímos para procurar comida e o Tommy disse que pensou ter visto alguém.

— Procuramos muito tempo na chuva, que nunca parava — comenta Tomasz, concordando. — Ficamos ensopados.

— E então, hum — Regine diz, e parece enrubescer de verdade —, vimos você tomando banho. Na chuva. Na frente da sua casa.

O sorriso de Tomasz se abre ainda mais.

— Estava puxando seu bilau!

— Tomasz! — a garota retruca. Então franze o cenho para Seth. — Bom, estava *mesmo*. E não íamos dizer olá quando você estava tão *ocupado*, e estávamos com fome e molhados, então voltamos para casa e pensamos em voltar quando o clima não estivesse tão...

— Íntimo — Tomasz cochicha em voz alta.

— *Chuvoso* — Regine diz.

Seth sente a garganta queimar.

— Achei que estivesse sozinho aqui. Pensei que estivesse completamente sozinho.

— Foi isso o que eu achei também — Tomasz afirma em tom grave. — Até a Regine me encontrar. — Ele sorri de novo, desta vez timidamente. — E agora somos três.

— Então, viemos aqui hoje de manhã — Regine conta — e descobrimos que você estava correndo muito, muito rápido numa direção em particular. — Ela cruza os braços. — Como se tivesse algum lugar para ir. Indo fazer alguma coisa.

Há um silêncio que Seth não preenche.

— E não podíamos deixar que o Motorista pegasse você — Tomasz diz. — Então nós te seguimos. E aqui estamos, todos juntos. — Ele dá de ombros. — Ainda do lado de fora.

Seth aguarda um momento sem dizer mais nada, então segue descendo a rua, guiando-os em direção à sua casa. Está com vergonha pela situação do banho, mas não tanto quanto poderia estar. Algo ainda não está certo com relação a isso. Esses dois *por acaso*

apareceram quando ele estava correndo em direção à colina, *por acaso* o pararam antes de ele fazer contato com a van preta, *por acaso* encontraram o lugar perfeito para se esconder do Motorista?

Dá uma olhadinha para trás ao começar a seguir o caminho até a porta da frente.

Um garoto polonês baixinho e feliz e uma garota negra alta e misteriosa.

Será que ele os inventou? Porque eles seriam a última e a mais estranha coisa que ele escolheria para inventar.

Ele abre bem a porta e os dois o seguem para dentro. Regine pega uma cadeira de jantar e Tomasz se joga no sofá.

— Essa pintura é horrível — ele diz, olhando para o cavalo em pânico em cima da lareira.

— Vou fazer alguma coisa para comer — Seth diz. — Não vai ser muito. Mas, enquanto eu faço, vocês têm que me contar o que sabem.

— Tudo bem — Regine responde. — Mas primeiro você tem que *nos* contar uma coisa.

— E o que seria? — Seth pergunta, indo em direção à cozinha.

E então ouve a pergunta dela:

— Como você morreu?



— O que você disse?

— Acho que você escutou muito bem a pergunta — Regine diz, olhando com firmeza para ele, como se o estivesse desafiando. Um teste no qual ele tem que passar.

— Como eu morri? — Seth repete, olhando de um lado a outro, entre ela e Tomasz. — Então você está dizendo... Está dizendo que este lugar é mesmo...

— Não estou dizendo nada — Regina refuta. — Só estou perguntando como você morreu. E a sua reação me diz que você sabe exatamente o que eu quero dizer.

— Eu fui atingido por um raio! — Tomasz revela.

Regine faz um som de zombaria bem alto.

— Foi nada.

— Você não sabe — Tomasz diz. — Não estava lá.

— Ninguém é atingido por um *raio*. Nem mesmo na Polônia.

Os olhos de Tomasz se arregalam de indignação.

— Não foi na Polônia! Quantas vezes tenho que dizer? Minha mãe veio para cá procurando um trabalho melhor e...

— Eu me afoguei — Seth diz, tão baixinho que acha que talvez eles não o tenham ouvido.

Mas os dois param imediatamente com a implicância.

— Se afogou? — Regine pergunta. — Onde?

Seth enrugando a sobancelha.

— Halfmarket. É uma cidadezinha na costa do...

— Não, quero dizer, *onde*? Na banheira? Na piscina...

— No mar.

Ela assente, como se fizesse sentido.

— Você bateu a cabeça?

— Se eu bati a... — Seth responde, e então para. Passa a mão na parte de trás do crânio, onde colidiu com as pedras. — E o que isso tem a ver com qualquer coisa?

— Eu... — Regine começa, então olha para o chão recém-varrido que Seth deixou para trás naquela manhã. — Caí da escada. Rachei a cabeça em um degrau durante a queda.

— E acordou aqui?

Ela concorda com a cabeça.

— Para mim foi o raio! — Tomasz diz, alegremente. — É como levar um soco no corpo inteiro de uma vez só!

— Você *não* foi atingido por um raio — Regine repete.

— Então você também não caiu da escada! — Tomasz diz, bravo, alterando a voz, um tom que Seth reconhece das cento e uma brigas com Owen.

— Então vocês dois...? — Seth não termina a frase.

— Morremos — Regine diz. — De um jeito que causou uma lesão específica.

Seth toca a parte de trás da cabeça de novo, onde bateu nas pedras. Ele se lembra da terrível finalização da batida, poderia jurar ainda sentir os ossos se quebrando, de um modo do qual não havia mais volta.

Até acordar aqui.

Agora não há mais ossos quebrados, claro, aquele era outro lugar, outro *ele*, e tudo o que consegue sentir é o cabelo ainda curtíssimo, algo que Regine e Tomasz, por estarem há tanto tempo aqui, já deixaram crescer. Fora isso, não há nada esquisito, apenas a curva côncava do pescoço levando até a curva convexa do crânio.

Regine olha para Tomasz.

— Mostre a ele — ela diz.

Tomasz dá um pulo do sofá.

— Abaixе um pouco, por favor — ele pede. Seth se apoia em um joelho e deixa que Tomasz pegue sua mão. Ele espalha os dedos de Seth para que os dois primeiros fiquem a uma certa distância. Tomasz põe a pontinha da língua para fora enquanto se concentra e, mais uma vez, Seth se lembra tanto de Owen que seu peito chega a apertar.

— Aqui — Tomasz diz, colocando os dedos de Seth em uma faixa específica de osso bem atrás da orelha esquerda. — Consegue sentir?

— Sentir o quê? — Seth pergunta. É exatamente onde sua cabeça bateu na pedra, mas não há nada incomum ali, nada além de uma faixa de...

Há alguma coisa. Uma elevação no osso, tão discreta que quase não se percebe, tão discreta que ele não a sentiu segundos atrás, quando apertou exatamente no mesmo lugar.

Uma elevação no osso.

Levando a uma fenda estreita no mesmo osso.

— O quê? — Seth sussurra. — Como...?

Ele jura que aquilo não estava ali antes. Mas está ali agora, sutil, porém evidente, a elevação e a fenda quase como uma extensão absolutamente natural de seu crânio.

Quase.

— Foi aí que bateu a cabeça? — Regine pergunta.

— Foi — Seth responde. — E você?

Regine assente.

— E foi onde o raio me atingiu também! — Tomasz diz.

— Ou seja lá o que tenha acontecido — Regine resmunga.

— O que é isso? — Seth pergunta, sentindo o mesmo ponto do seu lado direito para ver se há outra. Não há.

— Achamos que é um tipo de conexão — Tomasz conta.

— Conexão com o quê?

Nenhum dos dois responde.

— Conexão com o quê? — Seth pergunta de novo.

— Como têm sido os seus sonhos? — Regine pergunta.

Seth franze o cenho para ela. Então afasta o olhar, sentindo a vivacidade de seus sonhos de um modo que faz sua pele enrubescer.

— Os sonhos — Tomasz diz, dando um tapinha nas costas de Seth, solidário. — Não são fáceis.

— Como se não só estivesse vendo tudo de novo — Regine explica. — É como se estivesse lá de novo, de verdade, de volta no tempo, de algum modo, revivendo tudo.

Seth fica surpreso ao perceber seus olhos se encherem de lágrimas, a

garganta engasgada.

— O que é isso? Por que isso acontece?

Ela dá um olhar de relance para Tomasz, depois de volta para Seth.

— Não temos certeza — ela responde com cuidado.

— Mas vocês têm uma ideia.

Ela concorda.

— As coisas com que você sonha. Elas são importantes?

— São — Seth responde. — Mais do que eu gostaria que elas fossem.

— Algumas são boas — Tomasz conta. — Mas boas de um jeito doloroso.

Seth assente.

— Mas aquilo, tudo aquilo — Regine faz um gesto no ar, capturando em um simples estalo de dedos todos os sonhos que ele tivera —, tudo aquilo não é a nossa vida inteira.

— O quê?

— Há mais. Muito, muito mais. — Ela coloca um sorriso amargo na boca. — E você esqueceu.

Por alguma razão, Seth não consegue entender muito bem, o que o deixa nervoso.

— Não me diga que esqueci — ele diz, furioso o bastante para surpreender a todos, inclusive a si mesmo. — Eu lembro demais, esse é o problema. Se pudesse esquecer algumas dessas coisas, então...

— Então o quê? — Regine pergunta. — Você não teria se *afogado*? — Ela diz a palavra com um tom sarcástico, desafiando-o com os olhos.

— Você caiu da escada? — ele se ouve perguntando. — Ou foi empurrada?

— Uau — Tomasz diz, dando um passo para trás. — Alguma coisa aconteceu. Eu perdi. Por que estamos brigando?

— Não estamos brigando — Regine explica. — Estamos nos conhecendo.

— As pessoas que estão se conhecendo trocam informações — Seth diz. — Tudo o que você está me fornecendo são enigmas e dicas sobre o quanto você sabe mais do que eu. — Ele se levanta, a voz aumentando junto com ele. — Por que eu tenho uma fenda nova na

cabeça?

Tomasz começa a responder.

— Não é nova...

Mas Seth continua a falar:

— Por que eu me arrastei para fora de um caixão na casa onde cresci?

Regine parece surpresa.

— Você cresceu aqui? Nesta casa?

Mas Seth mal está ouvindo.

— E onde está todo mundo? E quem são vocês? E como eu sei que não estão trabalhando com aquela coisa da van?

Isso causa um surto de fúria muito maior do que ele esperava.

— NÃO estamos! — Tomasz grita.

— Você não sabe de nada! — Regine explica.

— Então me digam!

— Tudo bem! — ela diz. — O Tomasz não é a primeira pessoa que vi aqui. Ele foi a segunda.

Seth se sente estranhamente vitorioso.

— Então *existem* outras?

— Só essa, antes de eu encontrar o Tomasz.

— E graças à Virgem Maria ela me encontrou — Tomasz diz, balançando a cabeça vigorosamente. — Eu estava muito mal.

— Mas antes disso — Regine continua — havia outra pessoa. Uma mulher. Eu a conheci um dia. *Um dia*. E então eu a vi morrer. Ela me protegeu e deixou que o Motorista a pegasse em vez de mim. Eu o vi matá-la. Aquele bastão tem algum tipo de energia. Mata. E então o Motorista leva o corpo embora.

Tomasz franze o cenho para Seth.

— Ela não gosta de falar sobre isso.

— Então, vá se ferrar — Regine continua. — Como *nós* sabemos que *você* não...

Ela para.

Porque eles escutaram o barulho.

Um rugido distante, um som de vento que não é o vento.

O som de um motor.

Ficando cada vez mais alto à medida que se aproxima.



Eles vão até as janelas, ainda que as cortinas estejam abaixadas e não dê para ver nada da rua lá fora.

— Não — Regine diz, ficando em pé. — Ele nunca vem até aqui. Se nós fugimos, ele sempre para.

O som do motor fica mais forte, a duas, talvez três ruas de distância. E chegando mais perto.

Tomasz dá uma bronca em Seth.

— Você estava gritando! Ele ouviu você!

— Não, não ouviu — Regine retruca. — Está só procurando, rua por rua, tentando nos encontrar. Agora, fique quieto.

Eles ficam em silêncio, mas o som muda quando ele certamente vira uma esquina...

E começa a dirigir pela rua da casa de Seth.

Mas Seth está pensando.

Eles só ouviram o motor depois de ele ter dito as palavras. Depois de tê-los acusado de trabalharem com ele.

E agora aqui está ele.

Eu fiz isso, ele pensa. *Será que eu fiz isso?*

— Nossas pegadas estão por toda parte — Tomasz diz. — Ele vai saber que estamos aqui.

— Ele está dirigindo — Regine comenta. — Pode ser que passe muito rápido para notar...

Mas ela não termina.

Porque o motor para bem em frente à casa.

Seth sente a mão de Tomasz escorregando dentro da sua, agarrando-a do jeito que Owen fazia toda vez que tinham de atravessar a rua.

Seth consegue sentir a tensão vibrando nos dedinhos curtos e grossos, consegue ver as unhas roídas até a carne, consegue ver os olhos arregalados e aterrorizados no rosto de Tomasz.

Tão parecido com Owen.

— Vai passar — Regine diz. — Vai passar e ir embora. Ninguém se mexe, *ok*?

Eles não se mexem. Nem o som do motor.

— O que ele está *fazendo*? — Tomasz pergunta, num sussurro desesperado.

E Seth vê de novo a desarrumação do cabelo dele, uma avalanche de arames embaraçados. De novo, igual a Owen. Seth olha para Regine, os pensamentos a toda a velocidade.

Tudo com relação a este mundo parecia pequeno. Tudo era como se ele estivesse se escondendo em um pequeno esconderijo em um lugar com muros que pressionavam de todos os lados, na forma de lembranças das quais não podia se livrar, fazendo fronteira com uma terra de ninguém queimada, e agora esses dois, aparecendo no momento exato para evitar que ele fosse em frente, trazendo-o de volta a esta mesma casa horrorosa no momento em que ele tentava ir embora para sempre, e, quem sabe, talvez até mesmo trazendo essa van atrás deles.

— Alguma coisa não está certa aqui — ele diz.

— O quê? — Tomasz pergunta.

Seth aperta a mão de Tomasz, então a solta.

— Vou descobrir o que é.

— Vai o *quê*? — Regine pergunta.

Ele começa a atravessar a sala de estar indo em direção às janelas.

— Vou dar uma olhada para ver o que está acontecendo.

Agora Tomasz chega mais perto de Regine e segura a mão dela.

Seth para e olha para eles com curiosidade.

— Vocês não estão aqui, estão? — ele pergunta, as palavras saindo sem querer.

Regine franze o cenho.

— Como assim?

— Não acho que vocês estejam aqui de verdade. Não acredito que *nada* disso esteja realmente aqui.

O motor continua roncando do lado de fora.

— Se nós não estamos aqui — Regine diz, mantendo os olhos nele —, você também não está.

— E você acha que isso é uma resposta? — Seth diz. — Acha que isso é uma prova?

— Não estou nem aí para o que você acha. Se deixar aquela coisa nos ver, estamos mortos.

Mas Seth está balançando a cabeça.

— Sinto que estou começando a entender. Finalmente estou começando a entender que lugar é este. — Ele se vira de volta para a janela. — E como ele funciona.

— O que vai fazer, Sr. Seth? — Tomasz pergunta. — Você disse que ia só dar uma olhada.

— Seth, por favor — Regine pede, e ele a escuta dizer a Tomasz: — Vá, corra, tem que haver uma saída lá atrás...

— Não há nada do que correr — Seth diz. — Não há nada aqui que possa me machucar, não é?

Com um movimento quase casual, ele levanta as cortinas. O sol invade a sala escura e Seth estreita os olhos na claridade...

E o Motorista dá um soco pela janela, atingindo Seth no peito, fazendo-o voar pela sala com uma força aparentemente impossível.



Ele aterrissa em uma cambalhota aos pés de Regine e Tomasz, que estão fugindo para a cozinha. Parece que um buraco lhe atravessou o peito, tirando cada milímetro de ar de seus pulmões. O Motorista esmaga o restante do vidro, arremessa a cortina em um movimento violentamente eficiente e passa por cima da esquadria baixa da janela, entrando na sala de estar, seus pés batendo no chão com uma pancada seca irrealisticamente pesada.

Ele fica ali parado, os braços levemente estendidos, os pés separados, a cabeça polida sem feições, inclinada de um jeito que parece estar olhando para Seth lá embaixo, ainda contorcido no chão, tentando respirar. Seth consegue ouvir Regine e Tomasz se debatendo com a porta para o jardim de trás, mas há apenas grades altas e um matagal lá fora. Nenhum lugar para onde possam fugir dessa coisa em forma de homem, horripilante e sem rosto.

Não há escapatória. Para nenhum deles.

O Motorista vem na direção de Seth, seus passos retumbando pelo chão de madeira. À medida que ele caminha, faz um movimento para a frente com o braço, e o bastão de aço negro parece simplesmente surgir em sua mão. O Motorista faz um único movimento, como se o estivesse testando. Ele estala no ar, emitindo um zumbido perigoso, pontinhos de luz faiscando à medida que o move.

Os pensamentos de Seth dão voltas enquanto ele se arrasta para trás. *Que momento mais estúpido para estar errado*, ele pensa, e *Aqui está ela, minha morte*, e *Eles só precisam puxar para fazer o trinco funcionar*, e *Será que vai doer? Ah, meu Deus, será que vai doer?* E ele está tentando fugir e o Motorista chega, implacável, com o bastão a postos...

Ele está levemente consciente de Tomasz dizendo: “Não podemos, não podemos”, e Regine gritando “Tommy!”, mas tudo o que consegue ver é o rosto vazio e cruel encarando-o, vindo em sua direção...

— Não! — Seth começa a dizer...

O Motorista dá um salto, levantando o bastão e trazendo-o para

baixo com uma autoridade final e aterrorizadora...

E é nocauteado no chão por uma prateleira cheia de livros caindo em cima dele.

Seth grita de surpresa, mas Tomasz já está correndo de onde empurrou a prateleira enquanto Regine enfia as mãos embaixo dos braços de Seth para ajudá-lo a se levantar. Eles o arrastam até a cozinha, e Seth consegue ver o Motorista tirando a prateleira de cima dele com uma força incomensurável. Tomasz bate a porta da cozinha atrás deles, e Regine o ajuda a empurrar a geladeira para escorá-la.

— Você tem uma chave? — Tomasz grita, apontando para a porta no deque. — Por favor, diga que tem uma chave!

— Está aberta — Seth diz, ofegante, seu peito ainda latejando. — Puxe e levante a trava.

Ouvem um barulho quando o Motorista joga seu peso contra a porta da cozinha, quase derrubando a geladeira na primeira tentativa, mas Regine já está com a porta de trás aberta. Ela agarra Tomasz pela mão e o puxa para fora, dizendo para Seth:

— Vamos!

Ele se equilibra sobre os pés quando vem o segundo golpe, arrancando das dobradiças a metade de cima da porta da cozinha. Mas ela ainda está de pé. Por enquanto. Ofegando, ainda curvado pela dor no peito, Seth sai correndo atrás deles.

Eles já desapareceram dentro do mato quando Seth chega ao deque. Consegue ver a cabeça de Regine acima dos caules, mas Tomasz é apenas uma corrente passando em meio a eles, como um peixe perto da superfície de um lago.

Seth tropeça na pilha de bandagens prateadas — ainda lá, onde ele as deixara — e entra no mato ao ouvir um golpe mais definitivo vindo de dentro da casa.

— Diga que há um jeito de sair daqui — Regine grita de volta para ele.

Seth não responde.

— Merda! — Ele a ouve dizer.

Eles param perto do antigo abrigo antibomba, sem porta há muito tempo, o interior entulhado com pilhas de cacos de vasos e aproximadamente dezoito milhões de araras de roupas. A cerca de trás é alta e de madeira, sem pontos fáceis apara apoiar os pés, e o aterro do outro lado só corre inclinado até a outra grade, absurdamente alta

e com arame farpado nas pontas.

— Que lugar é este mesmo? — Regine pergunta.

— O terreno do presídio — Seth engasga. — Há outra grade depois dessa, e outra depois dela. — Ele para, pois Regine e Tomasz estão olhando um para o outro, surpresos. — O que foi?

— O presídio? — Tomasz pergunta.

— É — Seth responde. — E daí?

— Ah, que inferno — Regine diz. — Que inferno, que inferno, que inferno!

— AQUI! — Tomasz grita, puxando um pedaço solto de madeira da parte mais baixa da cerca. Regine e Seth vão ajudá-lo, Seth piscando ao se inclinar e arrancar dois, depois três pedaços. Tomasz se espreme até passar para o outro lado. Eles puxam um quarto pedaço de madeira e Regine empurra Seth.

Ele volta para ajudá-la.

Mas Regine está olhando para o deque.

Onde o Motorista agora está em pé.

Pelo buraco da cerca, Seth e Tomasz conseguem vê-la olhando para a coisa, conseguem vê-la se virando para encará-los.

Veem os olhos dela calculando.

Veem que ela não está se mexendo.

— O que está fazendo? — Tomasz pergunta, amedrontado.

— Vão, vocês dois! — Ela olha para Seth. — Cuide do Tommy.

— NÃO! — Tomasz grita, disparando de volta para o buraco, mas Seth instintivamente o faz parar.

— Regine, isso é loucura! — ele diz.

— Vou diminuir o passo dele — ela explica. — Vocês podem fugir.

— Regine! — Tomasz grita, tentando fugir dos braços de Seth.

Há um som cortante quando o Motorista começa a rasgar caminho pelo mato alto, agora lentamente, quase passeando, como se já soubesse que os pegou.

— Vão! — Regine grita. — Agora!

— Regine... — Seth diz.

E Tomasz escapa dos braços de Seth, correndo e atravessando pelo buraco da cerca, tentando escapar de Regine também, quando ela

tenta se colocar na frente dele.

— Tommy! — ela grita.

Mas Seth consegue vê-lo enfiando a mão no bolso, tirando um pequeno cartucho de plástico, seus dedos curtos e grossos trabalhando freneticamente...

Consegue ver a chama de um isqueiro dançando no ar.

— Tommy? — Regine chama.

Tomasz passa o isqueiro pela beirada da grama alta e cheia de arbustos, ainda ressecada mesmo depois da chuva, ainda bem pronta para pegar fogo onde quer que Tomasz toque a chama. E ele acende.

— Venha! — ele grita para Regine ao passar correndo pelo buraco da cerca.

Regine olha para as labaredas subindo, espalhando-se tão rápido que a fumaça alta incandescente já está escondendo o Motorista. Seth a vê esperando, imóvel, durante ínfimos segundos, mas então ela segue Thomasz. Eles viram para a direita, descendo pelo aterro, na esperança de haver uma saída no final da cerca.

E correm como loucos.



— **Esse aí é o meu isqueiro**, seu ladrãozinho! — Regine fala enquanto correm, Seth olhando sem parar por cima do ombro, procurando pelo Motorista, mas as chamas agora estão tão altas que ele pode vê-las por cima das cercas de separação.

— Isso vai se espalhar — Seth diz. — Tudo aqui vai pegar fogo exatamente como do outro lado dos trilhos.

— Me desculpe — Tomasz responde.

— Quero meu isqueiro *de volta* — Regine repete.

O espaço entre as cercas de trás e o aterro íngreme é estreito demais para correrem tranquilamente. Precisam se movimentar o mais rápido possível com um pé reto no chão e o outro na inclinação escarpada.

— Ele não está nos seguindo — Seth afirma, olhando para trás de novo.

— Ainda não — Regine retruca.

Chegam ao final das fileiras de casas, saindo no estacionamento de um pequeno bloco de apartamentos perto do esgoto. Seth desvia para a esquerda, para longe da rua de sua casa.

— Não! — Regine grita, sem fôlego. — Temos que ficar longe do presídio. Não há a menor chance de nos livrarmos dele se não ficarmos longe de lá.

Seth para.

— O quê? Por quê?

Mas ela já está correndo na outra direção, para cima, rumo ao esgoto e à High Street. Tomasz bem no encalço dela.

— Por aí nós vamos dar exatamente lá! — Seth grita atrás deles, mas não param. — Que droga! — ele berra e os segue, apertando o peito ainda dolorido...

Ainda dolorido, mas...

Correm até a beirada do esgoto e param, agachando-se. Tomasz dá uma olhada por trás de um arbusto.

— Nada — ele diz. — A van ainda está lá, mas nada mais. Só muita fumaça.

— Então vamos — Regine fala. Ela corre pela rua, Tomasz atrás dela, ambos expostos à van durante um segundo rápido e assustador. Seth vai em seguida, olhando em direção à casa, mas nada está se movendo. Eles se escondem nos arbustos do outro lado da rua.

— Meu peito — Seth diz, a mão sobre o coração. — Está...

— Vamos voltar para a *nossa* casa — Tomasz sugere. — Lá podemos ajudar você.

— Muito longe para irmos a pé, com aquela coisa atrás de nós — Regine diz. Ela se vira para Seth. — Conhece algum lugar para nos escondermos?

Seth olha para cima, para a High Street, pensando em todas as lojinhas das quais saiu e entrou, até chegar ao supermercado no topo da colina.

— Para ser sincero... — ele responde.

— Está escuro aqui — Tomasz diz, espiando pelas portas de vidro do supermercado depois de terem corrido até a High Street.

— É perfeito — Regine elogia, balançando a cabeça para Seth. — Muito bom.

Seth olha para trás na direção de sua casa, onde a fumaça ainda está alta.

— Acham que o matamos?

— A morte não pode morrer — Tomasz diz.

— É só um homem com uma roupa — Regine retruca. — Não é a morte. Não devíamos nem chamá-lo de “coisa”. — Ela se enfia lá dentro e se perde nas sombras quase imediatamente. Seth quer segui-la, mas Tomasz permanece firme no lugar, mordendo o lábio.

— Está escuro — ele torna a dizer.

— Vamos! — Regine chama de dentro.

— Nós vamos estar lá dentro com você — Seth diz ao garoto. — E você tem um isqueiro.

Tomasz tira o isqueiro do bolso e fica girando-o entre os dedos.

— Não é meu. É da Regine. Ela me pediu para guardar para ela. —

Ele olha de relance para Seth. — Para fugir da tentação.

— Ela disse que você o roubou.

Tomasz dá de ombros.

— As pessoas pedem pelo que precisam de maneiras diferentes. Às vezes, pedem sem nem mesmo pedir. Era o que minha mãe costumava dizer.

Regine sai da escuridão batendo os pés.

— Estou falando sério, Tommy. A única coisa aqui que vai machucar você sou eu se não mexer esse seu traseirinho.

— Você fuma? — Seth pergunta.

Ela olha fixamente para ele.

— É sobre isso que você quer conversar? Está brincando com essa merda toda, não é?

— Vamos lá, Tommy — Seth insiste, virando-se para ele. — Nós precisamos mesmo entrar.

Tomasz parece surpreso.

— Você me chamou de Tommy.

— Sim, chamei.

— Prefiro Tomasz, por favor.

— *Ela* te chama de Tommy.

— Ela pode. Ela é a Regine. Para você, prefiro Tomasz. Faz mais sentido assim.

Ele segue Seth e Regine para dentro da escuridão da loja. Caminham por entre os corredores silenciosos, os pés escorregando na poeira de comida velha espalhada por todo lugar.

— Isto vai servir — Regine diz, virando-se para Tomasz. — Me dê o isqueiro.

— Não — Tomasz responde, balançando a cabeça. — Você parou de fumar, você disse. “Chega de fumar para mim”, diz a Regine.

— Mesmo assim ele ainda é *meu*, e preciso dele para ver se o Seth vai morrer por causa de um pulmão perfurado.

— Eu faço — Tomasz diz. Ele acende o isqueiro, segurando-o acima da cabeça para iluminar o corredor.

— Não tão alto — Regine pede. — Dá para ver lá de fora.

— Ah — ele replica. — Toda cheia de conselhos agora, mas nada

quando o Tomasz está colocando fogo na grama e salvando nossa vida. Ah, obrigada, Tomasz, muito obrigada pela brilhante ideia que nos permitiu fugir. Ai!

Ele solta o isqueiro e coloca dois dedos queimados na boca.

— Claro! — Regina diz. — Muito obrigada, gênio.

— De nada! — Tomasz diz, com a boca cheia de dedos. Regine começa a bater a mão pelo chão, no escuro, para encontrar o isqueiro de novo.

— Por que esse isqueiro é tão importante? — Seth pergunta.

— Porque ele funciona — ela responde, encontrando o isqueiro e o acendendo. — Essas coisas são basicamente álcool. Sabe quantas centenas tive que testar antes de encontrar um que não tivesse evaporado? Vamos, tire a camiseta.

Seth pisca para ela.

— Seu peito, idiota — ela diz. — Você está falando e andando, então acho que está bem, mas não custa nada dar uma olhada.

Seth hesita, subitamente tímido.

Regine dá de ombros.

— Já vimos você tomando banho.

— E fazendo outras coisas! — Tomasz diz.

Ela passa o isqueiro para a outra mão. Dá um olhar malicioso para Seth.

— Não estou convidando você para sair ou coisa do gênero.

— E, se estivesse, não faria diferença — Seth diz, as palavras saindo quase como um reflexo. — Eu não saio com garotas.

Ela fecha a cara imediatamente.

— Está querendo dizer que não sai com garotas *gordas*.

— Não, não é isso...

— Dá para ver você pensando nisso. Como é que ela pode ser tão gorda em um mundo onde mal existe comida? Imagine como ela era antes.

Seth começa a discutir, mas para. Ele *não* pensara aquilo. Mas, realmente, levanta uma questão maior.

— Há quanto tempo está aqui?

— Cinco meses, onze dias — Tomasz diz.

— Tempo suficiente — Regine responde exatamente ao mesmo tempo.

Há um momento de silêncio, e Seth não sabe o que falar, então, ao final, ele simplesmente diz:

— Não, eu quis dizer que não saio com *garotas*. Nenhuma garota.

Regine ergue o isqueiro para olhar para ele, finalmente compreendendo.

— Então, o que você está dizendo é que, se tivermos que repovoar o planeta, vai depender de mim e desse “polonezinho”?

— O quê? — Tomasz pergunta, confuso. — Do que você está falando? Não consigo entender.

— Ele sai com garotos — Regine explica.

— É mesmo? — Tomasz comenta, fascinado. — Faz tempo que eu me pergunto como isso funciona. Tenho *muitas* perguntas para você...

— Me deixe ver o seu peito antes que ele faça a primeira pergunta — ela pede a Seth. — *Por favor*.

À luz da chama, tudo o que conseguem ver na pele de Seth é o início de uma contusão e talvez um pouco de rubor.

— Como pode? — Tomasz pergunta. — Ele jogou você do outro lado da sala.

— Eu sei — Seth diz. — Achei que minhas costelas fossem sair pelas costas.

Regine dá de ombros.

— Talvez ele não tenha te acertado com tanta força.

Seth olha duramente para ela.

— Sei lá — ela diz. — Então simplesmente fique feliz. — A voz dela já está irritada de novo, e ela começa a caminhar pelo corredor, entrando mais para dentro da loja. — Será que tem alguma coisa para beber aqui?

— Você bem que podia ser mais amigável, sabe? — Seth diz. — Estamos nisso juntos.

Ela o encara, a chama fazendo brilhar as bochechas suadas.

— Quer dizer que agora estamos? Porque achei que eu e o Tommy realmente não estivéssemos aqui. E, se não estamos, não faz muito sentido tentar ser amigável com você, não é? Não quando você faz coisas brilhantes como a que fez lá na casa, quase nos matando. Graças a Deus que nós não estávamos lá, hein?

— Mas nós estamos bem! — Tomasz retruca. — Graças a mim.

— Bem, se eu soubesse o que estava acontecendo — Seth diz —, em vez de todo esse mistério idiota...

— Você quer respostas? — ela pergunta, desafiadoramente.

— Regine — Tomasz fala com cuidado. — Talvez ele não esteja pronto...

— Não — ela refuta. — Ele perguntou. Então eu vou contar a ele.

— Me contar o quê? — Seth pergunta.

Ela olha fixamente para ele, a chama tremeluzindo entre os dois.

— Este mundo? Este inferno em que estamos?

— Regine — Tomasz pede. — Pare.

Mas ela continua.

— Isto não é o inferno, não, Senhor Vocês Não Estão Aqui Então Espero Que Não Liguem Se Eu Matar Vocês. Tudo do que está se lembrando, tudo com que está sonhando, cada pedacinho idiota da vida que se lembra de ter vivido? — Ela se debruça na chama até que os olhos parecem ter seu próprio fogo queimando dentro deles. — *Aquilo* era o inferno.

— Não era, *não* — Tomasz retruca com firmeza.

— Era e você sabe muito bem disso — ela afirma. — Mas isto aqui — ela faz um gesto englobando toda a loja, as ruas vazias lá fora, o Motorista que ainda, indubitavelmente, está lá fora em algum lugar procurando por eles —, isto é o mundo real. Este aqui. *Isto*.

Ela dá um tapa no rosto de Seth.

— Ei! — ele grita.

— Sentiu isso? — ela diz. — Isto é bem real, querido.

Seth levanta a mão até o formigamento que se espalha por sua bochecha.

— Por que fez isso?

— Você não morreu e acordou no inferno — ela continua. — Você simplesmente *acordou*.

Ela apaga o isqueiro e entra na escuridão.

— Acordei do quê? — Seth pergunta, indo atrás dela.

Ela para em frente às garrafas de água, os olhos se arregalam. Sem dizer nada, ela e Tomasz começam a fuçar nas garrafas, segurando-as

para cima contra a luz do isqueiro, descartando as sem cor ou vazias.

— Não tem um supermercado no seu bairro? — Seth pergunta, um pouco assustado pela maneira enlouquecida como eles atacam as prateleiras.

— O grande perto de nós está totalmente vazio — ela diz.

— O que deixa apenas lojinhas de esquina e mercadinhos chamados Expresso Alguma Coisa — Tomasz explica, bebendo de uma garrafa.

— Mas vocês estão só a poucos quilômetros de distância — Seth diz, pegando uma garrafa e bebendo também, dando-se conta, ao beber, do quanto estava com sede. — Não vieram procurar?

— Não com o Motorista patrulhando — Regine responde. — Tem sido tudo escondido, de casa em casa, em segredo, tentando não deixar que ele nos veja. E estávamos indo bem, até hoje.

— Se isso foi culpa minha, então peço desculpas, mas estou ficando um pouco cansado de...

— Preciso de um cigarro — Regine diz.

— Não! — Tomasz exclama. — Você vai morrer! Seus pulmões vão ficar tão negros quanto sua pele! Seu cérebro vai sair pelos olhos, como tumores.

— Bom, isso eu quero ver — ela responde e volta para a frente da loja.

Pelas portas, ainda conseguem ouvir o motor cortando o silêncio do bairro, mas é um barulho a uma distância segura e nada paira na entrada, esperando para agarrá-los.

— Desde que a gente não esteja perto do presídio — Regine fala, indo até o balcão de cigarros —, acho que ele não se importa tanto.

— O que há de tão especial com o presídio? — Seth pergunta. — E o que você quis dizer sobre eu ter acordado?

— Espere aí — Regine diz de trás do balcão de cigarros. Quase tudo parece ter sido rasgado em pedacinhos por ratos, mas, depois de vasculhar um pouco o lixo, ela encontra um pacote quase inteiro de Silk Cut. Ela rasga a embalagem como se fosse o primeiro presente de Natal que tivesse ganhado na vida e tira um cigarro.

— Regine — Tomasz diz, frustrado.

— Você não faz ideia — Regine diz. — Estou falando sério, não faz a mínima ideia.

Ela usa o isqueiro para o objetivo original, a ponta do cigarro reluzindo na escuridão. Dá uma tragada bem longa, segurando a

fumaça, e eles a veem fechando os olhos bem apertados, lágrimas descendo pelo rosto de um lado, depois do outro.

— Ah, meu Deus — ela sussurra. — Ah, que merda deliciosa.

Tomasz olha seriamente para Seth.

— Isso vai matá-la.

— Pensei que você tinha dito que nós já estávamos mortos — ele comenta.

— Não — Regine contesta. — Mortos, não. O Tommy está errado nesse ponto. — Ela tosse e dá outra tragada, encostando uma mão no balcão no que parece ser quase um alívio debilitador. — Que dia mais ridículo!

— Regine — Seth diz, sem paciência.

— Tudo bem — ela concorda. — Tudo bem. — Dá outra tragada. — Eu vou contar a ele, Tommy. Você concorda com isso?

Tomasz arrasta um pé pelo chão, desenhando uma linha na poeira.

— Ele vai ficar chocado — ele responde. — Ele não vai querer saber. — Tomasz olha sério para Seth. — Eu não acreditei. Ainda não acredito muito.

Seth engole em seco.

— Vou correr o risco.

— Tudo bem, então — Regine diz, dando uma nova tragada, em seguida atirando a guimba no balcão, puxando outro cigarro do pacote para acender. Ela olha para Seth, segura o pacote e lhe oferece um.

Distraído, Seth faz um gesto para mostrar o short, a camiseta e os tênis de corrida que ele, de alguma forma, ainda está vestindo.

— Corredor — ele explica. — Podemos fazer quase tudo, *exceto* fumar.

Regine assente. E então começa.

— O mundo — ela diz — acabou.



— **Acabou?** — **Seth pergunta.** — Como assim acabou?

Regine respira fundo, a fumaça saindo em círculos de dentro dela.

— *Nós achamos* que acabou porque queríamos que acabasse.

— Queríamos?

— Todo mundo. Todos nós.

Seth começa a fazer mais perguntas, mas ela o interrompe.

— Você costumava entrar na internet? Antes de acordar aqui?

Ele a encara, confuso.

— Claro que sim. Que tipo de pergunta é essa? Era impossível viver sem telefone ou tablet.

— E parece que isso é verdade em qualquer lugar do mundo. — Regine balança a cabeça. — Até na Polônia.

— Eu não estava *na Polônia* — Tomasz retruca, furioso. — Quantas vezes tenho que dizer? Minha mãe veio trabalhar aqui. E a internet na Polônia funciona muito bem, obrigado. Um país muito *avançado*. Estou cansado de você sempre...

— *Tanto faz* — Regine diz. — Achamos que tempos atrás, oito ou dez anos, se for pelas datas das coisas que a gente encontra aqui, todo mundo acessou a internet — Ela solta uma longa baforada de fumaça. — Permanentemente.

Seth franze a testa.

— Como assim permanentemente?

— Ah, *eu sei!* — Tomasz responde. — Significa algo como escolher uma coisa para fazer para sempre.

— Eu sei o que a palavra significa... — Seth comenta.

— Todo mundo deixou o mundo real para trás — Regine continua — e se transferiu para outro que era todo on-line. Alguma versão

completamente imersiva em que nem dava para perceber que se estava on-line, tão parecida com a vida real que não dava nem para notar a diferença.

No entanto, Seth já está balançando a cabeça.

— Não, isso é loucura. O tipo de bobagem que só acontece em filmes. Daria para notar a diferença. Vida real é vida real. Não daria para simplesmente se esquecer de tudo.

— Ah! — Thomasz interrompe. — Ela tem uma teoria sobre isso também. Ela acha que nós nos obrigamos a esquecer. Assim nos preocupamos menos e não sentimos falta de nada.

Seth franze o cenho para ele.

— Você disse que não acreditava nela. Você disse que isto aqui era o inferno.

Tomasz dá de ombros.

— E é. Mas o inferno que você faz para você mesmo talvez continue sendo inferno.

— E querem que eu acredite nisso?

— Não estou nem aí se você acredita ou não — Regine retruca. — Você queria a verdade e aí está ela, a que faz mais sentido. Nós nos enfiamos naqueles caixões...

Seth fica sobressaltado.

— Vocês também acordaram dentro deles?

— Ah, com certeza — Regine continua. — Não são caixões, na verdade. Todos aqueles tubos, todas aquelas fitas adesivas metálicas. São para nos manter vivos, não é? Para nos alimentar, recolher nossos dejetos, manter nossos músculos vivos, tudo enquanto nossas mentes pensam que estamos em outro lugar.

— Eu nem vi quando saí do caixão — Seth comenta. — Na verdade, eu nem sabia que *havia* um caixão até voltar para o andar de cima, uns dois dias depois.

— No andar de cima?

— Estava no mezanino. No meu antigo quarto.

Regine balança a cabeça, como se confirmando alguma coisa.

— Eu acordei na sala — ela diz. — Tão confusa quanto você. Não me mexi de onde caí por pelo menos um ou dois dias.

Seth olha para Tomasz, mas ele não conta sua própria história, apenas arrasta o pé pelo chão mais uma vez.

— Vai chover — diz o garoto.

Eles olham para fora. As nuvens estão realmente chegando rápido, vindas do horizonte distante. Outra tempestade tropical bem esquisita está a caminho.

— E não tem barulho — acrescenta Tomasz.

Seth escuta. O som do motor foi embora enquanto eles conversavam. Há apenas o vento, trazendo as nuvens de chuva que, pelo menos, apagarão qualquer incêndio. *Outra coisa conveniente*, ele pensa.

— O que você disse é impossível — Seth reflete. Regine faz um som de discordância, mas ele continua. — Mas, também, tudo aqui é impossível. O vazio. A sujeira. O mundo ficando velho sem ninguém nele.

— Exceto nós — Tomasz diz.

— É — Seth concorda. — Porque a pergunta é essa, não é? Não havia outros caixões na minha casa ou nas outras casas da minha rua. Se o mundo se colocou para dormir, onde *está* todo mundo?

Nenhum deles responde.

E Seth percebe que já sabe a resposta. Tem toda a inevitabilidade da história.

— No presídio.

Tomasz evita os olhos dele de propósito. Regine o ignora também, mas finalmente faz um olhar resignado.

— Não podemos — ela diz.

— Não podemos o quê? Você nem sabe o que eu vou dizer.

— Sim, eu sei, e estou dizendo que não podemos.

— Não podemos, não podemos mesmo — Tomasz diz, implorando.
— *Mesmo*.

Seth fica irritado com a súbita resistência deles. Desde que chegou aqui, o presídio tem estado encoberto. A distância ou acima da colina, ou apenas a ideia de que ele está lá em algum lugar, escondido. A fonte de tudo o que colocara sua vida em uma direção oposta à da outra, que poderia ter sido boa, que poderia ter sido feliz.

Ele o evitara simplesmente por puro instinto.

E agora, que estão lhe dizendo que ele não pode ir, de repente lhe parece algo que ele tem a obrigação de fazer, a coisa óbvia. Se este é o lugar criado por sua cabeça para que possa aceitar a morte ou se é

realmente algum tipo de inferno para onde ele foi mandado, por uma coisa ou por outra, o presídio é importante. Um lugar onde ele poderá encontrar as respostas.

Mas também, se Regine estiver certa de alguma forma e este for o mundo real, então isso significa que lá é onde sua família está.

Agora.

— Mostre para mim — ele finalmente diz. — Me leve até o presídio.



— Ah! — **Tomasz resmunga**, puxando o chumaço de cabelo com as duas mãos. — Eu *sabia*! Sabia que isso aconteceria.

— É muito perigoso — Regine diz. — O Motorista não vai nos deixar nem chegar perto.

— Mas ele obviamente não fica no presídio o tempo todo — Seth fala. — Sai para patrulhar, ou sei lá o quê.

— Ele vai saber que você está lá e vai fazer mais do que um buraco no seu peito.

— Um buraco que fechou bem estranhamente rápido, não acha? — Seth bate no peito, então olha para a contusão. — Poderíamos achar um jeito de entrar.

— Por favor, não me faça ir junto — Tomasz pede. — Por favor, não. Não de novo.

— De novo? — Seth pergunta.

— Eu acordei lá dentro — Tomasz conta com tristeza. — Tantos caixões. E não se sabe quem está dentro deles, ou o que estão sonhando, nem mesmo se estão vivos. — Ele está segurando as mãos juntas, *espremendo-as*, a primeira vez que Seth vê a palavra ser literalmente demonstrada. — E minha mãe.

— Sua mãe? — Seth pergunta quando Tomasz não continua.

Mas o garotinho não diz nada, apenas se vira para Regine, que joga fora a guimba do cigarro e o abraça, para que ele possa chorar de novo em seu colo.

— Ele estava fugindo do Motorista quando eu o encontrei — ela conta. — Quase não conseguimos fugir. Levei uma semana para convencê-lo de que eu não era nem um anjo nem um demônio.

— Sei como é — Seth diz. — O que ele quis dizer quando falou da mãe?

— Nem tudo é da sua conta. Vou contar o que sabemos e o que

pensamos, mas há coisas que são particulares.

— Você está dizendo que todo mundo está no presídio?

— Bem, não todos no *mundo*, obviamente. Mas muitas pessoas desta cidade. Deve haver outros lugares, mas quem sabe onde estão? Ou quem os está vigiando?

— Mas nós poderíamos...

— Nós *não* vamos ao presídio. É o único lugar aqui aonde não se vai.

— Mas você estava lá quando encontrou o Tomasz.

Ao ouvir isso, ela para.

— A Becca tinha acabado de ser morta. Aquela mulher que eu encontrei. Eu não sabia mais o que fazer.

Ele olha para ela agora, mais atentamente.

— Quer dizer, então, que você foi a um lugar que sabia ser perigoso?

Ela tira um pouco de cinza da língua e pergunta, indo direto ao ponto:

— Para onde você estava correndo hoje de manhã?

Há um longo silêncio. Regine leva o pequeno Tomasz, ainda fungando, até a frente do balcão de cigarros, e eles se apoiam nele, sentando-se no chão. Tomasz se encosta nela, fechando os olhos.

— E por que todos estariam lá — Seth pergunta —, se eu estava na minha casa?

Regine balança os ombros.

— Eu estava na *minha* casa. Talvez eles não tivessem mais espaço. Ou tempo. Ou talvez algumas pessoas tivessem que se virar com o que tinham.

— Parece um jeito bem ineficiente de ajeitar as coisas.

— E quem disse que foi ajeitado? Talvez estivessem com pressa e precisaram pegar atalhos.

— Como assim?

— Já *viu* o mundo? — ela pergunta levantando uma sobrancelha. — Onde estão os animais? De onde veio toda esta poeira, esta lama, esta podridão? Isto tudo tem muito mais do que oito anos. Quando aquele incêndio do outro lado dos trilhos aconteceu, antes ou depois? E este tempo maluco? — Ela dá de ombros de novo. — Talvez o mundo

estivesse ficando tão ruim que nós simplesmente não tivéssemos alternativa a não ser abandoná-lo por completo.

Os raios brilham tão forte que todos saltam, até mesmo Tomasz, com os olhos fechados. O mundo prende o fôlego, depois ressoa uma longa rajada de trovões, rapidamente seguida pela batida da chuva contra o vidro, arremessando-se contra a frente da loja como se tudo o que quisesse fosse entrar e capturá-los.

Tomasz pega no sono com a cabeça no colo de Regine. Seth apanha algumas latas de comida e se senta ao lado dela. Comem com colheres de plástico, tentando não acordar Tomasz. A chuva continua batendo do lado de fora, tão forte que parecem estar sentados embaixo de uma cachoeira.

— Não me lembro de chuvas como esta — Regine comenta. — Não na Inglaterra. Parece um ciclone.

— Tem muita coisa errada na sua explicação — Seth diz, esforçando-se para engolir seu espaguete à temperatura ambiente. — Por que *eu* estaria na minha casa, mas não meus pais nem meu irmão?

— Não sei. Estamos tendo que adivinhar tudo. Coisas do tipo: como é que os caixões são carregados por aquela única conexão na parte de baixo, mas não há eletricidade em nenhum outro lugar?

— É, vi isso também.

— E isto. — Ela toca na parte de trás da cabeça. — Um ponto de conexão que não fura a pele?

— Mas, se esse tipo de tecnologia existe aqui — Seth se pergunta, pensando nas tiras de metal também —, por que não a tínhamos no mundo on-line? Por que não a trouxemos conosco?

— Talvez quiséssemos que as coisas fossem mais simples, mais fáceis.

— A sua vida era simples e fácil?

Ela dá um olhar duro para ele.

— Você entende o que eu quero dizer.

— Bem, com certeza é muito mais simples e mais fácil ter você aqui para me explicar tudo. Muito útil, não acha?

— Vai voltar àquela coisa de o Tommy e eu não sermos reais? Quer que eu te dê um tapa na cara de novo? Eu ficaria muito feliz.

— A chuva que apaga o fogo e nos mantém trancados aqui, para que possamos conversar — ele continua. — Um ferimento no peito que sara rápido o bastante para que eu consiga fugir. Tudo meio que

funciona, não é?

— As pessoas veem histórias em tudo — Regine diz. — Meu pai costumava dizer isso. Pegamos eventos à toa e os colocamos juntos em um padrão para que possamos nos confortar com uma história, não importa quanto aquilo não seja, obviamente, verdade. — Ela olha novamente para Seth. — Temos que mentir para nós mesmos para viver. Senão, ficaríamos loucos.

Tomasz se mexe no colo dela, falando em polonês enquanto dorme.

— *Nie. Nie.*

Regine mexe a mão para acordá-lo, mas ele se acomoda de volta.

— Ele está tendo um daqueles sonhos, não é? — Seth pergunta.

— Imagino que sim.

— Com o que *you* sonha?

— Isso é particular — Regine responde, agressiva.

— Tudo bem, desculpe, mas você falou do seu pai...

Eles comem em um silêncio irritado durante alguns minutos.

— E o que acha disso? — Seth diz, pensando. — Se o mundo todo está on-line, como é que morrer nos fez acordar aqui? Não deveríamos ter feito um *reset* ou algo do gênero?

— Não sei — Regine responde de novo —, mas as pessoas ainda morriam lá, não morriam? Minha tia Genevieve morreu de câncer no pâncreas. E meu pai... — Ela limpa a garganta. — Mas, se era para ser real, *tão* real a ponto de nos esquecermos que um dia vivemos em outro lugar, então até mesmo a morte teria que funcionar, não teria? Talvez de outra forma nosso cérebro não conseguisse aceitá-la. Você morre on-line, você morre na vida real, porque essa é a vida.

— Mas *nós* não morremos de verdade. — Seth está ficando bravo de novo, pensando no que acontecera com Owen, o que acontecera com Gudmund, o que acontecera com *ele*. — E por que faríamos isso? E por que viveríamos em um mundo onde essa merda ainda acontece? Se estávamos em um mundo tão perfeito no qual esquecemos que um dia fomos para lá...

— Não me olhe assim. Minha mãe se casou com o vigarista do meu padrasto naquele mundo perfeito, então eu não faço ideia. — A mão dela vai, sem perceber, para trás do pescoço. — O que eu sei é que, se você der uma chance para o ser humano ser idiota e violento, ele a aceita, todas as vezes. Não importa onde esteja.

— Mas como viemos parar aqui, então? — Seth insiste. — Como

este mundo não está cheio de gente que morreu e simplesmente acordou?

— Acho que era para morrermos neste mundo também. Mas eu caí da escada e bati a cabeça em um ponto específico. Você se afogou e bateu a *sua* cabeça exatamente no *mesmo* lugar. O Tommy ... — ela olha para ele de novo, ainda dormindo. — Bem, ele diz que foi atingido por um raio, mas acho que, seja lá o que tenha acontecido, é algo de que ele não quer se lembrar, então tudo bem, mas ainda assim foi no mesmo lugar. Algum tipo de defeito no ponto de conexão que abastece o sistema e, em vez de nos matar, nos desconecta. — Ela dá de ombros, de repente sem energia. — Pelo menos, é isso o que achamos.

Ela passa a mão suavemente pelos cabelos desgrehados de Tomasz.

— Foi ideia dele, na verdade, ainda que ele diga que não acredita nisso. Muitas ideias boas nesta cabecinha estranha. — Tomasz se aconchega mais nela e continua dormindo.

— Mas, se tudo o que aconteceu conosco não é real — Seth continua —, e se tudo o que conhecemos era apenas alguma simulação on-line...

— Ah, foi real, tenho certeza — ela afirma. — Nós vivemos tudo aquilo; estávamos lá. Quando se passa por alguma coisa e se aguenta aquilo mesmo querendo fugir mais do que tudo no mundo, então foi tudo absolutamente real.

Seth pensa de novo em Gudmund, no cheiro dele, na *sensação* dele. Relembra tudo o que acontecera no último ano, coisas boas e ruins, muito, muito ruins. Pensa no que aconteceu com Owen, nos dias frenéticos quando ele estava desaparecido, em cada pequena punição que recebeu da mãe e do pai nos anos que seguiram.

Com certeza *pareceu* real. Mas, se foi tudo simulado de alguma forma, como poderia ter sido?

E, se ele está aqui, agora, onde está Gudmund?

— Não deveríamos voltar para nossa casa antes de escurecer — Regine diz. — Podemos fazer rodízio para dormir, um de nós sempre vigiando.

Ao pensar nisso, Seth sente o quanto está cansado. Depois de ter ficado acordado quase a noite toda, depois da corrida, depois da adrenalina da correria do dia, de repente parece um milagre que ainda consiga estar com os olhos abertos.

— Tudo bem — ele diz. — Mas, quando eu acordar...

— Quando você acordar — Regine promete — eu vou te dizer como entrar no presídio.



— **Você tem que me perdoar** — Monica disse no degrau da porta da frente antes mesmo de dizer olá. — Não fiz por mal. É que eu fiquei tão brava e...

Seth saiu no frio, fechando a porta atrás de si.

— Do que você está falando? — ele perguntou. — O que está acontecendo?

Ela olhou para ele cheia de medo. Sim, não havia outra palavra para descrever aquilo. Estava com medo do que teria que lhe contar. Seth sentiu o estômago congelar.

— Monica? — ele perguntou.

Em vez de responder, ela olhou para o céu, como se a ajuda pudesse vir de lá. Seth se viu, estupidamente, também olhando para cima. Estava congelando, tinha estado assim durante as semanas que se aproximavam do Natal, mas sem cair neve. O céu era uma coleção de manchas acinzentadas, como se a neve estivesse zangada demais para cair.

Olhou de volta para Monica e viu que ela estava chorando.

E então ele soube.

Por que só poderia ser uma coisa, não é? Só podia significar que a única coisa boa em sua vida estava prestes a terminar. Tudo o que restava era descobrir exatamente como isso ia acontecer.

— Você e o Gudmund — ela disse baixinho, o nariz escorrendo por causa do ar frio, a respiração saindo por cima do cachecol em lufadas brancas. — Você e o desgraçado do Gudmund.

Ela parecia quase infantil em seu casaco de inverno bem grosso e no gorro de tricô com uma rena vermelha em cima, que ela vinha usando no frio desde que a peça era muito grande para sua cabeça até agora, quando não deveria usá-lo nem de brincadeira. Era o chapéu de rena de Monica, tão parte dela quanto seu cabelo ou sua risada.

— Faz sentido — ela disse. — Em retrospecto. Se tivesse me perguntado

antes, eu teria até mesmo desejado isso. — Ela sorriu para ele, os olhos tristes. — Eu teria desejado a você, Seth. Algo que poderia te fazer tão feliz.

— Monica — Seth disse, a voz mal dando para ouvir. — Monica, eu não...

— Por favor, não diga que não é verdade. Não faça isso. Antes de tudo virar merda, por favor, não finja que não era para valer.

Ele franziu o cenho.

— Antes de tudo virar...

— Olá, Monica — a voz da mãe dele retumbou quando ela saiu pela porta da frente. Owen saiu tagarelando atrás dela, enrolado como uma múmia, a garrafa térmica em uma mão, a caixa da clarineta na outra. — Por que a está fazendo esperar do lado de fora, Seth? — a mãe perguntou. — Vão morrer congelados. — Ela sorriu um sorriso que desapareceu ao ver o rosto de Monica. — O que está havendo?

— Nada! — Monica respondeu, forçando um ar de animação e limpando o nariz com a luva. — Só um resfriado de inverno. — Ela chegou até mesmo a tossir dentro da mão.

— Tudo bem — a mãe de Seth disse, evidentemente não acreditando nela, mas usando um tom que dizia que estava se deixando enganar. — Mais uma razão para entrarem, então. A chaleira ainda está quente.

— Oi, Monica! — Owen disse, alegremente.

— Ei, Owen! — Monica respondeu.

Owen balançou a garrafa térmica.

— Fizemos chocolate quente.

— Oba! — Monica comentou, forçando um sorriso. — Ainda tem um pouco na sua boca aí, baixinho.

Owen apenas sorriu e nem mesmo tentou limpar o chocolate dos lábios.

— Estou falando sério. — A mãe de Seth disse, puxando Owen em direção ao carro. — Entrem. Está muito mais quente. — Ela balançou a mão ao sentar-se no banco do motorista. — Tchau, Monica!

— Tchau, Senhora Wearing — Monica respondeu, acenando uma luva.

A mãe de Seth observou os dois com um olhar sério no rosto, quando ela e Owen se afastaram.

— Ela diz chaleira — Monica comentou.

— Monica — Seth continuou, colocando os braços ao redor do corpo, e não só por causa do ar frio cortante que entrava pela blusa fina. — Diga.

Ela esperou mais uma vez, quase dançando no lugar, obviamente relutante.

— Encontrei algumas fotos — ela finalmente disse. — No celular do Gudmund.

E lá estava o mundo acabando quase em silêncio, simples assim.

— Sinto muito, Seth — Monica disse, chorando de novo. — Sinto muito mesmo...

— O que você fez? — ele perguntou. — Que merda você fez, Monica?

Ela recuou, mas não afastou o olhar. Ele nunca esqueceria. Ela teve coragem e pesar o bastante para não afastar o olhar quando lhe contou o que fizera.

Mesmo assim, maldita fosse. Maldita fosse ela para sempre!

— Eu as enviei para o H — ela contou — e para todo mundo da escola que consegui encontrar no telefone do Gudmund.

Seth não disse nada, apenas se pegou dando um passo para trás, como se fosse perder o equilíbrio. Ele cambaleou sobre o banco de pedra que seus pais mantinham ao lado da porta de entrada.

— Sinto muito — Monica disse, chorando ainda mais. — Nunca me senti tão mal sobre qualquer coisa na minha vida...

— Por quê? — Seth perguntou baixinho. — Por que faria isso? Por que você...?

— Eu estava brava. Tão brava que nem pensei.

— Mas por quê? — Seth insistiu. — Você é minha amiga. Todo mundo sabe que você gosta dele, mas...

— Aquelas fotos — ela explicou. — Elas não são... não têm a ver com sexo, sabe? E sexo eu conseguiria entender, acho, mas...

— Mas o quê?

Ela o olhou nos olhos.

— Elas tinham a ver com amor, Seth.

Monica parou, e ele não perguntou o que ela queria dizer, por que era tão mais doloroso enxergar o amor.

— Eu o amei primeiro — ela confessou. — Sinto muito, essa é uma razão tão besta, mas eu o amei primeiro. Antes de você.

Mesmo em sua queda livre, mesmo no que parecia ser a pontinha do mundo desabando em cima dele — todos sabendo de seu segredo mais íntimo, seus amigos, seus pais, todos na escola —, tudo em que conseguia

pensar era em Gudmund, como tudo estaria bem se Gudmund estivesse bem, como ele conseguiria aguentar tudo, qualquer coisa, se Gudmund estivesse lá com ele.

Ele continuou de pé.

— Preciso ligar para ele.

— Seth...

— Não, eu preciso conversar com ele...

Ele abriu a porta da frente e...



Seth acorda. Está todo enrolado contra o balcão de cigarros, usando alguns panos de cozinha endurecidos como travesseiro. Sente o sonho se esvaindo dele e tenta não deixar que o leve consigo.

Uma conversa na soleira da porta. Algumas palavras com Monica enquanto ele tremia de frio ali parado. Aquilo fora o início do fim.

Do fim que o trouxera até ali.

Mas por que sonhara com aquilo? Havia coisa muito pior em tudo o que havia acontecido. Já tivera sonhos piores desde que chegara ali. E por que terminara onde tinha terminado? Ele abrira a porta e...

Não consegue se lembrar. Lembra-se de tentar encontrar Gudmund desesperadamente, claro, mas exatamente o que aconteceu depois que ele entrou...

Parece ser importante, um pouco. Alguma coisa ali. Algo fora do alcance.

— Foi ruim? — Regine pergunta, em pé na frente dele.

— Eu gritei? — ele pergunta, levantando-se. Ainda está, por incrível que pareça, usando sua roupa de corrida. Está começando a cheirar azedo.

— Não, mas geralmente são ruins, não são?

— Nem sempre.

— É — ela concorda, sentando-se ao lado dele e lhe passando uma garrafa de água. — Mas, se são bons, são bons de um jeito que nos faz sentir muito, muito mal, de qualquer forma.

— Onde está o Tomasz? — ele pergunta, dando um gole.

— Tentando encontrar um lugar escondido para ir ao banheiro. Você não acreditaria em como ele é fresco com essas coisas. Nem mesmo diz a palavra em voz alta. Só desaparece, faz o que tem que fazer e nunca mais fala disso. Juro que ele chorou quando viu todo o papel higiênico que tem aqui.

A chuva parou do lado de fora, e a noite está começando a cair sobre a calçada na rua um pouco para baixo do supermercado. Ainda sem nenhum sinal do motor, nenhum sinal de fumaça no ar. O mundo está quieto de novo, tirando os dois ali respirando.

— Estava pensando sobre o que você disse — Regine declara. — Sobre por que nos colocaríamos em um mundo on-line tão confuso. — Ela aponta com a cabeça para o vidro. — Talvez, comparado a como o mundo real estava indo, ele *fosse* o paraíso. Talvez tudo o que quiséssemos fosse viver a vida real de novo, sem tudo desmoronar o tempo todo.

— Quer dizer que você acredita mesmo em tudo isso? — Seth pergunta. — Que este seja o mundo verdadeiro, e tudo o mais foi um sonho que tivemos com outras pessoas?

Ela respira fundo.

— Sinto saudade da minha mãe — ela admite, olhando lá fora para o pôr do sol. — Minha mãe quando era jovem, não o que ela se tornou, não em quem ela se transformou depois de ter casado com *ele*, mas a de antes. Costumávamos nos divertir, só nós duas. Costumávamos rir e cantar muito mal. — Ela ergue uma sobrancelha para ele. — Sabe aquela história de que as mulheres negras têm vozes maravilhosas? De como o mundo não nos deixa tomar conta das coisas, ou ter poder de verdade ou ser presidente ou qualquer coisa, mas tudo bem, porque podemos cantar como um coro de anjos?

— Eu nunca disse...

— Bom, não podemos. Acredite em mim. Eu e minha mãe, meu Deus, parecíamos dois alces perdidos. — Ela ri sozinha. — Mas não faz diferença, faz? Quando são só você e sua mãe.

Seth estica as pernas.

— Mas você diz que nada disso foi real.

— Você está entendendo mal de propósito — ela responde, parecendo frustrada. — Eu estava lá. Minha mãe estava lá. Mesmo se pegássemos no sono em lugares diferentes. Era real. Se não tivesse sido real, por que não cantávamos bem?

— Há sempre beleza — Seth sussurra. — Se souber onde procurar.

— O quê?

— Nada. É só uma coisa que alguém que conheci costumava dizer.

Ela olha para ele bem de perto, perto demais.

— Você tinha alguém. Alguém que você amava.

— Não é da sua conta.

— E está se perguntando se era real. Está se perguntando se você o conhecia... de verdade, estou adivinhando?

Seth não diz nada. E então fala:

— Gudmund.

— Good Man? É algum tipo de apelido?

— *Gudmund*. É norueguês.

— Tá, tudo bem, então você está se perguntando se o seu Gudmund norueguês era real, não é? Está se perguntando se todos aqueles momentos maravilhosos realmente aconteceram. Se você estava lá de verdade. Se *ele* estava lá de verdade.

A mente de Seth se lembra de novo do cheiro de Gudmund na ponta dos dedos. Do toque dos dedos de Gudmund em seu peito. Do beijo daquelas fotos, das fotos que todo mundo viu...

— Ele estava — Seth diz. — Tinha que estar.

— Sim, foi isso o que eu disse — Regine comenta. — É a isso que tudo se resume, não é? Eles têm que estar, senão, como é que ficamos?

Ficou mais escuro, mesmo durante o pouco tempo em que estiveram conversando, as sombras dentro da loja encobrindo-os.

— Isto é o que eu acho — Regine diz, acendendo um cigarro. — Acho que eu sou a única coisa real que tenho, exceto, talvez, o Tommy. Até aqui, neste lugar, porque quem sabe se isto aqui não é uma simulação também, algum outro nível do qual vamos acordar? Mas, onde quer que eu esteja, seja lá o que este mundo for, só preciso ter certeza de que eu sou eu e é isto que é real. — Ela solta uma baforada de fumaça. — Conheça a si mesmo e siga em frente. Se doer quando bater em algo, pode ser que seja real também.

— Doeu quando você *me* bateu.

— Isso é interessante — Regine diz, esticando o braço até a parte de cima do balcão —, porque eu não senti nada. — Ela acende o isqueiro para mostrar a Seth o papel que pegou. — Fiz um mapa de volta para onde eu e o Tommy estamos nos escondendo.

— Mas nós não vamos...

— Para que você possa achar o caminho de volta depois que for até o presídio.

— Não conte nada ao Tommy — ela diz, baixando a voz. — Diga a ele que vai voltar para sua casa para trocar de roupa e vai nos encontrar mais tarde. — Ela olha para ele seriamente. — Estou falando sério.

— Acredito em você.

Ele pega o mapa dela. Reconhece um caminho, saindo deste lado dos trilhos do trem e indo para o norte. Há um X desenhado em uma rua lateral e um número escrito embaixo dela, indicando o endereço.

— Precisa acrescentar três para tudo — Regine explica. — Na verdade, são três ruas acima, ao norte desta aqui, e para o endereço verdadeiro tem que acrescentar três ao primeiro dígito e três ao segundo. Se você for pego, não quero que aquela coisa nos encontre.

— E o presídio? — ele pergunta. — A entrada principal é do outro lado da minha casa.

— Você não vai conseguir entrar daquele lado — Regine diz. — Está cercado e trancado de um jeito que você não acreditaria, como se não quisessem que ninguém entrasse ou saísse de jeito nenhum. O que provavelmente é verdade, eu acho. O que você deve fazer é...

— O que é isso? — A voz de Tomasz chega até eles vinda da escuridão, o tom suspeito.

— Um mapa de volta para a casa de vocês — Seth responde rapidamente.

— Por que você não vem com a gente? — A chama do isqueiro é o suficiente para mostrar aos dois a evidente preocupação dele.

— Se você não tiver queimado minha casa, preciso trocar de roupa — Seth explica, e faz um gesto como se estivesse cheirando embaixo do braço.

— Então por que não vamos com *vocês*? Há mais segurança nos numerais.

— Números — Seth diz. — Há segurança quando se está em maior número.

— Claro. — Tomasz franze o cenho. — Porque correção gramatical é exatamente do que estamos falando neste exato momento.

— Quero voltar — Regine diz. — Muito perigoso ficar por aí, nós três aí fora.

— Mas *ele* vai arriscar.

— Essa é a escolha dele — Regine responde, ficando em pé.

— *Eu* não escolho isso — Tomasz diz. Ele abre e fecha as mãos em

dois punhos cerrados, do mesmo jeito que Owen costumava fazer quando estava bravo com alguma coisa, Seth lembra. Owen ficava lá, absolutamente vulnerável, e a vontade era ou pegá-lo e dizer que tudo ficaria bem ou lhe dar uns tapas por ficar tão absurdamente disponível para se machucar.

— Vou voltar antes que você perceba — Seth diz, e então continua: — Prometo.

— Bem — Tomasz responde, talvez não muito convencido. — Isso é bom. — Ele olha para Regine. — É bom levarmos algumas coisas. Água e comida. E papel higiênico. Eu também encontrei velas de aniversário. Para quando tivermos aniversários.

Os dois param para olhá-lo.

— O quê? — ele diz. — Eu gosto de aniversários.

— Quantos anos vocês *têm*, falando nisso? — Seth pergunta, curioso.

Regine dá de ombros.

— Antes de eu acordar, tinha dezessete. Quem sabe quantos anos eu tenho de verdade? Se é que o tempo aqui é o mesmo de lá.

— Verdade? — Seth pergunta. — Não acho que...

— De um jeito ou de outro, não dá para saber.

— Eu tenho catorze! — Tomasz declara.

Seth e Regine olham para a pouquíssima altura dele e caem na gargalhada.

— Tenho, sim — Tomasz insiste.

— Com certeza — Regine concorda. — E foi atingido por um raio e a Polônia é coberta de ouro e chocolate. Hora de ir.

Regine e Tomasz pegam sacolas das antigas gavetas e as enchem com todos os suprimentos que conseguem carregar, em seguida todos seguem de volta à High Street. Ainda não há o barulho do motor, mas todos caminham com cautela para dentro do anoitecer.

— Vai conseguir nos achar no escuro? — Tomasz pergunta, parecendo preocupado. — Vamos deixar uma vela queimando do lado de fora...

— Não, *não* vamos — Regine rebate. — Ele vai nos encontrar, não se preocupe.

— Ainda não consigo entender por que não podemos esperá-lo...

— Só preciso de um tempinho para juntar minhas coisas — Seth explica. — Algumas coisas particulares. Pode demorar um pouco.

— Mesmo assim...

— Meu bom Deus, Tommy — Regine retruca. — Ele provavelmente só quer bater uma punheta no último momento de privacidade que você vai dar a ele.

Tomasz olha para Seth, boquiaberto.

— Isso é verdade?

Seth consegue ver Regine rindo em silêncio sob a luz do luar.

— Tenho um irmão, Tomasz — ele diz. — Onde quer que ele esteja agora, nós crescemos naquela casa. Antes de nos mudarmos para a América.

Regine parou de rir, e Seth a vê acender outro cigarro, fingindo não ouvir.

— Quando morávamos ali, algo muito ruim aconteceu com ele — Seth continua. — Algo que o deixou diferente, não muito cem por cento. E, em grande parte, foi culpa minha.

— Foi? — Tomasz sussurra, os olhos arregalados.

Seth olha de relance para a rua. O córrego está na frente deles, seu caminho bem ao lado dele. Ele apenas teve a intenção de tranquilizar Tomasz, mas a verdade daquelas palavras cortou mais fundo do que ele esperara.

— Seja lá o que for este lugar, real ou não, minha casa é perigosa por ser tão perto do presídio. E, se não vou voltar, quero dizer adeus a ela. — Ele olha para Regine. — Quero dizer adeus ao irmão que tive lá antes de tudo de ruim que aconteceu.

— E isso precisa ser feito sozinho, sim, entendo — Tomasz diz, balançando a cabeça com seriedade.

Seth sorri, apesar de tudo.

— Você faz me lembrar dele. Você é uma versão do que ele poderia ter sido. Se ele fosse polônês.

— Achei que fosse dizer que ele era como a versão errada de seu irmão — Regine comenta, dando outra baforada.

— Isso *não* é legal — Tomasz reclama. — Por muitas razões.

— Vamos pegar as bicicletas — Regine diz. — Então, vemos você hoje à noite, certo?

— Vou tentar não demorar, mas não se preocupe se eu...

Ele quase cai para trás, no chão, quando Tomasz se joga em cima dele para um abraço.

— Tome cuidado, Senhor Seth — Tomasz diz, a voz abafada contra a camisa de Seth. — Não deixe a morte te pegar.

A mão de Seth passa pela bagunça embaraçada do cabelo de Tomasz.

— Vou tomar cuidado.

— Deixe ele em paz — Regine diz. Tomasz se afasta, deixando que ela se aproxime. — Não vou te abraçar — ela informa.

— Por mim, tudo bem — Seth comenta.

— Eu não estava pedindo sua aprovação. — Ela abaixa a voz. — Nem tente a entrada principal. Era isso o que eu ia te dizer antes. Siga os trilhos do trem até o final do presídio. Você vai ver uma grande ala onde os muros caíram.

— Obrigado — Seth sussurra em resposta.

— Está cometendo um grande erro — Regine continua. — Não vai encontrar seja lá o que for que está procurando e ainda vai ser morto no processo.

Ele dá um sorriso forçado para ela.

— Bom saber que vai sentir minha falta.

Ela não sorri de volta.

— Sobre o que estão falando? — Tomasz pergunta.

— Nada — Regine responde, então baixa o tom de voz de novo. — Pense em manter a promessa que fez ao Tommy.

Seth engole em seco.

— Vou pensar.

— Ok, tudo bem — ela diz, afastando-se dele. — Foi bom conhecer você.

Tomasz acena de novo, alegremente, à luz da lua, mas Regine não olha para trás ao desaparecerem na escuridão.

— Bom conhecer você também — Seth diz para si mesmo.

Então vira e começa a caminhar em direção ao córrego.

Caminhar de volta para casa.



A van não está mais em frente à sua casa. De onde Seth está se escondendo na rua, consegue ver as marcas deixadas na lama enquanto dava a volta e ia embora. Ele espera, mas nada se move, nem mesmo uma nuvem passando em frente à lua no céu recém-aberto, o tempo mudando tão rápido que é como se estivesse em câmara acelerada.

Em algum lugar lá fora, a muitas ruas de distância, Regine e Tomasz estão indo para o norte, as bicicletas carregadas de comida e suprimentos. Ele para um momento para desejar que estejam em segurança. E, tanto quanto este lugar permite, seu desejo parece uma prece.

Ele sai na rua, vagarosa e cautelosamente, tentando ver qualquer sinal da van ou do Motorista à espera, mas nada salta em frente a ele enquanto caminha. À medida que se aproxima, a casa parece não ter mudado nada, exceto pelo vidro estilhaçado da janela da frente. Está escuro demais para enxergar através das cortinas quebradas e ele se arrepende de não ter trazido uma das velas de aniversário de Tomasz para acender. Terá que ir Tateando por tudo no escuro procurando sua lanterna, e quem sabe quanto estrago o fogo pode ter causado antes de a chuva apagá-lo? Talvez nem houvesse mais uma lanterna para ser encontrada, nem roupas para serem trocadas.

Nenhum sinal das coisas deixadas pela sua família.

O que são aquelas coisas, de qualquer modo?, ele se pergunta, considerando a explicação de Regine para tudo. São as lembranças dele reconstruindo um lugar ou, na verdade, é o mesmo lugar físico de quando sua família se mudou para a América?

Ou de quando eles *escolheram acreditar* que se mudaram para a América, quando, de fato, apenas se deitaram em caixões pretos e lisos e deram as boas-vindas à nova versão do que era real?

Mas ele se lembra da mudança, do estresse e da ansiedade de tudo. Não fazia muito tempo que Owen tinha saído do hospital e ainda

estava em reabilitação profunda, tentando recuperar o funcionamento adequado das habilidades motoras. Os médicos sempre hesitavam em dizer qual fora o impacto dos danos e qual era o trauma psicológico, mas a mãe dele insistira na mudança. Não era cedo demais, ela dissera, e, mesmo que fosse, certamente um ambiente com estímulos absolutamente novos — e médicos absolutamente novos que, na verdade, não eram tão inúteis — só poderia ajudar seu filho caçula. Além disso, ela não suportaria viver nesta casa *nem mais um minuto*.

O pai de Seth viera com uma solução surpresa. Uma pequena faculdade de artes liberais, na costa escura e úmida de Washington, onde uma vez ele passara um semestre como professor visitante, respondera ao seu pedido e dissera que sim, que, de fato, *tinham* uma vaga para ele lecionar, caso ele quisesse. Era ainda menos dinheiro do que ele ganhava na Inglaterra, mas a faculdade estava tão desesperada por professores que se responsabilizaria pelas despesas domésticas e da mudança.

A mãe de Seth não hesitara nem mesmo pela localização remota, a duas horas de carro das cidades mais próximas. Ela começara a empacotar as coisas antes mesmo de seu pai ter aceitado o emprego, e deixaram a Inglaterra em um mês totalmente conturbado, mudando-se para Halfmarket, um lugar que podia não estar sob uma noite permanente de inverno, mas com certeza parecia estar.

Seth balança a cabeça, rejeitando a ideia de que toda aquela experiência, de alguma forma, fora on-line. Sua mãe tinha ficado tão zangada com tudo, seu pai tão infeliz, Owen tão prejudicado e Seth tão ignorado. Se tudo fora falso ou programado, ou fosse lá que diabo que fosse, por que não ficaram melhor? Por que não foram mais felizes?

Não, não fazia sentido.

Tudo bem, *ok*, fazia *mais* sentido do que qualquer outra explicação até agora, mas mesmo assim. O mundo até poderia ter feito isso, ficado on-line para esquecer a si mesmo, mas seus pais? Eles não teriam escolhido isso. Seth com certeza não teria escolhido que aquelas coisas acontecessem com ele.

A não ser que eles não houvessem *tido* uma escolha?

Ele para em frente à porta de entrada.

Talvez o Motorista não estivesse vigiando as pessoas nos caixões para que não recebessem interferência externa. Talvez ele estivesse lá para ter certeza de que ninguém nunca acordaria. Talvez fosse um robô. Talvez fosse um alienígena e forçasse os humanos a...

— Sci-fi de merda! — Seth sussurra para si mesmo. — A vida nunca é tão interessante. É o tipo de história que...

Ele para de novo.

É o tipo de história na qual tudo é explicado por um grande segredo, como todos ficando on-line e o que é real e o que não é sendo invertido. O tipo de história a que assistiria durante duas horas, ficaria satisfeito com a virada e então continuaria seguindo a vida.

O tipo de história que sua própria mente inventaria para que esse lugar fizesse algum sentido.

Ele abre a porta. Não está trancada, nunca esteve. O Motorista poderia ter entrado e os matado antes que tivessem a chance de correr para algum lugar. E esse teria sido o fim *daquela* história.

Em vez disso, eles sobreviveram. De maneira inusitada. O Motorista esperara do lado de fora até Seth vê-lo, então demorara a entrar na casa depois de acertar Seth no peito — ele esfrega o local agora, ainda machucado, mas menos machucado do que deveria — antes de demorar, de novo, para ir atrás deles pelo mato.

E tudo o mais também. Uma loja com artigos para atividades ao ar livre capaz de fornecer cada coisinha de que precisasse. Um supermercado com comida suficiente para mantê-lo vivo. Chuva que não só o banhara, mas que também aparecera na hora certa para apagar um incêndio que obviamente — e ele encontra a lanterna e a acende — nem mesmo atingiu a cozinha.

Tudo lá dentro está exatamente como eles deixaram. Tem cheiro de fumaça, mas só. Ele sobe em cima do refrigerador virado e vai até o deque. A grama alta foi toda queimada, mas o deque está intacto, só chamuscado na ponta. A pilha de bandagens originais também continua lá, as tiras metálicas refletindo a luz da lua quase mais do que deveriam ser capazes de fazê-lo.

Ele volta para dentro, se lava rapidamente na pia e veste roupas mais quentes. Pega a lanterna e já está pronto para ir.

Mas dá uma última olhada na sala de estar e se pega fazendo o que disse a Tomasz que faria.

— Adeus, Owen — ele sussurra. — Adeus, casa.

Ao sair pela porta da frente, fechando-a atrás de si, ele se pergunta se esta será realmente a última vez que a verá. E, de repente, fica triste.

Seja lá quanto essa casa for real, ela significara alguma coisa.

E então ele se lembra das palavras de Regine.

Eu sou a única coisa real que tenho, Seth pensa.

E então se lembra de outra coisa que ela disse.

— Conheça a si mesmo e siga em frente — ele diz em voz alta.

Está na hora de ir até o presídio.

Mundo real ou não, talvez lá haja respostas.



Ele segue na direção dos trilhos do trem, em um caminho que já se tornou familiar. A lua está brilhando o bastante para que não precise acender a lanterna. Tudo está completamente quieto enquanto ele caminha. Sem grilos. Sem corujas. Ainda sem vento, apesar da chuva de antes.

Mantém-se alerta enquanto anda, pronto para correr a qualquer movimento, mas chega até a passagem entre os blocos de apartamentos sem nenhum incidente. Chega à estação de trem e caminha silenciosamente passando pelo trem, perguntando-se o tempo todo se os javalis são animais noturnos. Sobe de leve em cima dos trilhos e olha na direção do presídio.

Os trilhos estão estranhamente vazios. Há mato alto aqui e ali, mas a maior parte é cascalho e grama de aparência feia que mal chega a seus tornozelos. E ainda consegue ver os trilhos brilhando à luz do luar, a distância, rumo ao sul. Talvez anos de produtos químicos para mantê-los limpos fossem difíceis de reverter.

À direita, há uma passarela de tijolos, possivelmente para os funcionários da manutenção dos trens, que ainda parece estar em muito bom estado. Seth vai naquela direção, para o prédio da estação. À esquerda, depois das cercas baixas, consegue ver uma parte da vizinhança queimada. Está muito escuro para reparar em detalhes, apenas sombras na paisagem que poderiam ser lápides. Não vê nenhum sinal de movimento, apenas uma desolação vazia, com a silhueta de Masons Hill no horizonte.

Ele sabe de cor que esse caminho vai até o mar, ainda que tenham ido apenas algumas vezes e, francamente, fosse tão tentador quanto a beira da praia de Halfmarket. Todas as pedras e rochedos e a água inacreditavelmente gelada. Mas, antes de o trem chegar até lá, ele recorda, já que saía da estação em direção ao mar, ele começava a jornada passando pelas enormes filas de grades e muros, alambrados e tijolos, com torres em cada ponta saindo de dentro das árvores ao redor. Uma arquitetura feita para se esconder dentro de seus próprios

limites: o presídio.

No luar, já consegue ver uma das torres por entre as copas das árvores a distância. Provavelmente não são nem dez minutos de caminhada de onde está, quando deveria ser, ele imagina, algo que levava horas.

Dez minutos parece fácil demais.

E longe de ser tempo suficiente para se preparar para isso.

Ele continua seguindo pela passarela de tijolos, segurando a lanterna como se fosse sua versão do bastão do Motorista. Dá uma olhada para trás, para ver se o javali não está atrás dele, e vê a ponte sobre os trilhos, do topo de onde teve a primeira visão do bairro incendiado, e de onde Tomasz o viu pela primeira vez também.

Ele se pergunta se ficaram preocupados quando descobriram que havia mais alguém ali. Ou com medo. Por ele. *Dele*. E o que pensaram quando o viram tomando banho? De um jeito íntimo. Ele se sente enrubescer, ainda que Regine também parecesse tão envergonhada quanto ele e Tomasz tenha encarado aquilo com o mesmo entusiasmo que tinha para tudo.

Mais uma vez, Seth fica triste por se afastar de Tomasz. Ele o imagina agora, esperando na casa deles, aguardando alegremente que Seth apareça a qualquer momento. E Regine, achando que sabia de tudo. E talvez soubesse mesmo.

Tomasz e Regine. Um garoto e uma garota aparecem, fazendo-o parar antes de chegar a Masons Hill, antes de correr direto para os braços de algo perigoso. Um garoto e uma garota para dar respostas a todas as perguntas que ele possa ter, deixando sem explicar apenas o suficiente para que o mistério pareça plausível...

— Você precisa parar com isso — ele diz. — Esse tipo de pensamento vai te deixar maluco.

O tapa de Regine com certeza foi real. O abraço de Tomasz e o fedor vago e familiar de um garoto daquela idade foram palpavelmente reais, sentidos na pele e no nariz de Seth.

E sim, tudo bem, Tomasz era bem parecido com Owen, como um personagem coadjuvante que seu cérebro pode ter criado para ajudá-lo... a aceitar a morte e passar para um nível de consciência diferente ou seja lá qual for o objetivo desse lugar, se é que tem algum ponto, então aquilo poderia fazer sentido.

Mas ele não teria criado Regine. Ela não se parecia com ninguém que ele conhecia, em nenhum lugar. Nem aquele sotaque, nem aquela atitude.

Não, eles eram reais. Ou reais o bastante.

Mas então Gudmund...

— Pare! — ele diz para si mesmo. E continua andando. Através das árvores entre os trilhos e o presídio, consegue ver que está se aproximando do canto do muro de tijolos de cinco metros de altura. A mais externa das defesas do presídio.

Ele vai encarar as coisas conforme forem aparecendo, pensa. Se houver uma abertura grande e ele conseguir ver através dela, então olhará. Se parecer seguro o bastante para entrar, bem, então, talvez seja isso que fará. Se não, pode sempre voltar outra noite. Tudo o que há aqui é tempo, não é? Sempre haverá outra chance...

Cinquenta metros adiante do muro de tijolos de onde está, ele vê uma luz.

Luz elétrica. Isso é exatamente o que é, uma claridade estranha e branca, diferente da chama tremeluzente e forte demais para estar vindo de uma lanterna ou de uma lamparina a gás. Está passando por entre algumas árvores, por entre o que deveria ser — se o muro continuar pela folhagem — tijolo sólido. Está brilhando, baixo o bastante para não ser vista da casa dele.

Seth tenta ouvir tudo ao seu redor, outros passos no tijolo, o ronco de um motor se aproximando, até mesmo o fungar do javali. Mas não há nada, exceto ele mesmo e sua respiração. A luz também é silenciosa, nenhum rugido de gerador, nem o som contínuo de um fio queimando. O brilho forte da luz chega até ele de repente, através das folhas, à medida que segue em frente. Ele estreita os olhos para a luz, levantando as mãos para proteger a vista. Chegou à passagem no muro do presídio.

Regine estava certa. A abertura é enorme. O muro de fora foi quebrado, assim como todas as fileiras de grades dentro dele, inclusive as paredes de madeira do que parece ser algum tipo de cela, agora praticamente destruída. A partir daquele ponto, há um caminho bem aberto, direto para o centro do presídio.

A luz não passa de uma lâmpada de poste de rua fixada a, ele agora consegue ver, uma cerca interior, aberta e caída. A luz ilumina os tijolos do muro externo, jogados em pilhas quase casuais, e os gomos contorcidos dos alambrados das grades entre grades atrás do muro.

É como se algo enorme tivesse invadido. Como se algo tivesse saído do centro do presídio e tivesse passado por cima de tudo em seu caminho para escapar.

Mas como?, Seth se pergunta. O que poderia ter feito isso?

Seja lá o que fez isso, seja lá quando aconteceu, agora há apenas o silêncio e aquela única luz mostrando o caminho para o coração do presídio.

Ele permanece ali, indeciso. O chão desce dentro dos muros quebrados e grades. Consegue ver talvez uns cem metros antes de tudo voltar a ficar escuro.

Pode haver qualquer coisa lá embaixo. Absolutamente qualquer coisa. Pessoas dormindo em seus caixões. Ou nenhuma pessoa, apenas salas vazias. Ou poderia haver apenas uma única figura, toda vestida de preto, esperando por ele.

Se é um teste, Seth não sabe qual é a resposta certa.

Entrar ou partir sem saber de nada.

Ele agarra a lanterna com firmeza novamente.

— Vou ver — ele diz. — É isso mesmo o que vou fazer. Vou ver o que acontece.

Ele segue em frente e entra na escuridão.



Ele passa pela primeira pilha de tijolos soltos. Alguns rolam e despençam quando Seth bate neles, mas se acomodam imediatamente de volta ao silêncio depois de cair.

O muro externo, o de tijolos, é o mais alto, o que faz todo o sentido. Há três fileiras de alambrado depois dele, todas com arame farpado — de um arame mais afiado e mais feio do que o comum das cercas de proteção — ao longo do topo. Ele precisa tomar muito cuidado ao passar por um pedaço particularmente retorcido, mas, depois disso, atravessa e fica perto da própria luz, pendurada, quase caindo, na terceira fileira de alambrado.

Outros equipamentos de iluminação pendem ao longo das laterais da grade, mas este é o único que ainda está funcionando, um invólucro pesado de plástico acoplado à cerca com uma lâmpada ainda acesa lá dentro. Nenhuma pista de onde a eletricidade está vindo. Seth se pergunta, em um pânico momentâneo, se a própria grade pode ser elétrica, antes de se lembrar que já tinha tocado nela várias vezes no caminho.

Ele entra cada vez mais. A luz agora está atrás dele, iluminando o outro lado. Começa a ficar cada vez mais escuro, tudo se tornando sombra. Não há mais árvores, como era de esperar. Por que oferecer algo onde os prisioneiros pudessem subir? O chão continua se inclinando para baixo, o presídio construído no fundo do que Seth imagina ser o que chamam de “buraco”.

Consegue ver um pedaço dela à luz do luar, um complexo de prédios espalhados pela colina à frente dele, alguns ainda mais distantes, atrás de fileiras de grades, outros espalhadas ao longo de uma pequena rota de serviço. Também há amplas áreas vazias, cobertas de concreto invadido por ervas daninhas, que talvez tenham sido áreas de exercícios dos prisioneiros. Os três prédios principais do fundo têm cinco andares, tomando conta de três lados de outra área vazia. Está muito escuro para vê-los com clareza.

Escuro, ele pensa. Completamente sem luz.

O restante do presídio imediatamente faz lembrar todo o resto neste mundo. Abandonado, silencioso, parado. Caminha pelo mato fechado de novo, apesar de não ser tão alto quanto o do seu próprio quintal. Como sempre, não há farfalhar de pássaros ou de outras criaturas noturnas.

Ele para na última das subidas. Já está bem dentro do terreno do presídio, e a fileira de aberturas nas grades acabou. A lua ainda está brilhante e clara, e os olhos dele se ajustam o suficiente para que consiga enxergar tudo à sua frente.

Não há nada acontecendo aqui. Nenhum sinal de atividade, como deveria haver — impossível manter tantas pessoas vivas, mesmo dormindo, sem haver *nenhum* barulho. Tomasz disse que acordara ali e ficara preso em meio aos inúmeros caixões atrás das inúmeras portas e muros, mas não há nada aqui agora. Se é que é possível, está ainda mais escuro, mais parado e mais silencioso do que no restante deste mundo. Até mesmo o ar é mais fétido, como dentro de um quarto fechado.

Nada. Absolutamente nada. Um vazio tão grande que um pensamento passa pela cabeça de Seth.

... será?

Será que *mentiram* para ele?

Será que estavam tentando afastá-lo? Se era isso, não tentaram muito. Na verdade, ele quase pensou que conversaram sobre o assunto de forma a ter certeza de que ele viria aqui olhar.

Sozinho.

— Não — ele diz em voz alta. — Eles poderiam ser muitas coisas, mas não eram...

Um raio de luz ilumina a pequena praça quando a porta para um dos três prédios principais se abre.

O Motorista surge na noite.

Seth se joga no chão. Não há nenhum lugar adequado para se esconder, nenhum prédio perto o bastante para trás do qual possa correr. A única coisa que pode fazer é se espremer em cima da grama e desejar que ela seja alta o bastante para escondê-lo.

O Motorista ainda está um pouco distante, uns duzentos metros, seu contorno contra a luz vinda da entrada. Ele fica lá em pé olhando, como se tivesse sentido alguma coisa e resolvido vir investigar. Desce os degraus e entra no pátio, seus passos ecoando pesadamente pelo pequeno vale.

Seth fica tenso e se prepara para correr. O Motorista deve saber que ele está ali. Ele provavelmente seria capaz de enxergar muito bem no escuro...

Mas, então, o Motorista volta até a porta e a fecha. A luz desaparece e, na cegueira temporária que segue, Seth segura o fôlego, esforçando-se para escutar. Ele espera ouvir passos novamente, mas não há nada. Será que o Motorista foi até uma parte mais macia do pátio, algum lugar coberto por grama? Talvez esteja vindo na direção dele agora, com um novo tipo de passo silencioso...

E então um passo. Um passo claro, exatamente como quando ele atravessou a janela de sua casa, uma *batida* com um peso surpreendente.

E então outro. E mais outro.

Os sons dos passos estão ressoando por entre os três prédios, confundindo qualquer senso de direção. Será que está se aproximando dele? Ou está se afastando? Seth arrisca levantar a cabeça um pouco acima da grama, mas tudo o que consegue ver é o brilho arroxeadado em sua retina, provocado pela luz da porta.

Um passo. E mais outro.

Ficando cada vez mais altos, sem dúvida.

Não há nada a fazer. Seth terá que correr o mais rápido possível até os trilhos, sair de lá de algum jeito e correr em direção a...

Então ele se dá conta de que não pode correr até Regine e Tomasz. Levaria o Motorista diretamente a eles.

Passo. Passo.

— Sinto muito — ele se pega sussurrando, para Tomasz, para Regine, para si mesmo, sem saber o que fazer, para onde ir. — Sinto muito.

Ele fica em pé para correr.

E ouve o motor da van ser ligado.

> > >

Ele se joga no chão de novo. Lá fora, em algum lugar na escuridão, o barulho do motor aumenta de uma maneira estranha, como se o volume tivesse sido abaixado e, lentamente, fosse aumentado de novo. O Motorista está em algum lugar ao lado dos três prédios, talvez até...

Claro, *lá*. Reflexos, vindos de detrás do prédio mais ao fundo, de onde o Motorista saiu. A van passa pelo pátio e vira em direção à

passagem principal, atravessando o meio do presídio.

Para longe de Seth.

Ela vai em direção à entrada sul, a que Regine disse estar trancada. O Motorista obviamente tem um jeito de entrar no mundo para vigiá-lo, desempenhando seja lá qual for o papel misterioso que lhe foi designado ou que foi assumido por ele mesmo.

Seja lá o que ele for, está indo embora. O barulho do motor não desaparece de todo, mas fica cada vez mais longe, longe o bastante para Seth se sentir um pouco mais seguro. Ele pensa novamente em Regine e Tomasz, lá fora naquele mundo, escondendo-se em algum lugar enquanto o Motorista faz a ronda.

— Se cuidem — ele sussurra. — Se cuidem.

Olha em direção aos prédios de novo, em direção à porta — agora bem fechada, sem uma fresta de luz escapando por trás. Sua visão noturna voltou. Agora consegue ver o pátio sob a luz da lua. Ver os prédios em seu silêncio escuro.

Ver como eles parecem abandonados.

O motor ainda está zumbindo levemente a distância, mas parece tão macio, tão eficiente, que em um mundo com outros carros, com qualquer outro som, seria impossível ouvi-lo chegando.

Ainda assim, é um motor se distanciando.

O presídio, por ora, provavelmente não está sendo vigiado.

Seth se levanta. Primeiro apoiado nas mãos, então, com um suspiro profundo, fica de pé.

Nada acontece. O silêncio continua tomando conta. O barulho do motor agora é tão distante a ponto de não parecer estar lá.

Seth pensa, ele *sente* que está sozinho ali.

E, se essa é a história que tem contado a si mesmo, ou o caminho onde deve estar, ou apenas mais uma coisa conveniente que aconteceu para fazê-lo seguir em frente, bem, ele se pergunta, que diferença faz? Será que realmente faz alguma diferença?

Mais do que qualquer coisa, ele quer saber o que há atrás daquela porta.



Seth chega sorrateiramente perto do prédio mais próximo dos três ao redor do pátio, parando para olhar dentro de uma janela. Ela tem as barras de ferro comuns às prisões, mas dentro há apenas escuridão. Ele acende a lanterna. Nada acontece até ele tentar várias vezes trocar as pilhas de lugar e tentar acendê-la mais algumas vezes. Ela vem à vida com uma luz tão fraca que mal dá para ler, mas é melhor do que nada.

Através do vidro aramado atrás das barras de ferro, tudo o que a lanterna ilumina é um corredor vazio, estendendo-se à frente dele. Consegue ver as portas de aparência pesada para as salas — *celas*, obviamente que são celas de presídio. As portas têm janelas menores com barras, e nenhuma delas deixa passar luz alguma.

É um lugar morto, tão morto quanto todo o resto.

A janela seguinte tem vários de seus painéis de vidros quebrados, mas do lado de dentro é mais do mesmo. Outro pedaço de corredor, outra fila de celas vazias e escuras, nenhuma indicação de vida, de movimento ou de atividade.

Nenhum sinal de caixões, isso com certeza.

Antes de conseguir olhar a terceira janela, a última antes do canto do prédio, a lanterna se apaga e se recusa a acender de novo, independentemente do quanto ele a amaldiçoe. Ele suspira fundo, mas, de qualquer forma, duvida que haja mais alguma coisa para ver. As prisões provavelmente não se importavam muito com variações. Em vez disso, continua caminhando para o canto do prédio, para o que leva até o pátio.

É uma área de concreto, quebrada pelas ervas daninhas nascendo por entre as rachaduras do chão. Não há nem mesmo vestígios de qualquer outra coisa — bancos, vasos de concreto, nada —, apenas um espaço vazio que deveria ser completamente nu antes de as coisas começarem a crescer. Talvez fosse uma área de exercício, ou talvez apenas uma clareira sem nenhum lugar para um prisioneiro se

esconder.

Cada um dos prédios se parece com o outro. Feios e quadrados e sem apelo. Nem uma única linha curva. Uma porta da frente para cada e filas de janelas espaçadas igualmente, barras de ferro e cadeados pesados em cada coisa passível de ser aberta.

Olhando ao redor, Seth se pergunta por um momento onde o homem que levou Owen era mantido. O prisioneiro cujo nome ele ainda não consegue lembrar, independentemente de quantas vezes tente fazê-lo.

Será que o prisioneiro algum dia estivera neste pátio? É quase certeza. E sem dúvida passara seu tempo vago em uma dessas mesmas celas. Quando fugiu, talvez tenha se escondido atrás desse mesmo canto onde Seth agora está em pé.

Seth se lembra de que o prisioneiro não era visto como alguém que apresentasse risco de fugir. A polícia dissera que, mesmo que tenha sido mantido em confinamento na solitária, aquilo fora para a própria proteção dele, não por problemas que ele pudesse ter causado ou porque pudesse tentar fugir. Ele fora um prisioneiro-modelo. Era isso que os policiais ficavam dizendo a seus pais naquelas noites terríveis quando Owen ainda estava desaparecido, como se aquilo pudesse, de algum modo, ser confortante e não o que realmente era, uma desculpa por terem tirado os olhos de cima dele no momento mais importante.

Seth se orienta no escuro, colocando mentalmente os trilhos do trem de um lado e olhando para cima, para o que deveria ser a direção de sua casa.

O prisioneiro recebera um passe aquele dia, essa foi a história que surgiu, um passe que lhe permitia ir livremente de um lugar para outro, para cuidar das plantas, já que ele mostrara talento para jardinagem. Sim, as lembranças de Seth estavam voltando (mas e o nome? Qual era a porcaria do nome dele?). O prisioneiro, de algum modo, tinha arranjado uma maneira de um grupo de policiais estar esperando em um lugar e outro esperava que ele estivesse em outro, assim, durante um tempo, ninguém estava procurando por ele.

A polícia achava que ele devia ter recebido ajuda, mas Seth não consegue se lembrar de qualquer explicação além dessa. O prisioneiro criara um lapso de tempo, uma sequência de momentos obscuros e secretos que lhe permitiram fugir — Seth se vira um pouco mais, para ficar na direção correta — daquele jeito, e se esgueirar pelas grades e passar escondido pelos guardas (que poderiam ou não estar olhando para outro lugar de propósito) até haver apenas mais uma cerca para pular.

A cerca para dentro da casa de Seth.

Ele cospe na grama, o estômago queimando. Ele abrira a porta para o homem. Independentemente do que acontecesse com o restante de sua vida, sempre teria aberto aquela porta.

Não foi culpa sua, Gudmund dissera. Você tinha oito anos.

E, ah, como Seth queria acreditar nele.

Ele fixa os olhos na escuridão acima, no ponto por onde o prisioneiro entrara na vida de Seth e levava Owen, devolvendo-o machucado e destruído.

Seth está bravo agora, ao se lembrar.

Bravo e, repentinamente, com muito menos medo.

Ele entra no pátio e vai em direção à porta de onde o Motorista saiu.

Ela se parece com as portas dos outros prédios. Nenhuma luz passando por nenhuma fenda ou rachadura, nem pelas janelas que a ladeiam. Seth levanta a lanterna à medida que se aproxima, pronto para dar um golpe caso alguma coisa venha para cima dele.

No entanto, continua sem haver nada. Apenas espaço vazio e silêncio. Todas aquelas janelas com barras de ferro olhando para ele. Prédios abandonados e sujos observando seu progresso.

A porta fica um pouquinho para cima e para trás, e, ao caminhar em direção a ela, a luz da lua cria um ângulo que o faz entrar na escuridão. Ele tenta acender a lanterna mais algumas vezes, sem sucesso, então tateia no escuro, procurando algum tipo de maçaneta na porta, encontrando uma, mas nunca esperando, em um milhão de anos, que...

Ela se abre.

Com um simples clique de uma alavanca, a porta se abre ao toque dele, vindo para fora com um silêncio fácil que parece tão estranho quanto a maciez do motor da van. Se alguma porta deveria ranger bem alto, deveria ser esta aqui, na frente de um presídio escuro e vazio, mas ela escorrega como algo hidráulico e moderno.

Antes de estar pronto, antes do que esperava, Seth está em pé diante de uma passagem aberta.

Uma passagem tão escura que deve ser a entrada para o espaço mais profundo.

Ele sacode a lanterna de novo, mais por nervoso do que pela expectativa de acendê-la.

Ele estreita os olhos, tentando ver alguma coisa, *qualquer coisa*, no escuro.

Mas, de fato, só há... escuridão.

Nada.

Um vazio no mundo.

Seth volta para os degraus. Caminha até a janela à direita da porta e dá uma olhada lá dentro. As sombras ali também são profundas, mas ele consegue enxergar um pouquinho, o bastante para inferir que este prédio é como o último, corredores e celas e a poeira dos anos.

Mas a passagem para a entrada ainda permanece totalmente negra, de um modo incomum, como se as leis da luz e do espaço estivessem suspensas dentro daquele único retângulo.

Não consegue ver absolutamente *nada* além.

— É um truque da luz — ele murmura para si mesmo. — Um truque da lua.

Então fica mais um momento, o mundo segurando o fôlego silencioso, o nada vazio da passagem encarando-o.

E busca a raiva dentro de si novamente. A raiva pelo prisioneiro que simplesmente saiu dali e acabou com tudo. Isso ajuda. Ele volta para os degraus, aproximando-se da escuridão, aproximando-se da passagem.

O silêncio agora é quase ensurdecedor, tão sólido que Seth começa quase a duvidar dele. Com certeza deveria escutar *alguma coisa*.

Uma brisa. O silêncio do vidro quebrado lá embaixo na colina. Um estalo quando o prédio tenta se acomodar.

Mas há apenas o vácuo. Esperando-o entrar.

Poderia haver qualquer coisa além dali, absolutamente qualquer coisa. Poderia ser a entrada para um *mundo* completamente novo, até onde ele sabe...

— O que é uma besteira — ele sussurra, ainda encarando a escuridão.

Mas aqui, sozinho, no escuro, sua mente começa a brincar com as possibilidades.

Talvez este lugar seja uma jornada.

E talvez esta porta seja a última parada.

Se há alguma morte em qualquer lugar aqui, só pode estar além

desta porta.

Talvez ela *seja* esta porta.

E, se este lugar é realmente algum tipo de inferno, talvez seja necessário morrer para sair dele.

Talvez seja tão simples quanto entrar por uma porta.

Contanto que seja a porta certa.

E, quase sem querer, ele começa a pensar naquele dia na praia...

Não, uma voz diz em sua cabeça. *Não*.

Ainda assim, ele pensa naquele dia, naquele *último* dia, quando entrou tranquilamente dentro do mar bravio e congelante, que *nada* tranquilamente o atirara contra o rochedo para morrer.

E ele acordara aqui.

Pare com isso, pensa. *Pare...*

Mas também pensa na manhã de hoje — apesar de parecer ridículo ainda ser o mesmo dia em que ele saiu para correr na direção de Masons Hill. Parece ter sido há semanas, em outra vida.

Pensa naquele sentimento de novo.

É perigoso fazer isso, pensar assim, ele sabe. É perigoso revisitar um lugar aonde a maioria das pessoas nunca chegou, aonde a maioria das pessoas nunca *quis* chegar.

Foi por isso que ele morreu? Foi por isso que sempre pediu? Foi a isso que Tomasz e Regine e o Motorista e todas as coisas convenientes o levaram?

Será que eu quero isso?, ele pergunta.

Ainda quero isso?

E então percebe que não tem muita certeza.

Aqui está a chance...

Aqui está a porta.

Ele ergue a mão e abre a porta.



O feixe de luz é tão brilhante que parece quase uma agressão física. Ele fecha os olhos com força, como se tivesse levado um soco, e tropeça de volta para o pátio, pronto para correr...

Mas nem tão pronto assim.

Seth levanta a mão para proteger os olhos e os abre o mínimo possível. A porta, tão solidamente escura alguns segundos atrás, agora está solidamente branca.

Não. Não tão sólida.

Há alguma coisa lá dentro.

Outra porta. Uma segunda porta. Feita de vidro branco leitoso.

E está aberta.

Seth volta com cuidado para os degraus da frente. A luz parece irradiar não de uma fonte em particular, mas de todas as superfícies no interior: a própria porta de dentro, as paredes além, e agora também consegue ver a escadaria saindo da porta, descendo cada vez mais profundamente. Tudo branco, tudo aparentemente feito de vidro.

Não tem absolutamente nada a ver com o interior dos prédios ao redor dali.

Consegue ouvir alguma coisa agora. *Um zumbido* de... quê? Eletricidade? Só pode ser, para gerar uma luz tão poderosa. Mas também algo mais. Um zunido sugerindo uma força mais profunda, vindo lá do fundo da escada, mas, assim como a porta silenciosa se abrindo, como o motor da van, é um som puro, mais fluido e mais novo do que qualquer outra fonte de energia que jamais ouvira.

Seth para na soleira externa da porta. Abaixa-se e estica uma das mãos, tocando o chão. A sensação é exatamente o que parece, como um painel branco de vidro, e o ar do lado de dentro é mais fresco do que aqui fora.

Ele fica em pé. A luz é tão pura, um sinal tão claro nesta noite

escura, que ele se sente perigosamente exposto. Olha ao redor, nervoso. Com certeza algum alarme foi acionado. Com certeza o Motorista deve estar voltando para cá neste exato momento.

No entanto, ele só ouve o *zunido* baixinho. Nada mais.

Nem sinal do motor.

E, sem pensar duas vezes, sem se deixar entrar em um novo conflito, ele atravessa a porta externa.

Nada acontece. Nenhum som, nenhuma sirene disparada rejeitando a presença dele, nada. Ele olha para o pátio lá atrás, iluminado por toda essa luz. Seja lá o que for fazer, precisa se apressar.

Há dois degraus para a porta interna, e ele os sobe. Ainda assim, nada acontece. Os degraus de vidro branco mais para a frente descem um andar e viram-se na direção contrária, indo ainda mais para baixo. Ele quase consegue ver o final do segundo andar, onde os degraus chegam ao que possivelmente seria outro corredor.

Mais uma vez, não tem nada a ver com o restante do presídio. É como se ele tivesse entrado em um prédio totalmente diferente, um lugar completamente diferente. A porta não tem nem fechadura, não há como abri-la ou fechá-la, nem mesmo trancá-la. É essencialmente um painel com dobradiças invisíveis, diferente de todas as portas que já vira antes. Exceto, talvez, na televisão. Em programas sobre o futuro.

Ele coloca um pé dentro da segunda soleira. Nada muda. Ele dá o primeiro passo para baixo. Então outro, e mais um. Dá uma olhada para a escuridão lá atrás, mas nada acontece. Ele continua, tentando pisar o mais leve possível, procurando ouvir outros sons.

Mas há apenas ele, e aquele *zunido* baixinho.

Ele para na curva. As mesmas paredes e degraus brancos levam para baixo, para um corredor curto com uma porta no final. Está fechada. Seth continua na direção dela, notando que a parte de dentro da escadaria é feita do mesmo material vitrificado de todo o resto. Este cômodo inteiro poderia ter sido esculpido a partir de um bloco compacto de vidro leitoso. Ele chega embaixo e para em frente à porta. É como a de cima, lisa, sem desenhos, gerando sua própria luz.

Ele estica o braço, mas, antes mesmo de tocá-la, a porta se abre. Ele dá um salto para trás, mas para ao ver que ela está escorregando suavemente para dentro da parede, como se estivesse simplesmente reagindo à presença dele, desempenhando a função mais básica que ele pudesse solicitar. Além dela, há apenas outro corredor branco com uma curva no final.

Mas o *zunido* está mais alto.

Ele espera mais um minuto. Depois outro. Mesmo assim, nada acontece. Ninguém aparece. Ele percebe que a luz no fundo do novo corredor é diferente da luz daqui, mais do que apenas o brilho das paredes. Algo muda depois da curva.

Seth engole em seco. E engole de novo.

É agora ou nunca, ele pensa.

Não adianta. Ele não se mexe.

Não há de ser nada, ele pensa. *Não será o que Tomasz e Regine imaginam. Não será o que eu imagino. Não serão extraterrestres idiotas, com certeza.*

Mas ele está com medo, mais do que quando estava lá fora.

Porque obviamente há *algo* aqui.

Ele passa pela porta.

Anda pelo corredor.

Faz a curva.

E olha.

Para uma sala imensa, enorme, tão funda quanto um hangar de avião.

Contendo centenas, *milhares* de caixões pretos brilhantes.



A sala não combina com a escadaria. As paredes e o chão são de um tipo de concreto polido e brilhante, imaculadamente limpo. No teto, painéis leitosos de luz iluminam os caixões em intervalos.

Em uma área que vai muito além do que ele consegue enxergar.

Ele está em uma parte mais alta, uma pequena plataforma saindo da porta ligeiramente acima do chão da maior ala. À frente há filas e filas e mais filas de caixões. Elas se espalham diante dele, a distância, continuando por passagens longínquas que sugerem salas maiores e ainda mais profundas além daquilo.

Este lugar é *muito* maior do que o presídio em cima dele. Há corredores largos no centro da sala, estendendo-se nas profundezas tanto quanto os caixões. *Largos o bastante para uma van passar por eles*, Seth pensa. Bem, tinham que colocar os caixões aqui de alguma maneira, não tinham? Poderia haver um número inimaginável de portas lá atrás, abrindo-se em pontos diferentes do mundo acima, mas...

— Como isso pode ser verdade? — ele sussurra. — Como?

O zunido vem dali. Ele não consegue ver nenhuma fonte de energia, nenhum cabo pelo chão ou nenhum tipo de máquina separada que não seja um caixão, mas o som certamente vem desse lugar, dessas coisas, operando seja lá o que for que estejam operando.

Com pessoas dentro. Dormindo.

Vivendo a vida delas.

A plataforma sobre a qual ele está tem uma pequena escada em uma das pontas. Ele desce até o chão brilhante de concreto, mais uma vez esperando que um alarme o denuncie ou alguém queira saber que diabos ele está fazendo ali.

Ele se aproxima do caixão mais próximo. Está bem fechado. Fica na expectativa de que ele abrirá ao seu toque, assim como a porta fez,

mas nada muda. Ele tem que olhar durante longos minutos para conseguir encontrar um fecho. O metal está frio, mas nem artificialmente gelado, nem quente. Ele dá uma volta ao redor do caixão, mas tudo é exatamente igual ao da sua casa, inclusive — ele se ajoelha para verificar — o pequeno tubo no meio desaparecendo dentro do chão brilhante de concreto.

Como é possível isso aqui funcionar?, ele pensa, a dúvida maldita voltando. *Como isso pode ser real?*

Como as pessoas tinham bebês, hein? Ele dá uma volta pela sala, os caixões perfilados diante dele como um exército de mortos. E como todos ficam saudáveis? Como eles comem? Ele e Regine e Tomasz talvez não sejam atletas de primeira, mas ainda são seres humanos funcionais capazes de andar e carregar coisas. Ele esteve fraco durante alguns dias, claro, mas suas pernas ainda conseguiriam carregá-lo depois de anos deitado?

Não, ele pensa. Não, isso não pode ser verdade.

Ele queria alguma coisa, agora percebe. Queria uma resposta diferente das que recebera. Queria saber se todo aquele mundo fazia sentido, algum sentido em *particular*. Para ele.

Ele não quer que a explicação seja a mais óbvia.

Enfia os dedos no fecho do caixão, tentando encontrar apoio. Poderia simplesmente só escorregar suas unhas — sem cortar desde que ele acordara, mas, é isso, que tal isso, como as unhas de todo mundo não cresceram? — entre as fendas. Não mexe muito, mas ele pressiona com força e o caixão se abre.

A tampa se ergue meio centímetro, um centímetro...

Antes de escapar de sua mão e fechar novamente, prendendo dolorosamente a ponta dos dedos. Ele chacoalha os dedos e tenta de novo. E mais uma vez.

— Vamos lá! — resmunga. — Vamos lá!

A tampa se abre tão repentinamente e tão alta que Seth perde o equilíbrio e cai no chão duro, batendo o cotovelo no concreto. Solta um grito longo e sonoro com o pior xingamento que conhece, segurando o cotovelo perto do peito até a dor ir embora.

— Merda! — ele diz, agora mais baixinho. E também mais calmo.

Ainda respirando rápido, ergue o olhar para o caixão agora aberto. Está abaixo da beirada, e não consegue ver dentro, mas o lado de dentro da tampa já se parece com o que está na sua casa, com os tubos e as tiras de fita metalizada, ainda que este tenha pulsações de luz

atravessando toda a sua extensão.

Ele se coloca de joelhos, ficando ereto aos poucos, a dor em seu cotovelo ainda latejando, quando vê o interior do caixão.

Está surpreso. Não deveria estar, sabe disso, mas fica surpreso com o que vê.

Obviamente há uma pessoa deitada lá dentro.

Um homem.

Um homem vivo, respirando.

O corpo do homem está embrulhado como o de Seth estava quando acordara, as bandagens ao redor das pernas, torso e peito. A genitália está exposta, e Seth agora consegue entender por quê. Há um tubo conectado ao pênis do homem e outro entre as coxas, grudados ali com esparadrapo cirúrgico. Seth se lembra das marcas em seu próprio corpo. Marcas onde os tubos deveriam ter entrado dentro dele da mesma forma. Retirando seus resíduos, exatamente como Regine e Tomasz achavam.

Quase todo o restante do homem está coberto, até as pontas dos dedos, e quase todo o seu rosto. Seth não se lembra daquelas bandagens, mas se lembra daquele período vago e horrível depois de ter morrido. A sensação de pânico desorientado. Fora um tipo diferente de medo, quase pior do que a própria morte, mas, seja lá o que sua mente ficara fazendo, seu corpo ficara arrancando as bandagens das mãos e do rosto, quando ele se arrastava para fora do caixão e encontrava as escadas para baixo. Ele agora se pergunta como conseguiu fazer tudo sem quebrar o pescoço, como sabia aonde ir quando estava tão cego.

Instinto, ele supõe. Uma lembrança que ele nem sabia ter.

A única coisa que não está coberta no rosto do homem é a boca, que tem uma placa colocada entre os dentes com um tubo anexo à ponta, suprindo-o com comida ou oxigênio ou água, Seth imagina, mas quem poderia saber com certeza? Quem poderia ter certeza de *qualquer coisa*? Será que a fita metálica nas bandagens é responsável pela programação para o mundo dormiente? Será que os músculos são estimulados para que não atrofiem? Será que os tubos para os resíduos, de alguma forma, também fazem o trabalho de reprodução?

Quem sabe? Quem tem as respostas?

O homem não dá nenhum sinal de saber que algo está diferente, de que alguém está em pé ao lado dele. Seus únicos movimentos são o sobe e desce suave do peito enquanto ele respira. A parte de cima da

cabeça do homem não está coberta, e o cabelo é tão brutalmente curto quanto o de Seth. O pescoço do homem também não está coberto, e Seth se pega estendendo a mão para alcançá-lo, tocando a pele ali, leve e gentilmente, só para ver se é real.

De algum modo, ele fica surpreso ao notar que a pessoa está morna, a quentura da pele cheia de sangue de um ser vivo. Fica ainda mais surpreso ao descobrir que o homem tem os pelos eriçados no rosto. Curtos e rarefeitos, mas mesmo assim. Como aquilo não virava uma barba? Será que alguém vinha fazer a barba dele? Será que havia remédios que impediam o crescimento do pelo? Como será que toda aquela porcaria funcionava?

— E quem é você? — Seth sussurra. — Eu te conhecia?

Todas essas pessoas eram da mesma cidade, desta cidade, não era essa a ideia? Todas as pessoas das casas lá de fora no bairro se mudaram para um único lugar. Então este homem poderia ter sido um vizinho da casa ao lado, ou um amigo de seus pais ou...

— Mas eu me mudei, não mudei? — Seth pergunta. — Ou, no mundo imaginário, nós nos mudamos. E quem sabe aonde *você* imaginou que tivesse ido.

Ele olha fixamente para o homem, incomodado com a vulnerabilidade dele. Parece um paciente deitado ali. Alguém se recuperando de um acidente indescritivelmente horrível. Mantido dormente, pois acordar é muito doloroso e a recuperação, muito demorada...

E então uma ideia passa pela cabeça de Seth. Uma ideia louca, impossível.

Ele resiste, cruzando os braços, ainda olhando o homem.

Mas a ideia volta.

Ele é quase do tamanho de Seth, não é? Quase da mesma altura e quase do mesmo peso também. A mesma largura dos ombros e do peito, as mesmas pernas finas de corredor, a mesma cor nos pelos do corpo.

— Não — Seth diz a si mesmo. — Não seja ridículo.

Mas a ideia não o abandona. Quanto mais ele olha para os traços do homem pelas bandagens apertadas, através dos poucos pedaços de pele e do corpo que não estão cobertos, mais ele acha que...

— Não — diz de novo.

No entanto, está levando a mão de volta ao rosto do homem, de volta para onde as bandagens estão. Ele pega suavemente a ponta de

uma e tenta arrancá-la. Ela não cede. Ele continua, tentando encontrar uma ponta para começar a desenrolar, virando a cabeça do homem para procurar.

— Isso é loucura — ele murmura para si mesmo. — Como isso pode fazer algum sentido?

Mas ele ainda precisa ver. Precisa ter certeza...

Porque se...

E se *for* ele?

Que tipo de resposta seria *essa*?

— Que merda! — ele está dizendo, a ansiedade aumentando, o coração batendo mais rápido. — Ah, que merda!

Ele encontra a ponta da faixa perto da orelha esquerda do homem e começa a puxar, esforçando-se para começar, então arrancando cada vez mais. A faixa sai e revela uma camada do rosto, e Seth levanta a cabeça da almofada para desenrolar a parte de trás...

Onde há uma luz piscando sob a pele do pescoço do homem.

Seth congela, a cabeça do homem em suas mãos. Ele está absolutamente consciente, pela primeira vez, de que está segurando um ser vivo, alguém dormindo, porém *respirando*, quente ao toque.

Vivo.

Com todo o cuidado, ele vira a cabeça do homem para dar uma olhada melhor na luz piscando. Ela acende e apaga, verde e forte, numa pulsação regular bem na base do crânio, abaixo de sua orelha esquerda, descoberta.

Exatamente onde está o calombo na parte de trás do crânio de Seth.

No ponto exato onde ele bateu nas pedras e tudo aqui teve início.

Então ele vê algo mais. Levanta a cabeça do homem um pouco mais para cima. Na parte de pele nua acima da faixa das costas está uma daquelas tatuagens tribais de aparência celta, pegando toda a largura dos ombros do homem.

Uma tatuagem que Seth, com absoluta certeza, não tem.

Então, claro, ele vê tudo como é. O cabelo do homem é na verdade um pouco mais escuro que o de Seth, e a barba de Seth não é tão grossa. O torso do homem é evidentemente mais curto que o de Seth, agora que olhou de novo, e, francamente, por mais que possa parecer vergonhoso, ele duvida que haja um garoto adolescente vivo que não seja capaz de reconhecer o próprio pinto.

Este homem não é ele.

Claro que não é ele.

E, de repente, tocar o homem parece algo íntimo demais, parece uma invasão de outra pessoa, quase um crime. Ele enrola as faixas de volta na cabeça do homem, dizendo “me desculpe, me desculpe”, colocando de novo a ponta do adesivo no lugar perto da orelha dele, provavelmente com mais força do que precisava. Ele deixa a cabeça do homem cair de volta na almofada...

E é quando o alarme finalmente dispara.



Não está absolutamente alto, mas é claro, subindo e descendo como todos os alarmes de notícias ruins em qualquer lugar. Seth olha ao redor, procurando a origem do som, e não vê nada. Pega a tampa do caixão e a fecha com toda a força. Ela cai e então para abruptamente, terminando o caminho em uma maciez lenta e automática, selando a si mesma e ao homem lá dentro com um som hidráulico baixo, como se nada tivesse acontecido.

Mas o alarme continua soando, e Seth já está correndo de volta para a plataforma para subir as escadas e...

Hesita.

Um display aparece na parede branca vazia, um tipo de retângulo longo e leitoso abrindo-se para revelar que, o tempo todo, havia uma tela ali. Ela agora está coberta com palavras e caixas e símbolos de cores diferentes, exatamente como se vê em qualquer teclado de computador. O alarme continua berrando, Seth ainda está preparado para correr, mas seus olhos ficam presos...

Na tela, em um conjunto circular de símbolos gráficos, as palavras CÂMARA ABERTA se acendem ao mesmo tempo em que soa o alarme. Seth não quer nem pensar que esse alarme pode estar alertando o Motorista lá fora, que ele só pode estar correndo a toda a velocidade para voltar para cá.

CÂMARA ABERTA. CÂMARA ABERTA. CÂMARA ABERTA. Em letras vermelhas brilhantes.

— Mas eu fechei a câmara — ele diz e, quase exasperado, estica a mão e toca os símbolos vermelhos.

O alarme para.

Ele afasta a mão. Os símbolos ficaram verdes, e letras e caixas e imagens de repente aparecem no restante da tela, continuando a desempenhar suas funções, aparentemente indiferentes à presença dele. Uma seção passa pelas imagens de ângulos diferentes, de

diferentes fileiras de caixões, claramente algum tipo de vigilância, e Seth quase morre de susto quando a tela mostra uma imagem dele em frente ao display. Mas a imagem passa, como se a presença dele não fosse ameaçadora.

Ele olha para trás para ver onde a câmera pode estar, mas há apenas a brancura vazia das luzes, a paisagem infinita dos caixões pretos. De volta à tela, as imagens continuam passando, inclusive o que parece ser um flash de uma porta enorme, do tamanho de uma garagem, em alguma parede distante, e ele tem a sensação incômoda e momentânea de que a van poderia entrar por ali para pegá-lo, a qualquer minuto, a qualquer *segundo*...

No entanto, ele não consegue sair dali. As caixas ao redor da tela mostram coisas como temperatura e umidade, outras, relógios mudando as horas, apenas alguns deles mostrando algo parecido com o que o tempo atual talvez possa ser, antes de ser substituído por outros tempos e mais outros. O restante das caixas contém gráficos e informações as quais Seth não consegue nem imaginar o que sejam. O que significa ÍNDICE DE MODULAÇÃO? O que é CICLO BETA, SEGMENTO QUATRO? GERENCIAMENTO DE FLUXO poderia ser qualquer coisa. Fluxo do quê? Gerenciado como? Por quem?

Seth sabe que precisa ir, que pode até ter desligado o alarme, mas isso não significa que o Motorista não tenha ouvido algum tipo de sinal...

Mas ele ainda não vai, ainda não.

O centro da tela está lhe fazendo uma pergunta.

CÂMARA REATUALIZADA?, mostra a tela.

Ao lado da pergunta, no corpo principal da tela, há um mapa gráfico dos caixões, verde — ele consegue saber que são os que estão atrás dele porque as escadas estão lá —, e o caixão que Seth abriu está marcado com uma linha pontilhada.

Conectada à linha há uma janela aberta com uma foto do que só pode ser do homem dentro do caixão que Seth acabara de abrir.

É uma foto só de rosto, como a de uma carteira de motorista ou de passaporte. O homem não está sorrindo, mas também não parece infeliz. Mais entediado do que qualquer outra coisa, como se aquela fosse apenas mais uma foto burocrática que precisou tirar.

E o nome dele está escrito embaixo da foto.

— Albert Flynn — Seth diz em voz alta.

Ela dá outros detalhes. Algo que poderia ser a data de nascimento,

mas não está escrita da maneira que Seth espera, e possivelmente a altura e o peso, juntamente com outras medidas que não são muito claras. Há uma caixa chamada de MARCAS FÍSICAS, e Seth toca nela. Ela abre outra caixa, mostrando uma foto da tatuagem do homem, indo de ombro a ombro e na parte de trás dos dois braços.

Seth aperta a caixa de novo e ela desaparece. Ele olha para onde está o símbolo do alarme. CÂMARA REATUALIZADA? — ela ainda pergunta.

— Sim? — ele responde, e aperta a tela. O símbolo e as palavras desaparecem, e a caixa com o rosto de Albert Flynn diminui até desaparecer, de volta para dentro das fileiras gráficas dos caixões na tela.

Seth dá uma olhada ao redor, de novo preocupado com o tempo que está passando, mas ainda não consegue ouvir nada nas escadas. O som do motor desaparecera nas profundezas da noite quando ele estava lá fora. Talvez o Motorista estivesse longe dali, passando pelas ruas que não permitiam andar depressa.

Ele aperta um dos caixões no mapa gráfico. O rosto de uma mulher aparece em uma caixa. Mais velha, mais sorridente do que Flynn.

EMILIA FLORENCE RIDDERBOS.

Seth aperta o caixão ao lado do dela. Outro rosto aparece, um homem mais velho.

JOHN HENRY RIDDERBOS.

— Marido — Seth diz automaticamente, pois quantos Ridderboses poderia haver no mundo? Ele decide selecionar o outro ao lado de John Henry, mas para. Sim, marido. As famílias devem ter chegado aqui juntas, não devem? Maridos e mulheres. Pais e filhos.

No entanto, Seth acordara ali sozinho, na casa dele.

Mas aqui estavam dois Ridderboses, um ao lado do outro na mesma fileira.

— E os Wearings? — ele pergunta, analisando o restante da informação na tela, imaginando se haveria um jeito de...

E há. Uma caixa marcada com, simplesmente, BUSCAR. Ele a aperta. Um pequeno teclado aparece, agrupado no arranjo normal. *Extraterreste aparentemente não é*, ele pensa. Digita *Wearing*. Hesita por um segundo antes de apertar a tecla OK, mas, então, também a pressiona.

O mapa gráfico dos caixões rapidamente vai e volta, como se uma câmera no alto estivesse buscando pelas vastas salas atrás dele antes

de diminuir o ritmo e focar em uma fileira, escondida em um canto que ele, com certeza, nunca encontraria.

Primeiro um caixão é marcado, depois outro, e uma lista de nomes começa a aparecer.

EDWARD ALEXANDER JAMES WEARING.

CANDACE ELIZABETH WEARING...

Seth nem mesmo espera o processamento terminar. Ele aperta o nome do pai.

E lá está ele. Mais jovem, obviamente, pois o cabelo está com um estilo completamente diferente e sem mechas grisalhas. Mas seus olhos têm aquele olhar vagamente drogado que Seth conhece muito bem. Ele aperta o nome da mãe, e a foto dela aparece ao lado da do pai. Ela também está mais jovem, a boca fechada daquele jeito defensivo familiar, não deixando dúvidas sobre quem ela é.

E, simplesmente assim, lá estão eles.

Vê-los é inesperadamente difícil. Pior do que difícil, é *doloroso*. O estômago de Seth começa a doer de verdade. Sem dúvida nenhuma, o rosto de seus pais, mais jovens, mas são eles, imóveis, olhando para ele.

E, de algum modo, estão na sala atrás dele também.

Ele se vira para olhar, mas a busca do gráfico se moveu tão rápido que ele não pôde acompanhar aonde estava indo. Eles poderiam estar em qualquer lugar, em qualquer parte deste vasto complexo.

Dormindo.

E também acordados. Vivendo a vida deles, vida que, para eles, era completamente real. Ele olha de novo para as fotos e se pergunta o que eles estão fazendo agora, neste exato segundo, no mundo da casa deles em Halfmarket.

Estão pensando em seu filho?, ele se pergunta.

No filho que foi embora sem deixar explicação ou dizer adeus.

Os rostos encaram Seth de dentro da tela e ele tenta não enxergar a acusação contida neles.

Seth precisa ir. Sabe disso. Já passou muito tempo. O Motorista deve estar a caminho, provavelmente estará aqui a qualquer segundo.

Ele precisa ir.

No entanto, continua olhando dentro dos olhos de seu pai e sua mãe.

Até que finalmente engole a dor do estômago e toca suas fotos delicadamente, colocando-as de volta dentro do gráfico de caixões. Está na hora de ir. Já *passou* da hora de ir, mas ele precisa ver mais um. Ele estica a mão até a lista de nomes para digitar...

E para.

Owen não está ali.

A lista de nomes Wearing só tem dois nomes. Edward e Candace, seu pai e sua mãe.

Seth franze o cenho. Ele abre a caixa BUSCAR de novo e digita novamente o último nome. A tela mostra o mesmo resultado: Edward e Candace Wearing. Ele volta para a caixa BUSCAR mais uma vez e digita o nome completo de Owen.

NENHUMA CORRESPONDÊNCIA ENCONTRADA, a tela informa a ele.

— O quê? — Seth pergunta, sua voz ficando cada vez mais alta. — *O quê?*

Tenta de novo. E de novo.

Mas Owen não está ali.

Ele não acredita, não *consegue* acreditar. Digita seu próprio nome, mas, obviamente, também não está lá, porque estava sozinho em um caixão, separado do grupo principal, na casa dele, sozinho. Talvez não houvesse espaço. Talvez a maioria dos caixões já estivesse ocupando o lugar quando sua família chegou e tiveram que fazer outros planos.

Quem sabe? E, sinceramente, quem se importa?

Owen não está ali. Owen está *lá fora* em algum lugar. Lá fora, neste mundo queimado e vazio. Em seu próprio caixão. Sozinho.

Sozinho, assim como Seth.

— Como puderam fazer isso? — ele pergunta. — Como puderam fazer isso?

Sua raiva aflora. Ele sabe que é irracional. Que, onde quer que Owen possa estar fisicamente, ele estava com os pais, de todas as maneiras que eram importantes no mundo on-line. Ele vira com seus próprios olhos nos últimos oito anos.

Mesmo assim. E se ele acordou? E se for como Tomasz e tiver acordado sozinho em um lugar desconhecido, sem ninguém para protegê-lo?

A conclusão é dura e rápida, como se agora fosse a única coisa que

sabe que tem que fazer.

— Eu vou te encontrar — ele diz, um novo senso de propósito tomando conta dele, bem-vindo. — Onde quer que você esteja, vou te encontrar de qualquer jeito! — Ele levanta a mão para tentar o caixão de seus pais de novo, achando que podem ter mais informações, algum arquivo sobre onde seu irmão mais novo é mantido...

— Ai!

Uma descarga estática o atinge ao tocar a tela. Não é nada de mais, a dor é insignificante...

Mas a tela mudou. Os caixões desapareceram, substituídos por palavras.

NÓ DANIFICADO ENCONTRADO, a tela mostra agora.

SCAN EM PROGRESSO, aparece embaixo disso.

Há uma mudança nas luzes, quando uma das pontas da sala é repentinamente iluminada por um estranho brilho esverdeado. Rápido demais para ser ultrapassado, ele passa pelas fileiras de caixões, até passar por Seth.

E para nele.

— Ah, porcaria — ele diz.

RESTAURAÇÃO POSSÍVEL, a tela diz.

INÍCIO DA REATUALIZAÇÃO.

— Merda! — Seth diz, sem saber o que *Reatualização* significa, mas, com certeza, não pode ser nada bom. Ele já está voltando em direção ao corredor curto que dá nas escadas, já começando a correr...

Quando uma dor lancinante e paralisante atinge sua cabeça...

Bem no lugar atrás do pescoço onde as luzes de Albert Flynn estavam piscando, bem onde o “nó danificado” de Seth deveria estar...

E tudo desaparece em um flash de luz.



— *Sempre há beleza* — Gudmund disse. — Se souber onde procurar.

Seth riu.

— A coisa mais gay que você já disse, colega.

— “Colega” — Gudmund riu de volta. — Pare de fingir que é inglês.

— Eu sou inglês.

— Só quando é conveniente.

Gudmund se virou de volta para o mar. Eles estavam em cima de um penhasco que descia a dez ou doze metros até as ondas turbulentas lá embaixo. Era o final de um daqueles dias notoriamente mais curtos, que anunciavam que o verão estava acabando e que o início do ano escolar se aproximava.

Mas ainda não.

— Quero dizer, olhe só para isso! — Gudmund disse.

O sol, dividido ao meio pelo horizonte do mar, parecia maior e mais dourado do que tinha o direito de ser, uma enorme bola de sorvete de doce de leite escorrendo no chão. O céu acima dele encobria Seth e Gudmund com tons de rosa e azul escuros, as nuvens espalhadas, vibrantes trombetas de cor.

— E aí você se afasta daquela porcariazinha de praia — Gudmund disse —, se afasta das pedras e das ondas que não te deixam nadar, e não há mais lugar para fazer piquenique com seus sanduíches gostosos, e o vento vai levar embora sua família entediante se não os mantiver agarrados a você. E, então, olha para o oceano. E, bem, lá está ela.

— A beleza — Seth comenta, sem olhar para o pôr do sol, mas para o perfil de Gudmund iluminado pelo mesmo sol.

Havia outros visitantes no penhasco, outras pessoas aproveitando o dia e o pôr do sol, mas Seth e Gudmund ficaram sozinhos por um momento, todo o resto muito longe deles para fazer parte dessa paisagem perfeita.

— Gudmund... — Seth começou de novo.

— Sei lá — Gudmund disse. — Não sei mesmo, Sethy. Mas temos o agora, que é mais do que muitas pessoas têm, não é? Deixe que o futuro se resolva sozinho.

Ele esticou a mão para Seth. Este hesitou, verificando primeiro se ninguém poderia vê-los.

— Covarde! — Gudmund brincou.

Seth pegou a mão dele e a apertou.

— Temos o agora — Gudmund disse de novo. — E eu tenho você. E isso é tudo o que eu quero.

De mãos dadas, eles assistiram ao pôr do sol.

— Pode me contar mais alguma coisa? — A policial Rashadi perguntou, gentil, porém seriamente, daquele jeito que ela falava com ele, que era tão diferente do restante dos policiais.

— Ele era baixo? — Seth sugeriu, mas sabia que já tinha dito aquilo. Ele apenas queria que a policial Rashadi não fosse embora, não queria que a conversa terminasse, já que isso era tudo o que alguém conversara com ele nos últimos dias.

Ela abriu um sorriso para ele.

— Isso é o que todo mundo diz. Mas, de acordo com as informações que temos, eu sou cinco centímetros mais baixa, mas ninguém nunca diz isso de mim.

— Mas você não parece baixa — Seth disse, enroscando os dedos.

— Vou considerar isso um elogio. Mas não se preocupe. Isso não significa que será mais difícil encontrá-lo, Seth. Até mesmo as pessoas mais baixas não conseguem se esconder para sempre.

— Ele vai machucar o Owen? — Seth soltou de repente, não pela primeira vez.

A policial Rashadi fechou o bloquinho de anotações e entrelaçou as mãos em cima da capa.

— Achamos que ele está usando seu irmão para garantir a segurança dele — ela explicou. — E então ele sabe que, se machucar seu irmão, não haverá a menor chance de segurança.

— Então, por que ele o machucaria?

— Exatamente.

Eles se sentaram em silêncio antes de a policial Rashadi dizer:

— Obrigada, Seth. Você tem ajudado muito, muito mesmo. Agora vou ver como estão seus pais...

Os dois se viraram ao ouvir o barulho agudo da porta da frente se abrindo. A policial Rashadi ficou em pé enquanto outro policial entrava apressado na sala de estar.

— O que é isso? — Seth ouviu a voz da mãe perguntando do andar de cima. Ela raramente saía do mezanino nesses últimos dias, querendo ficar perto das coisas de Owen. — O que aconteceu? Você...

Mas o novo policial estava conversando só com a policial Rashadi.

— Eles o encontraram — ele informou a ela. — Encontraram o Valentine...

O telefone de Gudmund tocou e tocou e tocou. Na segunda tentativa, caiu direto na caixa postal.

Seth pegou seu casaco. Depois do que Monica acabara de lhe contar na porta de casa, ele precisava ver Gudmund. Não havia mais nada no mundo inteiro que precisasse acontecer. Ele tinha que encontrá-lo. Agora. Desceu os degraus de dois em dois até a sala de estar e estava na porta da frente quando seu pai o chamou da cozinha “ainda em andamento”.

— Seth?

Seth o ignorou e abriu a porta, no entanto seu pai o chamou de um jeito que não dava para argumentar.

— Seth!

— Pai, tenho que ir — ele respondeu ao se virar, mas parou quando viu o pai ali em pé. Ele estava coberto com a poeira da serra do trabalho na cozinha, mas estava com o celular na mão, olhando-o de um jeito estranho, como se tivesse acabado de terminar uma ligação.

— Era seu diretor — o pai informou, parecendo desnorteadado. — Ligando para mim num sábado à tarde.

— Eu preciso ir de verdade, preciso ir mesmo, pai.

— Disse que a filha dele recebeu uma foto sua. — O pai olhou para o telefone. — Esta foto — ele disse, erguendo o celular para que Seth pudesse vê-la.

E o silêncio tomou conta. Seth não conseguia se mexer. E, aparentemente, nem o pai. Ele só mostrava a foto e olhava para Seth, com o olhar inquisidor.

— Ele não estava zangado nem nada — o pai explicou, virando o telefone lentamente e olhando para a foto. — Disse que você é um bom garoto. Disse que alguém, com certeza, queria lhe causar problemas, e que

estava preocupado achando que as coisas podem ficar difíceis para você na segunda-feira. E que ele achava que devíamos saber. Para podermos ajudar.

Ele parou, mas continuou ali em pé, em silêncio.

Para sua grande irritação, Seth sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Tentou piscar para evitá-las, mas algumas escorreram pelo seu rosto.

— Pai, por favor. Preciso ir. Preciso...

— Encontrar Gudmund — o pai terminou a frase para ele.

Sem perguntar, apenas dizendo.

Seth sentiu-se preso, mais preso do que jamais conseguia se lembrar, mais preso do que no dia em que o homem batera na janela da cozinha na casa deles na Inglaterra. Na época, o mundo tinha parado de girar, e acabara de parar de novo, neste momento. Seth não fazia ideia de como o mundo voltaria a girar de novo.

— Sinto muito, filho — o pai lamentou, e, por um segundo desesperador, Seth achou que ele estivesse dizendo que sentia muito por não deixar Seth sair, mas...

— Sinto muito por você ter pensado que não podia nos contar — o pai continuou, baixando os olhos para o telefone de novo, para a foto de Seth e Gudmund, apenas juntos ali, de um jeito tão real, tão sério e tão inegável para qualquer um que olhasse. — Não consigo dizer o quanto sinto por isso.

Para surpresa de Seth, a voz do pai se aquebrantou ao dizer aquilo.

— Não temos sido bons com você — o pai admitiu. Levantou os olhos de novo. — Sinto muito.

Seth engoliu o nó na garganta.

— Pai...

— Eu sei — o pai continuou. — Vá encontrá-lo. Conversaremos mais tarde. Sua mãe não vai ficar muito feliz, mas...

Seth esperou um momento, sem acreditar direito no que acabara de ouvir, mas não havia tempo a perder. Abriu a porta da frente e saiu correndo no ar frio, para encontrar Gudmund...

E então era verão de novo, meses antes, e Gudmund sorria para ele na ponta do penhasco, o pôr do sol emoldurando o rosto dele em dourado.

— Sempre há beleza — ele disse. — Se souber onde procurar.

Antes de o mundo ser engolido por uma luz branca e brilhante...



Uma dor lancinante aperta a cabeça de Seth como um punho cerrado, bloqueando todo o resto. Parece impossível ser capaz de viver com uma dor dessas, impossível pensar que não esteja acontecendo um dano irreparável. Consegue ouvir um grito distante antes de perceber que está vindo de sua própria boca...

— Não sei mais o que fazer! — a voz diz.

— Apenas desligue! — grita outra voz. — Desligue tudo!

— COMO?

Mãos que Seth não conhece o seguram no chão, mas a dor ocupa todos os espaços livres, cada pensamento livre, e ele não consegue parar de gritar.

— O som que ele está fazendo! Acho que isso o está matando!

— Lá! Aperte ali! Aperte qualquer coisa!

Tão repentina quanto a queda de um penhasco, a dor passa. Seth vomita pelo chão de concreto liso e fica deitado, largado, os olhos cheios de lágrimas, a garganta seca, buscando o ar.

Duas mãos o agarram.

Mãozinhas. E ele ouve uma oração numa língua que só pode ser polonês.

— Tomasz? — ele grunhe, e sente dois bracinhos curtos o abraçarem com força. Está tendo dificuldade para focar os olhos, e são necessárias algumas piscadas para ver o rosto de Regine se inclinando em direção a ele também.

Ela parece pálida, e, mesmo em seu estado de confusão, Seth consegue ver que ela está apavorada.

— Consegue se levantar? — ela pergunta, a urgência pulsando na voz.

— Precisa se levantar, Senhor Seth — Tomasz diz, e tentam colocá-

lo em pé. As pernas de Seth não suportam seu peso, e eles quase precisam arrastá-lo pelo chão.

— Temos que ir — Tomasz diz. — *Devemos* ir.

— Como...? — Seth sussurra enquanto eles o levam até a plataforma e depois pelo corredor, mas não consegue dizer mais nada. Seu pensamento está fugindo, cheio de imagens, colidindo em uma onda tempestuosa e torrencial vindo para afogá-lo. Consegue ver Tomasz e Regine, mas também vê Gudmund em cima do penhasco, vê seu pai, vê a si mesmo quando era garotinho, quando Owen foi levado, tudo girando ao mesmo tempo, e não consegue se desvencilhar disso tudo, mesmo quando fecha os olhos.

— Eu adivinhei que você tinha falado uma inverdade — Tomasz diz, começando a puxá-lo pelo corredor principal. — Uma inverdade que a Regine tentou esconder.

— Viemos atrás dele, não viemos? — ela retruca.

— E o encontramos bem a tempo!

— De novo! — Seth se pega resmungando, apesar de sua mente estar tão agitada que ele nem sabe se disse em voz alta.

Disse.

— Isso mesmo! — Regine diz, carregando-o pela curva da escadaria, empurrando tanto ele quanto Tomasz para cima, em direção à porta de dentro. — Na verdade, não estamos aqui, nenhum de nós está. Isso tudo é apenas algo que você está imaginando.

— Menos conversa! — Tomasz diz. — E mais pressa!

Eles chegam ao topo e guiam Seth até o lado de fora. Toda vez que pisca, enxerga as lembranças na sua mente, tão claras e vívidas que é como se estivesse indo e voltando entre esse mundo e aquele outro. Owen e Gudmund e Monica e H e o mar e a casa na Inglaterra e a casa na América. Tudo girando e mudando tão rápido que a náusea aumenta, e, ao descerem com ele os degraus da frente do presídio, Seth vomita de novo.

— O que está... acontecendo? — ele pergunta, ofegante. — Não consigo... O mundo está desabando...

No redemoinho de sua visão, Seth vê os dois trocando olhares preocupados...

Então vê Tomasz olhando em pânico.

— Regine?

Seth vê uma expressão de horror no rosto de Regine...

Mas ele pisca de novo, e, mais uma vez, e as lembranças vêm, avassaladoras, ele sentando à mesa com a policial Rashadi, outro policial entrando, dizendo que o encontram, que encontraram Valentine...

Os olhos de Seth se abrem de repente.

Ali, bem ali, alguma coisa que ele perdera. Algo a que ele pode se pegar. Sente a avalanche de lembranças diminuir por um breve momento...

Ele olha para cima. Está nos braços de Regine. Ela e Tomasz estão tentando fazê-lo ficar em pé de novo, mas a coisa, a coisa importante, está bem na ponta da língua, está...

— Valentine — ele diz.

Regine e Tomasz param um instante para olhar para ele.

— O quê? — ela pergunta.

— Valentine — ele responde, apertando os braços dela com mais força. — O nome dele era Valentine! O homem que levou o Owen! O homem que...!

— Seth, consegue ouvir isso? — Regine grita.

Seth para. E escuta.

O motor da van.

Perto e ficando cada vez mais alto, mais rápido do que eles jamais conseguiriam fugir.

Tomasz se separa deles correndo pelo pátio até onde estão as duas bicicletas. Em pânico, Seth se mexe para segui-lo, mas tem que fazer um esforço até mesmo para se manter em pé, e Regine precisa segurá-lo para evitar que caia.

— Não vamos conseguir com você assim — ela diz. Olha para os outros prédios, procurando um lugar para se esconder.

— Mas o Tomasz... — Seth diz. Ele vê que o garotinho não está pegando uma bicicleta. Está pegando um saco amarrado na parte de trás de uma delas, desembulhando alguma coisa freneticamente.

— Vamos! — Regine diz, puxando Seth em direção ao prédio no meio de todos os que cercam o pátio. O rugido do motor está praticamente em cima dele, e Seth consegue ver as luzes aumentando na escuridão atrás do prédio do qual eles acabaram de sair...

— Regine! — ele grita...

— Estou vendo! — ela diz.

Tomasz está correndo pelo pátio em direção a eles, carregando algo longo e metálico, algo que Seth não consegue definir à luz da lua e no escuro. Ele pisca, testando ajustar os olhos à escuridão...

... e está deitado com Gudmund na cama, os braços de Gudmund se erguendo com o telefone na mão, tirando a foto, a foto só dos dois juntos, o momento íntimo capturado para sempre...

— Regine! — ele diz. — Regine, eu acho que...

— Não, Tommy! — Regine grita.

Seth olha, a visão girando. Tomasz continua atravessando o pátio, correndo, mas não rápido o bastante, brincando com a coisa em suas mãos...

E Seth, de repente, vê o que é, tão improvável a ponto de quase ser literalmente inacreditável...

Tomasz está carregando uma espingarda.

É quase tão grande quanto ele.

— Tomasz, cuidado! — Seth grita...

Atrás de Tomasz, a van preta surge no canto do prédio, rugindo para dentro do pátio...

Vindo ameaçadoramente atrás de Tomasz enquanto ele corre...

— Não! — Seth e Regine gritam juntos...

— Corram! — Tomasz grita para eles...

A van passa entre eles, as rodas guinchando ao parar sobre o concreto, e, antes de ter parado completamente, a porta está se abrindo...

O Motorista está saindo...

E correndo atrás de Tomasz com uma velocidade inacreditável...

— Tommy! — Seth ouve Regine gritar...

E ela está tentando correr atrás dele...

Mas não há como chegar lá a tempo...

O Motorista levanta o bastão, fagulhas saindo, pronto para dar o golpe...

Tomasz aponta a arma desajeitadamente...

— NÃO! — Regine grita...

E Tomasz puxa o gatilho.



O estouro é muito maior do que Seth espera, e, na realidade, há dois clarões, um da ponta da arma disparada contra o peito do Motorista...

E outro quando a arma explode nas mãos de Tomasz.

Pela fumaça branca, Seth vê os dois corpos voando em direções opostas, a sombra rodopiante do Motorista batendo na van, quase arrancando a porta aberta com o impacto, antes de cair violentamente no chão...

E também Tomasz, gritando enquanto é atirado para trás, pedacinhos da arma espalhando-se no ar, a fumaça saindo dele enquanto despenca sobre o concreto duro do pátio.

— TOMMY! — Regine grita, voando em direção a ele. Seth tenta acompanhar, mas ainda está desequilibrado. Ele a segue em volta da frente da van, dando uma olhada rápida na figura sombria no chão, também imóvel. À sua frente, Regine escorrega até o chão perto de Tomasz...

Não, Seth pensa. Por favor, não...

E então ele ouve uma tossinha.

— Graças a Deus! — Regine diz quando ele se ajoelha desajeitadamente ao lado dela. — Graças a Deus!

— *Moje ręce* — Tomasz diz, se sentando, a voz penosamente baixa.
— *Moje ręce są cate zakrwawione.*

Ele ergue as mãos. Mesmo sob as sombras vindas da luz da entrada, conseguem ver o quanto elas estão queimadas, faixas de carne rasgadas e sangue escorrendo pelos punhos.

— Ah, Tommy! — Regine diz, com raiva, apertando-o num abraço tão forte que Tomasz chega a gritar. Ela o solta e começa a berrar. — SEU IDIOTA! EU FALEI QUE ERA MUITO PERIGOSO!

— Era só em último caso! — ele geme. — E era o último caso!

Seth olha atrás deles. Os canos da espingarda estão no chão, em dois

lugares separados entre as ervas daninhas, a coroa de madeira agora são apenas brasas acesas pela imensa área...

... e o policial entrou na sala de estar e está dizendo: “Encontraram o Valentine...”.

Com um grunhido, Seth afasta a lembrança, voltando-se para Regine e Tomasz. Ela tirou o casaco e está rasgando uma manga, amarrando-a em volta das mãos de Tomasz.

— Onde vocês conseguiram uma *espingarda*? — Seth pergunta, enrolando um pouco as palavras. Agora que as coisas ficaram mais calmas, a cabeça dele começou a girar de novo.

— No sótão de uma casa da vizinhança — Regine diz, enfaixando a outra mão de Tomasz, ignorando seus gritinhos de dor. — Mas estava quebrada e era *perigosa*, e era *algo que jamais poderíamos usar*.

— Vou dizer de novo — Tomasz resmunga. — Em último caso. Quando não há mais esperança.

— Você poderia ter morrido, seu... — Mas Regine não consegue terminar, e seus olhos estão molhados de lágrimas furiosas. Ela olha de volta para Seth, desafiando-o a dizer alguma coisa. Então a expressão dela muda. — Você está bem?

Seth pisca, ainda sentindo as lembranças se acumularem, ainda sentindo-as rodar em sua cabeça.

— Ele estava pronto para me matar — Tomasz diz, olhando para a van. — Para matar o pequeno Tomasz. Mas eu o matei primeiro, não?

Todos voltam a olhar para o Motorista. Conseguem ver um buraco profundo no peito do uniforme, que recebeu a explosão da arma.

— Valentine — Seth sussurra, prendendo-se ao nome de novo.

— Por que você fica dizendo isso? — Regine pergunta.

Ele olha para ela, o rosto cheio de dor.

— É sério — ela diz. — Você está bem?

— Não sei — Seth responde, esforçando-se de novo para ficar em pé.

— Você disse que era o nome de um homem — Tomasz conta, também ficando em pé meio desajeitado, sem usar as mãos machucadas. — Ele levou alguém chamado Owen?

— Owen é o meu irmão — Seth diz.

Seth consegue sentir todas as lembranças ali em sua cabeça, girando ao redor dele como se ele estivesse no olho do furacão, chegando

perto, vindo na direção dele, *querendo* algo dele.

— Valentine — sussurra outra vez.

— *Ok*, tudo bem — Regine diz, gentilmente. — Valentine. Entendi.
— Ela se vira para Tomasz. — Está machucado em algum outro lugar?

— Meu peito, um pouquinho — ele responde, gesticulando com as mãos enfaixadas onde a arma o atingiu. — Mas não é tão ruim.

— Ele não vai conseguir andar de bicicleta — Regine diz a Seth. — Você vai ter que ajudá-lo. Está bem para fazer isso?

— Sim, acho que sim — Seth responde, ainda distraído. Aquele nome, Valentine, com certeza é o nome do prisioneiro que levou Owen, o nome que por nada deste mundo ele fora capaz de lembrar quando estava na casa, independentemente do quanto tentasse.

Até seja lá o que aconteceu ali embaixo com os caixões.

Mas ainda há mais coisas além disso...

As lembranças começam a se avolumar em sua cabeça de novo, cercando-o por todos os lados.

— Valentine — ele sussurra de novo.

— Podemos colocá-lo para deitar lá na casa — Regine diz. — Vocês dois. — Ela se vira na direção da van. — Mas primeiro...

Ela começa a caminhar para onde o Motorista ainda está deitado.

— O que está fazendo? — Tomasz pergunta, com medo.

— Quero ter certeza de que ele está morto — Regine diz, andando devagar, com cuidado, pronta para correr de novo.

Seth a observa ir, mas mal consegue vê-la, a mente enchendo-se de novo com a praia, o mar, o frio...

Com o policial e Owen e Valentine...

Com Monica e Gudmund e H...

A onda gigantesca está vindo de novo, quebrando em cima dele, afogando-o mais uma vez...

— Não acho que seja uma boa ideia — Tomasz diz para Regine, mudando o peso do corpo de um pé para o outro nervosamente.

Algo está ali, bem ali, à medida que as lembranças continuam inundando...

— Vou me arriscar por menos uma coisa ruim no mundo — Regine diz.

— Seth? — Tomasz chama. — Regine, tem algo muito errado com o Seth.

Regine se vira diante da preocupação na voz de Tomasz. Seth pressiona as mãos nas laterais da cabeça, como se para impedir que ela exploda.

— Não — ele diz. — Ah, não.

Na inundação de pensamentos varrendo seu cérebro, as lembranças tomam conta de sua visão, brigando por atenção, sufocando-o, puxando-o para baixo...

No entanto, Seth ainda consegue ver o que está na frente dele, embora fique cada vez mais difícil...

Ainda vê que algo não está muito certo...

Ainda vê *movimento*...

Quando, atrás de Regina, o Motorista começa a se levantar.



Tomasz grita alguma coisa em polonês, tão horrorizado que não há necessidade de tradução. Regine se afasta do Motorista e grita.

— As bicicletas! — Tomasz berra.

Regine agarra o braço de Seth ao passar por ele, mas seus olhos estão fixados no Motorista, que está se sentando lentamente.

Lentamente ficando em pé.

— Vá, vá, vá, vá! — Regine diz, puxando-o com tanta força que quase o derruba.

E agora ele também está correndo, ainda que pareça mais tentar não cair do que qualquer outra coisa. Tomasz chega às bicicletas, mas não consegue levantá-las com as mãos machucadas. Regine puxa uma e praticamente a joga em cima de Seth. Ele a pega num reflexo, e Tomasz já está montando atrás dele, enroscando as mãos embrulhadas no casaco em volta da cintura de Seth, para se segurar.

Seth dá uma última olhada para o Motorista.

Está em pé ao lado da van, agora, equilibrando-se com um braço na porta quebrada. Ele os observa, sem rosto, o visor do capacete refletindo a luz da lua para eles.

Um enorme pedaço arrancado do meio de seu peito.

Como?, Seth pensa no redemoinho de seu cérebro. *Como?*

Mas, então, estão correndo de bicicleta, tão rápido quanto as pernas de Seth conseguem pedalar, Tomasz agarrando-o com força. Regine dispara na frente dele pelo pátio, e ele faz o melhor que pode para segui-la, esforçando-se para manter o equilíbrio.

— Ah, não caia — ele ouve Tomasz dizer atrás dele. — Não caia, não caia.

Concentra-se nisso, tentando manter a mente conturbada no objetivo. Os punhos de Tomasz estão pressionados com tanta força em volta da cintura de Seth que as laterais chegam a doer, mas ele pedala

para fora do pátio atrás de Regine e passa pelo primeiro prédio. Ouve o motor, mas não há mudança no tom ou no volume, nenhum sinal de que o Motorista está atrás deles.

A não ser que esteja a pé, Seth pensa. Quem sabe qual a velocidade em que ele consegue correr?

Ele pedala com mais força.

Regine está na frente dele, batalhando para subir a colina pelo caminho de concreto coberto de vegetação. *Vá, ele pensa, forçando seu corpo a trabalhar. Vá, vá, vá, pise, pedale, empurre, vá, vá, vá.*

— Você está indo bem — Tomasz diz, como se pudesse ler a mente confusa de Seth.

— Estou achando difícil — Seth diz, o suor caindo dentro dos olhos ao escalarem a pequena colina. — Estou achando difícil ficar...

Ficar o quê?, ele pensa. Ficar consciente? Ficar neste lugar?

Ele não ousa piscar por causa do que enxerga todas as vezes que fecha os olhos. Mesmo quando eles estão abertos, ainda consegue ver sombras de tudo, um mundo colocado em cima do outro, todas as pessoas a quem amou, todas as pessoas que conheceu, permeando o voo das bicicletas pela colina...

— Ele não está nos seguindo — Tomasz grita para Regine.

— Como pode estar vivo? — ela grita de volta. — Como simplesmente ficou em pé de novo?

— À prova de balas? — Tomasz sugere, mas Seth consegue ver Regine balançando a cabeça e sabe o que ela está pensando. Aquilo era mais aterrorizante do que um simples uniforme à prova de balas. O buraco no peito dele era grande demais.

Deveria estar morto. Deveria ter ficado deitado lá para sempre.

Porém, em vez disso, se levantou...

Eles atravessam de bicicleta as grades caídas até alcançarem o cascalho perto dos trilhos de trem, onde a luz elétrica ainda está funcionando. Não há passagem, então Regine para e passa a bicicleta por cima dos tijolos amontoados.

Seth e Tomasz fazem o mesmo, desmontando. Seth pega o quadro da bicicleta, levantando-o...

E o mundo se esvazia.

Som e barulho, lembrança e imagem, tudo se aproxima de Seth em um golpe silencioso.

Ele grita, estranhamente baixo, e a bicicleta escapa de seus dedos, caindo estrondosamente nos tijolos, a roda entortando radicalmente durante a queda.

— Seth! — Tomasz diz, assustado. Ele se agacha ao lado da bicicleta. — Será que conseguimos desentortar e colocar no lugar? — Ele olha para trás. — Será que...?

Ele para. Seth está congelado ali, as mãos esticadas na mesma posição de quando derrubou a bicicleta.

Ainda consegue ver Tomasz, ver a bicicleta, ver Regine correndo de volta para eles.

Mas também consegue ter todo o restante.

Tudo.

Não consegue parar.

Sua mente se encheu, em um tumulto silencioso tão enorme que ele não consegue mais lutar, não consegue mais se mexer...

Tudo. Está tudo ali.

— O que está acontecendo? — Regine pergunta, a voz dela ecoando levemente em seus ouvidos, como se estivesse a três cômodos de distância.

— Ele está preso — Tomasz diz, os olhos arregalados.

Regine vai até Seth.

— Você está aí, Seth? Você está conosco?

As palavras dela ecoam pelas milhas de tudo o que um dia acontecera a ele, e qualquer resposta de sua vontade levará muito tempo para chegar à sua boca para explicar...

Ele está longe deles. Tão longe que nunca mais conseguirá alcançá-los de novo...

E então Regine pega a mão dele.

Ela a pressiona entre as suas, apertando forte, mas carinhosamente.

— Seth — ela diz. — Onde quer que esteja, está tudo bem. Você consegue voltar de lá. Seja lá o que aconteceu lá, seja lá o que o mundo pareça agora, não é assim que sempre parece. Não é assim que sempre vai parecer. Há mais. Há sempre mais. O que quer que veja, onde quer que esteja, nós ainda estamos aqui com você. Eu e o Tommy.

Seth abre a boca para tentar responder, mas é como câmera lenta. Sua mente e seus pensamentos estão tão cheios, não há espaço para

ação, não há espaço para conversa.

— É — Tomasz concorda. Ele pega a outra mão de Seth, gentilmente, a sua própria ainda enrolada nas mangas arrancadas do casaco de Regine. — Nós estamos aqui, Senhor Seth. Vamos cuidar de você. Vamos encontrar você. — Seth consegue vê-lo sorrir de repente. — Como fizemos agora na grande fuga do presídio! Com armas e tudo!

Regine o faz ficar quieto, mas continua olhando fixo nos olhos de Seth.

— Diga onde está, Seth — ela pede. — Diga onde está para podermos ir te buscar.

Seth consegue sentir ambas as mãos sendo seguradas por Tomasz e Regine, consegue sentir o carinho e a rigidez dela, consegue sentir a preocupação de Tomasz, mesmo através do tecido, consegue até mesmo sentir o batimento cardíaco deles, ainda que para Tomasz seja quase impossível...

Mesmo assim, ele está sentindo *algo* real.

(Não está?)

(Está, sim.)

E se sente voltando...

Sente tudo girando, agitando, enfurecendo como um furacão...

Mas o olho do furacão também volta...

Pequeno...

Mesmo assim...

Ele olha para a lua, para o presídio ao redor deles, para o silêncio lá embaixo da colina — sem sinal do Motorista saindo das trevas, sem o aumento do som do motor, ainda que seu cérebro continue a dizer que precisam correr, sair deste lugar, mas...

Mas Regine e Tomasz também estão ali.

E ele conta a eles.

Conta a eles o que aconteceu.

— Eu me lembro — ele diz. — Acho que me lembro de tudo.





— **Tudo?** — **Tomasz pergunta.** — Como assim tudo?

— Está tudo lá, eu acho — Seth responde. — Tudo o que aconteceu. Por que estamos aqui. Como chegamos aqui. — Ele franze o cenho. — Mas vai tudo embora quando olho muito de perto. — Ele estica a mão como se quisesse pegar as lembranças. — É só...

— Temos que ir para casa, Seth — Regine diz quando ele não continua. — Você pode nos contar tudo quando estivermos em segurança.

Tomasz olha desanimado para a bicicleta com a roda torta.

— Isto não vai andar.

— Consegue correr? — Regine pergunta a Seth.

— Acho que sim — ele responde.

— Então, vamos — ela ordena. Abandona a própria bicicleta e sai andando pela passarela de tijolos ao longo dos trilhos. Eles a seguem, Seth conseguindo acompanhá-la mais do que espera, Tomasz olhando sempre para trás para ter certeza de que ele ainda está lá.

— Vá indo — Seth diz. — Não vai me perder.

— Foi isso o que você disse antes — Tomasz retruca. — E você estava dizendo uma inverdade.

— Sinto muito por isso. De verdade.

— Deixem as desculpas para mais tarde — Regina comenta. A respiração dela está pesada. Eles a alcançam com facilidade. — Porcaria de cigarro!

— Além disso — Tomasz diz —, você está bem gordinha.

Regine dá um tapa na parte de trás da cabeça dele e recupera um pouco o ritmo da caminhada. Chegam à estação de trem sem ver nenhum sinal do Motorista. Sobem na plataforma e correm até a saída, descendo apressadamente os degraus entre os blocos de apartamentos.

Em vez de irem em direção à casa de Seth, vão para o norte, pelas ruas cheias de casas. Depois de várias esquinas, Regine os puxa para dentro de um jardim coberto de árvores para descansarem e se esconderem durante alguns minutos.

Eles prestam atenção, ofegantes. A noite ao redor deles está silenciosa. Sem passos, sem nem mesmo o som do motor, que deveria ser audível mesmo a distância.

— Talvez nós o tenhamos machucado de verdade — Regine comenta.

— Mas como ele conseguiu se levantar? — Tomasz pergunta. — Eu atirei nele. Com uma arma.

— E quase se matou durante o processo.

— Mas esse não é o ponto agora, ainda que ninguém esteja me agradecendo. Eu atirei nele a um metro de distância. E ainda assim ele consegue ficar em pé?

— Não sei — Regine franze o cenho e olha para Seth. — Foi você que disse que se lembra. Tem uma resposta?

— Não — ele responde, balançando a cabeça. — Está tudo amontoado. Ainda não consigo colocar uma ordem e está...

Ele para, pois, quando tenta pensar naquilo, as memórias ameaçam engoli-lo de novo. Parece ser tudo o que ele já soube na vida, mas sem uma maneira de separar cada coisa em seu lugar. É como ter um milhão de instrumentos tocando um milhão de músicas diferentes na cabeça, de uma vez só, barulhentos demais para fazer sentido. Ele se agarra à única coisa que sente ser absolutamente certa.

— Preciso encontrar meu irmão. É isso o que eu preciso fazer agora.

— Ele está aqui? — Tomasz pergunta.

— Acho que sim. Sinto *saber* que ele está em algum lugar por aí. Sozinho, não com todo mundo. E se ele acordar e não tiver ninguém lá... — Os olhos dele se enchem de lágrimas. Os outros dois o observam, cautelosos.

— Compreendo — Regine diz. — Mas você vai ter que esperar até amanhecer. Aquela coisa poderia estar em qualquer lugar lá fora.

Seth olha para dentro da noite longa e escura. Sua cabeça está tão pesada com pensamentos e lembranças que chega a ser difícil conversar com Regine ou Tomasz, difícil até mesmo sentir-se presente. As respostas estão todas lá, ele tem certeza, mas ainda não conseguiu decifrá-las...

— Seth? — Regine chama.

— Sim — ele responde, quase automaticamente. — Posso esperar. Preciso descansar. Mal consigo ficar em pé...

— Não foi isso o que eu quis dizer. — Ela puxa a parte de trás do colarinho da camiseta dele.

— Você está piscando, Senhor Seth — Tomasz avisa.

— Estou o quê? — Seth pergunta, erguendo a mão para colocá-la onde eles estão olhando.

— Aqui — Regine diz, levando-o de volta à janela da frente da casa. Ela está imunda, no entanto, mesmo através da poeira, Seth consegue ver a luz azul piscando, saindo de baixo da pele de seu pescoço.

— Azul — Ele comenta. — Não verde.

— E o que tem a ver “azul, não verde”? — Regine pergunta. — Por que isso é tão importante?

— Não sei.

Regine suspira.

— Então, quando você disse que se lembrava de tudo, o que quis dizer é que não se lembra de nada *útil*.

— Eu abri um caixão. Havia um homem lá dentro, preso a tubos, bandagens e tudo o mais. Ele tinha uma luz verde, bem nesse mesmo lugar.

— Quando nós te encontramos — Tomasz conta —, a tela dizia ATUALIZAÇÃO DE NÓ. Talvez o azul queira dizer que você não está completamente atualizado. Talvez seja esse o motivo de toda a gritaria.

— É mesmo — Regine diz. — Mas o que significa *atualização*? — Ela olha de relance para Seth. — Deixe-me adivinhar: você também não se lembra disso.

— Eu disse a você...

Ela levanta a mão para fazê-lo parar, franzindo o cenho novamente.

— Não gosto disso.

— Não gosta do quê?

— De não saber das coisas.

— E isso muda alguma coisa?

Ela o encara com firmeza.

— Nós acabamos de descobrir que há mais coisas que não sabemos.

Seth vê os lábios de Tomasz se moverem enquanto ele tenta decifrar a sentença.

— Vamos voltar para nossa casa — Regine insiste. — Vou me sentir mais segura lá dentro.

— É uma longa caminhada — Tomasz diz, levemente desanimado.

— Então é melhor começarmos a nos mexer — Regine responde.

> > >

Eles vão sorrateiramente pela calçada, mantendo os olhos atentos, seguindo Regine quando ela vira, sobe uma rua e depois outra.

— Pisca-pisca — Tomasz repete observando o pescoço de Seth enquanto caminham. — Pisca-pisca.

— Não que isso não seja irritante — Regine reclama.

— Tentando ver se existe um padrão — Tomasz explica.

— E há? — Seth pergunta.

— Sim. Pisca-pisca, pisca-pisca. Mas o que ele quer dizer é uma pergunta para outra pessoa, eu acho.

Regine fica à frente deles, abrindo caminho, nunca deixando que alcancem seu passo.

— Ela está brava com você — Tomasz fala para Seth.

— Ela está brava comigo a cada segundo desde que a conheci — Seth retruca.

— Não, está brava por antes. Estamos nos acalmando agora, então ela está se lembrando. Ela não queria que você nos deixasse. Ela disse que era direito seu fazer o que queria, mas eu sabia. Ela não queria que você fosse. — Ele se vira para Seth. — Eu também não queria que fosse. Também estou bravo com você.

— Sinto muito — Seth se desculpa. — Mas eu tinha que ver. Tinha que saber. — Ele olha para Tomasz. — Obrigada por vir me salvar.

— E aí está o obrigado — Tomasz diz, com um surpreendente rompanete de frustração. — Até que enfim.

— Como vocês me encontraram?

— Eu sabia que havia algo errado. — Tomasz franze o cenho atrás de Regine. — Ela estava agindo de forma estranha, com a cabeça no ar...

— “Cabeça no ar”?

— E também ficando um pouco cansada de fazer piada do meu jeito de falar — Tomasz diz entredentes, em seguida um pouco mais alto.
— Talvez eu não tenha entendido direito. Qual é a palavra? Distraída. Ela estava distraída.

Seth puxa alguma coisa de sua memória confusa.

— No mundo da lua?

— Sim! É isso. Ela estava no mundo da lua.

— Muito parecido com estar com a cabeça no ar.

— E você continua tirando sarro — Tomasz reclama —, mesmo depois de eu ter salvado sua vida. Mais uma vez. Então me mostre, por favor, seu conhecimento profundo de referências polonesas. Sim, isso seria muito divertido. Uma longa conversa sobre o quanto você sabe sobre a língua polonesa e as palavras que os poloneses usam para descrever como se sentem em linguagem pitoresca.

— Onde você aprendeu inglês? Nos anos 50?

— HISTÓRIA DO RESGATE — Tomasz praticamente grita. — A Regine está distraída. Eu descubro por quê. Digo para irmos salvar você. Ela diz não, isso não é o que você quer. Eu digo: quem liga para o que o Senhor Seth quer, o Senhor Seth não sabe o perigo em que está metido. Eu digo: vamos levar a espingarda e nós saímos. — Ele olha para Regine de novo. — E, para essa última parte, houve resistência.

— Por um bom motivo — Regine diz, sem se virar. — Você poderia ter morrido.

— Mas aqui estou eu — Tomasz responde. — Sinto muito por saber mais sobre armas do que você, mas eu sei.

— Não o suficiente para impedi-la de estourar nas suas mãos.

— Mas o suficiente para fazer o Motorista parar de nos seguir! — Tomasz ergue as mãos enfaixadas, frustrado. — Por que vocês nunca dão crédito ao Tomasz? Por que nunca agradecem de forma adequada pelas boas ideias dele? Eu salvei você *duas vezes* daquela coisa que poderia nos matar, mas, ah, não, continuo sendo o pequeno Tommy, motivo de piada, com seu inglês ruim, seu cabelo desgrenhado e seu grande entusiasmo.

Eles param, um pouco surpresos com a raiva do garoto.

— Meu Deus! — Regine exclama. — Alguém precisa tirar um cochilo.

Os olhos de Tomasz pegam fogo, e ele descarrega uma longa fila de sentenças furiosas em polonês.

— Eu disse que sentia muito — Seth diz. — Tomasz...

— Vocês não entendem! — Tomasz berra. — Eu também estou sozinho! Vocês acham que são mais velhos e mais inteligentes e que sentem as coisas mais profundamente. Não são! Eu sinto essas coisas também! Se perder você, ou você, então estou sozinho de novo, e não vou aceitar isso! Não vou!

Ele está chorando, mas eles conseguem ver que está irritado consigo mesmo por isso, assim, não tentam confortá-lo.

— Tommy... — Regine começa.

— É *Tomasz*! — ele retruca.

— Você disse que tudo bem se eu chamasse você de Tommy.

— Só quando estou gostando de você — Ele enxuga os olhos e resmunga para si mesmo. — Não sabem nada do Tomasz. Nada.

— Sabemos que você foi atingido por um raio — Seth diz.

Tomasz olha para ele, os olhos cheios de alguma coisa que Seth não consegue entender muito bem. Descrença, para começar, procurando pela brincadeira no que Seth diz, mas também medo. Como se estivesse se lembrando de ter sido atingido pelo raio de novo.

— Não estou brincando com você — Seth diz. — Eu entendo de solidão. Ah, garoto, como entendo.

— Entende? — Tomasz pergunta, quase como um desafio.

— Sim — Seth responde. — Mesmo, de verdade.

Ele estica o braço para um toque de trégua nas costas de Tomasz, e, quando Tomasz se abaixa, os dedos de Seth raspam no ponto da base do crânio do garoto...

Que se acende, de repente, ao toque de Seth.

E o mundo desaparece.



A sala está apertada e escura. Há outras pessoas ali, ele não saberia dizer quantas, mas está lotada, corpos pressionados sobre corpos, tão próximos que ele consegue sentir o cheiro azedo de seus hálitos e peles suadas. E do medo.

As vozes estão baixas, mas falando freneticamente. Ele não consegue entender o que estão dizendo...

Mas, sim, consegue entendê-las. Não estão falando inglês, mas ele consegue entender cada palavra.

— Alguma coisa saiu errado — a voz de uma mulher diz perto dele. — Eles vão nos matar.

— Eles serão pagos — disse outra mulher, com firmeza, tentando acalmar a primeira, mas também cheia de medo. — O dinheiro virá. Isso é tudo o que eles querem. O dinheiro virá...

— Mesmo que venha, não fará diferença — diz a primeira mulher, quando outras vozes ao redor também aumentam com a mesma preocupação. — Eles vão nos matar! Eles vão...

— Cale a boca! — ruge uma nova voz, uma bem atrás da cabeça dele, uma voz que pertence a uma mulher cujos braços estão em volta dele, segurando-o com força. — Cale a boca ou eu a calarei para você!

A primeira mulher para diante do ódio desta nova voz. Ela dá início a um choro longo e alto, nem um pouco melhor do que as palavras de antes.

— Não dê ouvidos a ela, meu amorzinho — a voz atrás dele diz dentro de seu ouvido. — Tudo saiu de acordo com o planejado e não há do que ter medo. Isso é só um pequeno atraso. Só isso. Logo, logo começaremos nossa nova vida. E como será maravilhosa!

Ele fala. Não são suas palavras, nem sua voz, mas estão saindo de sua boca.

— Não estou com medo, Mama! — ele diz.

— Sei que não está, coração! — Ela beija a parte de trás de sua cabeça,

e ele sabe que ela também está tentando se acalmar. Mas ele realmente não está com medo. Ela os trouxe até ali. Ela conseguirá levá-los ainda mais longe.

— Deixe a Mama ouvir um pouquinho do seu inglês — ela sussurra. — Deixe-me ouvir suas palavras, e faremos delas um novo lar.

E ele se lembra. Lembra-se de ser pobre demais para pagar aulas de inglês, mas nunca questionando por que sua mãe trazia fita de vídeo atrás de fita de vídeo — não baixada como na escola ou nem mesmo em um CD, mas tocada em uma máquina enorme e antiga segurada por fita isolante — de filmes em branco e preto ou com cores gritantes, em inglês, uma língua que ambos passavam para a frente, em grandes espaços em branco, para depois voltarem o filme e juntarem tudo. Faziam daquilo um jogo, ele e a mãe, tentando juntar o diálogo em inglês com as legendas do filme.

Ele era esperto, seus professores sempre diziam, alguns até afirmavam que de um jeito “assustador”, e ele começou a pegar a língua, apesar das dificuldades, praticando-a com os poucos turistas falantes de inglês que se aventuravam pelo interior. Até mesmo tentando dar uma olhada nos romances mofados de língua inglesa que alguém doara para a biblioteca local.

Ele aprendeu o suficiente, assim espera. Estão ali. Estão dentro da fronteira. Quase chegaram ao final. Ele espera mesmo, de verdade, que tenha aprendido o suficiente.

— “Perder um dos pais, Senhor Worthing” — ele diz agora para sua mãe, referindo-se a um filme, esforçando-se para lembrar, por ela —, “pode ser como perder uma fortuna. Perder os dois significa que ninguém se importa.”

— Muito bom, muito bom, coração — a mãe dele diz, não compreendendo nem a metade daquilo, ele sabe. — Mais.

— “Era só para você abrir as portas” — ele continua — “e arrebená-las.”

— Sim, meu querido.

— “De todas as jukeboxes em cada pedacinho do mundo...”

Há um grito agudo vindo das mulheres ao redor dele — e ele se lembra agora de que todos ali são mulheres e algumas crianças como ele — quando uma tranca é aberta bruscamente e a enorme porta de metal começa a se abrir, rugindo com seu próprio peso. As mulheres emitem sons de alívio quando veem que é o mais amigável dos dois homens que os trouxe até ali. O que tem o sorriso gentil e os olhos tristes, que conversa com elas sobre os próprios filhos.

— Está vendo? — diz sua mãe, fazendo os dois ficarem em pé. —

Bastam algumas palavrinhas e o mundo inteiro se transforma.

*Mas as mulheres começam a gritar quando veem que o homem amigável
está segurando uma arma...*



Uma mão empurra Seth com força no peito. Regine, com todo o seu peso. Ele cai na calçada coberta de lama. Ela fica em pé ao lado de Tomasz, que agora também está olhando para ele.

— O que você fez? — Tomasz diz, aterrorizado. — O que você fez comigo?

— *Co się stato?* — Seth diz.

Em polonês.

— O quê? — Regine pergunta.

— *O quê?* — Tomasz pergunta, vindo até ele. — O que você disse?

Seth se senta, balançando a cabeça. Ainda consegue sentir o cheiro do medo no cômodo lotado, ainda consegue sentir a pressão das mulheres contra ele, o pânico terrível, horroroso, que tomou conta do grupo quando a arma do homem foi vista.

— Eu disse... — Seth tenta de novo, desta vez em inglês, mas não consegue emitir mais nem uma palavra antes de Tomasz o atingir no rosto, com força, o tecido enrolado em suas mãos mal amortecendo o golpe.

— Você não tinha o direito! — Tomasz diz, golpeando-o vez após outra. Seth, surpreso demais para se defender, já consegue sentir o nariz sangrando. — Aquilo é particular! Não tem o direito de estar lá!

— Uau! — Regine grita, agarrando os braços agitados de Tomasz. Ela enrosca seu corpo grande ao redor dele, como uma camisa de força, mas ele ainda olha furiosamente para Seth.

— Aquilo não era da sua conta!

— Será que alguém pode me dizer o que está acontecendo? — Regine pergunta, e então vê a parte de trás do pescoço de Tomasz. — E por que a luz do Tommy está piscando?

— Não sei — Seth responde, ficando em pé de novo, limpando o sangue do rosto. — Não sei o que aconteceu. Eu apenas o toquei e...

— Estou bem aqui! — Tomasz grita. — Não falem de mim como se eu não estivesse presente!

— Sinto muito, Tomasz — Seth se desculpa. — Pelas duas coisas. Não sei o que aconteceu. Não quis me intrometer...

— Aquilo não era da sua conta! — Tomasz grita de novo.

— O que foi? — Regine pergunta a Seth, ainda segurando Tomasz perto dela.

— Acho... — Seth diz. — Acho que é particular.

Diante disso, o rosto de Tomasz se contorce e ele começa a chorar *de verdade*, caindo de joelhos e se enroscando no abraço de Regine. Ele fala longas frases em polonês com os olhos bem fechados.

— Ok, é sério, que porcaria foi essa que aconteceu? — Regine pergunta a Seth, segurando Tomasz encostado em sua barriga. — Não preciso saber o que você viu, mas você tocou a parte de trás do pescoço dele e vocês dois simplesmente congelaram. Como se tivessem saído de seus corpos.

— Não sei — Seth diz.

Regine suspira fundo, com raiva.

— É claro que você não sabe.

— Regine...

— Não estou brava com você — ela explica. — Estou com raiva deste maldito lugar. Você diz que está se lembrando e não pode imaginar o quanto eu quero saber, mas tudo o que isso parece significar é mais uma dor. Isso é tudo o que acontece nesta vida. Uma surpresa terrível, horrorosa, depois da outra...

— Você não foi uma surpresa horrorosa — Seth diz baixinho.

— ... e o tempo não faz sentido e tem esse *maluco* imortal de macacão preto nos perseguindo e... O que foi que você disse?

— Eu disse que você não foi uma surpresa horrorosa — Seth repete. — Nem você. — Tomasz ainda está fungando na camiseta de Regine, mas volta os olhos para Seth.

Seth limpa o nariz.

— Escutem — ele diz, depois para. Passa a mão sobre o cabelo curto, os dedos encontrando a protuberância na parte de trás do crânio, sabendo que está piscando, sem saber por quê, apesar da confusão que aquilo está causando em seu cérebro. Sem saber de nada, na verdade, exceto que ele está ali, naquele exato segundo, com Tomasz e Regine. E sente que ele lhes deve mais do que jamais poderá

pagar.

— Eu me matei — Seth conta.

Ele espera para ter certeza de que eles estão ouvindo. Estão.

— Eu entrei no mar. Quebrei a clavícula em uma pedra, e então aquela mesma pedra arrebentou meu crânio, acertando bem onde a luz está. — Ele faz uma pausa. — Mas não foi um acidente. Fui eu que fiz isso.

Regine não diz nada, mas Tomasz funga e diz:

— Nós meio que já imaginávamos.

— Eu sei — Seth disse. — E naquele dia em que me encontraram, o dia em que me impediram de correr atrás daquela coisa na van, eu... — Ele hesita, mas depois se força a continuar. — Eu ia fazer de novo. Eu conheço Masons Hill. Sei de onde poderia me jogar. E era isso o que eu ia fazer.

Ele sente o gosto do sangue no fundo da garganta e cospe.

— Então, quando digo que vocês não foram uma surpresa horrorosa, é verdade. Vocês foram uma boa surpresa, *tão* boa que chego a duvidar que seja verdade. Até agora. E sinto muito por isso. Sinto muito que isso tenha me feito mentir para vocês. Sinto muito que tenha me levado até o presídio. E sinto muito, Tomasz, por ter visto o que eu vi. Eu não queria.

Tomasz funga de novo.

— Sei disso. Mesmo assim. — Ele está com a expressão mais triste que Seth já viu, a boca curvada para baixo, o lábio inferior espichado, os olhos muito velhos para um rosto tão jovem.

— Eu não fui atingido por um raio — ele confessa.

— Não tínhamos nada — Tomasz continua, olhando para os pés. — Vocês se lembram daqueles anos quando o mundo inteiro perdeu todo o dinheiro? Até mesmo on-line, eu acho.

Seth e Regine balançam a cabeça, mas Tomasz não está olhando para eles.

— Já éramos pobres antes disso — ele conta. — E ficou muito pior depois. Antes era possível atravessar as fronteiras na Europa, mas, quando todas as economias desabaram, não se podia mais. Ninguém queria mais ninguém. Minha mãe e eu estávamos presos. Mas ela encontrou um jeito. Ela conheceu um homem que diz que consegue nos esconder em um navio. Ele nos deu passaportes, documentos para dizer que estávamos lá antes de as fronteiras se fecharem. — Ele fecha

os punhos. — Custou tudo o que tínhamos. *Mais* do que tudo, mas minha mãe disse que seria para uma vida melhor. Ela me fez aprender inglês, disse que tudo ia ser melhor.

Os olhos dele se estreitam.

— Mas não ficou melhor. A viagem foi muito difícil, muito longa, e os homens que nos ajudaram, bem, eles não ajudaram quase nada. Um deles era mais gentil, mas o outro era muito malvado. Ele nos tratava muito, muito mal. Ele... *fez* coisas. Com a mamãe.

Ele levanta os punhos cerrados e olha para eles.

— Eu era muito pequeno para ajudar. E a mamãe disse que tudo bem, que estávamos quase lá, quase lá. E um dia chegamos à Inglaterra. Estávamos todos muito animados, o dia quase chegou, fizemos uma viagem dura e longa, mas aqui estamos, aqui estamos, aqui estamos. — O rosto dele se abre numa expressão de sonho, mas endurece novamente. — Mas havia um problema. Dinheiro, sempre querendo mais dinheiro, sempre querendo mais daqueles que não tinham nada.

Ele suspira.

— Mas não existia mais dinheiro. E o homem mais gentil veio até onde estávamos nos escondendo. Em um grande contêiner de metal para bagagem. Como se fôssemos porcos ou lixo. O homem mais gentil veio uma noite.

Ele olha para Seth. À luz do luar, seus olhos se enchem de lágrimas de novo, e Seth percebe o que ele está pedindo.

— Ele deu um tiro em você — Seth diz simplesmente, terminando a história. — Ele matou você, sua mãe e todos os outros.

Tomasz apenas assente, lágrimas gordas escorrendo por seu rosto.

— Ah, Tommy — Regine sussurra.

— Mas eu não sei por que estou *aqui* — Tomasz questiona, a voz úmida. — Levei um tiro na parte de trás da cabeça e acordei aqui! E isso não está fazendo sentido. Se todos nós estávamos dormindo em algum lugar, por que não acordei na Polônia? Por que não consigo encontrar minha mãe ou mais ninguém? — Ele apela para Seth. — Não reconheço este lugar. Acordo e penso que os homens ainda devem estar atrás de mim, então tenho medo e digo a Regine quando ela me encontra que eu sempre estive aqui, que a mamãe e eu vivemos aqui há muito tempo, mas... — Ele dá de ombros.

— Talvez você *estivesse* aqui — Seth diz. — Talvez tenha chegado aqui e eles colocaram você nos caixões e...

Mas *não* faz sentido.

Ou talvez, ele imagina, talvez não houvesse tempo para deportar mais ninguém. Talvez a mãe de Tomasz tivesse chegado aqui ao mundo real pouco antes de tudo acabar, quando Tomasz era um bebê. E talvez eles tivessem sido presos e a única coisa a fazer fosse colocá-los para dormir, fazendo-os pensar que nunca saíram da Polônia. Que estavam de volta aonde começaram sem nunca terem feito a viagem.

Mas, se havia alguém com a força de vontade e a coragem para fazer essa jornada uma vez, devia ser o tipo de pessoa que aceitaria fazê-la de novo, não seria? Se não sabia que estava on-line, apenas que precisava ir para outro lugar, a qualquer custo.

Sem nunca saber que já tinha sido bem-sucedido e que já estava ali.

Parece quase impossivelmente cruel.

— Tommy, sinto muito — Regine diz.

— Só não me abandone — Tomasz pede. — É tudo o que eu peço.

Ela o abraça de novo, ainda com mais força.

— E você? — Seth pergunta a ela. — Como veio parar aqui?

— Eu já contei — Regine responde, sem olhar para ele. — Caí da escada.

— Tem certeza?

Ela o encara, sem responder, mas Tomasz está olhando para ela também, com a mesma pergunta no rosto.

— Não tem problema — Tomasz diz. — Somos seus amigos.

Regine ainda não responde, mas uma chama de dúvida atravessa sua testa. Ela respira fundo, para explicar ou negar ou mandá-los se danar, Seth nunca saberá, pois, em algum lugar ao longe, eles ouvem o motor da van dar a partida de novo.



— **Depressa!** — **Regine** sussurra para eles enquanto correm de sombra em sombra.

— Está longe? — Seth pergunta quando a alcançam, agachada entre dois carros ao lado da rua.

— Estamos perto, mas primeiro precisamos atravessar uma rua principal bem grande.

— O som está distante — Tomasz sussurra atrás deles. — Ele não sabe onde estamos.

— Ele alguma vez já viu onde vocês ficam? — Seth pergunta.

— Achamos que não — Tomasz diz. — Sempre conseguimos despistá-lo antes de chegar em casa, mas...

— Mas o quê?

— Mas o bairro não é tão grande assim — Regine diz. — E as luzinhas de vocês ainda estão piscando. Em um mundo escuro assim, isso dá para ver.

— Se elas estivessem transmitindo algum sinal — Seth diz —, ele estaria em cima de nós neste momento, não estaria? Pelo menos já é alguma coisa.

— Alguma coisa — Regine concorda. — Não muito.

Ela os leva, correndo meio agachados por entre os carros estacionados, por uma ruazinha e pela calçada em direção ao cruzamento. É a rua principal da qual Regine estava falando, e, exceto pelo mato e pela lama de sempre, é um enorme espaço vazio que terão de atravessar. Esperam entre dois caminhões brancos estacionados na ponta.

— Acho que não vamos ter problemas — Tomasz cochicha. — O motor não está perto.

— Você deu um tiro no peito dele à queima-roupa e a coisa levantou de novo — Regine diz. — Não sabemos o que ele é capaz de

fazer. Você acha que ele não sabe que nós confiamos no som do motor para saber onde ele está? Acha que ele não pode usar isso para nos ferrar?

Os olhos de Tomasz se arregalam, e ele escorrega uma mão enfaixada dentro da mão de Seth.

— De verdade, não estamos muito longe — Regine diz. — Se conseguirmos atravessar...

Ela para, os olhos repentinamente alertas à luz da lua.

— O quê? — Seth sussurra.

— Ouviu alguma coisa?

— Não, eu...

Mas agora ele também ouve.

Passos.

Passos, com certeza.

Muito mais perto do que o zumbido longínquo do motor.

Os passos são lentos, delicados, como se não quisessem ser ouvidos. Mas estão vindo nesta direção.

Tomasz aperta a mão de Seth ainda mais e deixa escapar um “ai” por causa da dor das queimaduras. No entanto, não solta.

— Ninguém se mexa — Regine sussurra.

Os passos ficam cada vez mais altos, mais perto, vindos de algum lugar à direita deles, talvez da calçada do outro lado da rua, escondida pela escuridão e pelos carros estacionados lá. Têm uma característica estranha, meio hesitantes, parando e indo, como se tivessem dificuldade para andar.

— Talvez o tenhamos machucado — Regine sussurra, e Seth repara na mudança de postura dela. Ela ficaria feliz se o Motorista estivesse machucado, ele percebe. Feliz por encará-lo e ter a chance de acabar com ele.

— Regine...

Ela o manda ficar quieto, apontando o dedo silenciosamente. Seth e Tomasz se inclinam para a frente.

Há um movimento nas sombras do outro lado da rua.

— Deveríamos sair daqui — Seth diz.

— Ainda não — ela refuta.

— Ele ainda tem armas...

— *Ainda não.*

Seth consegue sentir Tomasz recuando, preparando-se para correr. Seth vai para trás com ele, mas Regine fica onde está...

— *Regine* — Seth fala por entre os dentes cerrados.

— Olhe — é tudo o que ela diz.

Zangado, tenso, pronto para fugir, Seth inclina-se para a frente para olhar de novo a rua larga, onde os passos fazem os últimos movimentos, saindo da sombra e ficando ao luar.

Tomasz segura um pouco o fôlego ao lado dele.

É um veado. *Dois* veados. Uma fêmea e seu filhote, entrando na rua hesitantes, as orelhas alertas, parando a todo momento para ter certeza de que o caminho ainda é seguro. O cervo passa pela mãe e abocanha o mato selvagem da rua. É impossível dizer qual a cor deles à luz da lua, mas eles não parecem magros nem doentes, Seth pensa. Certamente há vegetação bastante ao redor para mantê-los alimentados. E, se há um cervo novo, então deve haver um macho em algum lugar.

Seth, Tomasz e Regine observam o par percorrer a rua, os cascos clicando no asfalto. O barulho do motor ainda está longe, e é obvio, pelos movimentos leves das orelhas, que a fêmea o ouve, mas continua sua vigilância tranquila, enquanto o filhote se alimenta.

A fêmea para e levanta a cabeça um pouco mais alto, cheirando o ar.

— Ela está sentindo o nosso cheiro — Regine sussurra. A fêmea não corre, mas se afasta deles, empurrando o filho para o outro lado da rua, desaparecendo mais para dentro da escuridão até nem mesmo a lua ser capaz de vê-los.

— Uau! — Tomasz diz, depois que os animais foram embora. — Quero dizer, uau!

— É! — Seth concorda. — Eu não esperava...

Ele para.

E vê Regine limpar duas lágrimas que escorrem pelo seu rosto.

— Regine?

— Vamos continuar — ela diz, e fica em pé para guiá-los pelo caminho.

Eles dão uma grande volta para chegar à casa. As árvores são

surpreendentemente frondosas aqui entre as casas, e o luar brilha apenas em feixes, como se eles estivessem no fundo de um cânion profundo. O zumbido do motor continua longe, e, quando chegam à rua de Regine, não há sinal de ninguém esperando por eles.

É um bairro melhor do que o de Seth, pode-se perceber isso mesmo no escuro. As casas são separadas, não geminadas como a dele, os jardins são mais espaçosos, as ruas, um pouco mais largas. Apesar do tamanho decente e da qualidade de sua própria casa, Seth lembra que seus pais só conseguiram comprá-la por ser próxima ao presídio.

— Foi aqui que você cresceu? — ele pergunta, já se arrependendo pela surpresa em sua voz.

— Foi — Regine responde. — E, mesmo na Vila Utopia on-line, ainda somos os únicos negros. Então, o que isso te diz?

Eles esperam na esquina, atrás de um modelo melhor de carro abandonado.

— Não estou vendo nada — Tomasz sussurra.

— Não — Regine concorda. — Mas como saberíamos? Ele provavelmente consegue esperar muito mais do que nós.

— Qualquer uma dessas casas serve para descansar — Seth diz. — Todas devem ter camas vazias.

— Claro — ela diz, estreitando os olhos para a rua. — Mas nenhuma é a minha casa, é? Acho que ainda não estou pronta para abrir mão da minha casa.

— Eu não duvido disso — Seth responde —, mas...

— Ah, pelo amor de Deus! — Tomasz diz, ficando em pé. — Minhas mãos estão doendo. Quero lavá-las. Ou ele está lá ou não está, e, se está, então sabe onde nos encontrar e pode fazer isso em qualquer lugar para onde tentemos fugir. Além disso, estou irritado e exausto.

Ele caminha com passos pesados pela rua.

— Tommy! — Regine grita atrás dele, mas ele continua indo.

— Ele tem razão, sabe? — Seth diz.

— Ele sempre tem razão, não tem? — Regine resmunga, mas fica em pé e segue atrás de Tomasz. Seth também vai, e agora consegue perceber o quanto Regine estava certa com relação às luzes. A de Tomasz está brilhando no escuro como um farol.

O que aconteceu?, ele se pergunta. Por que eles se conectaram? Por que a súbita imersão no que, claramente, foi a pior coisa que acontecera a Tomasz? Não fazia sentido, mas, pelo menos a torrente

em seu cérebro se acalmou por enquanto, toda aquela informação ainda borbulhando, mas temporariamente ignorada.

Ele olha para a parte de trás do pescoço de Regine. *O que aconteceria se eu me conectasse a ela?*, ele se pergunta.

— Tommy, espere — Regine pede ao se aproximarem do caminho para uma casa de tijolo escuro, escondida atrás das mesmas plantas selvagens e lama. Ela olha ao redor com cuidado, fazendo um círculo completo, a mesma coisa que Seth faz quando está sendo cauteloso, ele percebe. Mas ainda assim não há nada na escuridão vindo atrás deles.

— Acho que estamos bem — Tomasz diz. — Por enquanto.

Regine solta um suspiro longo e baixo, ainda analisando a frente das outras casas da vizinhança.

— Por enquanto — ela ecoa baixinho.



— **Espere!** — **Regine** diz na porta da frente. Ela a abre aos poucos, removendo uma pequena tira de papel. — Para termos certeza de que ninguém entrou antes de nós. Se isso tivesse caído, saberíamos que alguém estava lá dentro.

Ela desaparece dentro da casa, fazendo sinal para eles esperarem.

— Tampamos as janelas — Tomasz conta a Seth — para não sermos vistos.

Depois de um momento, uma luz aparece lá no fundo, como se estivesse vindo de uma fonte maior, mais do que apenas um canto.

— *Ok* — Regine aprova, aparecendo de novo. — Entrem, rápido.

Tomasz espera Seth passar antes de fechar a porta atrás deles com uma cadeira presa embaixo da maçaneta. Estão em uma sala de tamanho razoável, com uma escadaria levando até o andar de cima e uma segunda passagem para a cozinha nos fundos.

Bem no meio da sala da frente há um caixão preto empoeirado, cercado pelos sofás e pelas poltronas, como se fosse uma mesa de centro.

— Venha, tem comida — Tomasz chama, passando pelo caixão e levando Seth até a cozinha. A luz brilha de lá, uma lanterna enfiada em um armário lateral que deve ter sido uma despensa. Há uma porta que dá para os fundos, as fendas recheadas de cobertores para evitar que a luz escape.

— Nós dormimos no andar de cima — Regine diz. — Há três quartos, mas um agora virou depósito. Pode dividir com o Tommy, se quiser.

— Eu geralmente me acomodo no chão do quarto dela, de qualquer maneira — Tomasz diz, com um sussurro audível.

Regine acende outra lanterna. Ela chama Tomasz até a pia para tirar as faixas da mão dele. Uma vez que o sangue é lavado, parece menos

ruim do que eles temiam. Só alguns cortes profundos e algumas queimaduras — as quais fazem Tomasz chiar toda vez que Regine deixa a água da torneira escorrer sobre elas —, mas ele consegue mexê-las um pouquinho.

— Vai ficar bom — ela diz. Em seguida, pega algumas toalhinhas velhas de uma gaveta e as enrola em volta das mãos dele. — Mas deveríamos procurar antibióticos, para o caso de elas infeccionarem.

Tomasz ainda parece desafiador.

— Eu digo de novo: de nada por estar salva.

Regine procura latas de comida dentro do armário.

— Nada muito elaborado, infelizmente — ela diz, acendendo a chama de um fogareiro parecido com o de Seth.

Tomasz, com as mãos enroladas na toalha, pega as tigelas enquanto ela prepara a refeição. Procurando algo para fazer, Seth enche as canecas com água das garrafas que trouxeram do supermercado. Ninguém diz muita coisa. A mente de Seth ainda está a ponto de explodir, e, se ele deixar, poderia ficar paralisado, tentando encontrar algum sentido para tudo aquilo. O esforço é constante, difícil, exaustivo. Ele reprime um bocejo. Mas está muito cansado para reprimir o segundo.

— Nem me fale — Regine reclama, passando para ele uma tigela que é metade creme de milho, metade algum tipo de *chilli* com macarrão.

— Obrigado — Seth agradece.

Regine e Tomasz se sentam em pequenas cadeiras na cozinha para comer. Seth se senta no chão. Quase não há conversa, e Seth olha para cima uma vez, para ver Tomasz dormindo, a cabeça dele para trás, encostada no balcão, a tigela vazia no colo.

— Eu sabia que não tinha sido um raio — Regine diz, baixo o suficiente para não acordá-lo. — Mas não fazia ideia.

— Nem eu — Seth responde.

— E por que faria? — ela diz, rispidamente.

Seth solta um som de frustração.

— Qual é o seu problema comigo? Eu já pedi desculpas.

— E eu acredito em você — ela responde, colocando sua tigela vazia sobre o balcão. — Podemos só deixar por isso mesmo?

— É óbvio que não.

— E isso, na verdade, é parte do problema. Você acha que tem o direito de saber tudo. Que tudo tem a ver com você. Quer dizer, até mesmo pensar que eu e o Tommy estamos aqui para te ajudar. Não acha isso muito egoísta? Já pensou que talvez *você* esteja aqui para *nos* ajudar?

Ele coça a orelha.

— Desculpe. Tive menos tempo para me acostumar aqui do que você. — Ele olha ao redor, para a cozinha iluminada pela lanterna e para o jantar de latas velhas. — Meu pai dizia que, se você der tempo suficiente, pode se acostumar com qualquer coisa.

— Minha mãe também dizia isso. E ela estava certa.

Regine diz isso com tanta amargura que Seth olha para ela, surpreso. Ela suspira.

— Ela era professora. Ciências, na maior parte, mas ela e meu pai eram franceses, então ela lecionava francês também, às vezes. Ela era maravilhosa. Forte, generosa, engraçada. E então meu pai morreu e ela meio que... desmoronou. E, de alguma forma, se perdeu. — Regine franze o cenho. — E o meu padrasto, aquele filho da puta, ele viu o quanto ela estava mal e simplesmente se aproximou. A princípio tudo vai bem, sabe como é, não é perfeito, mas tudo bem, e você se acostuma. Então fica um pouquinho pior, e você se acostuma com isso também. Então, um dia, você acorda e não faz a menor ideia de como chegou àquele ponto tão ruim.

— Meu pai também desmoronou — Seth disse suavemente. — Acho que minha mãe também desmoronou um pouquinho.

— E você.

— E eu. As pessoas todas desmoronam, eu acho. Todo mundo.

— O que fez *você*, finalmente, desmoronar?

— E quem é que agora acha que tudo é da conta dela?

Ela hesita, mas lhe dá um olhar quase amigável.

Ele boceja, o que o faz imaginar qual a lembrança que virá naquela noite quando ele finalmente for dormir. Ele espera que seja boa, mesmo que seja dolorosa. Talvez a noite em que descobriu que Gudmund sentia o mesmo que ele. Ou talvez aquela vez quando foram acampar e os pais de Gudmund estavam na barraca ao lado e eles não podiam fazer muito mais do que conversar e foi maravilhoso, melhor do que qualquer coisa, quando eles planejaram um futuro juntos, a faculdade e depois.

— Nós podemos ter qualquer coisa — Gudmund dissera. —

Podemos fazer qualquer coisa que quisermos assim que sairmos de casa. Você e eu juntos? Ninguém nem *sonharia* em nos impedir.

E Seth não conseguia nem mesmo dizer o quanto essas palavras pareceram animadoras e assustadoras e verdadeiras e impossíveis.

Eles conversaram a noite toda. Tinham feito planos para o resto da vida.

O coração dele dói só de pensar nisso.

— As pessoas desmoronam — ele diz de novo. — Mas nós tivemos uma segunda chance, nós três.

Regine ri.

— Você acha que isto é uma segunda chance? Que merda de vida você tinha? — Ela levanta, alcançando Tomasz. — Vamos, dê uma ajuda aqui.

Eles levam um Tomasz meio dormente para a cama, Regine acende uma vela para mostrar o caminho. Ela tira alguns cobertores mofados de dentro de um guarda-roupa.

— Vai ter que dormir no chão.

— Tudo bem — Seth diz, empilhando-os sobre o tapete.

— Pode ficar com a cama dele, quando ele vier para o meu quarto — ela diz. — Ele não estava brincando com relação a isso.

Tomasz já está roncando. Regine olha para ele com seu jeito grosseiramente carinhoso e então se vira para sair, sem dizer boa-noite.

— Obrigada por me encontrar — Seth agradece. — Pode tentar não ser tão chata e aceitar um agradecimento?

Regine bufa.

— Aqui é difícil. A dureza nos mantém vivos. — Ela dá um sorriso irônico. — Eu era uma pessoa muito legal.

Seth sorri de volta.

— Não acredito nisso nem por um segundo.

— Que bom — ela responde. — Não deveria. — Olha para ele por um momento. — Primeira coisa: podemos começar a procurar pelo seu irmão. Se isso for mesmo importante.

— E é. Obrigado.

— Não me agradeça. Você vai fazer todo o trabalho. Tipo, por onde começamos?

Seth balança a cabeça.

— Alguma coisa vai aparecer para mim. Está tudo lá, eu sei que está. Só preciso decifrar.

— Que bom — ela diz. — Porque eu também gostaria de algumas respostas. Ela balança a cabeça dando boa-noite e sai.

Seth se deita no chão e se enrola em um cobertor. Está quieto. Mesmo entre os roncos de Tomasz, não consegue ouvir o motor da van lá fora, a qualquer distância. Regine e Tomasz se esconderam bem aqui, ele acha. E agora o esconderam aqui com eles também.

Seu cérebro ainda está sobrecarregado de lembranças desconexas, mas, por um momento fugaz, antes que a exaustão do dia tome conta dele, Seth percebe que se sente quase seguro.

58



Ele não sonha.



— **Acorde, Senhor Seth** — Tomasz diz, chacoalhando-o pelo ombro.
— Sobrevivemos a mais uma noite.

Grogue, Seth abre os olhos para o leve brilho que mal passa por entre os cobertores que cobrem a janela.

— Tem milho e *chilli* de novo para o café da manhã — Tomasz informa. — Sinto muito por isso.

Seth abre a boca para responder...

Mas para.

Algo está diferente.

Algo mudou.

Algo...

Ele se senta ereto, num pulo.

— Ah, merda — diz.

— O que é? — Tomasz pergunta, alarmado.

— Ah, não.

— *O quê?*

— Está tudo lá — Seth responde, olhando para Tomasz, espantado.

— Agora está claro. Pegar no sono deve ter processado tudo ou...

Ele para.

— O que está acontecendo agora? — Tomasz quer saber.

Mas como Seth pode responder? O que pode dizer? Todo o caos agora está fazendo sentido. O que ele esqueceu...

Ah, não.

Ele se levanta, mal parando para enfiar os pés nos sapatos antes de sair tropeçando pelo quarto e descer as escadas.

— Espere! — Tomasz diz, indo atrás dele. — Aonde você vai?

Seth pega a cadeira encaixada na porta da frente, mas sua primeira tentativa atabalhoada apenas consegue prendê-la ainda mais.

— O que está havendo? — Regine pergunta, vindo da cozinha, segurando uma tigela do café da manhã horroroso.

— Ele acordou maluco — Tomasz diz.

— De novo?

— Eu não sonhei — Seth explica, debatendo-se com a cadeira.

— O quê? — Regine diz.

— Eu não *sonhei*. Dormi e não sonhei, nem uma lembrança, nada. — Ele se sente à beira de um ataque de nervos. — Acordei e estava tudo claro.

A cadeira finalmente se solta nas mãos de Seth e cai, fazendo barulho na sala de estar. Ele abre a porta da frente.

— Aonde está indo? — Regine grita, mas ele já está a toda a velocidade pela calçada, correndo pela rua.

Porque ele sabe.

Ele se lembra.

Mesmo que o bairro seja desconhecido, seus pés o estão guiando. A grande rua que atravessaram a noite passada é, agora ele tem certeza, um marco. Ele corre e se afasta da casa de Regine, sem nem mesmo prestar atenção ao som do motor da van. Ele está mais ou menos cinco quilômetros ao norte de sua própria casa, calcula, e seu cérebro está fazendo um mapa do caminho para ele.

Ele sabe aonde está indo.

Sabe.

— ESPERE! — ele ouve a alguma distância atrás de si.

— Não posso — ele responde, longe de ser audível para eles. — Não posso.

Seth continua correndo, virando em uma esquina com absoluta certeza. Os quarteirões começam a ficar para trás, e ele está correndo sem esforço, rápido, cheio de propósito. Outra esquina. E mais uma. As ruas agora estão se inclinando para baixo, em uma direção que o levará para trás do supermercado e depois do outro lado do parquinho onde ele viu os patos.

— Pelo amor de Deus! — ele ouve atrás de si, em fôlego entrecortado.

Ele dá uma olhada rápida e vê Regine, bufando em uma bicicleta extra que deviam ter em casa, Tomasz grudado atrás dela, as mãos enfaixadas agarradas na cintura de Regine.

— Você está fugindo de nós! — Tomasz grita, com raiva surpreendente. — De novo!

— Não estou! — Seth retruca, balançando a cabeça, sem parar. — Por favor, não estou mesmo.

— Então *o que* está fazendo? — Regine grita.

— Eu lembro — ele diz. — *Eu lembro.*

— Então vai lembrar que não estamos exatamente fora de perigo, estamos? — Regine retruca, incapaz de manter o ritmo acelerado dele.

— Sinto muito — Seth responde, afastando-se. — Tenho que fazer isso, sinto muito.

Ele corre. Não é nem mesmo um sentimento ao qual possa dar um nome. É um tipo de compulsão, algo que o faz seguir em frente...

Algo em que ele não pode acreditar...

Algo em que não *acreditará*...

A rua agora se inclina em uma descida íngreme, e ele alcança o final da colina, sussurrando:

— Não. Não, não, não.

Ele se afasta da direção do lago dos patos, subindo uma pequena elevação e descendo do outro lado. Há muitas casas luxuosas aqui, atrás de cercas vivas enormes. A rua também é melhor, com menos mato saindo pelas rachaduras do que provavelmente era um concreto mais caro. Ele passa por um tipo de centro comunitário, em seguida vê uma igreja em uma esquina e sabe que está perto. Consegue ouvir Regine e Tomasz ao longe atrás dele quando faz a última curva.

Ele diminui a velocidade até parar no meio de uma rua.

Ele está aqui. Ele encontrou. Repentinamente, cedo demais. Assim como a curta caminhada até o presídio, esta é uma jornada que deveria durar muito mais tempo.

No entanto, ele está aqui.

— Não — ele sussurra de novo.

Regine e Tomasz param atrás dele. Regine está muito sem fôlego para fazer qualquer coisa além de se debruçar sobre o guidão, mas Tomasz já desceu da bicicleta, gritando.

— Não pode fazer isso! Você prometeu! Não pode...

Ele para e vê que Seth está paralisado.

E vê aonde Seth os trouxe.

— Senhor Seth? — ele chama, confuso.

Seth não diz nada, apenas passa por cima de um muro de pedra baixo e entra no campo coberto de vegetação. Ele sabe aonde ir. Não quer saber, mas sabe. A grama é tão alta quanto ele, e ele abre caminho enchendo as mãos de mato. Não tem certeza do que Regine está fazendo, pois não olha para trás. Está mantendo os olhos à frente, olhando, procurando.

Deixa que seus pés o guiem.

Há caminhos aqui, escondidos por trás da grama, e ele os toma sem hesitação, virando onde precisa, orientando-se pela posição de uma árvore e virando novamente...

E então ele para.

Tomasz vem logo atrás dele.

— O que está acontecendo? Senhor Seth?

Seth ouve Regine chegar também.

— Regine? — Tomasz chama. — O que isso quer dizer?

Mas Seth não diz nada. Suas pernas ficam fracas e ele se ajoelha. Estica o braço e abre ao meio um chumaço de mato, quebrando-o, arrancando-o.

Para chegar ao que está embaixo.

Ele lê o que encontra.

E sabe tanto que é verdade quanto que deve ser mentira.

Mas não é mentira. Não é.

Porque agora ele se lembra. Ele se lembra de tudo.

— Esse é... — Regine sussurra. — Ah, meu Deus.

— O quê? — Tomasz pergunta. — *O quê?*

Seth não olha para trás, apenas fica ajoelhado ali, lendo.

Lendo as palavras entalhadas no mármore.

Owen Richard Wearing.

Levado deste mundo aos 4 anos.

Sua voz é música e suas palavras, uma canção

Agora ouvida por anjos sorridentes.

Seth os trouxe a um cemitério.

A uma lápide.

Ao lugar onde seu irmão está enterrado.



Era a maneira silenciosa como seus pais estavam sentados à mesa em frente à policial Rashadi que o preocupava mais. Eles não estavam chorando nem gritando nem visivelmente irritados de alguma forma. O pai estava sentado com os olhos vidrados, olhando perdidamente para um lugar acima do ombro da policial Rashadi. A mãe, a cabeça baixa, o cabelo desgrehado escondendo o rosto, não emitia nenhum som, não dava nenhum sinal de que soubesse que havia mais alguém ali.

— Isso não servirá de consolo — a policial Rashadi disse, a voz baixa, calma, respeitosa —, mas temos fortes razões para acreditar que o Owen não sofreu. Que tudo aconteceu logo depois do sequestro e foi feito muito rápido. — Ela esticou a mão pela mesa, como se para pegar a mão de um deles. Nem sua mãe nem seu pai reagiram. — Ele não sofreu — ela repetiu.

A voz da mãe dele, áspera, baixa, disse algo.

— O que foi? — a policial Rashadi perguntou.

Sua mãe limpou a garganta e levantou um pouco os olhos.

— Eu disse que você está certa. Isso não serve de consolo.

Seth estava sentado no degrau mais baixo no corredor. Nem a policial Rashadi nem o outro policial que entrara dizendo que Valentine tinha sido encontrado estavam prestando atenção nele depois que o mandaram para o quarto. Ele tinha voltado escondido e ouvira tudo.

— Vamos levar vocês para vê-lo — a policial Rashadi informou. — Estamos apenas esperando a liberação, e então poderemos ir.

Seus pais ainda não disseram nada.

— Sinto muito, muito mesmo, por sua perda — a policial disse. — Mas pegamos o Valentine, e ele pagará pelo que fez, posso prometer isso a vocês.

— Vão colocá-lo de volta na cadeia? — a mãe perguntou. — Para que ele possa ler seus livros e fazer sua jardinagem e fugir de novo quando bem

entender? É essa a sua ideia de fazê-lo pagar pelo que fez?

— *Há outras maneiras, Senhora Wearing — a policial Rashadi respondeu. — Todos os prisioneiros agora são automaticamente colocados dentro de...*

— *Cale a boca — a mãe dele disse. — Por favor, cale a boca. Como é que qualquer coisa fará sentido de novo? — Ela se virou para o pai, ainda com os olhos vidrados, como se mal estivesse ali. — Eu ia abandonar você.*

O pai pareceu não ouvi-la.

— *Está me ouvindo? — a mãe perguntou. — Eu ia abandonar você naquele dia. Guardei o dinheiro. Foi isso que voltei para pegar naquela manhã. E consegui deixar no balcão daquela porcaria de banco. — Ela se virou para a policial Rashadi. — Eu ia abandoná-lo.*

A policial Rashadi olhava de um para o outro, mas o pai não estava reagindo e a mãe permanecia em um tipo de fúria terrivelmente silenciosa, como um leopardo esperando para atacar.

— *Tenho certeza de que isso pode ser resolvido depois — falou a policial. Ela fez uma pausa, então a sua voz mudou levemente. — Ou talvez seja algo que não tenham que resolver nunca.*

O outro policial ergueu a voz e disse o que deveria ser o primeiro nome da policial Rashadi.

— *Asma...*

— *Só estou dizendo que pode haver um jeito — ela insistiu. — Um jeito de isso tudo nunca ter acontecido.*

Pela primeira vez, ela conseguiu a atenção tanto da mãe quanto do pai.

— *O mundo estava mudando — Seth diz baixinho, os olhos ainda sobre a lápide. — Tinha mudado. Estava ficando quase impossível viver.*

— *Bem, isso é óbvio — Regine diz. — Dê só uma olhada neste lugar.*

Seth assente.

— *Durante muito tempo, as pessoas estiveram vivendo duas vidas. E, no início, acho, eram duas. Era possível viver as duas. Ir e voltar. Ficar entre a vida on-line e esta aqui. E, então, as pessoas começaram a permanecer on-line, e isso parecia menos estranho do que um ano antes. Porque o mundo estava desmoronando cada vez mais. — Ele olha para trás, para Regine e Tomasz. O sol está brilhando atrás deles, e os dois são apenas silhuetas. — Pelo menos é isso o que eu acho que aconteceu.*

Regine entende a pergunta implícita.

— Eu não me lembro de nada de antes — ela diz. — Sinto muito.

— Foi assim que chegamos a este ponto, eu acho — Seth afirma. — Para podermos esquecer que um dia houve qualquer outra coisa. Suas próprias lembranças reescritas para fazer tudo funcionar, e aí a sua vida estaria lá na sua frente. On-line. A vida real, até onde se sabia.

Seth se vira de volta para a lápide. Passa os dedos pelas letras entalhadas com o nome de Owen.

— Ele morreu — Seth diz sem rodeios. — O homem que o levou o matou. Ele nunca voltou para casa.

Seth consegue sentir o luto crescendo dentro de seu estômago, em seu peito, mas o peso do novo e do velho saber ainda é muito pesado para conseguir lidar, e tudo o que ele sente neste momento é uma sensação de dormência.

— Ah, Senhor Seth — Tomasz diz. — Sinto muito.

— Sinto muito, também — Regine diz. — Mas eu não entendo. Como este aqui pode ser o seu irmão? Você disse que ele estava...

— Ainda estava vivo — Seth confirma. — Eu cresci com ele. Eu assistia às suas aulas de clarineta. O Tomasz me faz lembrar tanto dele que às vezes é até difícil olhá-lo.

— Mas... — Ele consegue sentir Regine tentando manter a impaciência na voz sob controle. — Mas ele está *aqui*. Ele morreu. No mundo real.

— Se é que isto é real — Tomasz diz.

— Vamos ter que dizer que é, em algum momento — Regine rebate. — Sei que eu sou real, e isso é tudo o que tenho para continuar seguindo em frente. Temos que nos apegar a alguma coisa. — E ela repete: — Temos que nos apegar a alguma coisa.

— Então, como isso pode ter acontecido? — Tomasz pergunta.

Seth não se afasta da lápide.

— Meus pais — ele diz — fizeram essa escolha.

— *Ouviram falar de Lethe?* — a mulher do Conselho perguntou a eles à mesma mesa de jantar diante da qual a policial Rashadi dera a notícia três noites antes.

A mãe de Seth franziu o cenho.

— *Aquele lugar na Escócia?*

— Não, lá é Leith — o pai corrigiu, as palavras enroladas. Ele fez uma medida para a mulher do Conselho. — Você quis dizer Lethe. — Ele pronunciava Li-thi. — O rio do esquecimento em Hades. Para que os mortos não se lembrem de suas vidas passadas e passem a eternidade sofrendo por elas.

A mulher do Conselho não pareceu muito feliz por estar sendo corrigida, mas Seth percebeu que ela optou por ignorar aquilo.

— Exatamente. É também o processo pelo qual as pessoas começaram a passar quando entram no Link.

— Entram e nunca mais saem — a mãe dele disse, a voz inalterada, os olhos fixos na mesa em frente a ela.

— Sim — concordou a mulher do Conselho.

— Elas simplesmente abrem mão de suas vidas — a mãe dele disse, mas, ao mesmo tempo, era também uma pergunta.

— Não é exatamente abrir mão. Elas fazem uma troca. Pela oportunidade de fazerem alguma coisa de si mesmas e constroem um futuro em um mundo que não foi tão danificado. — A postura da mulher mudou para um tom menos formal, indicando que estava prestes a dividir algum tipo de segredo com eles, em off. — Já viram como estão as coisas. Como estão indo. E só estão piorando, cada vez mais rápido. A economia. O meio ambiente. As guerras. As epidemias. Será que há mesmo qualquer dúvida sobre por que as pessoas estão querendo recomeçar? Em um lugar onde pelo menos terão uma chance justa?

— As pessoas dizem que é tão ruim quanto este mundo.

— Não chega nem perto. Não se pode impedir um humano de agir como humano, é claro, mas, comparado ao que temos agora, é o paraíso. Um paraíso de segundas chances.

— Você nunca envelhece nem morre — disse o pai de Seth, parecendo estar se referindo a algum ditado.

— Na verdade, não — a mulher do Conselho contestou. — Não conseguimos fazer esse tipo de milagre. Ainda. A mente humana não consegue absorvê-lo. Mas todo o restante é completamente automatizado. Ficarão sob vigilância permanente. Receberão tratamento médico quando precisarem. Seus corpos permanecerão fisicamente viáveis, inclusive com os músculos tonificados, e acabamos de desenvolver um hormônio que inibe o crescimento dos pelos e das unhas. Estamos no limiar da reprodução e do parto. Esta é, realmente, nossa maior esperança para o futuro.

— E o que vocês ganham com isso? — a mãe perguntou. — Quem ganha?

— Todos nós — a mulher do Conselho respondeu imediatamente. — Exige energia, com certeza, mas muito menos do que os humanos andando por aí exigem. Cortamos tudo, exceto a conexão com as câmaras, pegamos o que sobra e usamos de forma adequada. No mínimo, passamos por todos os desastres dormindo e saímos do outro lado. — Ela se inclinou para a frente. — Serei sincera com vocês. Chegará um dia, e logo, quando talvez vocês não tenham escolha, quando nem eu terei escolha. Melhor fazê-la agora, em seus próprios termos.

A mãe de Seth a encarou com cautela.

— E você está dizendo que teremos o Owen de volta?

A mulher colocou um sorriso estranho no rosto. Era para ser generoso, compreensivo, mas até mesmo Seth, sentado sem ser notado à ponta da mesa, podia ver que era um sorriso de triunfo. A mulher do Conselho vencera, e Seth nem mesmo sabia que estavam lutando.

— O programa de simulação é um protótipo — a mulher informou. — Quero deixar isso bem claro.

— Ainda — o pai comentou.

— Desculpe, não entendi.

— Você disse “ainda” um pouco antes. É esse “ainda”, não é?

— Se quer pensar assim — a mulher respondeu, de um jeito que deixou bem claro que não gostara daquilo. — Mas posso lhe dizer duas coisas. Primeiro: o Lethe garantirá que vocês nunca, nunca notarão a diferença, e, segundo, os resultados que tivemos até agora nos testes iniciais têm sido muito melhores do que os participantes jamais sonharam.

— E nós simplesmente... esqueceremos que tudo isso aconteceu? — a mãe perguntou.

A boca da mulher do Conselho se fechou com força.

— Não exatamente.

— Não exatamente? — a mãe perguntou, repentinamente grosseira. — Eu não quero me lembrar de nada. Que droga você quer dizer com “não exatamente”?

— O Lethe é um processo sutil, com propriedades surpreendentes. Mas tem que trabalhar com o que já existe em você. Não pode apagar lembranças tão fortes e importantes como o que acabou de acontecer...

— Então, qual a vantagem dessa porcaria toda?

— ... mas ele pode lhe dar um desfecho alternativo.

Houve um silêncio.

— Como assim? — o pai finalmente perguntou.

— Qualquer detalhe que eu lhes desse aqui seria pura especulação até termos implantado os nós e feito uma atualização completa, mas imagino que provavelmente se lembrariam do rapto de seu filho...

A mãe fez um som zombeteiro.

— ... mas teriam um final bem mais feliz. Ele seria encontrado, vivo, possivelmente machucado, possivelmente com a necessidade de recuperação e reabilitação — isso seria o que o Lethe os faria acreditar ao se ajustarem ao novo Owen —, mas não estaria mais morto. Ele seria criado a partir das lembranças que vocês têm dele, cresceria, se desenvolveria e reagiria a vocês, assim como seu filho faria. Para todos os efeitos, ele estaria vivo de novo. De forma que vocês nunca notariam a diferença.

A mãe começou a falar, mas precisou limpar a garganta.

— Eu poderia tocá-lo? — ela perguntou, a voz rouca. — Poderia sentir o cheiro dele? — Ela cobriu os lábios com as mãos, incapaz de continuar.

— Sim, poderia. O Link não é apenas uma variação do mundo. Ele é o mundo, colocado em um lugar seguro. Seus empregos seriam os mesmos, sua casa seria a mesma, sua família, seus amigos... pelo menos aqueles que já entraram no processo, de qualquer forma, e digo mais uma vez que logo, logo serão todos. O mundo parecerá completamente real, porque ele é completamente real.

— E como nós iríamos interagir com as pessoas que não estão no processo? — o pai perguntou. A mãe zombou de novo, como se aquela fosse a pergunta mais ridícula do mundo.

A mulher do Conselho nem piscou.

— Da mesma forma que interagem com as pessoas que estão nele. Essa é uma das coisas mais fascinantes sobre o Link. Nós trocamos. Quando está lá, é este o mundo que parece on-line, e é assim que você interage com ele. Manda os mesmos e-mails e recados. E, se alguém do mundo real tenta lhe dizer que você está on-line, o Lethe faz você esquecer, vez após outra.

A voz da mulher fica mais séria.

— Mas, e estou falando sério, estamos realmente chegando ao limite. Logo, logo essas questões não farão diferença, pois não haverá um mundo aqui com o qual interagir. Estaremos todos lá, vivendo nossa vida felizes, em um mundo que ainda não foi devastado.

— Eu não quero viver aqui — a mãe disse. — Nesta cidade, quero dizer. Neste país horroroso. Pode providenciar isso?

— Bom, de novo, não podemos simplesmente colocar vocês em uma vida

completamente nova, haverá lembranças com as quais trabalharemos, mas mudar lá é a mesma coisa que mudar aqui. Se quer ir embora, então pode ir embora.

— Eu quero ir embora. — A mãe olhou ao redor da sala de estar novamente. — Eu vou embora.

— Os aspectos práticos são simples — a mulher do Conselho falou. — Implantamos os nós, atualizamos suas memórias, e então colocamos vocês nas câmaras de dormir. Estamos quase no limite de nosso prédio atual, mas em contínua expansão. Se for preciso, podemos facilmente instalar uma aqui na sua casa e depois transferir vocês para lá quando houver lugar disponível.

— Fácil assim? — o pai perguntou.

— Consigo fazer em uma semana — a mulher informou. — Poderiam ver seu filho de novo, e toda a dor que estão sentindo agora desapareceria.

Seu pai e sua mãe ficaram em silêncio por um momento, então se entreolharam. O pai pegou a mão da mãe. A princípio ela resistiu, mas ele a segurou e, finalmente, ela o deixou fazê-lo.

— Ele não seria de verdade — o pai sussurrou. — Seria um programa.

— Mas você não saberia — a mulher do Conselho disse. — Nunca saberia.

— Não consigo aguentar isso, Ted — a mãe confessou. — Não consigo viver em um mundo do qual ele tenha partido. — Ela se virou para a mulher. — Quando podemos começar?

A mulher sorriu de novo.

— Agora mesmo. Eu trouxe a papelada. Ficarão surpresos com o quanto as coisas podem andar depressa. — Ela tirou três pacotes de sua maleta. — Um para você, Senhora Wearing. Um para você, Senhor Wearing. E um para o jovem Seth.

Seus pais se viraram para olhar para ele, e Seth teve certeza de que ficaram surpresos ao vê-lo sentado ali.

— A mulher do Conselho devia estar certa — Seth diz, depois de ter contado essa história a Regine e Tomasz. — Havia algum tipo de limite, quando as partes finais do processo aconteceriam mais rápido do que o esperado. Ninguém nunca me transferiu de casa para o presídio. — Ele olha para Regine. — Nem você. E nenhum Motorista veio vigiar a mim ou a você. Seja lá qual for o sistema que era para ser implementado, eles obviamente não conseguiram ir até o final. Tiveram que proteger o que tinham e esperar pelo melhor. O mundo deveria estar a ponto de entrar em colapso. — Ele respira. — E, então,

entrou em colapso.

— Mas — Tomasz diz — não se pode substituir uma pessoa inteira. Seu irmão...

— É... — Regine quer saber, a voz cheia de ansiedade. — Por que minha mãe se casaria com o canalha do meu padrasto se podia ter o meu pai de volta?

— Não sei — Seth diz. — É o que você disse: toda vez que descobrimos alguma coisa, há cem coisas novas que *não* sabemos. — Ele se vira para o túmulo. — Mas dá para imaginar o que aconteceu. Tudo começou com uma coisa divertida, um lugar de onde as pessoas iam e vinham. E aí as pessoas começaram a ficar lá, deixando o mundo real para trás, e os governos do mundo pensaram: *Espere aí, isso pode ser útil*. E então as pessoas começaram a ser *estimuladas* a ficar porque, ei, você poderia nos fazer economizar dinheiro e recursos e talvez, como bônus, nós pudéssemos te dar coisas que nem existem mais por aí. Mas talvez as coisas tenham ficado ruins muito rápido. As pessoas foram *forçadas* a ficar, como a mulher disse, pois o mundo se tornou inabitável.

— E agora *todo mundo* está lá — Tomasz diz. — Até mesmo as pessoas que criaram o programa que fez o seu irmão. Ninguém para consertá-lo. Ninguém para melhorá-lo.

— Não — ele responde. — Ele nunca melhorou.

— Mas ninguém ali conhece outra coisa — Regine diz, ainda parecendo zangada.

— Não tenho certeza de que isso seja verdade, para ser sincero — Seth revela. — Acho que sabem, em algum nível. Sentem que alguma coisa não está certa, mas se recusam a pensar nisso. Vocês nunca sentiram que tem que haver *mais*? Que, de algum modo, há muito mais por aí, além do nosso alcance, se pudéssemos ao menos chegar lá...

— O tempo todo — Tomasz diz, em voz baixa. — Sinto isso o tempo todo.

— Todo mundo sente — Regine responde. — Principalmente na sua idade.

— Aposto que meus pais sabiam — Seth diz. — Em algum nível. Que ele não era real, não importa quanto parecesse real. Como alguém pode se esquecer de ter feito uma escolha tão terrível? Isso estava claro no jeito como eles me tratavam. Como se eu fosse uma ideia tardia. Um peso, às vezes. — A voz dele se suaviza. — E eu achei que eles não me perdoavam por estar lá quando o Owen foi levado.

— Ah — Tomasz lamenta. — Quando você disse que era um pouco sua culpa.

Seth coloca a mão em cima do túmulo de Owen.

— Eu não contei isso a quase ninguém. Para a polícia, que contou aos meus pais, mas para mais ninguém. — Ele levanta os olhos para o sol e pensa em Gudmund. — Nem mesmo quando eu deveria ter contado.

— Que diferença isso pode fazer agora? — Regine pergunta. — A verdade como você a conhece não é verdadeira.

Ele se vira para ela, surpreso.

— O que você quer dizer com *que diferença faz*? Isso muda tudo.

Regine parece incrédula.

— Tudo *já* mudou.

— Não — Seth diz, balançando a cabeça. — Não, você não entende.

— Então nos ajude a tentar entender — Tomasz pede. — Afinal, você já viu minha pior lembrança, Senhor Seth.

— Não posso.

— Não quer — Regine retruca.

— Ah, é? — Seth responde, cada vez mais zangado. — E como foi mesmo que você morreu? Um estranho acidente, caindo da escada?

— Isso é diferente...

— Como? Acabei de descobrir que matei meu irmão!

Um pequeno grupo de pombos que está por perto sai voando da grama, assustado pela voz alta de Seth. Ele, Tomasz e Regine observam os pombos voarem, muito poucos para serem um bando, desaparecendo mais para dentro do cemitério, por entre as árvores frondosas e as sombras, até se tornarem nada além de uma lembrança.

E então Seth começa a falar.



Ele ainda estava segurando a mão de Owen. A mãe deles dissera: “Não se mexam!” e eles obedeceram quase até a última letra, sentando-se no chão perto da mesa da sala de jantar, quando ficaram cansados.

E então veio a batida. Não na porta da frente, mas na janela da cozinha, nos fundos, no jardim que não ia a nenhum lugar específico, além de cerca depois de cerca.

Onde um homem vestindo uma camiseta azul-escura de colarinho estranho agora olhava para eles.

— Olá, amiguinhos — ele disse, a voz abafada pelo vidro. — Vocês podem me ajudar?

— Seth? — Owen disse, preocupado.

— Vá embora — Seth respondeu ao homem, tentando parecer mais corajoso do que era. Mas ele tinha oito anos e nunca tinha muita certeza de por que os adultos faziam as coisas que faziam, então perguntou: — O que você quer?

— Quero entrar — o homem disse. — Estou machucado. Preciso de ajuda.

— Vá embora! — Owen gritou, ecoando as palavras de Seth.

— Não vou a lugar nenhum — o homem dissera. — Podem ter certeza disso, garotos. Nunca, jamais vou embora.

Owen apertou mais forte a mão de Seth.

— Estou com medo — ele sussurrou. — Onde a mamãe está?

Seth teve uma inspiração repentina.

— Você vai arranjar encrenca! — ele gritou para o homem. — Minha mãe vai te pegar! Ela está aqui. Está lá em cima. Vou buscá-la agora!

— Sua mãe saiu — o homem disse, imperturbável. — Eu a vi saindo. Achei que fosse voltar logo, pois quem deixaria duas crianças como vocês sozinhas mesmo que só por alguns minutos? Mas não, parece que ela saiu

mesmo. Agora, vou pedir a vocês de novo, garotos. Destranquem a porta aqui de trás e me deixem entrar. Preciso da ajuda de vocês.

— Se precisasse mesmo de ajuda — Seth disse a ele —, teria pedido quando a mamãe estava aqui.

O homem fez uma pausa, quase como se estivesse reconhecendo o próprio erro.

— Não quero a ajuda dela. Quero a ajuda de vocês.

— Não — Owen sussurrou, ainda aterrorizado. — Não faça isso, Seth.

— Não vou fazer — Seth disse a ele. — Nunca faria isso.

O rosto do homem estava metade coberto pela sombra do sol, e Seth teve um momento para pensar que ele devia ser muito baixo, já que tudo o que conseguiam ver eram seus ombros e sua cabeça. Quando o pai deles olhava pela janela, tinha quase que se inclinar.

— Não quero ter que pedir de novo — o homem disse, a voz ficando um pouco mais forte.

— Vai ter que esperar até a mamãe voltar — Seth disse.

— Vou dizer uma coisa — o homem falou calmamente — para que vocês me entendam, ok? Se me deixarem entrar, está bem? Se me deixarem entrar, não vou matar vocês.

E, dizendo isso, o homem sorriu.

As mãozinhas de Owen apertaram com força as de Seth.

O homem inclinou a cabeça de lado.

— Qual o seu nome, garoto?

Seth respondeu, sem mesmo se dar conta de que poderia ter se recusado:

— Seth.

— Bem, Seth, eu poderia quebrar esta porta. Já fiz coisas piores na vida, acredite. Eu poderia quebrá-la e entrar e matar vocês dois, mas, em vez disso, estou pedindo para me deixar entrar. Se eu quisesse mesmo machucar vocês, acha que eu faria isso? Acha que eu pediria permissão?

Seth não disse nada, apenas engoliu em seco, nervoso.

— Então eu vou pedir de novo, Seth — o homem falou. — Por favor, me deixe entrar. Se fizer isso, prometo não matar vocês. Você tem minha palavra. — O homem colocou a mão no vidro. — Mas, se eu tiver que pedir mais uma vez, vou entrar aí e matar vocês dois. Eu preferiria não fazer isso, mas, se essa é a decisão que você tomou...

— Seth — Owen sussurrou, o rosto contorcido de terror.

— Não se preocupe — Seth sussurrou de volta, não por saber o que fazer, mas porque isso era o que sua mãe sempre dizia. — Não se preocupe.

— Vou contar até três — o homem disse. — Um.

— Não, Seth — Owen sussurrou.

— Promete não nos matar? — Seth perguntou ao homem.

— Por tudo o que é sagrado — o homem respondeu, fazendo o sinal da cruz no peito. — Dois.

— Seth, a mamãe disse para não...

— Ele disse que não vai nos matar — Seth falou, ficando em pé.

— Não...

— Estou quase chegando no três, Seth — o homem avisou.

Seth não sabia o que fazer. Havia ameaça por todo lado, emanando pelo ar fedorento e morto da casa, um lugar onde perigo e ferimentos pareciam impossíveis. Ele podia vê-la emanando do homem como fogo.

Mas não compreendia a ameaça, não totalmente. Havia algum perigo se ele não fizesse o que o homem pedira ou se ele fizesse? Ele não duvidava de que o homem pudesse quebrar a porta — os adultos conseguiam fazer esse tipo de coisa —, então, talvez, se apenas fizesse o que o homem estava pedindo, talvez ele...

— Três — o homem contou.

Seth deu um salto até a cozinha, repentinamente com pressa, lutando com a fechadura da porta, trocando o peso de lado para que ela abrisse.

Ele deu um passo para trás. O homem saiu da janela e veio até a porta. Seth viu que a camiseta de colarinho estranho era, na verdade, um macacão azul-escuro. O homem estava coçando o queixo, e Seth viu as cicatrizes nos ossinhos da mão dele, umas rugas brancas como se tivesse sido queimado ali.

— Ora, obrigado, Seth — ele agradeceu. — Muito obrigado.

— Seth? — Owen chamou, encostando-se na passagem da sala principal.

— Você disse que não nos mataria se eu te deixasse entrar — Seth lembrou ao homem.

— E disse mesmo — o homem confirmou.

— Temos curativos, se está machucado.

— Ah, não é esse tipo de machucado — o homem falou. — É mais um

dilema do que um ferimento, eu diria.

Ele sorriu. Não foi amigável. Nem um pouco.

— Preciso que um de vocês dois venha comigo em uma viagem. — Ele se inclinou para a frente, as mãos nos joelhos, para ficar na altura de Seth.

— Não me importa qual dos dois. Não mesmo. Mas tem que ser um. Nem os dois juntos, nem nenhum dos dois. — Ele ergueu um único dedo. — Um.

— Não podemos ir a lugar nenhum — Seth disse. — Nossa mãe vai voltar para...

— Um de vocês dois vai sair desta casa comigo — o homem interrompeu. — E esse é o fim da história.

Ele já estava completamente dentro da cozinha agora. Seth se encostou no forno, sem nunca tirar os olhos do homem. Owen ainda se segurava no batente da porta, o rosto contorcido, a pele branca de medo e espanto com o homem dentro da cozinha.

— Isso é o que eu vou fazer, Seth — o homem disse, como se tivesse tido a melhor ideia em anos. — Vou deixar você escolher. Vou deixar você escolher qual dos dois vem comigo.



— **Ah, Senhor Seth** — Tomasz lamenta. — Isso é muito, muito terrível.

— Eu achei... — Seth diz, sem conseguir encará-los nos olhos — ... achei que, se dissesse a ele que devia levar o Owen, eu conseguiria avisar a polícia. Seria capaz de explicar mais rápido o que aconteceu, e eles poderiam ir atrás do cara e pegá-lo. O Owen tinha só quatro anos. Ele mal falava, e eu achei ... — Ele se vira para a lápide. — Na verdade, nem sei o que pensei. Nem sei se isso é verdade ou se é apenas uma história que contei a mim mesmo.

— Mas era impossível — Tomasz diz. — Você era uma criança. Um *menininho*. Como pode ter escolhido isso?

— Eu tinha idade suficiente para saber o que estava fazendo — Seth afirma. — A verdade é que... — ele para, tendo que engolir em seco — ... a verdade é que eu estava com medo. Com medo do que poderia acontecer comigo se eu fosse, e eu disse...

Ele para.

Tomasz dá um passo para a frente.

— Se ele te perguntasse agora, esse homem.

— O quê? — Seth diz.

— Se esse homem, se ele entra na sua cozinha agora, e pergunta a mesma coisa de novo. Ele diz para você: eu vou levar você ou o seu irmão, e você escolhe. O que você diria?

Seth balança a cabeça, confuso.

— O que você...?

— Você ouve a pergunta *agora* — Tomasz insiste. — Ele pergunta quem deve levar, você ou seu irmão. O que você diz?

Seth franze o cenho.

— Isso não é a mesma...

— O que você *diz*?

— Eu digo que leve a mim, é claro!

Tomasz dá um passo para trás, satisfeito.

— Claro que sim. Porque agora você é um homem. Isso é o que uma pessoa adulta faz. Mas na época você não era um homem. Era uma criança.

— *Você* era apenas uma criança naquele lugar com sua mãe. Você ia tentar protegê-la. Eu pude sentir.

— Eu era mais velho. Não tinha oito anos. Não era uma criança.

— Mas também não era um homem. Você não é um homem *agora*.

Tomasz dá de ombros.

— Há um espaço entre as duas coisas, não?

— Parece que você não entende — Seth diz, a voz aumentando. — Eu o matei. E estou acabando de descobrir isso, não vê? Sempre achei que o tivessem encontrado vivo. Machucado e com necessidade de reabilitação, o que já era ruim o suficiente. Mas agora... Agora...

Ele se vira de volta para o túmulo. Seu peito começa a apertar, a garganta fecha, e sente que vai sufocar, como se o corpo estivesse tomado por um mal terrível.

— Pare com isso — Regine diz, a princípio baixinho, depois mais alto. — Pare com isso, Seth.

Ele balança a cabeça, mal ouvindo o que ela diz.

— Está só sentindo pena de si mesmo — ela diz, a voz com tanta raiva que chega a afetá-lo.

Ele se vira para ela.

— O quê?

— É impossível acreditar que tenha sido culpa sua.

Seth olha para ela, os olhos vermelhos.

— De quem é a culpa, então?

Os olhos de Regine se arregalam, estupefatos.

— Que tal do *assassino*, seu idiota? Que tal da sua mãe, por ter deixado vocês sozinhos em casa quando eram pequenos demais para encarar algo desse tipo?

— Ela não sabia...

— Não interessa o que ela sabia ou não sabia. A obrigação dela era

proteger vocês. A obrigação dela era garantir que nunca passassem por uma porcaria desse tipo. Essa era a *obrigação* dela!

— Regine? — Tomaz chama, assustado com a altura da voz dela.

— Olha — Regine continua —, eu consigo ver por que você acha que isso é culpa sua, e consigo entender como seus pais te deixaram continuar pensando nisso, mas será que você chegou a pensar que isso não tinha nada a ver com você? Talvez sua mãe só tenha pisado na bola, *ok*? E, às vezes, isso acontece até mesmo com pessoas boas. Então, talvez a maneira como eles te trataram não tenha nada a ver com *você*. Tinha a ver com *eles*. Talvez tenham esquecido que você estava lá, porque estavam preocupados demais com a própria merda deles.

— E você não acha que isso é ruim?

— Claro que é ruim! Não se preocupe, não estou tentando tirar de você tudo o que te faz sentir pena de si mesmo, já que você parece muito bom em fazer isso.

— Regine — Tomasz avisa —, ele acabou de descobrir que seu irmão está...

— Mas talvez — ela continua gritando —, *talvez* o mundo deles não girasse em torno de você, Seth. Talvez eles pensassem neles tanto quanto você pensava em *si mesmo*.

— Ei... — Seth reclama.

— NÓS TODOS FAZEMOS ISSO! Todo mundo! É isso o que fazemos. Pensamos em nós mesmos.

— Nem sempre — Tomasz diz, baixinho.

— Quase sempre! — Regine refuta. — Assim, talvez toda essa tragédia de como você tomou a decisão errada e seus pais te puniram pelo resto da vida, talvez essa seja uma história que você *queira* que seja verdade, porque é mais fácil.

— *Mais fácil*? E como diabos isso é mais fácil?

— Porque aí você não teria que fazer nada por si mesmo. Se a culpa é sua, então isso esclarece tudo. Você fez essa coisa horrível e isso é fácil. Nunca tem que se arriscar a ser feliz.

Seth para como se ela tivesse lhe dado um tapa na cara.

— Eu arrisquei ser feliz. Arrisquei, sim.

— Não o bastante para te impedir de se matar — Regine contesta. — Ah, coitadinho do Seth, com seus pais coitadinhos que não o amaram. Você disse que todos nós queremos que seja mais do que

isso! Bem, *sempre* vai haver mais do que isso. Talvez seus pais não tenham te amado o bastante, e isso é uma droga, uma droga mesmo, mas talvez não tenha sido porque você era mau. Talvez tenha sido só porque a pior coisa do mundo aconteceu com eles, e eles não foram capazes de lidar com isso.

Seth balança a cabeça.

— Por que está fazendo isso?

Regine faz um som furioso e frustrado.

— Porque, se não é culpa sua, Seth, se é apenas uma cagada que aconteceu com você, bem, cagadas acontecem o tempo todo. O Tommy levou um tiro na cabeça! Eu...

Ela morde a língua.

— O quê? — Seth pergunta, desafiador. — O que aconteceu com você?

Ela olha para ele, os olhos em chamas.

Ele não afasta o olhar.

— Fui jogada escada abaixo pelo meu padrasto — ela confessa.

Tomasz segura o fôlego, surpreso.

— Ele começou a beber mais — ela conta, sem tirar os olhos de Seth — e resolveu que um tapinha de vez em quando estava bem. Depois um soco. Minha mãe tentava dar desculpas, tentava fazer com que tudo parecesse normal e aceitável, mas eu lutava com aquele canalha. Lutava com ele toda porcaria de vez que ele tentava colocar as mãos em mim. Mas, um dia, sei lá por quê, ele foi além. Provavelmente não tinha a intenção, aquele pedaço de merda, mas fez. Ele queria me bater, e eu estava dizendo não, e ele me atirou escada abaixo e eu bati a cabeça e *morri*. — Ela limpa furiosamente as lágrimas que correm pelo seu rosto. — E minha mãe, que eu amava mais do que tudo, ela também não o impediu. Essa era a *obrigação* dela, mas ela não o impediu.

Ela olha ao redor deles, para o sol, para a grama comicamente alta sobre a qual estão.

— E este mundo? Este mundo idiota e vazio? Não estou nem aí se é o inferno. *Não estou nem aí*. Se isto é real ou não, se acordamos de uma coisa on-line ou se é tudo nossa imaginação, Seth, não estou nem aí. Tudo o que sei é que eu sou real o bastante. E o Tommy é real o bastante. E, seja lá como esse inferno for... — Ela fica muda de repente, como se sua energia tivesse sido sugada. — Por mais terrível que seja aqui, é melhor do que lá.



— **Eu não sabia** — Tomasz diz, tomando a mão dela em suas mãos ainda enfaixadas.

— E como poderia saber? — Regine pergunta, limpando o nariz na manga. — Eu nunca contei.

O sol brilha sobre eles, quente de novo, e Seth nota mais uma vez a falta de barulho de insetos. Não há nem mesmo vento. Há apenas eles três, no silêncio do cemitério coberto de mato.

— Não acham que somos um grupo engraçado? — Tomasz pergunta. — Abuso infantil, assassinato e suicídio.

— E nenhuma das coisas aconteceu por um bom motivo — Regine diz.

— É por isso que fica brava comigo o tempo todo? — Seth pergunta. — Você acha que fiz isso porque sentia pena de mim mesmo? Enquanto vocês passavam por apertos *de verdade*?

Regine lhe dá uma olhada que não precisa de palavras.

— Não me matei pelo que aconteceu com o meu irmão — Seth explica. — Era tudo uma merda e só ficou pior, mas esse não foi o motivo.

— Então, por quê? — Tomasz pergunta.

— Isso tem a ver com quando você falou que tinha se arriscado a ser feliz? — Regine pergunta. — Com o cara de nome engraçado?

Seth não responde por um momento, então balança a cabeça.

— Bem — Tomasz diz, olhando para a lápide —, se há mais coisas nessa história do que você pensava, talvez haja mais nessa aí também. Talvez sempre haja algo mais.

O sol se ergue mais alto no céu. Seth ainda está tonto de todas as coisas que esta manhã trouxe, toda a dor nova, mas estranhamente conhecida, esperando para ser sentida. Ele está exausto de novo, apesar da noite de sono. Seus sentimentos estão todos misturados, tão

emaranhados que não consegue separá-los. Dor e raiva e humilhação e perda e saudade.

Mas talvez haja mais coisas.

Ele olha novamente para o nome de Owen e se pergunta se Tomasz está certo. Havia *mais* coisas nessa história.

Será que havia mais para Gudmund?

— Não querendo ser engraçada — Regine diz, depois de um momento —, vamos ficar aqui o dia todo? Alguns de nós foram interrompidos antes de tomar o café da manhã, e alguns de nós gostariam de retomar isso, se não tiver problema para *outros* de nós.

— É mesmo — Seth concorda. — Sim, isso mesmo.

Ninguém diz nada enquanto percorrem o caminho por entre o gramado, de vez em quando trombando com alguma lápide. Chegam ao muro baixo, e Tomasz o escala.

— Alguma vez já pensou em voltar? — Seth pergunta enquanto Regine pula o muro também.

Ela para.

— Voltar?

— Talvez não para sua vida antiga — Seth diz. — Mas, se tudo é apenas programação e manipulação da memória... — Ele dá de ombros. — Talvez pudesse voltar e ser melhor.

O rosto dela ainda está endurecido, mas também triste.

— Sabendo o que você sabe, como seria capaz de olhar para os olhos dos seus pais? Ou do seu irmão?

— Essa não é uma resposta de verdade.

— Por que estão demorando tanto? — Tomasz chama da bicicleta, sem conseguir pegá-la por causa das mãos doloridas.

— Nada — Regine responde. — Mais uma das ideias inúteis do Seth...

Mas Seth não a deixa terminar.

— TOMASZ! — ele grita...

Porque vê o Motorista...

Correndo a toda a velocidade na esquina perto da igreja, seu bastão crepitante já em riste...

Correndo na direção de Tomasz.

Tomasz se vira e grita, tropeçando na bicicleta na pressa de fugir. Regine já está pulando o muro baixo, correndo a passos largos pela rua, na direção de Tomasz.

Seth está atrás dela, mas não conseguirão chegar a tempo...

Porque o Motorista vem, com o bastão soltando lampejos e faíscas da ponta.

Ele estava esperando por nós, Seth pensa. Eles não ouviram o motor. Tinha que ter estado lá o tempo todo. Mas como era possível ele saber...?

Tomasz está gritando em polonês, tentando fugir se arrastando de costas de onde caiu...

— NÃO! — Regine está gritando. — TOMMY!

E Seth ouve o ódio na voz dela, que faz muito mais sentido agora que ouviu a história dela...

Ela está protegendo Tommy...

Como *ela* mesma não fora protegida...

O Motorista dá um salto assustadoramente ágil sobre a bicicleta, sem diminuir o passo à medida que se aproxima de Tomasz...

Regine está correndo mais rápido do que Seth jamais a viu fazer, tão rápido que está se afastando dele...

Mas é tarde demais...

Tarde demais...

O Motorista alcança Tomasz...

Tomasz está levantando as mãos enfaixadas para proteger a cabeça...

Luzes brilham saindo da ponta do bastão quando o Motorista dá um golpe...

E atinge o braço de Regine, que se jogou entre Tomasz e o Motorista.

A ponta do bastão explode na pele dela. Ela grita inumanamente de dor, o corpo revirando em agonia. Seu braço e peito e cabeça estão envolvidos em uma chuva de faíscas e fochos de luz.

Os gritos dela param na metade, em uma parada súbita que é o som mais assustador de todos. Ela cai no chão, sem fazer nenhum esforço para se proteger da queda no concreto.

E fica ali.

Morta.



Seth não pensa. Ele não chama nem grita o nome dela, nem faz nenhum som.

Apenas corre.

O Motorista está em pé em cima de Regine, e Seth nem mesmo leva em consideração que o bastão ainda está faiscando e brilhando na mão dele. Ele corre a toda a velocidade passando por Tomasz, que está gritando o nome de Regine, e pula em cima do Motorista, atirando todo o seu peso contra aquela forma negra sem rosto.

Ele vê Seth no último minuto e tenta erguer o bastão, mas Seth o atinge com força, e ambos caem no chão, o bastão se solta da mão do Motorista e sai rolando pela rua.

Eles batem na calçada com um *whumpft* duro. Seth está em cima do Motorista, sem fôlego. Sente como se tivesse se jogado em cima de um monte de aço. A dor o fisga por entre as costelas, mas ele a ignora e tenta usar o peso para manter o Motorista no chão.

Ele não sabe qual será o próximo passo...

Só que um ódio diferente de tudo o que ele jamais experimentou está consumindo-o por dentro como um incêndio florestal.

Ele dá um golpe com o punho fechado, atingindo a garganta do Motorista na área exposta abaixo do visor. É como socar o concreto de uma calçada. Ele grita, e o Motorista o pega por baixo, atirando-o para longe e ficando em pé novamente.

Olhando para cima, Seth tem uma visão clara do peito do Motorista, onde Tomasz atirou. Algum tipo de reparo parece ter sido feito, mas ainda há uma cavidade maior do que deveria.

Profunda demais para ser capaz de aguentar, a mente de Seth registra.

Tomasz agora está curvado sobre Regine a alguns metros dali, gritando no ouvido dela para que acorde, acorde, acorde, o rosto dele tão contorcido em incredulidade e choque que Seth mal consegue

olhar.

O Motorista olha para o bastão e sai correndo na direção dele. Seth fica em pé de novo e se atira no Motorista mais uma vez, sabendo que não funcionará, mas tentando, pelo menos tentando...

No entanto, desta vez o Motorista está pronto para ele. Ele gira, os punhos para cima, pegando Seth no meio do salto, atingindo-o com toda a força do lado da cabeça, forte o bastante para derrubá-lo no chão.

A visão de Seth desaparece em facho de luz. Ele está vagamente consciente do concreto embaixo dele, a testa pressionada contra o chão, o corpo repentinamente distante contorcido na queda.

Não consegue se mexer direito, incapaz de fazer os braços e as pernas se moverem do jeito que ele quer, mas rola só o suficiente para ver o Motorista correndo em direção ao bastão caído, com aqueles passos assustadoramente macios.

Vê Tomasz gritar e se atirar em cima do Motorista.

Vê o Motorista segurar Tomasz pela nuca, como se ele não passasse de uma vespa irritante, vê Tomasz se dobrando no chão.

Vê o Motorista pegar o bastão e voltar para onde Seth está deitado, indefeso.

Aqui está, ele tem um momento para pensar. Aqui está minha morte.

O Motorista se aproxima rapidamente.

Sinto muito, Seth pensa, mas não sabe para quem ou por quê...

Mas o Motorista para ao lado de Regine. Faz um movimento complicado com o braço, e o bastão desaparece dentro de uma manga invisível. Seth tenta se levantar de novo, mas uma nova dor ecoa pela sua cabeça e ele sente como se fosse desmaiar. E cai novamente no chão.

Tudo o que consegue fazer é observar enquanto o Motorista se ajoelha e coloca os braços embaixo do corpo de Regine. Ele fica em pé, levantando o corpo alto e pesado da garota com uma facilidade que poderia ser risível se não fosse tão assustadora.

O Motorista vira-se para ele uma última vez, com Regine nos braços, o rosto dele tão ilegível como sempre, e a última coisa que Seth vê antes de ficar inconsciente é o Motorista levando o corpo dela embora.



— **Acorde!** — **ele ouve** ao longe, como se alguém estivesse chamando do outro lado da rua. — Ah, por favor, por favor, por favor acorde, Senhor Seth!

Ele sente tapinhas no rosto, abafados pelos curativos que, de algum modo, ainda estão nas mãos de Tomasz, tapas muito pequenos para machucar, mas grandes o bastante para serem notados.

— Tomasz? — ele diz. Sente a boca e a garganta como se estivessem cobertas por penas e caramelo grudento.

— Ele a levou, Senhor Seth! — Tomasz exclama, à beira da histeria. — Ela se foi! Temos que encontrá-la! Temos que...

— Ela... — Seth diz, mal conseguindo levantar a cabeça.

— *Por favor* — Tomasz continua, puxando o braço de Seth. — Sei que você está machucado, mas temos que impedir o Motorista! Ele vai matá-la!

Seth olha para Tomasz, espremendo os olhos de dor no crânio.

— Vai matá-la? Já não...? Ela não estava...?

— Ela estava desmaiada, inconsciente — Tomasz informa —, mas estava respirando.

— *Jura?* Tomasz, tem certeza de que não está enganado...

— A luz dela estava piscando. — Tomasz abre e fecha os dedos rapidamente. — Pi-pi-pi-pi-pi-pi. Nunca fez isso antes, Senhor Seth. Nunca ligou, nenhuma vez. E estava *vermelha*. Não como as nossas.

— Por que ele a levou? — Seth pergunta, forçando-se a sentar em posição ereta, a cabeça ainda girando. — O que ele está fazendo?

Tomasz ofega.

— Talvez ele vá reconectá-la.

Tomasz segura as laterais da cabeça com um grito.

— Eu descobri, Senhor Seth! Não é para estarmos aqui! Você mesmo disse. Somos um defeito. Somos *acidentes*!

Seth respira pela boca, tentando não vomitar.

— E ele está tentando consertar esses acidentes. Ele é um tipo de cuidador ou algo do gênero. Está tentando nos colocar de volta onde deveríamos estar.

— Vai colocá-la de volta na vida de antes! — Tomasz grita. — Onde ela vai estar morta!

— Por que ele simplesmente não a matou aqui? Ela disse que ele matou a mulher que ela conhecia.

— Talvez Regine só tenha pensado que a amiga dela estivesse morta quando o Motorista a levou embora.

— Ah, que droga — Seth reclama. — Vai colocá-la de volta...

Ele pensa em Regine, a grande, furiosa, corajosa Regine, sendo atirada escada abaixo por um homem com quem ela tentava brigar, um homem com quem ela não deveria *ter* que brigar.

E ela seria colocada de volta exatamente lá. Em um mundo onde estava morta.

Seth se levanta, Tomasz ajudando. Seth olha para ele, um rosto que ele sabe que irá até o inferno e voltará para salvar Regine. Para salvar Seth, também, provavelmente.

Ele não é o Owen, Seth pensa, mas ele é o Tomasz. E ela é a Regine. E nós somos tudo o que temos.

— Vamos atrás dela! — ele grunhe. — E vamos acabar com aquele filho da puta de uma vez por todas.

> > >

— Acho que ele foi para o presídio — Tomasz diz, fazendo uma careta diante da dor nas mãos ao levantar a bicicleta. — Ouvi o carro ser ligado e sair.

— Por que ele não iria à casa da Regine? — Seth pergunta, concentrando-se em ficar em pé. — É lá que está o caixão dela.

— Não sei — Tomasz responde novamente. — Talvez seja para ele vigiar apenas aqueles que estão no presídio. Talvez seja onde ele acha que deveríamos estar.

— Ele estava esperando por nós ali. Estava esperando para nos levar de volta.

— Sim — Tomasz concorda. — Talvez soubesse que você iria até lá. Talvez tenha descoberto suas lembranças quando você foi conectado.

— Ah, merda, espero que isso não seja verdade.

— Agora precisamos nos apressar.

— Estou indo — Seth diz. Dá alguns passos e perde o equilíbrio, mas retoma o controle de novo.

Tomasz olha para ele, preocupado.

— Você *precisa* estar bem, Senhor Seth. *Precisa*. Por mais que esteja se sentindo mal, temos que buscá-la. Não há alternativa.

Seth para por um momento, fecha os olhos e os abre de novo.

— Eu sei — ele concorda. — Não vamos deixá-la morrer. De jeito nenhum.

Ele respira fundo e se força a caminhar com mais firmeza. Movimenta-se mais rápido, e mais rápido, até alcançar a bicicleta. Passa a perna por cima do selim, sente-se um pouco tonto, mas sai pedalando.

— Você está bem? — Tomasz pergunta, subindo na garupa atrás dele.

— Bem o bastante.

— Sabe o que está fazendo?

— Sei andar de *bicicleta*, Tomasz...

— Não — Tomasz contesta, o rosto pressionado nas costas de Seth, segurando-se para a jornada prestes a começar. — Sabe o que está fazendo agora?

— O quê? O que estou fazendo agora?

— Você se jogou em cima do Motorista quando ele a atacou — Tomasz diz. — Eu vi. Você fez isso sabendo que provavelmente morreria. E agora está indo salvá-la, sabendo o quanto ele é forte, sabendo o que é capaz de fazer. Mas vai tentar salvá-la mesmo assim.

— Claro que vou — Seth responde, irritado, tentando colocar os pés nos pedais sem derrubar nenhum dos dois.

— Isso é o que você é, não vê? — Tomasz continua. — Não é um garoto que entrega o irmão, em seu lugar, para um assassino. Você é um homem que vai salvar seus amigos. Você é um homem que não *hesita* em salvar seus amigos.

— Meus amigos — Seth repete, quase fazendo uma pergunta.

Tomasz o aperta.

— Sim, Senhor Seth.

— Meus amigos — Seth repete.

Ele começa a pedalar, lutando para manter a bicicleta equilibrada com o peso dos dois, mas pedalando cada vez mais rápido.



— **Ela estará lá** — Tomasz diz por cima do ombro de Seth, como se fosse uma prece. — Vamos chegar a tempo.

— Vamos salvá-la — Seth afirma. — Não se preocupe.

Ele pedala, desviando do mato mais alto, caindo nos buracos mais fundos. Os dois estão atravessando o bairro em direção à casa de Seth e ao presídio mais para a frente.

— Cuidado! — Tomasz avisa quando um faisão assustado sai voando de sob um monte de mato. Seth desvia, quase derrubando-os, mas está se sentindo mais forte agora, focado em um objetivo. Vai levá-los até a estação de trem. Vão passar de bicicleta pelo caminho ao lado dos trilhos e entrar no território do presídio o máximo que puderem...

E então, o quê?

Bem, ele não sabe a resposta ainda, mas tudo o que precisam fazer é chegar lá. Ele acelera ao virarem na rua onde está sua casa.

Seja lá o que for verdade, seja lá o que esse lugar é ou não é, se é tudo coisa da sua cabeça ou se é realmente assim que o mundo se tornou, ele pensa no que Tomasz disse.

Seus amigos.

Sim, isso faz sentido. Isso parece *real*. Amigos que seria impossível inventar, com vidas que ele nunca imaginaria.

Quaisquer que sejam as outras explicações, Tomasz e Regine são reais.

E então ele se lembra do que Regine disse, dizendo-o a si mesmo com firmeza, como uma promessa.

Conheça a si mesmo, ele pensa ao passarem por sua casa.

E siga em frente.

Eles carregam a bicicleta até a estação de trem, levam-na à

plataforma e depois à passarela de tijolos ao lado dos trilhos. Tomasz enrosca as mãos na cintura de Seth novamente, e os dois percorrem a curta distância até a passagem no muro.

— Quase lá — Tomasz comenta nervosamente quando descem da bicicleta mais uma vez e a passam para o outro lado.

— Imagino que não tenha um plano — Seth comenta.

— Aha! — Tomasz responde, sorrindo em desespero. — *Agora* você pergunta. Depois de ver o Tomasz fazer tantas fugas corajosas e ter tantas ideias brilhantes. Agora você está dando crédito a ele.

— E então, tem um plano? — Seth pergunta, colocando a bicicleta do outro lado do labirinto de cercas quebradas.

— Não tenho — Tomasz responde timidamente, e Seth tem a impressão de que ele nunca pareceu tão jovem.

— Quantos anos você tem de verdade?

Tomasz olha para os tufos de grama desolados crescendo no chão do presídio.

— Estava para completar doze anos antes de acordar. Não sei qual a idade que tenho aqui.

Seth pega nos ombros dele, fazendo-o olhá-lo nos olhos.

— Acho que aqui você tem a idade de um homem. Pelo menos pelo que pude ver até agora.

Tomasz apenas olha de volta por um momento, então balança a cabeça, sério.

— Vamos salvá-la.

— Vamos. — Eles montam na bicicleta e descem correndo pela colina. À medida que se aproximam, os prédios ao redor do pátio parecem menores à luz do sol. Nenhuma sombra escondida que possa conter espaços infinitos.

Não, Seth pensa, os espaços infinitos estão todos escondidos embaixo da terra.

— Por que eles construiriam isso embaixo de um presídio? — ele se pergunta em voz alta enquanto seguem. — De todos os lugares, por que aqui?

— Presídios têm que ser seguros, talvez? — Tomasz responde. — E esse lugar teria de ser também, para todas as pessoas dormirem. Faz um tipo de sentido horrroso.

— E quando você acha que vamos encontrar qualquer coisa aqui

que faça sentido?

— Não sei, Senhor Seth. Espero que logo.

Eles descem da bicicleta e dão uma olhada no canto do pátio, mas não há nada para ver, pelo menos nada surpreendente. Os prédios parecem ainda mais duros à luz do dia, mais resolutos.

— Acha que ela está lá embaixo? — Tomasz pergunta.

— Onde mais? — Seth responde.

Tomasz assente.

— Então vou pedir que você entre lá e a encontre enquanto eu tento localizar o veículo.

> > >

— O quê? — Seth pergunta depois de um momento estupefato. — Está louco?

— Ele deve estar por aqui. É obvio que estaciona aqui.

— E vai fazer *o quê* com ele?

— Não sei! Mas agora não temos nada. Pode ser *alguma coisa*.

Seth tenta responder, mas não consegue pensar em nada para dizer.

— Mantenha o Motorista longe dela — Tomasz pede. — Vou tentar arrumar alguma coisa para ajudar. E, se não conseguir... — Ele dá de ombros. — Então vou voltar e nós dois vamos morrer lutando.

Seth franze o cenho.

— *Não* vamos morrer.

— Sei que está tentando ser corajoso por mim, mas podemos morrer. Esse é um risco quando se está lutando com a morte. Nem sempre se vence.

— Mas hoje vamos vencer — Seth diz com firmeza. — De jeito nenhum vamos deixar aquela coisa levar a Regine. De jeito nenhum.

Tomasz dá um sorriso forçado.

— Ela adoraria ouvir você falar assim. É, ela com certeza adoraria isso.

— Tomasz, não posso deixar vo...

Mas Tomasz já está se afastando, ainda com o sorriso forçado.

— Que engraçado você continuar a acreditar que eu preciso de sua permissão.

— Tomasz...

— Vá encontrá-la, Senhor Seth. Não vou estar muito atrás.

Seth solta um som exasperado.

— Bem, não corra riscos desnecessários.

— Acho que estamos em um lugar onde todos os riscos são necessários — Tomasz diz e sai correndo.

Seth o observa ir embora, suas perninhas curtas e grossas atravessando o pátio e desaparecendo perto do canto mais distante do prédio do outro lado, onde a van surgiu da última vez que estavam ali.

— Tome cuidado! — Seth murmura. — Por favor, tome cuidado.

Ele respira fundo para tomar coragem, então mais uma vez, e sai correndo pelo pátio. Está esperando que o Motorista saia de algum lugar, mas o sol está brilhando em cada canto e ele não vê nada. Chega à porta do presídio e escuta. Não há barulho de motor, nem som de passos.

Nenhum som de Regine discutindo ou brigando ou lutando.

Ele abre a porta. A porta interior de vidro leitoso e a escadaria são as mesmas, brilhando com a luz. Ele dá um passo para dentro da primeira porta e chega até a segunda.

Nada ainda, exceto o zunido elétrico vindo do andar de baixo.

Ele se abaixa bem ao descer os primeiros degraus. Então mais alguns. Chega à curva na escadaria. Seu coração está batendo forte no peito, tão forte que ele se pergunta, em um momento de loucura, se o Motorista também seria capaz de ouvi-lo.

E então há um grito.

Regine.

Ele desce o restante dos degraus correndo, sem nem mesmo pensar em parar.



Corre a passos largos pelo corredor mais baixo, fazendo a curva final a toda a velocidade e entrando no imenso cômodo, o sangue fervendo, os punhos levantados, pronto para brigar.

Continue em frente, ele pensa.

Mas não consegue vê-la. Dessa pequena plataforma, são apenas filas e filas de caixões, como antes. Ele vê o que abriu, agora fechado e selado como se nada tivesse acontecido. O imenso salão se estende diante dele, e ele se lembra das câmeras no display, mostrando uma infinidade de salas ainda mais distantes.

Ela poderia estar em qualquer lugar.

— Regine? — ele grita, sua voz engolida pelo enorme espaço vazio.

Não há nada. Nenhuma resposta. Nenhum outro grito.

Ele se vira para o painel leitoso na parede para ver se consegue fazê-lo funcionar de novo. O painel se acende ao toque dele, telas menores dentro de uma maior, passando rapidamente pela informação que não faz nenhum sentido e é sempre muito rápida para ler, além de imagens das câmeras, também, tiradas de todo o complexo.

Mas, bem no centro da tela, uma imagem não se move. Um caixão aberto, em algum lugar naquela imensidão.

Regine deitada lá dentro.

O Motorista em pé ao lado dela, enrolando-a nas bandagens.

— Não! — Seth diz, pressionando a tela enlouquecidamente, tentando encontrar qualquer informação que lhe diga onde ela está. Há um mapa gradeado ao lado dela, como os que ele já vira antes, mas poderia estar em qualquer lugar, e as coordenadas estão escritas de um modo que ele não consegue entender. Elas dizem 2.03.881, o que poderia significar qualquer coisa. Sala dois, fila três, caixão 881? Mas o que isso quer dizer para ele?

Ele olha ao redor da sala, pensando que simplesmente terá que

arriscar, terá que correr até encontrá-la e fazer o que for preciso para impedir...

Ela grita de novo.

Ele se vira de volta para a tela. Regine parece não estar resistindo ao Motorista ou mesmo saber que ele está lá. Seth observa e ela grita mais uma vez, o som alcançando seus ouvidos separado da imagem, vindo das profundezas dos recessos do prédio enorme.

— Seu filho da puta! — ele grita para a imagem, e o Motorista continua a fazer seu trabalho, ignorando o medo de Regine, ignorando o que quer que esteja acontecendo com ela. — Vou te matar! Está me ouvindo? Vou te *matar*!

Ele bate com o punho cerrado na tela.

E ela muda.

O nome dela surge em uma caixa. REGINE FRANÇOISE EMERIC, ela diz, em cima de uma lista de dados. Altura, peso, data de nascimento, e então a data que poderia ser a de quando ela foi colocada on-line.

E mais uma data, listada como DESCONEXÃO.

A data quando ela foi atirada pela escada. Tem que ser. A data lá era um erro, e, em vez de morrer, ela acordou ali.

CÂMARA ORIGINAL FORA DA GRADE DE PROTEÇÃO, ele leu. Deve ter sido por isso que o Motorista a trouxe para cá em vez de levá-la para a casa dela. Com anos de atraso, ele a estava trazendo para dentro junto com todos os outros.

Outra linha aparece na tela, piscando em vermelho: CONEXÃO LETHE PENDENTE.

— Lethe? — Seth diz. — Por que ele...?

Ele analisa a tela de novo. Há tanta informação em volta da tela de Regine que é difícil adivinhar o que qualquer coisa significa. Ele aperta CONEXÃO LETHE PENDENTE e outra tela aparece.

A data da desconexão está lá e, embaixo dela, CÓDIGO DE RECONEXÃO DE TEMPO.

Ele lê.

Então lê de novo.

— Impossível — ele sussurra.

A data de reconexão, o tempo para onde ela está voltando on-line...

É antes de ela ser desconectada.

O Motorista a está colocando de volta no tempo. Está colocando Regine em um ponto *antes de ela ter morrido*. Apenas alguns minutos, mas definitivamente antes.

— Como? — Seth pergunta, pressionando mais e mais botões, tentando encontrar alguma resposta. — Como isso é possível?

É um programa, ele pensa. É tudo o que isso é. Um programa com o qual todos concordam, um programa do qual todos fazem parte...

Mas ainda assim um programa.

Se Owen era uma simulação, então, quem sabia o que poderia acontecer ali? Quem sabia se o presente e o passado eram a mesma coisa on-line? Afinal, ele revivera seu próprio passado, vez após outra, nos sonhos. Ele estivera no sonho de Tomasz também.

E, se a morte de Regine tinha sido um erro no sistema...

Talvez o sistema precisasse consertar seus erros.

Talvez ele pudesse colocá-la de volta em um tempo um pouco antes de sua morte, para que pudesse passar por isso de novo, desta vez de forma mais apropriada.

Ser morta apropriadamente.

Há um súbito flash azul na tela. LETHE INICIALIZADO, ele pisca. Na imagem, o Motorista coloca um tubo de respiração na boca de Regine. Provavelmente é assim que colocam o Lethe dentro do corpo, Seth reflete.

Ele a faria esquecer. Esquecer dele e de Tomasz. Apagaria tudo isso da memória dela.

E então a mataria. Apenas para fazer o mundo funcionar.

— Vai coisa nenhuma! — Seth diz, pressionando LETHE INICIALIZADO. Uma tela aparece ao lado dele. PARAR INICIALIZAÇÃO? SIM/NÃO.

Seth aperta com força o SIM.

— E agora, o que acha disso, seu merda?

Na imagem, o Motorista se vira.

E olha direto para a câmera.

Como se estivesse olhando dentro dos olhos de Seth.

Então, começa a correr.

Seth escuta os passos. Ele os ouve, aproximando-se rápido, vindos de um canto à direita, um pouco distante.

Que é onde Regine deve estar.

A respiração de Seth acelera, o coração batendo forte de novo. Ele não tem armas. Nada para lutar com ele. Se for alcançado, não há como vencê-lo.

Mas talvez possa correr mais do que ele. Afinal, costumava ser um excelente corredor.

Ele pula da plataforma, correndo por entre as fileiras de caixões. Tudo o que interessa nesses segundos imediatos é manter o Motorista longe de Regine, longe de seja lá qual for o processo que está prestes a matá-la. Ele faz uma curva no final da sala, correndo agora na direção de onde estão vindo os passos rápidos do Motorista. Ele se abaixa ao vê-lo fazer a curva. Seth para ao lado de um caixão, pronto para correr quando o Motorista vier atrás dele.

Mas o Motorista não está vindo atrás dele. Está indo pela fileira central, depois dele, sem nem mesmo olhar...

Indo em direção à tela...

— EI! — Seth grita, ficando em pé. — AQUI!

Mas o Motorista continua em frente. Alcança a plataforma e imediatamente começa a apertar a tela, sem dúvida, recomeçando o processo de Regine.

Seth olha em volta, procurando freneticamente por alguma coisa, qualquer coisa que possa atirar no Motorista, qualquer coisa que o faça ao menos diminuir a velocidade. Mas há apenas caixões, estendidos de parede a parede e em todos os cantos e desaparecendo para dentro dos recessos...

Ele tem uma ideia. Aquele primeiro caixão que abrira, agora de volta no lugar como se nada tivesse acontecido...

Ele é um cuidador, Seth pensa. É isso o que ele faz. Ele limpa a bagunça.

Seth põe a mão no caixão no qual está se apoiando e tenta encontrar a fresta, lutando como na última vez para enfiar os dedos na tampa, forçando todo o peso, tentando quebrar a resistência...

E quase cai de novo quando ele se abre. Um homem baixo está lá dentro, enrolado nas bandagens, as luzes passando pelo caixão, executando seus processos misteriosos. Seth olha para o Motorista.

Que está olhando diretamente para ele.

Ele se vira para a tela, os dedos passando freneticamente pelo display.

O caixão na frente de Seth começa a se fechar.

— Não! — Seth diz, tentando segurá-lo. Mas ele desce com uma força implacável, independentemente do quanto Seth se esforce para impedi-lo. O Motorista volta a programar o que é necessário para Regine.

— Merda! — Seth solta a tampa. Mas então tem uma ideia. Ele alcança o caixão que está se fechando e agarra o braço do homem. Puxa o braço para fora da tampa e dá um passo para trás. A tampa continua fechando, fechando, fechando, ameaçando amassar o braço do homem...

Mas, assim que toca na pele do homem, volta a abrir de uma vez.

— Rá! — Seth diz, triunfante, e olha.

O Motorista está olhando para ele.

E começa a vir em sua direção.

— Tem que consertar todos eles, não é? — Seth grita, fugindo. Ele para em outro caixão. Agora já entende como a tampa funciona, e esta se abre mais fácil e mais rápido. É uma mulher mais velha, e ele puxa o braço dela por cima da borda também.

Ele vê o Motorista no caixão do homem, colocando-o de volta no lugar, depois pressionando um lugar específico em cima do caixão que acende uma pequena tela sobre a superfície de metal. O caixão se fecha imediatamente.

Seth olha para o caixão ao lado dele e o pressiona no mesmo lugar. O display aparece sobre a tampa do caixão.

— Ah, então é assim que funciona — ele diz.

Há uma caixa identificada com ABERTO PARA DIAGNÓSTICO? Ele a aperta. A tampa abre, revelando o corpo dormente de um homem negro de meia-idade. Seth pega o braço do homem, coloca-o para fora da alça e sai correndo à medida que o Motorista se aproxima.

Seth corre rápido por entre as fileiras de caixões, parando aleatoriamente e abrindo um, depois outro, e outro, reposicionando os moradores e seguindo em frente. O Motorista está atrás dele, assistindo cada um dos caixões.

Ele está fazendo tudo mais rápido do que Seth. Está alcançando-o.

Seth corre até o próximo e o abre. É uma mulher pálida e pequena.

— Sinto muito — sussurra para ela, e enfia os braços por baixo dela,

tirando-a do caixão e colocando-a gentilmente sobre o chão. O caixão dela começa a bipar e piscar com luzes de aviso, algumas delas percorrendo os tubos conectados à mulher. Seth pega vários deles e hesita por um momento.

— É para salvar minha amiga — ele diz para a forma inconsciente da mulher. — Provavelmente você não vai se lembrar de nada, de qualquer maneira.

Ele arranca os tubos da ponta do caixão. Eles se soltam com facilidade surpreendente. Jatos de gel e líquidos voam em uma onda enquanto outros tubos estalam, um deles queimando a mão de Seth. Ele chia e solta o tubo...

E mal consegue evitar o Motorista quando este se aproxima dele, seu bastão em riste e pegando fogo, pronto para golpear...

Seth desvia e o bastão atinge o chão, deixando uma marca chamuscada. O Motorista fica em pé em cima dele enquanto ele recua, o bastão pronto novamente...

Mas o Motorista se volta para a mulher. Ela agora está em uma poça cada vez maior, à medida que os líquidos dos tubos desconectados se espalham pelo chão.

Seth aproveita a oportunidade, fica em pé e começa a correr.

— Sinto muito! — ele grita para a mulher enquanto o Motorista a pega no colo, colocando-a de volta dentro do caixão, já reconectando os tubos e pressionando os painéis com uma velocidade espantosa...

Seth continua correndo. Ele faz a curva no ponto de onde o Motorista tinha vindo e diminui a velocidade, estupefato com o que vê.

Estendendo-se à sua frente há mais caixões do que parece possível, tantos que ele levaria horas apenas para contá-los parcialmente. As passagens largas conectando as salas vão ainda mais longe do que ele consegue enxergar, fazendo outras curvas, aprofundando-se até sabe-se lá onde.

Ele começa a correr de novo, olhando cuidadosamente para a direita e a esquerda, procurando um caixão aberto, mas tudo o que vê são inúmeros caixões fechados, polidos e limpos e zunindo com suas vidas particulares sendo vividas lá dentro. O Motorista claramente executava seu trabalho com uma eficiência brutal.

Seth arrisca uma olhada para trás. O Motorista ainda não o seguiu, mas pode ser apenas uma questão de segundos. Seth se aproxima do final dessa segunda área e está prestes a cruzar uma terceira. Ele para e abre outro caixão, agora já sabendo onde apertar, erguendo a tampa

com facilidade.

Há uma mulher lá dentro.

Ela está segurando um bebê.

A mulher está enrolada nas bandagens como todos os outros, mas o bebê está embrulhado bem apertado em um cobertor que parece ser feito de gel azul. Os tubos saem dele até a mãe, mas os braços dela estão abraçando a criança, segurando-a bem perto, pressionando-a a ela.

Assim como qualquer mãe com seu bebê.

Estamos no limiar da reprodução e do nascimento, a mulher do Conselho dissera.

Bem, eles com certeza conseguiram ultrapassar esse limite antes que tudo desse errado. A concepção acontecendo através dos tubos, mães dando à luz enquanto dormiam, quem saberia exatamente como isso funcionava?

Crianças estavam nascendo.

Esperança para o futuro, a mulher do Conselho dissera, e aqui estava.

Eles acreditavam que haveria um futuro.

Ele ouviu passos novamente.

O Motorista está correndo, em algum lugar atrás dele.

Seth dá uma última olhada na mulher com o bebê e fecha o caixão. Ele abre o próximo. Dentro dele há um adolescente gordinho. Seth arranca os tubos em três ou quatro puxadas, então pega embaixo dos ombros do garoto para tirá-lo do caixão...

O som dos passos entra na sala, e Seth consegue ver o Motorista esbarrando na passagem, correndo rápido.

Um jato de adrenalina tira o garoto do caixão e o coloca no chão. Seth o segura em pé encostado no caixão, arrancado mais alguns tubos, só por precaução.

— Sinto muito — ele diz para o garoto, e sai correndo de novo.

Enquanto atravessa a segunda sala, ele se vira para trás...

E vê o Motorista parar perto do adolescente.

Mas sem ir até ele.

Ele continua olhando para Seth, obviamente em conflito.

Há um momento aterrorizante quando parece que ele vai continuar

vindo...

Mas, então, ele vai até o garoto e o coloca de volta no caixão. Seth continua correndo, pensando que o Motorista deve, de alguma forma, estar aprendendo, e que da próxima vez esse truque de tirar alguém pode não funcionar, que precisa encontrar Regine, que precisa fazer isso rápido, precisa...

E então a escuta gritando de novo.

— Regine! — ele grita.

O som veio da próxima sala depois dessa, ele tem certeza, depois da passagem no fundo. Ela tem que estar ali. *Precisa* estar ali.

Ele ouve o grito de novo.

— Não — ele diz, agora correndo a toda a velocidade. — Não, não, não, não...

Ele desliza pelas passagens. Não faz ideia de onde está com relação à superfície. Esta série de salas parece inacreditavelmente grande, inacreditavelmente *profunda*. Sua mente continua a lhe dizer que não faz sentido. Quando foi construída? Por que foi construída *aqui*?

Ela grita mais uma vez.

E ele a vê.

Mais para sua direita, no final de uma fileira, perto da parede do fundo. O caixão dela está aberto, e Seth consegue vê-la deitada dentro dele.

Vê-la se debatendo.

Ela não estava se debatendo antes.

— Regine!

Diferentemente de todos os outros nos caixões, ela ainda está metade vestida, as bandagens enroladas na parte de cima do corpo e rosto, mas o jeans e os sapatos ainda estão lá, como se apagar logo sua memória fosse a coisa mais importante, e por que não seria?

É o que faz tudo isso ser possível, Seth pensa.

Mas ela parece estar lutando contra isso, lutando contra as bandagens sobre os olhos, lutando contra o tubo em sua boca, um tubo que não serviu para abafar seus gritos...

— Estou indo! — ele grita.

Ele a alcança e arranca o tubo. Isso a faz entrar em um espasmo de tosse agonizante.

— Regine? — ele grita. — Regine, pode me ouvir?

Ela grita terrivelmente alto. As mãos estão frenéticas, batendo nele, não de forma coordenada, apenas batendo de um lado para o outro, atingindo o ar com força.

— Pode me ouvir? — ele grita de novo. Ela desvia dele, claramente aterrorizada, e grita tão alto quanto antes.

— Ah, Regine, que merda — Seth diz, confuso. Olha para as fileiras de caixões atrás de si, pela larga passagem central que liga essa sala enorme àquela de onde ele acabou de vir e a quem sabe quantas outras além dela, do outro lado. Nenhum sinal do Motorista ainda, mas é impossível ele não estar logo atrás.

— Sinto muito — ele diz e, com uma mão, agarra os punhos de Regine, forçando-os para baixo. Ela é forte e ele mal consegue segurá-la ali, a força só deixando-a ainda mais irritada. — Sinto muito, sinto muito, sinto muito — ele repete, e escorrega sua mão livre em volta do pescoço dela, tentando encontrar a ponta das bandagens.

— Você vai ver que sou eu! Tudo vai fazer sentido! Eu prometo...

A mão dele raspa rapidamente pela luz vermelha piscando no pescoço dela...

E, em um instante, ele desaparece do mundo.



— **Você não é nada** — o homem diz. — É gorda. É feia. E monstruosa demais para qualquer garoto um dia olhar para você.

— Muitos garotos olham para mim — ela retruca, mas sente medo no estômago. Consegue ver os punhos cerrados dele ao lado do corpo. Ela é grande, mas ele é maior, e ela sabe que ele não tem medo de usar aqueles punhos, assim como acabou de usá-los na mãe dela, arremessando-a por cima da mesa da cozinha quando o chá estava muito frio, um soco que fez Regine correr para o andar de cima, com ele grunhindo atrás dela.

Ele geralmente fica lento quando está bêbado, mas ela levou tempo demais para pegar o dinheiro e o telefone, e, quando ela saiu do quarto, lá estava ele, bloqueando a passagem da escada.

— Nenhum garoto nunca olha para você — ele cospe nela. — Você é uma vagabunda.

— Me deixe passar — ela diz, fechando os próprios punhos. — Deixe-me passar ou, juro por Deus...

Ele dá um sorrisinho malicioso. Aquela cara cor-de-rosa dele, toda cheia de animação feia e bêbada, o cabelo liso, loiro e caído que sempre parece sujo, não importa quanto ele o lave.

— Deixar você passar ou você jura por Deus que vai fazer o quê?

Ela não diz nada, não se mexe.

Ele dá um passo para trás, fazendo um gesto grande com uma mão e uma mesura sarcástica, dando passagem para ela descer as escadas.

— Vá, então — diz ele. — Fique à vontade.

Ela respira pelo nariz, todos os nervos à flor da pele. Só tem que passar por ele, isso é tudo. Levantar um tapa ou abaixar a cabeça para desviar de um soco, ou talvez nada disso, bêbado como ele está...

De repente, ela sai correndo, surpreendendo-o. Ele dá um pulo para trás, exatamente o que ela esperava, e ela dá a volta no corrimão, passando por ele, colocando um pé no degrau de cima...

— Sua puta horrorosa! — ele grita...

Ela sente o soco vindo antes de chegar nela, sente o ar se movendo atrás dela...

Ela tenta se abaixar, mas está mal posicionada...

O punho dele a atinge...

Ela cai...

Está caindo...

Os degraus duros vindo ao encontro dela rápido demais, rápido demais, rápido demais...

E ela grita...

— Você não é nada — o homem diz. — É gorda. É feia. E monstruosa demais para qualquer garoto um dia olhar para você.

— Muitos garotos olham para mim — ela retruca, mas sente medo no estômago. Consegue ver os punhos cerrados dele ao lado do corpo. Ela é grande, mas ele é maior, e ela sabe que ele não tem medo de usar aqueles punhos, assim como acabou de usá-los na mãe dela, arremessando-a por cima da mesa da cozinha quando o chá estava muito frio, um soco que fez Regine correr para o andar de cima, com ele grunhindo atrás dela.

Ele geralmente fica lento quando está bêbado, mas ela levou tempo demais para pegar o dinheiro e o telefone, e, quando ela saiu do quarto, lá estava ele, bloqueando a passagem da escada.

— Nenhum garoto nunca olha para você — ele cospe nela. — Você é uma vagabunda.

— Me deixe passar — ela diz, fechando os próprios punhos. — Me deixe passar ou, juro por Deus...

Ele dá um sorrisinho malicioso. Aquela cara cor-de-rosa dele, toda cheia de animação feia e bêbada, o cabelo liso, loiro e caído que sempre parece sujo, não importa quanto ele o lave.

— Deixar você passar ou você jura por Deus que vai fazer o quê?

Ela não diz nada, não se mexe.

Ele dá um passo para trás, fazendo um gesto grande com uma mão e uma mesura sarcástica, dando passagem para ela descer as escadas.

— Vá, então — Fique à vontade.

Ela respira pelo nariz, todos os nervos à flor da pele. Só tem que passar por ele, isso é tudo. Levar um tapa ou abaixar a cabeça para desviar de um soco, ou talvez nada disso, bêbado como ele está...

De repente, ela sai correndo, surpreendendo-o. Ele dá um pulo para trás, exatamente o que ela esperava, e ela dá a volta no corrimão, passando por ele, colocando um pé no degrau de cima...

— Sua puta horrorosa! — ele grita...

Ela sente o soco vindo antes de chegar nela, sente o ar se movendo atrás dela...

Ela tenta se abaixar, mas está mal posicionada...

O punho dele a atinge...

Ela cai...

Está caindo...

Os degraus duros vindo ao encontro dela rápido demais, rápido demais, rápido demais...

E ela grita...

— Você não é nada — o homem diz. — É gorda. É feia. E monstruosa demais para qualquer garoto um dia olhar para você.

— Muitos garotos olham para mim — ela retruca, mas sente medo no estômago. Consegue ver os punhos cerrados dele ao lado do corpo. Ela é grande, mas ele é maior, e ela sabe que ele não tem medo de usar aqueles punhos, assim como acabou de usá-los na mãe dela, arremessando-a por cima da mesa da cozinha quando o chá estava muito frio, um soco que fez Regine correr para o andar de cima, com ele grunhindo atrás dela.

Ele geralmente fica lento quando está bêbado, mas ela levou tempo demais para pegar o dinheiro e o telefone, e, quando ela saiu do quarto, lá estava ele, bloqueando a passagem da escada.

— Nenhum garoto nunca olha para você — ele cospe nela. — Você é uma vagabunda.

— Me deixe passar — ela diz, fechando os próprios punhos. — Me deixe passar ou, juro por Deus...

Ele dá um sorrisinho malicioso. Aquela cara cor-de-rosa dele, toda cheia de animação feia e bêbada, o cabelo liso, loiro e caído que sempre parece sujo, não importa quanto ele o lave.

— Deixar você passar ou você jura por Deus que vai...



Seth volta repentinamente para a sala com os caixões, buscando fôlego. Os solavancos de Regine afastaram a cabeça dela das mãos dele, quebrando a conexão entre eles.

E ela grita de novo.

E não é à toa, Seth pensa horrorizado. Ela está presa no mesmo lugar, revivendo o momento, revivendo o *pior* momento.

Está morrendo de novo, de novo e de novo.

Ainda consegue sentir o medo dela, sentir a dor do soco, o terror do escorregão, a incredulidade da queda...

Ele precisa achar uma maneira de tirá-la daqui...

— Seth? — ela chama.

Ele fica paralisado. A voz dela é fraca, desesperada, amedrontada. A cabeça ainda está enrolada nas bandagens, mas ela parou de se debater.

— Seth, é você?

— Estou aqui — ele diz, agarrando as mãos dela para que ela possa senti-lo. — Estou aqui, Regine. Temos que tirar você daqui. Agora.

— Onde estamos? Não consigo ver. Tem alguma coisa nos meus olhos...

— Você está toda enfaixada. Aqui. — Ele vira a cabeça dela para pegar a ponta de trás e começa a desenfaixá-la. — Estamos embaixo da terra. Embaixo do presídio.

— Seth — ela diz quando ele chega ao nível da pele e começa a desgrudar vagarosamente a bandagem de suas pálpebras. — Seth, eu estava...

— Eu sei — ele disse. — Eu vi. Mas temos que ...

E então ele ouve os passos de novo. Vira-se para olhar. O Motorista atravessa a entrada da sala correndo.

E os vê.

E para.

Para bem ali na passagem central e os encara com seu rosto vazio.

— Ah, não — Regine sussurra. Ela já está totalmente livre das bandagens e consegue ver o que ele vê.

Seth olha ao redor dele. Não há para onde correr. Estão encurralados em um canto, e Seth percebe, pela expressão de Regine, que ela também sabe disso.

— Vá você — ela diz, a voz ríspida, os olhos cheios de lágrimas, mais vulnerável do que ele jamais a vira. — Acho que não consigo. Me sinto fraca. Saia daqui você.

— Sem chance. Sem a menor chance.

— Você veio até aqui para me salvar — ela diz, balançando a cabeça. — Isso já é suficiente. De verdade, não compreende quanto isso é suficiente. Você ter *escolhido* isso...

— Regine...

— De algum modo, você quebrou aquele ciclo. Você já me salvou...

— Não vou te deixar aqui — ele diz, aumentando o tom de voz.

Os passos começam novamente. O Motorista está caminhando na direção deles, lentamente. Tira o bastão, as fagulhas brilhando.

— Ele sabe — Regine diz. — Ele sabe que já ganhou.

— Ele não ganhou — Seth refuta. — Ainda não.

Mas nem ele mesmo acredita nisso.

Sente alguma coisa em sua mão. E olha. Regine tomou a mão dele na dela. E está apertando-a com força.

Ele aperta também.

O Motorista está a meio caminho da larga fileira central, a tela negra de seu capacete focada puramente neles. Seth sabe, de alguma forma, que ele não o deixará escapar. Não desta vez. Ele não vai parar, independentemente do que faça nos outros caixões. Virá atrás dele primeiro, e correrá mais rápido do que ele, e será mais forte do que ele e não haverá nada que possa fazer para impedi-lo.

Mas ele tentará. Tentará, de qualquer jeito.

— O Tommy está seguro? — Regine pergunta baixinho.

— Ele saiu correndo. Disse que tinha uma ideia.

— Então com certeza vai entrar aqui para um resgate de última hora, hã?

Seth não consegue fazer outra coisa exceto dar um sorriso ensandecido para ela.

— Se isso tudo fosse uma história criada pelo meu cérebro, sim. Seria exatamente assim que isso terminaria.

— Pela primeira vez, espero que esteja certo.

O Motorista chegou à ponta da fileira deles. Ele para uma vez mais, parecendo saborear a armadilha onde se meteram.

Seth aperta a mão de Regine ainda com mais força.

— Vamos lutar — ele diz. — Até o final.

Regine balança a cabeça para ele.

— Até o final.

O Motorista faz um movimento brusco com a mão. O bastão duplica de tamanho, as faíscas e luzes brilhando nele ainda mais perigosamente.

Seth firma os pés, pronto para lutar.

— Seth? — Regine chama.

Ele olha para ela.

— O quê?

Mas ele acaba não ouvindo o que ela diz...

Porque um som agudo preenche a sala, a princípio baixo, depois aumentando...

O Motorista também ouve, virando-se em direção à passagem que se estende mais funda para dentro das outras salas...

De onde o som está vindo...

Ficando aos poucos cada vez mais alto...

Eles veem o Motorista sair correndo...

Mas não rápido o bastante...

Quando a van preta sai voando da passagem mais profunda, batendo no Motorista a uma velocidade extraordinária, tão rápido que uma das pernas dele é arrancada do corpo. A van o arrasta pelo largo corredor central, sem parar, até esmagá-lo em uma parede distante, prendendo o Motorista nela.

O Motorista se debate por mais um momento. As rodas da van

giram sem sair do lugar no chão de concreto, formando espirais de fumaça, esmagando o Motorista na parede.

E então, ele cai sobre o capô da van, soltando o bastão, que cai no chão fazendo barulho.

O Motorista permanece imóvel.

As rodas da van aos poucos param de rodar.

Seth e Regine observam tudo, embasbacados, quando uma figurinha surge pela porta de aço quebrada.

— Está todo mundo bem? — Tomasz pergunta.





Thomas joga as mãos ainda enfaixadas em volta da cintura de Regine e a abraça como se nunca mais fosse soltá-la.

— Estou feliz — ele declara. — Ah, como estou feliz.

— Estou feliz também — Regine diz, pressionando o rosto contra o cabelo desgrenhado dele.

Seth observa, ainda estupefato, quando Tomasz se desenrosca dela, depois abraça Seth com tanta força que chega a lhe tirar o fôlego.

— E você! Você disse que nós a salvaríamos e conseguimos!

— Foi você quem fez tudo! — Seth admite, olhando para trás, para as fileiras de caixões, para a van amassada, para o Motorista imóvel ainda atravessado em cima do capô. — Em cima da hora! — Ele olha para os dois. — De novo!

Tomasz dá uma olhada para Regine.

— Ele voltou àquele ponto em que acha que somos uma invenção.

— Ele pode ter razão — Regine admite. — Como diabos você conseguiu encontrar a van e trazê-la para baixo da terra?

— Não foi tão difícil assim — Tomasz conta. — Achávamos que estava estacionada perto do presídio em algum lugar. Foi só questão de encontrá-la.

— E fazer funcionar — Seth diz. — E dirigir...

— Ok, tudo bem, algumas coisas estranhas acontecem quando eu a encontro, confesso — Tomaz relata. — Ela continua sem a porta e eu me sento dentro da van, e ela liga automaticamente. Eu não faço nada, e ela simplesmente funciona. E então as telas começam a se acender, me fazendo perguntas que não entendo, e não pela barreira da língua, mas porque não fazem sentido. Os números não significam nada, as imagens da câmera dessas salas enormes cheias de caixões...

— É — Seth concorda. — Já vi também.

— E então tem uma caixa piscando que diz NAVEGAR ATÉ O DISTÚRBIO? Assim, como uma pergunta, então eu imagino que DISTÚRBIO só podia ser vocês, e então eu digo sim, pressionando a caixa para NAVEGAR, e então o carro simplesmente sai andando! Quase caio quando ele aumenta a velocidade. — Tomasz imita a curva com o corpo, aqui e ali. — E passamos voando pelo bairro incendiado até chegarmos à entrada do estacionamento subterrâneo e, antes que eu possa perceber, estamos descendo, descendo, descendo.

Ele ergue as mãos como se para dizer que o restante é autoexplicativo.

— E aqui estou eu, nessas salas. E o Motorista está lá, em pé no meio do caminho, e eu pego o volante para que a van não possa desviar e tenho que me abaixar para colocar o pé no acelerador e então, *bang*, ele é atingido. — Ele bate as mãos para fazer o bang. — E então batemos na parede. — Ele esfrega a mão na cabeça. — O que doeu muito.

— Você foi ótimo! — Regine elogia.

— Sim! — Seth concorda. — Mais do que ótimo!

Incrivelmente ótimo, pensa ele. De um jeito suspeito.

Mas, então, improvável nem sempre significa impossível...

— Imagino que ninguém tenha visto minha camiseta — Regine diz.

— Aqui — Tomasz fala, agachando-se atrás do caixão e pegando um monte de roupas. — Está toda rasgada. Sinto muito.

— Nunca gostei muito dela mesmo — Regine confessa, enrolando o que sobrou em volta de si.

— E você, está bem? — Tomasz pergunta a ela.

Ela fica em silêncio por um momento e Seth acha que ela não vai querer falar sobre o assunto, mas então ela responde:

— O Seth viu tudo. Viu minha morte.

Tomasz se vira para ele, os olhos arregalados.

— Do mesmo jeito que viu a minha.

— Que sortudo! — Seth resmunga.

— Eu pude sentir você lá — Regine conta.

— Pôde? — Seth pergunta, surpreso.

— Sim! — Tomasz concorda. — Eu também sabia que você estava lá. Dava para sentir você comigo quando vivi minha lembrança.

— E, de alguma forma — Regine continua —, só saber que você estava lá já era bom o suficiente, de certa maneira. — Ela esfrega os olhos, cansada, com as palmas das mãos. — Não sei como explicar. Foi horrível. Ver aquele canalha de novo. Ter que *viver* tudo de novo. — Ela olha para Seth. — Mas aí eu soube que você estava lá. E soube... acho que eu simplesmente soube que alguém se lembrava de quem eu era.

Tomasz balança a cabeça.

— Essa é a melhor coisa de todas.

— E não era bom que estivesse acontecendo — ela diz. — Foi tão assustador quanto antes. Mas, de algum modo, senti que, se tivesse que acontecer, pelo menos saber que você tentou impedir, saber que você fez aquele esforço enorme...

Ela franze o cenho. Ele consegue ver os olhos dela se encherem de lágrimas de novo, vê-la ficar irritada por aquilo.

— Compreendo — Seth diz.

Ela olha para ele, quase acusadoramente.

— Compreende?

Seth assente.

— Acho que talvez eu finalmente compreenda, sim.

> > >

Eles caminham por entre os caixões em direção ao corredor central, Seth na frente, Tomasz no meio e Regine atrás, ainda segurando os trapos de camiseta ao redor de si.

Nada perto da van ou do Motorista se mexe.

— Perna — Tomasz diz, apontando para o membro solto. Foi arrancada na altura da coxa, um líquido escuro viscoso acumulando-se em volta do membro no chão. Um líquido que definitivamente não é sangue.

— Mecânica — Regine afirma. — Muito mais avançada do que qualquer coisa que tínhamos no outro mundo.

— É — Seth concorda, reflexivo.

— Odeio quando você fica assim — ela declara. — Todo misterioso.

Eles se aproximam lentamente da van. Há faíscas e fumaça vindo de onde o Motorista está jogado. Um dos braços dele parece deslocado, e a cabeça está virada em um ângulo que deveria, *poderia* indicar que

está quebrada.

— Nossa! — Tomasz exclama, e eles o veem encontrar o bastão debaixo de um caixão ao lado.

— Tome cuidado com isso — Regine diz rispidamente.

Tomasz revira os olhos.

— Todo mundo ainda achando que é minha mãe. Quantas vezes preciso salvar a vida de vocês? Quantas vezes... Ai!

Ele derruba o bastão quando um raio de eletricidade sai e o atinge no rosto. Quando o bastão bate no chão, alguma coisa acontece lá dentro e o objeto se dobra até ficar bem pequeno.

— Você está bem? — Regine pergunta, tentando não rir.

— Coisa idiota — Tomasz responde, segurando o rosto.

Mas a nova versão dobrada do bastão parece inerte, então, ele o pega de volta. Ninguém o impede quando ele o coloca no bolso. Se alguém ganhou o direito de tê-lo, provavelmente é Tomasz.

Eles observam a van queimar, agora tossindo um pouco com a fumaça. O fluido viscoso se espalha em grandes quantidades pelo capô, escorrendo até formar poças ao lado do veículo. O Motorista parece claramente morto, mas Seth nota que todos eles estão se movendo devagar, como se esperando, a qualquer segundo, que ele voltasse à vida e os atacasse.

Isso é o que aconteceria se isso fosse uma história, Seth imagina. O vilão que nunca morre. Aquele que precisa ser detido de novo e de novo. Isso é o que aconteceria se tudo isso fosse apenas minha mente tentando me dizer alguma coisa.

Mas.

Mas, mas, mas.

— Preciso saber — Seth diz.

— Saber o quê? — Regine pergunta.

— O que está embaixo do visor. Quero olhar na cara da coisa que não parava de nos perseguir. — Ele começa a caminhar em direção ao Motorista. — Quero saber exatamente o que é.

E é quando a van explode.



As faíscas baixas se transformam em um arco repentinamente brilhante, encostando na poça de líquido ao lado da van. Há um *whoompft* surpreendentemente suave...

E tudo desaparece em uma bola de fogo.

Eles são jogados para trás, as chamas passando por cima deles enquanto caem...

Mas a primeira explosão se dissipa rapidamente, e, à medida que eles rolam pelo chão, ela já está quase acabando, as fumaças mais gasosas queimadas no primeiro estouro, o fogo principal reduzido ao líquido do combustível na frente da van, queimando muito brilhante e muito quente.

O Motorista agora inalcançável atrás das chamas.

— Só pode ser brincadeira — Seth diz, tossindo.

Mas Tomasz já está de pé, olhando em volta para os caixões, em pânico.

— As pessoas! Elas vão queimar! Elas...

Uma chuva absurdamente forte, vinda de aberturas recém-surgidas no teto, cai sobre eles. Ficam ensopados em segundos, o aguaceiro ricocheteando sobre os caixões lisos e brilhantes. O fogo cessa quase instantaneamente, mas o spray de água continua. Ondas de fumaça e vapor saem da van, preenchendo a sala. Eles inalam aquilo.

— Tem gosto de veneno — Tomasz diz, recuando.

— E provavelmente é — Regine concorda. — Nada disso parece ser feito de qualquer coisa tão simples quanto metal.

Seth ainda está olhando para onde o Motorista estava, agora desaparecido atrás do vapor e da fumaça.

— Queria ver como ele era — ele insiste. — Por baixo.

— Nós o pegamos — Regine diz, tremendo na água. — Não está

bom?

O vapor com gosto de veneno enche a passagem de volta para a entrada da prisão.

— Teremos que voltar pelo caminho por onde eu vim — Tomasz sugere.

Regine estica a mão para ele. Ele toma a mão dela. Os dois olham ansiosos para Seth.

— Tudo bem — ele diz, ainda olhando para a fumaça agitada. — Ok, tudo bem.

Eles seguem de volta pelo corredor central. A água vinda do teto para na sala seguinte, mas, quando Seth olha para trás deles, ainda não consegue ver nada. Eles caminham cada vez mais para baixo, passando por fileiras e fileiras de caixões. Seth continua olhando para trás, mas muitas e muitas salas depois, quando finalmente chegam à rampa de volta à superfície, a derrota do Motorista está há muito fora do campo de visão.

Eles não falam muito enquanto sobem a rampa, principalmente Seth, que guarda os pensamentos para si mesmo. A rampa é circular, e ele vê a poeira e a lama do mundo de cima começar a aparecer em pequenas camadas à medida que sobem.

— Você conseguia se lembrar de quem você era? — ele pergunta a Regine, enquanto sobem vagarosamente em espiral. — Sei que você disse que me senti lá, mas conseguia se lembrar deste lugar?

— Sim, para ser sincera, conseguia — ela admite. — Quer dizer, estar de volta lá era tão *injusto*. Fiquei pensando: não posso morrer aqui. Se eu morrer aqui, morro lá. Então, sim, eu me lembrava deste lugar.

— Acho que o tempo lá funciona diferente — Seth diz. — O passado pode estar mais perto do que está na vida real. E talvez *tudo* aconteça, o tempo todo, vez após outra.

Regine olha para ele.

— Já entendi. Sei o que você está perguntando.

— O quê? — Tomasz quer saber. — O que ele está perguntando?

Seth continua andando.

— O display dizia estar começando o processo Lethe em você. O que faz esquecer.

— Mas não funcionou — Regine diz, cautelosamente. — Ou não tinha começado ainda. Eu me lembro de tudo. E isso quer dizer...

— Quer dizer... — Seth diz, fazendo-a parar, mas sem elaborar.

— Quer dizer o *quê*? — Tomasz pergunta. — Não estou feliz por não me contarem o que isso quer dizer.

— Shhh — Regine diz. — Mais tarde.

Ela fica observando Seth, os olhos exigentes. No entanto, ele fica quieto, enquanto sobem cada vez mais, esta ponta do depósito obviamente mais funda no subterrâneo do que por onde ele entrara.

Ele está pensando sobre tudo o que aconteceu, sobre *como* aconteceu. Tudo o que os trouxe até este lugar, os três subindo a rampa, rumo à luz do dia — e aqui está, na saída, avisando-os, Regine suspirando alto de prazer —, cada acontecimento específico que os trouxe, que o trouxe, aqui, agora.

E, ao olhar para o sol sobre as cinzas do bairro incendiado, ele fica surpreso — mas talvez nem tanto — que uma possibilidade esteja se formando em sua mente.

Porque este lugar pode ser uma coisa.

Ou pode ser outra.

Ou pode ser algo completamente desconhecido.

Mas ele acha que sabe o que deve fazer depois.

— Está pronto para ir para casa? — Regine pergunta.

Ela está perguntando a Tomasz, mas Seth tem que se controlar para não responder.



Tomasz passa a maior parte da longa caminhada de volta até a casa de Regine contando repetidamente como os resgatou, cada vez ficando um pouco mais heroico, até Regine finalmente dizer:

— Ah, por favor, você encontrou um carro estacionado e se sentou. É basicamente isso, não é?

Tomasz fica horrorizado.

— Você *nunca* dá valor...

— Obrigada, Tommy — Regine agradece, sorrindo de repente. — Obrigada por encontrar um carro estacionado e sentar-se nele e vir me resgatar no último momento. Muito, muito obrigada por salvar minha vida.

Ele fica todo envergonhado.

— De nada.

— Também quero agradecer — Seth diz.

— Ah, mas você se saiu muito bem também — Tomasz fala, com generosidade. — Manter aquela coisa ocupada até eu conseguir entrar de carro como um herói.

— Fico impressionada por você ter sido alto o bastante para apertar o acelerador — Regine diz.

— Bem — Tomasz admite. — Não foi fácil. Tive que me esticar muito.

Eles encontram o caminho para os trilhos do trem e o seguem em direção ao norte. Regine bate nos bolsos várias vezes enquanto andam, sem nunca encontrar o que está procurando. Ela vê Seth olhando-a e o encara.

— Não acha que depois de morrer cem vezes eu mereço um mísero cigarro?

— Não estou falando nada.

— *Eu acho que não precisa* — Tomasz diz. — *Acho que você já enganou a morte muitas vezes hoje, então, para que fazer isso de novo?*

— *Ninguém está falando com você* — ela refuta. Mas não tão asperamente quanto costumava.

Depois de uma boa hora de caminhada, debaixo da ponte da estrada de ferro parcialmente destruída e em direção ao supermercado — Seth sugere que parem na casa dele, mas Regine ainda está tremendo, apesar do sol, e quer tirar as bandagens o mais rápido possível —, eles atravessam a rua onde viram o cervo e contornam a esquina na direção da casa de Regine.

— *Fico esperando ele aparecer* — Regine sussurra ao se aproximarem da calçada da frente. — *Como se não fosse possível ser tão fácil assim.*

— *Você acha que isso foi fácil?* — Tomasz pergunta.

— *Isso é o que teria acontecido se fosse uma história* — Seth explica. — *Um ataque de última hora. Pelo vilão que nunca morre.*

— *Você precisa muito parar de dizer merdas desse tipo* — Regine esbraveja.

— *Você também está pensando nisso* — ele diz.

Ela parece desafiadora.

— *Não estou. Ainda sei que sou de verdade. Aquela viagem de volta ao mundo on-line foi a prova de que eu precisava.*

Eles continuam andando, e, realmente, não há nenhuma surpresa esperando-os em frente à porta da casa de Regine. Do lado de dentro, é a mesma sala de estar de antes, o caixão de Regine no meio, o sofá e as cadeiras amontoadas ao redor dele. Ela segue até o andar de cima para se trocar e Tomasz vai até a cozinha para fazer a comida.

Seth se senta no sofá, o caixão em frente a ele.

Ele escuta Tomasz na cozinha, batendo pratos, xingando em polonês quando o pequeno fogareiro a gás não acende nas duas primeiras tentativas. No andar de cima, Regine está no banheiro, com a água escorrendo, levando todo o tempo que precisa para se recuperar.

Essas duas pessoas difíceis e engraçadas.

Ele as ouve e seu coração dói um pouco.

Mas ele aperta o peito e percebe que não é uma dor muito forte. Nem é muito ruim.

E sorri sozinho, rapidamente. E então, um momento depois, bate um

dedo no caixão como tinha feito no presídio.

Depois de algumas tentativas, um display se acende, quebrado, mas legível.

Um pouco depois, Tomasz sai da cozinha com algumas tigelas soltando fumaça nas mãos.

— Ocasão especial — ele informa, passando uma tigela para Seth.
— Salsichas, creme de milho e *chilli* com carne.

— Está tirando sarro, mas, para um americano, isso é quase um churrasco.

— Ah, é, fico esquecendo que você é americano.

— Bem, na verdade eu não sou nad...

— REGINE! — Tomasz grita a todo pulmão. — O jantar está pronto.

— Já vou! — ela responde, descendo as escadas com roupas limpas, apertando uma toalha no cabelo.

— Está na cozinha — Tomasz informa. — Esquentando no fogão aceso.

— Uma boa maneira de incendiar a casa toda.

— *De nada* — Tomasz cantarola atrás dela.

Eles comem em silêncio durante um tempo. Tomasz termina primeiro, arrotando alegremente e colocando o prato na mesinha de apoio.

— E então — ele pergunta —, o que vamos fazer agora?

— Eu gostaria de dormir por uma semana — Regine responde. — Ou um mês.

— Eu estava pensando se poderíamos voltar ao supermercado — Tomasz sugere. — Nunca voltamos lá. Tem tanta comida e coisas para pegarmos.

— É, seria bom pegar uns...

— Não diga cigarros! — Tomasz interrompe. — Você está viva agora. Salvamos você. Deixe que parar de fumar seja uma celebração.

— Sinceramente, sabe de uma coisa? — Regine diz. — Acho que talvez estejamos precisando de uma celebração.

Tomasz olha para ela, surpreso.

— Quer dizer...

Ela balança a cabeça.

— Quero dizer...

— Quer dizer o quê? — Seth pergunta, enquanto ela leva o prato até a cozinha.

— Bem — ela explica —, nem tudo desaparece depois de anos e anos, não é?

Seth lança um olhar a Tomasz, que está sorrindo muito.

— Do que ela está falando?

— Celebração! — Tomasz diz, e então seu rosto fica sério. — Ainda que não tivéssemos muita coisa para comemorar até agora.

Regine reaparece na porta da cozinha, uma garrafa de vinho em uma mão e três canecas de café na outra.

— Não temos geladeira, então, espero que goste de tinto.

Ela abre a garrafa com um saca-rolhas assustadoramente enferrujado e serve uma caneca cheia para ela e para Seth, meia caneca para Tomasz.

— Ei! — ele protesta.

— Coloque um pouco mais para ele — Seth pede. — Ele merece!

Regine parece cética, mas enche a caneca de Tomasz, então eles as levantam para um brinde estranho.

— A estar viva! — Regine diz.

— De novo — Seth completa.

— *Na zdrowie* — Tomasz fala.

Eles bebem. Tomasz imediatamente cospe o dele de volta na caneca.

— Credo! — ele comenta. — As pessoas *gostam* disso?

— Você nunca tomou o vinho da comunhão? — Regine pergunta. — Achei que os polacos fossem católicos.

— E somos — Tomasz concorda —, mas sempre achei que o sabor do vinho da comunhão fosse alterado para ficar difícil de beber, senão, por que um gosto tão ruim? Mas o vinho *de verdade*...

Ele não termina a frase, então Regine o faz:

— Era para ter gosto de suco de uva?

Tomasz concorda com a cabeça.

— Mas não tem. — Ele dá uma fungada dentro da caneca e toma outro gole, desta vez bem pequeno. — É horrível — afirma. E então toma de novo.

Seth bebe seu vinho. Ele já tinha tomado vinho no jantar com sua mãe e seu pai, para desgosto escandaloso dos pais de seus amigos, obviamente não europeus. Ele nunca gostara muito, era avinagrado demais, mas aqui, agora, isso parece menos uma bebida e mais um ritual, e está feliz em bebê-lo.

Regine, no entanto, não bebe muito. Ela o segura diante de si por um tempo, e então o coloca em cima da mesa.

— Você não gosta? — Seth pergunta. — Não está tão ruim. Um pouco pesado, mas...

— *Ele* bebia — ela diz. — O hálito dele sempre fedia a... Até mesmo na memória, ele fedia. Eu não achei que fosse me incomodar, já tomei antes, mas...

— Mas... — Seth concorda. — Ele deixa sua caneca de lado. Tomasz faz o mesmo.

Regine passa a mão em uma mancha inexistente em sua calça.

— Acha que ele está lá embaixo? Acho que não acreditei realmente até agora, mas... Ele tem que estar, não tem?

— Meus pais estão — Seth conta. — Eu os vi no display. Estão lá em algum lugar. Vivendo a vida deles.

— E minha mãe também — Regine diz. — Seguindo a vida com uma filha morta e uma porcaria de marido. — Ela tosse para disfarçar a emoção, mas há uma pergunta sombria no rosto dela e ela não diz mais nada.

— Minha mãe está morta — Tomasz diz, em tom prático. — Mas eu encontro uma nova família! Um irmão e uma irmã.

— Irmão *adotivo* — Regine explica, sorrindo quando Tomasz parece a ponto de protestar. — Tudo bem, meio-irmão. Adotado.

— Ah — Tomasz diz. — Estou achando que somos *todos* adotados.

— Vi um bebê lá — Seth conta depois disso. — Em um dos caixões. Com a mãe.

Eles o olham fixamente.

— Mas como isso é possível? — Tomasz pergunta.

— Provavelmente há maneiras, se você pensar um pouco — Seth diz. — Mas, seja lá como fizeram, eles acreditavam no futuro. — Ele se inclina para a frente e coloca as mãos sobre o caixão em frente a ele. — Escutem.

Tomasz só olha para ele, mas consegue ver que Regine está tensa, se abraçando.

— Certo — ele continua. — *Ok*. Eu vi a morte de vocês dois. Eu não queria, mas vi. — Ele bate no caixão, agora sem olhar mais nos olhos deles. — Acho que é justo que eu conte a vocês sobre a minha morte.

Ele começa a falar.

Ele lhes conta tudo.

Inclusive o final.



— **Você tem visita** — sua mãe lhe disse rapidamente pela porta do quarto em uma manhã de sábado.

“Gudmund”, ele disse consigo, o coração batendo tão forte no peito a ponto de fazê-lo ficar tonto. Ele não o via desde aquela noite, algumas semanas atrás, quando Gudmund prometera que não perderiam contato, quando prometera que haveria um futuro, se os dois acreditassem nele.

Mas, desde então, o celular de Gudmund ou fora confiscado ou tinha mudado de número, e não houvera respostas em nenhum de seus endereços de e-mail. Mas com certeza ele poderia ter emprestado o telefone de alguém em sua nova escola ou ter criado uma conta de e-mail falsa. Hoje em dia era impossível evitar que as pessoas se comunicassem, se elas quisessem.

Mas nada acontecera.

Até agora.

Ele praticamente saltou da cama até a porta, abrindo-a...

E encontrando Owen bloqueando o caminho.

— Oi, Seth — o irmão disse.

Seth colocou a mão de leve no peito de Owen para afastá-lo.

— Saia do caminho. Tenho que...

— Escrevi uma música para a clarineta.

— Mais tarde, Owen.

Seth desceu as escadas com passos pesados, entrando na sala de estar, os olhos brilhantes, a voz alta demais, dizendo:

— Meu Deus, Gudmund, nunca pensei que...

Ele parou. Não era Gudmund.

— H — Seth disse. Sentiu a pele ficando quente e sabia que um vermelho vergonhoso começava a subir pelo pescoço.

Mas também era um vermelhão furioso.

H não falara com ele, nem mesmo reconhecera a existência dele desde que as fotos tinham vindo à tona. O pior do abuso na escola já tinha passado, mas ainda havia o campo minado ao redor dele, como se ninguém pudesse se aproximar dele, mesmo que quisesse. Seth sabia que H sempre fora o mais fraco deles, o que sofreria mais, por associação, quando se descobrira que dois de seus melhores amigos homens estavam transando.

Mas ele sempre tivera um bom coração, não? Debaixo de todas as piadas ridículas e as brincadeiras, Seth sempre achara que H era basicamente decente. O que tornara o afastamento dele particularmente doloroso.

— Eu não sou ele — H disse, arqueado no sofá, sentando embaixo daquela pintura horrorosa feita pelo tio de Seth, que costumava assustá-lo quando criança. H não tinha nem tirado o casaco. — Não o tenho visto.

Eles estavam sozinhos. A mãe de Seth desaparecera para sabe-se lá onde, e seu pai continuava trabalhando na cozinha.

O silêncio se prolongou, até H finalmente dizer:

— Posso ir embora, se você quiser.

— Por que está aqui?

— Preciso te dizer uma coisa — ele declarou. — Preciso te dizer algo que nem sei se você precisa saber. Mas...

— Mas o quê?

— Mas talvez deva.

Seth esperou por um momento, então foi até a cadeira em frente ao sofá e se sentou.

— Tem sido uma merda, H.

— Eu sei.

— Achei que você fosse meu amigo.

— Eu sei...

— Não fiz nada para você. Nós não fizemos nada para...

— Isso é conversa fiada. Vocês mentiram.

— Não mentimos.

— Vocês mentiram por não contar. Ainda que não fosse uma coisa que qualquer pessoa que tivesse olhos não conseguisse ver.

— Ver o quê? — Seth perguntou, ríspidamente.

H olhou bem nos olhos dele.

— Que você o amava.

Seth sentiu o rosto enrubescendo de novo, mas não disse nada.

H começou a mexer com as luvas nas mãos.

— Quer dizer, eu não vi. Porque sou um completo idiota. Mas, fazendo um retrospecto, quer dizer. Fazendo um retrospecto, é óbvio.

— E como era para eu te contar uma coisa dessas? Se era assim que você ia reagir?

— Não é... — H retrucou, levantando a voz, depois olhando em volta e baixando o tom novamente. — Não é por isso. Não é por isso que tenho me comportado assim ultimamente...

— Ah, tá.

H suspirou fundo.

— Ok, um pouco, mas não por ter pirado ou coisa do gênero. Também não é fácil para mim, sabe? Todo mundo agora acha que eu sou uma bicha também, não acha?

— Não, não acha. Você namora a Monica há séculos...

H fez uma cara engraçada.

— Ah, claro.

— O quê?

— Não estou mais com ela.

Seth estava surpreso.

— Bem, que bom. Foi ela que aprontou essa bagunça toda. Se não fosse por ela...

H o interrompeu:

— Seth.

Seth parou. Uma leve sensação ruim começou a girar em seu estômago pela forma como H pronunciara seu nome.

— O quê?

— Você já se perguntou como ela conseguiu essas fotos?

— Como assim?

H começou a mexer nas luvas novamente, virando-as de um lado para o outro, dobrando-as.

— Acha que o Gudmund simplesmente deixou o celular dele por aí para

que ela o encontrasse? Acha que ele era idiota a esse ponto? O Garoto-Prodígio?

— Está dizendo... — Seth começou, mas teve que tentar de novo. — Está dizendo que ele deu as fotos para ela...?

Mas H já estava balançando a cabeça.

— Não, Seth, não é isso que estou dizendo.

— Bem, então o que é?

H suspirou fundo, relutante.

— Você sabe que ela sempre flertou com o Gudmund, certo? E que ele flertava também?

— Sim, ela estava completamente apaixonada por ele. — Seth viu H piscar. — Quer dizer, me desculpe, cara, sem ofensa, ela estava com você e isso era bom, mas você sabe...

— Sim — H assentiu, triste. — Eu sei.

— Foi por isso que ela fez isso. Ela veio até me contar. Ela descobriu sobre o Gudmund e ficou com ciúme e...

— Ela descobriu porque estava dormindo com ele também.

As palavras pairaram no ar, quase em forma física, quase como se Seth pudesse vê-las.

Como se pudesse vê-las, mas se recusasse a lê-las.

— O quê? — ele finalmente conseguiu sussurrar.

— Ela me contou — H confessou. — Finalmente. A noite passada. — Ele franziu o cenho. — Quando estava terminando comigo. Disse que tinha encontrado as fotos quando pegou o celular dele para tirar uma foto dos dois. — H agora torcia as luvas com tanta força que elas estavam a ponto de rasgar. — E eles brigaram, eu acho. E acho que ele disse que só estava dormindo com ela porque ela precisava. Que gostava dela como amiga e não sabia como lidar com aquilo, então simplesmente deu a ela o que ela queria porque achou, bem... — H deu de ombros. — ... que era o que ela queria.

Seth sentiu como se tudo ao redor dele tivesse congelado. Como se nunca mais fosse haver algo se movendo novamente. Como se fosse ficar frio para sempre.

E vazio.

Não posso ser o tudo de alguém, Gudmund dissera naquela última noite. Nem mesmo o seu tudo, Seth.

Aquele era o maior defeito de Gudmund. O fato de não poder ser o tudo

de alguém.

E mesmo assim ele tentava.

— Por que está me contando isso? — Seth perguntou.

— Porque é a verdade. Porque eu achei... não sei. — Ele suspirou. — Acho que deixaria as coisas mais fáceis para você agora que ele se foi.

— Não deixa. Não mesmo.

H passou as mãos pelos cabelos, agitado.

— Que merda, Seth. Vim contar porque não entendo por que todo mundo tem que perder todo mundo. Nós éramos amigos. E as pessoas fazem bobagem, ok? Eles não contaram a merda que deveriam contar e fizeram a merda que não deveriam ter feito, mas pelo amor de Deus, as pessoas precisam, sabe? Eu sei disso. As pessoas precisam de coisas e não sabem por quê, elas simplesmente precisam. Eu nem estou ligando que ela dormiu com ele. Eu ligo que ela tenha terminado comigo, porque quem eu tenho agora?

Ele olhou para Seth, e Seth viu o quanto ele estava perdido.

— Eu tinha três bons amigos, três melhores amigos, e agora o que eu tenho? Não tenho ninguém. Tenho um bando de idiotas que acham que sou meio bicha e não param de falar sobre isso.

Seth afundou lentamente de volta na cadeira, ainda com a cabeça rodando.

— O que veio fazer aqui, H?

H fez um som de frustração.

— Não sei. Pensei que você devia saber, eu acho. A verdade. Como já disse, imaginei que fosse tornar tudo mais fácil.

Seth não disse nada e se pegou sem nem mesmo poder olhar para H. Depois de um minuto, H se levantou. Ele esperou mais uma vez para ver se Seth diria alguma coisa, e, quando não disse, calçou as luvas de volta.

— Mas eu acho que ele amava você de verdade — H confessou. — Pelo menos, foi o que pareceu para ela.

E então H saiu. Seth ouviu a porta da frente abrir e fechar novamente.

Ele estava sozinho.

Um tempo depois, ele não sabe quanto, levantou-se e subiu as escadas, ainda que mal tivesse consciência do que estava fazendo. Owen continuava esperando do lado de fora da porta de seu quarto, segurando a clarineta.

— Posso tocar minha música agora? — ele perguntou, sorriso aberto, o cabelo uma bagunça impressionante.

Seth passou por ele e entrou no quarto.

— Escrevi para você, porque tem estado muito triste — Owen disse e levantou a clarineta para começar a tocar. Seth fechou a porta na cara dele. Isso não o fez parar. Um conjunto de notas surpreendentemente melódicas se repetiu várias vezes, um pouco rápido demais, mas Seth mal as ouviu, apenas se sentou na ponta da cama.

Ele se sentia vazio.

Mas também estranhamente tranquilo. Ouviu sua mãe levar Owen para a terapia, mas se sentou tão silenciosamente na cama que imaginou que ela não soubesse que ele ainda estava em casa.

Ele mal tinha ciência de sua decisão sobre começar a arrumar o quarto.

Da decisão de, depois, vestir um casaco.

Da decisão de ir até o mar.



Tomasz está pálido.

— Ah, Senhor Seth. Você descobriu que não podia confiar em ninguém. Lição muito dura.

— Não — Seth diz. — Não é isso...

— Sinto muito — Regine interrompe, obviamente tentando controlar sua confusão. — Mas não consigo entender por que aquilo foi a gota d'água.

— O quê? — Tomasz pergunta. — Mas o Good Man não era quem o Seth imaginou que ele fosse.

— Veja bem, não quero subestimar isso nem nada do gênero, mas...

— Mas o Tomasz foi assassinado — Seth continua. — E você foi atirada escada abaixo. Tudo o que aconteceu comigo foi ter despedaçado meu coração.

— Não subestime um coração despedaçado — Tomasz retruca. — Meu coração foi quebrado ao acordar aqui, sem a mamãe. Foi muito doloroso.

— Não estou dizendo que não doeu — Regine diz —, mas me parece um pouco...

— Extremo — Seth continua. Ele bate no caixão de novo, juntando seus pensamentos. — Sabe aquele sentimento sobre o qual falamos, de que tem que haver mais alguma coisa? Mais vida além da vida porcaria que estávamos vivendo?

— Sim — Regine diz, hesitante.

— Bem, eu achei que *tinha* mais. Achei que Gudmund fosse o meu mais. Independentemente do quanto o restante tenha sido uma porcaria. O problema do Owen, os problemas com os meus pais, até mesmo os problemas que tive na escola, mais tarde. Eu poderia viver com *tudo* aquilo, pois eu tinha a ele. Ele era meu e de mais ninguém. Vivíamos nesse mundo particular, que ninguém conhecia e onde

ninguém tinha vivido. Aquilo era meu mais, entende? Aquilo era o que tornava possível aguentar todo o restante.

— Mas não era só seu — Regine diz, parecendo compreender.

— Achei que Gudmund ser mandado embora era a pior coisa que poderia acontecer comigo — Seth explica —, mas não era. A pior coisa foi descobrir que ele nunca foi completamente meu, para início de conversa. E então, por um momento, durante uma porcária de uma tarde terrível, em uma porcária de uma cidade, na porcária da costa congelante de Washington, eu não tinha nada. Não havia mais nada, e a única coisa boa que era minha, na verdade, nunca foi minha.

Ele levanta o dedão para limpar as lágrimas do rosto. Limpa a garganta, envergonhado.

— Você sente saudade dele — Tomasz diz.

— Mais do que sou capaz de dizer — Seth admite, a voz rouca.

— Mas eu consigo entender isso — Tomasz diz a Regine. — Porque é ruim demais perder alguém tão importante. Porque é tão ruim que você quer sair andando e entrar no mar. Você não entende?

— Eu consigo entender a dor — ela responde — Sentir-se tão mal a ponto de querer sumir. Acredite, eu entendo isso. Já olhei para dentro da escuridão. Você não está sozinho.

— Eu nunca disse que estava — Seth contesta.

— Mas a diferença é que eu acho que você nunca faz. Mesmo quando está tentado, mesmo quando está bem perto, pois, quem sabe? *Pode* haver mais.

— Mas... — Tomasz começa.

— Não, ela está certa — Seth diz. — Havia mais, até mesmo para mim. Mais do que eu imaginava, mais do que eu podia ver por mim mesmo. Quer dizer, olhe só para o Owen. Mesmo que aquele mundo fosse uma mentira, mesmo assim parte daquilo ainda era verdade para os meus pais. Algo terrível aconteceu com o filho deles. Por que aquilo não os afetaria? E nem mesmo tem a ver comigo?

— Mas e quanto ao seu Good Man? — Tomasz pergunta. — Onde está o mais?

— O mais está nas coisas que o fizeram tão seguro, que o fizeram tão bom. Elas eram exatamente as mesmas coisas que o fizeram ficar com a Monica, não eram? — Ele sorri tristemente. — Gudmund não suportava ver as pessoas de quem ele gostava sofrer. E ele não sabia como impedir o sofrimento delas, então oferecia a si mesmo.

— E você está se perguntando se foi só isso que ele fez por você — Regine diz.

— Essa é a grande questão, não é? — Seth pergunta. — E esse foi o meu grande erro. Quando me lembro disso, quando vejo claramente, do jeito que acabei de contar a vocês, sei que não era verdade. O H disse, a *Monica* disse e eu não fui capaz de ouvir. O Gudmund me amava. — Ele esfrega o rosto de novo. — Estava em todo lugar, em tudo o que ele dizia e fazia, em cada lembrança que tive dele desde que cheguei aqui.

— O que não torna as coisas mais fáceis — Tomasz conclui.

— Torna sim, de alguma forma. Por um minuto parei de acreditar nisso e foi o suficiente para fazer tudo parecer impossível, mas não era *impossível*. E isso nem é tudo. Quer dizer, naqueles últimos dias, meu pai se desculpou comigo, disse que sentia muito por não ter estado ao meu lado. Algo que escolhi esquecer porque aquilo não combinava com o quanto tudo era uma merda. E até mesmo o H naquela manhã derradeira.

— Ele estava te oferecendo amizade — Regine diz.

Seth concorda.

— Ele estava sozinho. Ele sentia minha falta, sentia saudade dos amigos, e me contar sobre a Monica foi provavelmente, para ele, o maior ato de amizade que poderia ter feito — Seth tem que limpar a garganta de novo. — Eu queria tanto que houvesse um algo mais. Queria tanto que *doía* pensar que houvesse algo mais que minha vida mesquinha. — Ele balança a cabeça. — E *havia* mais. Eu é que não conseguia enxergar.

Regine se senta um pouco para trás.

— E é por isso que tem algo mais para nos dizer, não é?

Seth não responde.

— Dizer o quê? — Tomasz pergunta. Ninguém responde. — Dizer o *quê*?

— Ele vai O QUÊ? — Tomasz pergunta, ficando em pé.

Regine apenas mantém os olhos desafiadores em Seth.

— Ela está certa? — Tomasz quer saber. — Diga que ela não está certa.

— É, Seth — Regine provoca —, diga ao Tommy que eu não estou certa.

Seth respira fundo.

— Ela está certa, mas...

— NÃO! — Tomasz grita. — Você quer voltar? Que nos *deixar*? Por quê?

— Não quero deixar vocês — Seth diz, com firmeza. — Essa é meio que a questão...

— Mas você quer voltar! — O rosto de Tomasz se contorce. — Sempre quis. Desde que chegou. De um jeito ou de outro, sempre quis nos deixar. — Ele faz uma cara tão triste que Seth mal consegue suportar olhar para ele. — Não quero que você nos deixe.

— Tomasz — Seth começa —, quando a Regine voltou, ela *lembrou*. Ela lembrou quem era e como chegou aqui. — Ele se vira para Regine. — Não foi?

Ela parece incomodada.

— Vagamente. Não o suficiente para mudar nada. Não o bastante para fazer qualquer coisa acontecer.

— Tem certeza?

Ela abre a boca para responder, e então para.

— Nem pensei nisso. Eu só sabia o que tinha que acontecer e que eu tinha que fazer aquilo.

— Acho que você estava *parcialmente* no Lethe — Seth diz. — Tinha começado a funcionar, mas não foi muito longe. Mas, se fosse voltar lá sem o Lethe...

— É tarde demais — Tomasz diz. — Lá você já está morto.

— E o que significa estar morto lá? Houve um defeito. Uma *simulação* minha morreu. Uma simulação que sabia muito menos do que eu sei agora.

Tomasz está balançando a cabeça.

— Não vejo como isso pode funcionar. Como você não vai simplesmente voltar e morrer lá e então morrer aqui e estar perdido para nós.

— Também não tenho certeza — Seth diz. — Mas não parece que pode funcionar? A Regine voltou e lembrou quem ela era. E depois, Tomasz, nós a trouxemos de volta.

Tomasz começa a argumentar, mas então ergue a sobrancelha, surpreso e encantado.

— Quer dizer que você voltaria?

Seth olha para ele e em seguida para Regine, que ainda o está

encarando, hostil, ele percebe, mas talvez também esperançosa.

— Com certeza eu voltaria — ele responde.



Tomasz lambe os lábios, e Seth consegue quase enxergar o que ele está pensando.

— Mas como você faria isso?

— Bem — Seth responde, ligando o display no caixão de Regine. — Estive pensando. Este aqui está quebrado. A Regine deve tê-lo estragado quando saiu.

— Achei que estivesse lutando com alguém — ela explica. — Muitos chutes e empurrões.

— Sim — Tomasz comenta. — Isso é bem a sua cara.

— Mas estive lendo isto aqui — Seth diz, batendo a mão no display. — Metade não faz sentido, mas parece que mandar alguém de volta na verdade não é tão complicado assim. — Ele aperta a caixa, e o caixão se abre rangendo, não suavemente como os do presídio. Regine e Tomasz dão a volta para olhar. Seth pega um tubo em particular. — Este aqui é o Lethe, eu acho.

— Você *acha*? — Regine contesta.

— Estava com ele na sua boca. Acho que você o inala. E, quando eu interrompi o processo, você não recebeu tudo de que precisava. Recebeu só o suficiente para te deixar ciente sem ser capaz de impedi-lo.

— Mas se você voltar sem respirar nesse tubo... — Tomasz continua.

— Talvez eu me lembre de tudo. Talvez possa me lembrar de quem era e onde estava e, talvez, talvez, fazer o que costumava fazer quando o mundo on-line começou a existir. Entrar e sair conforme queira.

Mas Regine já está balançando a cabeça.

— Não há como saber se isso aconteceria. Você provavelmente voltaria e morreria de novo e de novo, como eu fiz, e, mesmo se não acontecesse isso, como sabe que não ficaria preso? Não me lembro de nenhuma porta dizendo SAÍDA.

— Eu teria vocês dois aqui — Seth diz.

— Poderíamos trazer você de volta se algo desse errado — Tomasz diz.

— Não sabemos o que poderíamos fazer — Regine contesta. — Não se você for até o final. Tivemos que *morrer* para chegar até aqui.

— Eu trouxe *você* de volta. E as pessoas costumavam ir e voltar o tempo todo. Poderíamos tentar viagens bem curtas, para começar...

— Isso se conseguir fazer isso funcionar. E por quê? Por que voltar? Não é real.

Seth respira fundo. Essa é uma grande questão. Ele se pergunta se tem tanta certeza quanto acha que tem.

— Porque agora eu sei mais — ele responde. — Senti que o mundo tinha se reduzido a nada, mas não era verdade, era? Quer dizer, não é perfeito, mas eu estava errado quanto à ideia de ele não ter mais conserto. Por acaso, nós todos tivemos uma segunda chance. Eu quero aproveitá-la.

— E quer ver o seu Good Man de novo — Tomasz conclui.

— Quero. Não vou mentir. Meu corpo está aqui, mas ele está do outro lado do oceano em outro continente, então, se quiser vê-lo de novo, tenho que voltar. E quero encontrá-lo, de algum modo. Dizer a ele que eu compreendo. Encontrar o H, também. Até mesmo a Monica.

— Mas lá você está morto — Regine insiste. — Você morreu na semana passada, ou sei lá quando foi. Faz meses que eu morri lá...

— Mas também é *inverno* lá onde eu moro. Tenho absoluta certeza de que não é inverno aqui. Como eu disse, talvez o tempo não funcione da mesma maneira. Você voltou *antes* de sua morte. E, se volta sabendo o suficiente para mudar as coisas...

— Então, todas aquelas pessoas que foram ao seu funeral vão simplesmente pensar: *opa, erro nosso?*

— Eles mudaram as lembranças de todos que conheciam meu irmão para fazer parecer que ele não tinha morrido. Não acha que isso pode ser reajustado de um modo ainda mais fácil para uma pessoa viva? Quer dizer, deve haver falhas o tempo todo, pessoas se lembrando de coisas que não deveriam...

— Podemos voltar para qualquer tempo? — Tomasz interrompe. — Eu poderia voltar para antes de minha mãe ter conversado com aqueles homens maus. Eu poderia salvá-la... — ele gagueja. — Mas é claro que ela morreu de verdade. Ela está morta de verdade há muito tempo.

— Sinto muito, Tomasz — Seth diz. — Não acho que funcionaria. Havia um tempo específico no painel quando o Motorista colocou Regine de volta no caixão, e é o mesmo daqui. — Ele se vira para o display novamente e aponta para a data. — Eu não consigo encontrar um jeito de mudá-lo. Acho que só tivemos uma certa abertura porque ele precisava consertar um erro. Esse era o trabalho dele, afinal.

— Está criando várias hipóteses — Regine diz.

— Se tiver uma explicação melhor, estou disposto a ouvir.

Ela suspira.

— Eu gostaria que tudo isso *estivesse* acontecendo dentro da sua cabeça.

— Olhe — Seth diz —, posso estar completamente errado, mas não acha que vale a pena tentar? Pode imaginar como seria se pudéssemos ir e voltar? Poderíamos contar às pessoas. Poderíamos lembrá-las de quem elas são.

— Elas não iriam querer ouvir — Regine refuta.

— Algumas, não, mas outras poderiam. E se encontrarmos um jeito de acordá-las...

— Elas não iam querer vir — Regine insiste. — E por que diabos elas iriam querer trocar um mundo onde tudo funciona por um onde tudo está morto?

— Sua mãe talvez quisesse. Se pudermos encontrar um jeito de sair e voltar, talvez...

Ele para, pois ela parece querer bater nele.

— Não ouse falar da minha mãe — ela retruca. — Não prometa coisas sobre ela que nunca poderão acontecer.

— Eu não quis...

Mas ela se encosta na poltrona, piscando para disfarçar lágrimas de ódio.

— É mais difícil salvar as pessoas do que você imagina. E você fica se esquecendo de que elas foram lá por um motivo. O mundo acabou.

— Não acabou — Tomasz diz. — O mundo está se curando. Há cervos. Há nós.

— O *mundo* é um bairro com metade incendiada e a outra metade coberta de lama — Regine contesta. — Não, o que vai acontecer é que o Seth vai voltar lá, todos vão ficar *muito* felizes por ele não estar morto, e ele vai ter todos os seus amigos *de verdade* de volta, sua família *de verdade*, e ele simplesmente...

De repente ela para, franzindo o cenho ferozmente.

— Eu simplesmente o quê? — Seth pergunta. — Vou me esquecer de vocês? É isso o que você acha?

— E por que não esqueceria? E por que qualquer pessoa não esqueceria?

— Porque, sua idiota — ele diz, finalmente enfrentando-a —, a razão pela qual eu me matei foi porque eu tinha certeza de que não havia mais nada. Que nunca haveria mais nada. Que eu ficaria sozinho e infeliz para sempre.

— Tá, tá — Regine diz, fingindo estar entediada. — E agora você aprendeu uma lição valiosa sobre como as pessoas não estão passando o tempo delas pensando só no coitado do Seth e seus problemas tão terríveis.

— Não — ele responde, com firmeza. — O que aprendi é que há, de fato, algo mais. Há vocês. Vocês são o meu algo mais.

— Ah, veja — Tomasz fala para Regine. — Isso é uma coisa muito legal da parte dele.

— Vamos dizer que está tudo lindo e maravilhoso — Regine persiste —, mas e se você voltar e morrer? Nós temos a obrigação de te dar um bom funeral porque você gosta de nós?

— Veja, eu sei que é um risco...

— Um risco com a sua vida.

— Um risco que vale a pena. Olhe, quero as duas coisas. Eu quero eles *e* quero vocês. E agora que eu sei que há mais? Eu quero *ter* mais. Se há algo mais na vida, eu quero viver tudo. E por que todos não deveríamos? Será que não merecemos isso?

Há um longo silêncio enquanto Tomasz e Regine trocam olhares.

— Pode nem funcionar — Seth diz de novo.

— Mas pode funcionar — Regine argumenta.

Seth suspira fundo.

— Decida-se, Regine...

— Isso mudaria tudo, não mudaria?

— E o que há de errado nisso? Não acha que as coisas *precisam* mudar? Não acha que as pessoas precisam acordar? Literalmente? Se conseguirmos descobrir uma maneira de entrar e sair, talvez possamos descobrir maneiras de mudar outras coisas também. — Ele olha para ela. — Tornar tudo melhor.

Mas Regine parece cética.

— Bom, agora *você* está bancando o herói.

— É você quem está tentando me fazer encarar a realidade. Grita comigo por eu achar que tudo isso está dentro da minha cabeça...

— Ah, está finalmente acreditando que isso é real, não está?

Seth faz um movimento com as mãos parecido com uma escala.

— Sessenta-quarenta.

— E se eu te dissesse que *estava* tudo dentro da sua cabeça? — Regine pergunta. — E que só estamos tentando te ajudar a aceitar sua morte?

— Então eu manteria meus olhos abertos, lembraria quem eu sou e continuaria em frente.

Regine fica silenciosamente surpresa ao ouvir suas próprias palavras sendo ditas a ela.

— Há algo mais do que isso aqui — Seth diz. — Então, vamos encontrar.

— Bem — Tomasz comenta depois de um tempo. — Não sei vocês dois, mas eu estou me sentindo muito entusiasmado!



Eles resolvem fazer uma primeira tentativa naquela tarde. Seth está ansioso para ir, mas até mesmo ele precisa de uma soneca depois da manhã que tiveram.

No entanto, nenhum deles consegue dormir.

— Esqueça — Regine finalmente diz, tirando Tomasz e Seth do quarto deles. — Vamos logo, daí não dá certo e então todos nós poderemos descansar direito.

— Esse é o espírito — Seth diz.

Eles começam a juntar as coisas para levar para a casa de Seth, que parece o melhor lugar para fazer a primeira tentativa. Eles verão se o caixão dele está menos quebrado do que o de Regine e seguirão a partir dali.

— Gosto do que você diz sobre talvez mudar o programa — Tomasz comenta. — Eu poderia aprender a fazer isso.

— É bem sofisticado — Seth diz.

— E eu sou *muito* inteligente. Tenho certeza de que poderia descobrir e *shazam!* Tomasz salva o mundo de novo.

— Você provavelmente poderia salvar o mundo se penteasse esse cabelo — Regine diz, passando uma garrafa de água para Tomasz. — Sua cabeça estava raspada quando eu te encontrei. Como pode ter virado essa moita?

— Hormônios masculinos — ele explica, todo sabido. — Estou chegando perto do meu estirão. Vou ficar mais alto do que vocês dois.

— Ah, claro — Regine diz. — Continue dizendo isso a você mesmo.

Tendo perdido ou quebrado todas as bicicletas, eles saem andando.

— Só pense — Tomasz fala a Seth enquanto caminham. — Esta pode ser a última vez que vê esta casa. Se você morrer.

— Esse é basicamente o motivo de vocês dois virem comigo — Seth

responde. — Para tentar garantir que isso não aconteça.

— Ah, vamos fazer o melhor que pudermos, Senhor Seth, mas pode não ser o bastante.

— E a história de *Tomasz salva o mundo de novo*?

Tomasz dá de ombros.

— Posso fazer uma bobagem qualquer dia desses.

— Você tem um plano para quando voltar lá? — Regine pergunta, atravessando a rua principal. — E se abrir os olhos e tiver um ombro quebrado e não puder se salvar?

— Você começou lá no topo da escadaria — Seth diz —, um pouquinho antes do defeito. Talvez eu comece antes de ficar muito frio para nadar. Talvez até comece na praia e possa não entrar na água.

— Talvez não seja tão fácil quanto você pensa. Fiquei impressionada com tudo. É difícil mudar algo que você já fez.

— Você realmente gostaria que eu não fizesse isso? Que nem tentasse?

Ela aperta os lábios.

— Só quero ter certeza de que considerou todas as possibilidades.

Seth sorri.

— Eu realmente cheguei atrasado para a liquidação de anjos da guarda, não foi? Para ter vocês dois.

— Acho que nos saímos muito bem, obrigado — Tomasz retruca.

— Não acredito em anjos da guarda — Regine diz, seriamente. — Só em pessoas com quem você pode contar e pessoas com quem não pode.

— É — Tomasz diz. — Sim, concordo com isso.

— Só pessoas — Seth diz, dando-se conta de que também concorda com aquilo.

Eles caminham pela High Street vazia, onde Seth realmente viu pela primeira vez este mundo, passam pelo supermercado onde ele conseguiu a comida tão necessária e a loja de equipamentos onde arrumou tantas coisas de que precisava.

E lá está o pensamento de novo, nunca desaparecendo de todo. Como tudo de que ele precisava para sobreviver, comida, abrigo, tempo quente, fora providenciado. Como esses não anjos da guarda o salvaram no último minuto, e depois, e outra vez. Como ele adquirira

informações vitais exatamente quando precisara, para dar os passos certos, em direção...

Em direção a quê? À aceitação? À volta? À morte?

— Bem — ele diz, quase para si mesmo —, vamos saber isso em um minuto.

— Saber o quê em um minuto? — Tomasz pergunta ao se aproximarem do buraco, as ervas daninhas crescendo para fora como ondas se quebrando aos poucos.

— Se isso é o meu cérebro me contando uma história...

— Isso de novo, não — Regine resmunga.

— Se isso fosse um filme ou um livro, certo? — Seth pergunta. — Se isso fosse algum tipo de história que eu estivesse contando a mim mesmo, então ele estaria esperando por nós.

Tomasz e Regine param quando percebem a que “ele” Seth está se referindo.

— Isso não é uma coisa engraçada de dizer, Senhor Seth — Tomasz diz.

— Está morto e enterrado — Regine diz. — Não tem como estar lá.

— Tudo o que estou dizendo é que isso é o que aconteceria se isso fosse o meu cérebro tentando tirar algum sentido das coisas — Seth explica. — O Motorista estaria lá, queimado pela metade, louco por vingança, esperando para um último ataque antes de fazermos seja lá o que for que vamos fazer.

— Mas tudo bem — Tomasz fala, animando-se. — Porque nessa história sempre há uma última luta, e o herói sempre vence.

— Ei, claro — Seth concorda. — Eu gosto dessa versão.

— A luta está acabada, estão ouvindo? — Regine pergunta. — Não vai acontecer mais nada.

— Só estou dizendo...

— Bem, *pare* de só dizer. Você fala demais.

Seth ergue as mãos, rendendo-se.

— Foi só uma ideia. Nada vai acontecer. Nós o matamos. Já era. Fim.

Mas ficam todos quietos ao fazerem a curva final para entrar na rua de Seth.

Que está vazia. Sem a van. Sem uma figura. Apenas os mesmos

carros velhos, o mato, a lama. Regine solta o fôlego, aliviada, então olha para ele com raiva.

— Deixou todo mundo com medo — ela ataca. — Besta.

Tomasz ri.

— Por um momento, eu realmente pensei...

E o Motorista sai de onde estava, agachado entre dois carros estacionados. Seu capacete está derretido em uma forma quase irreconhecível, sua perna perdida substituída por um pedaço de metal mais fino e mais novo.

Ele agarra Tomasz com dois punhos derretidos e crepitantes, levanta-o do chão e o atira praticamente do outro lado da rua, onde ele bate na lateral de um carro, cai no chão e não se levanta.



Não acredito nisso, Seth pensa mesmo enquanto Regine está gritando o nome de Tomasz, mesmo enquanto o Motorista a está agarrando pelo braço e forçando-a a ficar no chão. *Não acredito que isso esteja acontecendo.*

Ele vai à luta, de qualquer maneira.

Ele se joga em cima do Motorista...

Mesmo durante o segundo do salto, Seth consegue perceber que o Motorista não tem a mesma força descomunal de antes, que está tendo que se esforçar diante da resistência de Regine...

Seth o atinge no meio do peito, e eles caem na calçada. O Motorista cai com uma pancada abafada embaixo dele, e, desta vez, é como se estivesse aterrissando em cima de pedaços de metal. Mas Seth não o solta.

Isso não está acontecendo, uma parte de seu cérebro continua lhe dizendo. *Isso só poderia estar acontecendo se nada disso fosse...*

— Cale a boca! — ele ruge como se fosse o Motorista que estivesse falando com ele. Seth dá um golpe no capacete, mas o punho desliza pela fachada derretida, piche preto e grudento cobrindo-lhe os ossinhos da mão. Ele recua para golpear de novo...

O Motorista ergue o braço e o agarra em volta do pescoço. Joga-o para um lado, batendo a cabeça dele na porta do carro ao lado...

Mas Seth antecipa o movimento e o Motorista *não* está tão forte como antes. Ele observa o movimento do braço dele antes de bater a cabeça com toda a força na porta do carro.

A coisa ainda está com a mão ao redor da garganta de Seth, e, quando bater em Seth não adianta mais, ela começa a apertar...

Seth ouve um grito à sua direita e uma silhueta sombreada bloqueia o sol. Regine está atirando uma pedra enorme na cabeça do Motorista.

O Motorista vê a pedra chegando (*Como?* Seth tem um momento de

loucura para pensar, *Com que olhos?*) e vira a cabeça para um lado. A pedra o atinge como um golpe de raspão, e o Motorista usa sua mão livre para agarrar Regine pelo pé. Ela tropeça para trás e cai em cima do mato atrás dela. Com um grito, Seth se desvencilha, soltando seu pescoço da mão do Motorista e golpeando-o de novo com seus próprios...

Seus punhos atingem as divisórias de metal duro, tudo grudento com a substância preta. O Motorista faz um movimento para golpear de volta, mas Seth o bloqueia com o braço...

E, ainda que o Motorista esteja obviamente enfraquecido, não está exatamente *fraco*. O soco parece quase quebrar o pulso de Seth, e seu recuo diante da dor é suficiente para deixar que o Motorista aplique outro golpe. Este último acerta na lateral da cabeça de Seth, fazendo-o rolar sobre o calçamento...

Onde o Motorista começa a se levantar...

E desta vez Regine está em cima dele de novo. Ela o acerta com uma pedra, na parte de trás da cabeça. Ele gira e a agarra pelo braço, apertando-o o suficiente para fazê-la gritar e deixar a pedra cair. Ele dá um soco nela, forte, no rosto, atirando-a para trás, para perto do muro baixo de pedras de um jardim adjacente.

Ela não se mexe.

O Motorista se vira para Seth. Agora são só eles dois.

Seth se levanta.

E um pensamento assustador, porém de alguma forma *verdadeiro*, passa por sua cabeça.

Eu vou vencer, ele pensa, recuando à medida que o Motorista se aproxima. *É assim que a história acontece, não é? O inimigo volta de surpresa, um pouco antes do final, encarando o herói uma última vez...*

E o herói vence.

O Motorista dá um passo em direção a ele. E outro.

— Seu merda! — Seth grita. — Você não é nada. Você não passa de um monte de plástico cheio de ideias!

O Motorista vem para cima dele de novo, mas Seth salta para fora do caminho. A coisa está mancando um pouco da perna que foi substituída, o metal mais fino estalando no joelho. Há um atrito constante à medida que o Motorista avança. Quando Seth o jogou no chão, deve ter quebrado alguma coisa.

Sim. Ah, com certeza.

— Não está em forma, está? — Seth grita, desviando-se de outro soco. — Você é quebrável. E estou achando que está *fora do prazo de garantia!*

Outro soco desviado, outro passo.

Seth olha para a esquerda e para a direita, tentando encontrar algum tipo de munição, algo que possa usar contra ele, mas não consegue ver onde Regine conseguiu aquelas pedras.

Mas talvez haja uma maneira de pelo menos fazê-lo parar. E, se ele conseguir pará-lo, então...

Vou acabar com ele, Seth pensa. *É isso o que acontece. Esse é o final da história.*

O Motorista faz um novo movimento, e Seth desvia dele de novo.

Mas, agora, Seth sabe o que fará.

— Você — ele diz, desviando-se de mais um golpe, planejando o que está prestes a fazer — não é mais nada — desvio, passo — além de um FAXINEIRO velho — desvio, passo — e defeituoso!

Ele salta para dentro dos golpes do Motorista...

Colocando todo o peso atrás de seu pé direito...

Focando no joelho barulhento do Motorista...

Ele o chuta, com toda a força.

A perna se quebra em dois pedaços.

O Motorista cai dentro do carro ao lado, estilhaçando a janela, mas sem reagir a tempo de se equilibrar e não cair no chão. Seth pula ao lado dele, desviando do seu alcance. Pega a primeira pedra de Regine, a maior, surpreso com o peso. Meu Deus, aquela garota é *forte*.

Ele se volta para o Motorista, que está se esforçando para levantar, a metade quebrada de sua perna estendida inutilmente diante dele. Seth dá um gemido e levanta a rocha bem alto, acima da cabeça. Começa a gritar, cada vez mais alto, à medida que corre em direção ao Motorista.

Que olha para ele, o capacete derretido encarando Seth, tão vazio e irreconhecível como sempre...

— Eu venço! — Seth grita. — A história está terminada!

Ele corre para a frente...

Puxa a pedra para trás para arremessá-la...

O braço do Motorista faz um movimento brusco, mais rápido que

qualquer coisa viva seria capaz...

E Seth sente o aço frio entrando fundo em sua...

A pedra sai rolando na frente dele, caindo inofensivamente no chão...

Pois a ponta do pedaço da perna do Motorista agora está saindo de dentro da barriga de Seth.



Seth cai no chão, deitado de lado, buscando fôlego, o aço gelado e, de alguma forma, também queimando todo o seu corpo. Ele o agarra instintivamente e suas mãos saem ensopadas com o próprio sangue, que respinga na lama e nas ervas daninhas. Ele gira o pescoço e vê que o pedaço de metal entrou inteiro dentro dele. A ponta está saindo pelas costas.

Ele dá uma olhada para a rua, em choque.

O Motorista conseguiu ficar em pé em uma única perna.

Está se equilibrando com uma mão sobre os carros estacionados que cobrem a rua.

Ele às vezes pula e às vezes se arrasta para a frente.

Está vindo atrás de Seth.

Parecia tão óbvio. O Motorista estava onde era para estar, bem onde Seth esperava que ele estivesse.

E, se aquilo era verdade, então todo o restante também tinha que ser verdade.

Ele venceria o Motorista depois de este ter ressurgido dos mortos pela última vez. Ele acabaria com ele, e entraria triunfantemente...

Onde?

Ele não sabe. A certeza se foi.

Porque aqui está ele, o pedaço da perna de metal do Motorista enfiado um pouco abaixo de sua caixa torácica, com a ponta saindo pelas costas em um pesadelo de dor e incredulidade que seu cérebro não consegue nem mesmo processar, exceto focar no fato de que está sangrando por todos os lados.

Que está morrendo.

E isso, com certeza, ele não quer fazer de jeito nenhum.

— Por favor — ele ouve a si mesmo sussurrando, tentando se empurrar de volta pela rua. — Por favor.

O terrível sentimento de que o metal está no lugar errado, atravessando seu corpo, é demais para contemplar. Significa que não há como escapar disso aqui. Não há gestos heroicos de última hora. Nem Tomasz nem Regine aparecendo para salvá-lo. Não faz diferença se alguém conseguir fazer o Motorista parar; não há nada que possam fazer antes que ele sangre até morrer.

É tarde demais.

Ele tosse, e há sangue dentro de sua boca.

E o Motorista chega cada vez mais perto.

— Por favor — ele diz de novo, mas sua força o está abandonando rapidamente. E a *dor*. Não há como se mexer para diminuí-la e, por um momento, por um momento assustador, ele se sente desmaiando.

O mundo fica pegajoso e escuro...

... e lá está Gudmund, pegando na mão de Seth, em um mundo onde só há os dois, e estão vendo TV, algo desimportante e esquecível, mas Gudmund esticou o braço e pegou a mão de Seth por nenhuma outra razão que não fosse por sua própria vontade, e lá estão eles, sentados, juntos...

Mas a dor volta.

E segundos preciosos se passaram.

Ele ainda está no chão.

Ainda com a peça de metal enfiada totalmente dentro dele.

Ainda sangrando.

Ainda morrendo.

E o Motorista só precisa fazer um último esforço para alcançá-lo.

Ele está em pé na frente dele, olhando-o.

E Seth não ouve nada, nenhum som saindo de Regine ou de Tomasz, nenhum ronco de motor de última hora, ninguém gritando seu nome nem gritos de vitória.

Só há ele e o Motorista.

No final.

— *Quem é você?* — ele pergunta, sem fôlego.

Mas o Motorista, obviamente, não responde, apenas levanta uma mão derretida e quebrada para terminar a história de Seth de uma vez por todas.

Ele, contudo, não bate em Seth. Faz algo muito pior. Ele pega a ponta da perna de metal saindo pela barriga de Seth.

Seth grita em uma agonia tão poderosa que se pergunta se vai desmaiar de novo, *deseja* que sim, acha que consegue ouvir a si mesmo *implorando* por isso...

O Motorista gira a perna de metal, e, inacreditavelmente, a dor aumenta. O torso de Seth parece estar sendo mergulhado em ácido efervescente, como se todos os músculos estivessem se desgrudando do osso em acordes metálicos.

— PARE! — ele grita. — POR FAVOR! PARE!

O Motorista não para. Gira a perna metálica mais uma vez em outra direção, como se estivesse testando a melhor maneira de causar dor a Seth...

E, assim como da primeira vez que Seth o viu, escondido no bairro incendiado com Tomasz e Regine, não há nada a que apelar ali, nada humano, nenhuma misericórdia a ser dada ou concedida...

O Motorista muda o jeito de pegar na perna metálica, aperta-a com força...

— Não — Seth diz, prevendo o que está por vir. — NÃO! POR FAVOR!

O Motorista arranca a perna metálica de dentro de Seth em um movimento final e terrível, e Seth perde a consciência por um momento, o horror do movimento dela passando pelas suas costas e saindo pelo estômago, o terror de que suas entranhas possam se espalhar pelo chão (ainda que, quando olha, pareça haver apenas sangue, sangue e mais sangue), a certeza absoluta de que sua morte realmente está aqui, que é isso mesmo, que nunca haverá algo mais...

E então o Motorista o empurra, apoiando-o de costas. Seth mal consegue respirar, o sangue que está tossindo o faz engasgar assim como a água do mar fizera.

Ele está se afogando nele...

(E talvez isso, finalmente, seja...)

(Talvez seja o que tudo isso foi...)

(Talvez ele nunca tenha parado de se afogar...)

O Motorista afasta com facilidade a mão de Seth do ferimento, e, ainda que o cérebro de Seth lhe diga para resistir, para revidar, ele não tem força para fazer absolutamente nada...

Está à mercê da compaixão do Motorista...

E o Motorista não tem nenhuma...

Ele agora se inclina sobre Seth, levantando o braço acima dele, sua mão se fechando num punho cerrado...

Seth gostaria que tantas coisas fossem diferentes, gostaria de saber que Regine e Tomasz estariam bem, gostaria de poder ter acabado com o Motorista, por eles...

Uma fileira de cravos sai dos nós dos dedos das mãos do Motorista, afiados e pontudos feito agulhas...

Seth vê faíscas começarem a brilhar por entre eles, pequenos arcos de eletricidade saindo de um para o outro...

É isso, ele encontra forças para pensar...

É isso...

Não...

Raios de eletricidade saem do pulso do Motorista...

Por um segundo, a dor é pior do que deveria ser humanamente possível...

E, então, há apenas o nada.



— **Coma — diz a mãe**, colocando o prato na frente dele. — Não é o seu preferido, mas é o que temos.

A mesa à qual ele está sentado é absurdamente comprida, comprida demais para caber em qualquer cômodo, e o tinido de quando ela coloca o prato ecoa pela brancura leitosa além. Este não é um lugar. Não é um lugar que um dia tenha visto. Não é um lugar que já existiu um dia.

— É o meu predileto — Owen diz, esticando o braço pela mesa com uma colher e colocando a comida que exala calor em seu próprio prato.

— Caçarola de macarrão com atum? — Tomasz pergunta, sentando-se ao lado de Owen. — Nunca ouvi falar disso.

— Está uma delícia! — Owen comenta, servindo um pouco para Tomasz.

— Essa não é a comida que você mais odeia, Seth? — H pergunta, na cadeira ao lado dele.

— É? — seu pai pergunta da ponta da mesa.

— Infelizmente, sim — Gudmund responde, inclinando-se para a frente à direita de Seth. — Quer dizer, ele odeia muito, de verdade. Atum cozido tem o pior gosto do mundo. E ainda misturado com cebolas...

— Ele está certo — Monica fala quando Owen coloca algumas colheradas da caçarola no prato dela também. — É nojento.

— E isso é o que a era da internet fez por nós — a mãe comenta, sentando-se. — Qualquer coisa de que não se goste vira automaticamente nojenta e qualquer pessoa que goste daquilo se torna um idiota. Já era aquele mundo cheio de opiniões diferentes, hã? — Ela dá uma mordida. — Eu acho que está delicioso.

— Gosto acabou virando opinião — o pai concorda, pegando um jornal e abrindo-o. — Quando todo mundo sabe que são duas coisas diferentes.

— Mesmo assim — Tomasz diz, fazendo uma careta para o prato. — Nem meu gosto nem minha opinião com relação a este prato são muito

positivos.

— Pode comer um pouco do meu — Gudmund diz para Seth, oferecendo seu prato, que tem macarrão com frango e cogumelo, o prato preferido de Seth.

— Ou do meu — H diz, oferecendo a mesma coisa.

— Quero participar disso também — Monica diz, levantando seu prato e passando-o pela mesa, também oferecendo-o a Seth, a caçarola de atum também substituída pelo mesmo macarrão.

— Eu não tenho isso — Tomasz comenta, seu prato agora cheio de uma mistura de carnes vermelhas saborosas e cheirosas e legumes. — Mas isso aqui era o meu prato favorito quando eu era pequeno.

A mãe dele balança a cabeça.

— Todo mundo acha que sabe o que é melhor. Todo mundo.

E então uma voz atrás dele diz:

— Às vezes é preciso descobrir que não se sabe.

Ele se vira. Regine está lá, um pouco distante da mesa, a luz atrás dela fazendo seu contorno. Ela é diferente dos outros. Deslocada. Ele sente que ela está esperando algo.

Esperando por ele, de alguma forma.

Ele estreita os olhos na luz.

— É isso que eu devo descobrir? — ele pergunta a ela, a voz rouca, como se não tivesse sido usada havia muitos anos. — É isso o que tudo isso significa?

Regine sai da luz, que enfraquece atrás dela, tornando-se uma faixa de estrelas contra o céu noturno, a Via Láctea brilhando. Ela está em pé na frente dele, a mesma Regine grande e estranha que ele conhece.

Só que está sorrindo. É um sorriso do tipo não-seja-idiota.

— Não seja idiota — ela responde quando as vozes atrás dele se calam.

— Isso não é uma lembrança — ele declara. — Não como as outras.

— Bem, claro que não.

Ele volta a olhar para o jantar tranquilo, todos ainda comendo e conversando em volta da mesa. Todas as pessoas que ele conhece. Gudmund dá uma olhada para ele. E sorri.

— Mas também não parece um sonho — Seth diz, seu coração doendo.

— Lá vai você de novo — Regine comenta — querendo que eu tenha todas as respostas.

— Isto é a morte? — *Ele se vira para ela.* — *Eu morri? Finalmente?*

Ela apenas dá de ombros.

— O que estou fazendo aqui? — *Seth lhe pergunta.* — *O que aconteceu aqui?*

— *Bem que eu queria saber.*

— *Mas você não esteve me guiando a algum lugar?* — *Ele faz um gesto mostrando a sala, os convidados à mesa de novo, Gudmund ainda observando-o com cautela, um ar de preocupação em seu rosto.* — *O que isso tudo significa?*

Regine solta uma risada.

— *Está falando sério? A vida real é sempre apenas a vida real. Confusa. O que ela significa depende de como a encara. A única coisa que precisa fazer é encontrar uma maneira de viver nela.*

Ela se inclina para a frente, até seu rosto estar perto do dele.

— *E, agora, seu idiota, aproveite enquanto tem a chance.*



Ele abre os olhos.

Ainda está no chão. O Motorista ainda está em cima dele. As faíscas ainda saindo das agulhas de seu punho cerrado...

Mas estão enfraquecendo, amortecendo, diminuindo.

Parando.

Seth toma fôlego.

Ele *consegue* tomar fôlego.

Ele tosse um pouco de sangue e tem que cuspir para colocar para fora...

Mas consegue respirar. Os pulmões parecem úmidos e pesados, como se tivesse um resfriado terrível, mas estão funcionando. Está respirando de novo. E mais uma vez.

E está mais fácil.

— O que está acontecendo? — ele pergunta. — Estou morto?

O Motorista continua imóvel. As protuberâncias pontiagudas desaparecem para dentro dos nós dos dedos, mas ele continua assomando sobre Seth. Ele tenta se afastar e a dor se espalha pela caixa torácica. Ele põe a mão em cima do ferimento...

Mas algo está diferente.

Ele continua coberto de sangue, mas o sangue não está mais jorrando dele em grandes golfadas.

— O que...? — Seth pergunta.

O Motorista parece estar olhando-o, observando-o para ver o que ele fará...

Como se estivesse esperando.

A dor ainda é lancinante quando Seth puxa a camiseta ensopada de sangue onde a perna metálica do motorista o furara, e abaixo, na

pele...

Está o ferimento, bem na curva embaixo das costelas. É horroroso de ver, um ferimento que parece impossível, que parece fatal...

Que parece estar se fechando sozinho.

Seth olha estupefato para o Motorista, ainda imóvel, ainda observando-o, então olha de volta para o ferimento. Há algumas faíscas saindo de dentro dele, de dentro de sua pele, de algum modo. Pode sentir os choques quando pegam fogo...

Como se estivessem dando pontos para fechar o ferimento.

Ainda dói, *muito*, mas, enquanto está observando, as camadas rasgadas de sua pele começam a se juntar, como pequenos dedos tocando uns nos outros. Um momento depois, não há nem sinal de sangramento.

Ele grita ao sentir as faíscas se aprofundarem em seu corpo e percebe que consegue senti-las trabalhando na outra ponta do ferimento também, nas suas costas. Ele coloca a mão ali, mas tem que tirar quando leva choques das faíscas.

E o Motorista continua a observá-lo. Seja lá como for que ele consegue olhar, Seth se sente *observado*.

— O que você fez? — ele resfolega, prestando atenção novamente à dor no ferimento...

A dor que parece estar melhorando...

— O que você *fez*? — ele pergunta de novo, e sua voz está cheia de emoção. — Não compreendo.

Ele se enrola para a frente diante de outro choque no corpo, os braços cruzados na barriga, mas se dá conta de que consegue aguentar. Olha de novo para o Motorista, e seus próprios olhos estão encobertos por lágrimas.

— Por quê? — ele sussurra, e então repete: — Não compreendo.

O Motorista não emite som algum, nem sinal de que o ouviu. Permanece tão misterioso e ilegível como sempre, o rosto tão inexpressivo e vazio como o vácuo.

Os choques no corpo de Seth parecem estar se dissipando. Ele olha mais uma vez para o ferimento. A cicatriz é feia, roxa, dolorida ao toque. Mas é uma cicatriz. Sua ferida mortal sarou.

Ele olha de novo para o Motorista e repete a pergunta de antes:

— *Quem é você?*

O Motorista não responde. Equilibrando-se em uma perna, ele se ergue sobre o carro estacionado, fica em pé em cima de Seth novamente e o olha. Seth lambe os lábios, sentindo o gosto do sangue seco ali. Está muito fraco para correr, muito fraco para continuar lutando. Tudo o que pode fazer é esperar e ver o que o Motorista fará depois.

Seth não faz ideia do que possa ser.

E então o Motorista se vira, todo o seu corpo fraturado girando de forma esquisita em um golpe violento...

Ele ergue o braço como se tentasse alcançar alguma coisa...

Mas não há nada à sua frente, nada a ser alcançado. Seth ainda está no chão, aos pés dele...

Um ponto de luz aparece no meio do peito do Motorista, apenas um pontinho branco a princípio, mas depois explodindo em uma chuva de faíscas tão enlouquecidas que Seth se arrasta para trás no chão, gemendo pela dor que ainda lhe percorre o torso.

O Motorista treme, as costas apoiadas no carro estacionado, como se estivesse preso ali de alguma forma. Os raios elétricos o envolvem, entrando e saindo do corpo dele, causando um espasmo total, seus acabamentos e juntas começando a se desfazer. Há um zunido no ar agora, um zumbido que aumenta à medida que os raios se propagam pelo Motorista, aumentando em densidade e velocidade, uma teia de pura eletricidade sendo tecida ao redor dele...

Seth se movimenta, tentando se proteger. Ele se arrasta até atrás do muro de pedra, onde consegue ver Regine, ainda estirada...

Olha para trás...

Um ESTALO enorme corta o ar...

O Motorista se desintegra.

Ele explode em pequenos pedaços, pegando fogo e derretendo...

Seth se abaixa para evitar os estilhaços, colocando-se em cima de Regine para protegê-la...

Mas não antes de ver o capacete do Motorista se despedaçando em fragmentos e circuitos elétricos e materiais desconhecidos que um dia podem até já ter sido carne...

E então há o silêncio. Apenas o ruído dos pedacinhos do Motorista caindo no chão, como uma chuva tóxica. Seth se endireita e olha por cima do muro.

O Motorista se foi.

Partes fumegantes e derretidas dele cobrindo tudo.

Mas ele se foi. De verdade.

E, saindo do assento do carro onde o Motorista estivera se apoiando, está Tomasz, uma faixa engraçada de cabelo totalmente queimada no topo da cabeça.

Ele está segurando o bastão.

— Bem — ele disse —, isso não é o que eu esperava.



Seth fica em pé devagar, o abdômen doendo, olhando para Regine, para ter certeza de que ela continua respirando, antes de ir até Tomasz.

— Eu me arrastei até o outro lado — Tomasz conta, saindo do carro. — E o apunhalei pelas costas.

— É — Seth diz, respirando pesado. — Sim, dá para ver.

Tomasz caminha até ele meio desequilibrado, ainda tonto por ter sido atirado tão longe pelo ar. Ele se aproxima para abraçar Seth, e Seth o abraça de volta, tendo uma visão mais de perto da faixa de cabelo quase perfeita faltando no topo da cabeça de Tomasz.

— Eu vi ele *matar* você — Tomasz diz, a voz aquebrantada. Ele coloca a mão no rasgo da camiseta de Seth. — Eu o vi fazer isso.

— Sim — Seth concorda. — Eu também não entendo.

— Achei que você estivesse morto.

— Eu também. Acho que talvez eu *estivesse*...

Tomasz olha pelo muro de pedra e dá um grito.

— Regine! — Ele corre até ela, Seth logo atrás.

— Acho que ele só a fez desmaiar — Seth diz ao se ajoelharem ao lado dela. Há um inchaço feio ao redor do olho direito onde o Motorista deu um soco. Aparentemente não há outros ferimentos, nem sangue atrás da cabeça dela.

— Regine! — Tomasz grita, quase dentro do ouvido dela...

Ela franze o rosto. Entreabre os lábios e deixa escapar um gemido baixinho.

— *Pelo amor de Deus*, Tommy — ela reclama. Diz algo mais, mas fica perdido entre os gritos de alívio de Tomasz. Ele se joga em cima dela com um abraço, que ela aceita durante um minuto, para dizer em seguida: — Saia de cima de mim!

Seth puxa Tomasz para trás, e eles esperam ao lado de Regine enquanto ela se levanta devagar.

— O que aconteceu? — ela pergunta.

— Eu gostaria de saber — Seth declara. Ele olha ao redor, para todos os pedacinhos fumegantes do Motorista espalhados ao redor deles.

— Eu o matei — Tomasz conta, mas não diz do jeito de sempre, pedindo mais crédito. — Eu enfiei o bastão nas costas dele. — Ele tira o bastão do bolso. Está completamente frito, a ponta rachada e quebrada. — Acho que sobrecarregou.

— O Motorista está morto? — Regine pergunta.

— Se é que estava mesmo vivo, para começar — Seth diz.

Ela lhe dá uma olhada furiosa que a faz franzir o cenho de novo.

— Juro por Deus que se disser mais uma coisa filosófica para mim...

— Ele salvou minha vida.

Isso a faz parar.

— Ele o quê?

— Primeiro ele o matou — Tomasz conta, a voz ainda aguçada de preocupação.

— Ele fez isso comigo com a perna metálica dele — Seth conta, puxando a camiseta para mostrar a cicatriz roxa e contundida. — Mas, depois, ele a tirou de dentro de mim e fez... *alguma coisa*. Alguma coisa que fechou o ferimento.

— Eu não vi isso — Tomasz diz. — Eu estava engatinhando para dentro do carro. Só o vi enfiando aquela coisa dentro do Seth e pensei... — O rosto dele se contorce. — Eu achei que ele tivesse matado você. E eu não via a Regine. E pensei...

— Eu sei — Seth concorda, colocando um braço em volta de Tomasz e o deixando chorar.

Regine balança a cabeça, antes de parar por causa da dor que isso obviamente lhe causa.

— Isso não faz o menor sentido.

— Não — Seth diz. — Não, não faz.

Regine levanta a mão até o rosto.

— Meu Deus, como o meu rosto dói.

— E o meu corpo inteiro — Seth declara.

— E o meu *cabelo* — Tomasz diz, passando os dedinhos tristes pelo novo ponto careca em sua cabeça.

O braço de Seth ainda está em volta de Tomasz, que está apoiando parte do peso em Regine, que, por sua vez, encosta a perna esticada em Seth. Eles ficam sentados por um momento, juntos, machucados, confusos.

Mas vivos.



Devagar e aos poucos, eles se levantam, um ajudando o outro a ficar em pé com um carinho sobre o qual não precisam falar. Seth mostra as outras cicatrizes que o Motorista deixou nele, ainda se questionando sobre a verdadeira existência delas.

— Como está? — ele pergunta quando Regine dá uma olhada nas costas dele.

— Como a da frente — Regine responde. — Exceto isso. — Ela tira alguma coisa da pele e mostra para ele. É um pedaço de tecido, ensopado de sangue, exatamente do mesmo formato do rasgo na frente de sua camiseta.

— Parece que ele também limpou a ferida — ela diz. — Eu não entendo. Por que ele te salvou?

— Se ele é um cuidador — Seth diz —, talvez tenha que nos manter vivos.

— E como atravessar você com um dardo de metal cumpre esse objetivo? — Tomasz questiona. — Você poderia ter morrido imediatamente.

— E ele parecia bem feliz tentando matar a mim e ao Tommy — Regine diz.

— Não sei — Seth responde, mas diz isso baixinho, ainda pensando sobre o que aconteceu, sobre por que o Motorista fez o que fez, e se ele *realmente* acabara de morrer, agora, ali no chão...

Mas o que *isso* queria dizer?

— A vida não tem que seguir da maneira que você pensa — Tomasz diz. — Nem mesmo quando se tem absoluta certeza do que vai acontecer.

Seth percebe que ele está pensando na mãe. A vida *definitivamente* não tinha saído como eles esperavam. Para Regine também, ele pensa, quando começa a caminhar com passos pesados em direção à casa de

Seth, cada um deles evitando os pedaços do Motorista, ainda queimando em pequenas poças.

Não, a vida nem sempre acontece da maneira que imaginamos.

Às vezes ela não faz nenhum sentido.

Tudo o que tem a fazer é encontrar uma maneira de viver, Seth pensa.

— Imagino que não tenha nenhum remédio para dor aí dentro — Regine pergunta ao andarem pelo caminho em frente à casa.

— Podemos tentar no supermercado, se não tiver nada. — Seth diz.
— Surrupiar umas aspirinas que já saíram da validade.

— Ou morfina fora da validade — Regine geme, segurando o olho novamente.

— Eu poderia tentar consertar isto — Tomasz diz, erguendo o bastão. — E passar em você. Poderia funcionar.

Regine dá um tapa na parte de trás da cabeça dele.

— Então você não está se sentindo tão mal assim — Tomasz diz.

Eles entram. Nada mudou. A janela da frente continua quebrada, a cozinha e a sala de estar continuam cheias de móveis que eles juntaram para bloquear o caminho do Motorista.

— Não consigo acreditar que ele se foi — Regine diz, escalando o refrigerador caído para pegar um pouco de água. — Como foi mesmo que ele voltou? Nós o vimos pegar fogo. Nem mesmo uma máquina poderia sobreviver àquilo.

— E o que acontecerá agora? — Tomasz pergunta, se jogando no sofá. — Quem cuidará de todos os dormentes?

Seth não responde porque não sabe. Ele escala o refrigerador de volta com uma garrafa de água e três copos e os três se sentam em volta da mesa de centro, bebendo e descansando.

Ficam sentados ali por um bom tempo.

— Mas *você* sabia — Regine diz um tempo depois, no meio da conversa e tirando Seth de um estado de cochilo em que nem ele mesmo sabia estar.

— Sabia do quê? — ele pergunta.

— Você disse que o Motorista estaria lá para um último ataque, e ele estava.

Seth franze o cenho.

— Não achei que fosse estar certo — ele contesta, e é verdade, em

grande parte.

Regine olha para dentro do copo.

— Sua ideia de tudo isso ser uma história em sua cabeça. Ou que nós fôssemos...

— Anjos da guarda — Tomasz continua. — Ela está certa. Isso quer dizer que nós *somos* anjos? Eu ficaria muito bravo por ser um anjo tão baixinho.

— Ele *estava* lá, não estava? — Seth pergunta, sentindo a cicatriz nas costelas novamente. — Exatamente como eu disse.

— Exatamente como você disse — Regine repete.

Eles olham para ele como se pudesse dar algum tipo de explicação que ainda não puderam imaginar. No entanto, ele não tem nenhuma. O Motorista, que anteriormente não demonstrara nenhuma compaixão, mostrou compaixão. O Motorista que o matara, e que também o curara. Nem uma única explicação — se tudo era real, se tudo era coisa da cabeça dele — poderia englobar tudo.

E, mais uma vez, talvez o ponto fosse que não *havia* ponto nenhum. Bem, não que não houvesse ponto, pois, olhando para Regine e Tomasz, ele podia facilmente perceber dois pontos sem nem mesmo se esforçar.

Se tudo isso é mesmo uma história na minha cabeça, ele pensa, então talvez...

— Ah, deixe para lá — ele diz, com sentimento. — Ninguém sabe de nada.

Ele olha para a pintura em cima do móvel, o cavalo aterrorizado e desesperado que passara a vida toda assustando-o, mostrando a dor que ele pensava permear o mundo todo.

Mas ela é só uma pintura, não é?

Ele olha de volta para Regine e Tomasz.

— Vamos fazer o que viemos fazer aqui? — ele pergunta.

— Tem certeza? — Regine lhe pergunta pela centésima vez desde que subiram até o sótão.

— Não — Seth responde de novo. — Mas vou tentar mesmo assim.

— Acho que esta é a última — Tomasz diz, enrolando a fita metálica ao redor do abdômen nu de Seth, tomando cuidado para não pressionar demais no lugar da cicatriz.

Levaram um tempo para chegar a esse ponto. Eles se lavaram com o

pedaço de sabão de lavar louça e água fria, depois foram ao supermercado pegar alguns analgésicos fora da validade, que todos tomaram em grande quantidade. Depois, foram até a loja de equipamentos pegar algumas caixas de fita metálica, que Seth vira lá, e também tesouras, as quais Regine usou para cortar o restante do cabelo de Seth.

Seth, então, ligou seu caixão. Não parecia estar quebrado como o de Regine. Ele o carregou e o caixão ligou, fazendo perguntas na tela, algumas das quais até faziam sentido. Seth o programou da maneira mais básica que sabia, chegando — depois de alguma frustração e da ajuda de Tomasz — a uma caixa que dizia PROCESSO DE RE-ENTRADA PRONTO.

Ele vestira um short e eles colocaram as bandagens em volta de suas pernas e da parte de cima do seu corpo, concordando que só fariam um teste “numa contagem até não mais do que sessenta”, Tomasz insistira, para ver onde Seth foi parar no outro mundo. Breve o bastante para que não precisasse que enfiassem os tubos nele e breve o bastante, também, para que ele sobrevivesse se o pior acontecesse.

No entanto, Seth não sente que o pior acontecerá. Pela primeira vez.

— Isso pode nem funcionar, você sabe disso — Regine diz, também pela centésima vez. — Na verdade, acho que não funcionará.

— Demonstração encorajadora — Seth diz, tocando a luz de seu pescoço, que estivera piscando em um verde constante desde que eles ligaram o caixão. — Mas você está certa, não sabemos.

— Só falta a sua cabeça, Senhor Seth — Tomasz informa, segurando as bandagens.

— Eu faço — Regine diz, pegando-as. Ela começa a desenrolá-las, depois para. — Seth...

— Pode não acontecer nada — ele diz. — Posso nunca sair daqui.

— Ou você poderia acordar no fundo do mar e morrer antes de podermos salvar você.

— Ou não.

— Ou o Tommy e eu podemos não conseguir te trazer de volta mesmo se tudo der certo.

— Mas podem conseguir.

— Ou você poderia querer ficar lá e se esquecer completamente de nós.

— Regine — ele fala carinhosamente, tocado além das palavras pela

preocupação dela. — Não sei o que vai acontecer. Mas quero descobrir. E essa é a primeira vez que essa afirmação é verdadeira em muito tempo.

Ela olha para ele como se fosse continuar a desafiá-lo.

Mas não o faz.

— Senhor Seth — Tomasz diz, pegando as mãos dele, muito sério.
— Eu te desejo muita, muita sorte. Mas também quero muito, muito mesmo que você volte para nós.

— Eu também, Tommy — Seth admite e, então, se corrige: — Tomasz.

— Ah — Tomasz sorri —, é agora que eu deveria dizer que você pode me chamar de Tommy. Mas eu gosto do jeito que você diz Tomasz e quero que continue falando. Por muitos e muitos anos.

Seth balança a cabeça para ele e, em seguida, para Regine.

— Tem certeza? — ela pergunta, pelo que ele pode perceber que será a última vez.

— Tenho — ele responde.

Ela espera outro momento, então começa a enrolar a cabeça dele com bandagens, colocando a primeira ponta sobre a testa.

— Até mais tarde — ela diz, e cobre os olhos dele.



Aqui está o garoto, o homem, aqui está Seth, sendo colocado gentilmente dentro de seu caixão, as mãos dos amigos posicionando-o no lugar.

Ele não tem certeza do que vai acontecer depois.

Mas *tem* certeza de que essa é a questão.

Se isso tudo *é* uma história, então isso é o que a história significa.

Se isso não *é* uma história, então a verdade é a mesma.

Enquanto seus amigos começam os procedimentos finais, apertando botões, respondendo às perguntas na tela, ele pensa que a eterna certeza é a de que há sempre algo mais. Sempre.

Talvez Owen tenha morrido, talvez não. De um jeito ou de outro, aquilo afetara seus pais mais do que ele jamais levava em consideração, e talvez não tivesse nada a ver com ele.

E também há Gudmund e H, e até Monica. Eles são fracos e fortes e cometem erros, como qualquer um, como *ele* cometeria. E o amor e o carinho têm vários aspectos diferentes e, dentro de cada um, há espaço para a compreensão, para o perdão e para mais.

Mais e mais e mais.

Às vezes, na forma de outras pessoas, de pessoas *surpreendentes*, com suas próprias histórias inesperadas e inimagináveis. Pessoas que olharam para o mundo de uma forma completamente diferente e, ao fazê-lo, *tornaram* o mundo diferente.

Pessoas que acabaram se tornando amigos.

E ele não sabe o que acontecerá quando esses amigos apertarem a sequência final. Ele não sabe onde acordará. Aqui. Ou lá. Ou em algum outro lugar, ainda mais inesperado do que esse. Afinal, quem pode dizer que qualquer um desses lugares é mais real do que qualquer outro?

Aconteça o que acontecer, venha o que vier, ele sabe que consegue

viver com isso.

E agora chegou a hora. Há um silêncio que ele sabe ser de expectativa.

— Está pronto? — seus amigos lhe perguntam.

Ele pensa: *Sim*.

Ele pensa: *Continue em frente*.

E então diz:

— Estou pronto.

Nota

[1] Liberal. (N.E.)

